JULIA MENEZES

Quando Mila acredita que pode algo, ela nunca para de tentar

Meu Quebrado MAFIOSO

SÉRIE MEU MAFIOSO ♦ LIVRO 4

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: ML Capas

Diagramação Digital: Julia Menezes

Revisão: Caroline Oliveira

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

SUMÁRIO

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos:

Quando comecei a escrever Miguel nem eu mesma sabia o que esperar. Não imaginava que aquele menino animado e feliz desde o primeiro livro estivesse quebrado, na verdade, nem ele mesmo sabia. No mundo há muitas pessoas como o Miguel, que usam a diversão para ocultar sua dor, a ironia para ocultar suas feridas abertas que sangram.

O livro seria um conto, mas Miguel diversas vezes tomou o volante do livro e fez exatamente como ele queria. Mais que tudo, ele queria mostrar suas falhas, o real Miguel, sem filtros ou máscaras. Errando, errando e errando novamente, para só então aprender.

Esse livro não seria possível sem o apoio das minhas leitoras, que desde o começo queriam um livro com Miguel. Elas, assim como, eu viram que havia algo faltando nele e todas nós descobrimos juntas.

Obrigada pelo apoio e por sempre acreditarem em mim!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar. — Clarice Lispector

PRIMEIRA PARTE

Até onde podemos diferenciar a carência do amor? Um sentimento puro não se acaba com o tempo, se torna mais forte. Se ele se tornou nada, é porque não era amor. — Julia Menezes

PRÓLOGO

MIGUEL

Acompanho os passos da mulher levantando da nossa cama antes mesmo do sol surgir direito. Ela se veste e deixa o quarto sem nem me olhar. Bufo jogando a minha cabeça no travesseiro. Eu amo Ester de todo o coração, mas juro que essa mulher sonha com trabalho. Estou casado com Ester há exatos três meses e já quero matá-la. Não tivemos lua de mel, pois ela não queria pausar a faculdade de medicina agora que faltam poucos meses para ela se formar. Juro que tenho sido paciente, já faz meses que ela está assim, na verdade, desde que eu a conheci ela deixou claro que sua carreira viria em primeiro lugar, mas eu não imaginava que essa regra serviria no amor.

Lutei muito para conquistá-la e não me arrependo. Eu estava naquela fase da vida em que todos os seus amigos estão namorando ou casando, como no caso das minhas melhores amigas, Isis, Carina e Elena. Eu desejava ter alguém que me olhasse como elas olhavam para seus parceiros e

vice-versa. Sentia-me um pouco excluído nesse quesito. Como eu passei praticamente minha vida no esquadrão, eu realmente não queria uma namorada que pudesse me derrubar e me fazer chorar. Chame-me de machista, eu não ligo. Eu queria uma menina doce que precisasse de mim, que me amaria tanto quanto eu a ela. Mas aí, Deus decidiu fazer um jogo comigo, ou o cupido estava gripado e cego, acertando a flecha torta e cega em mim com a Ester.

Eu amo a minha mulher, mas tem vezes que eu quero amarrá-la em casa. Já falei que odeio plantões? Pois é, eu odeio. Se Ester não está neles, ela está remendando algum mafioso. E desde que seu pai morreu há alguns meses, ela está ainda pior. Ela praticamente só toma café e a intimidade entre a gente é quase zero.

Levanto-me da cama e coço minha bunda a caminho para o banheiro, vejo a pasta de dente sem a tampa e estremeço. Criei um pouco de TOC nos últimos anos e não é uma coisa nenhum pouco legal. Já bati num dos meus seguranças por mascar o chiclete de boca aberta, não foi o melhor dos meus dias, admito. Ajeito tudo que está fora do

lugar antes de escovar os dentes enquanto mijo. Saio do banheiro e vou caminhando pelo piso gelado. Vejo Ester ao lado da máquina de café contando os segundos para ficar pronto. Nossa bancada está cheia de livros abertos e Ester nem me dá bola. Seus cabelos estão amarrados em um rabo de cavalo alto e elegante.

Chego por trás dela cheio de amor pra dar, mas ela me dá uma cotovelada.

— Estou atrasada, Miguel. — Ela diz sem me olhar.

Olho o relógio e vejo que é um exagero, ela irá de carro, então não levará mais de dez minutos até a faculdade. Coloco seu cabelo para o lado e começo a beijar seu pescoço.

— Miguel. — Ela geme e eu sorrio sabendo que o jogo está ganho. Dou-lhe uma mordidinha de leve e a viro para mim, a beijando com paixão.

Ester segura meus braços antes da sua mão descer pelo meu abdômen, ela sorri contra os meus lábios e volta a me beijar, me acariciar. Apesar de Ester ser um pouco seca nesse lance de amor, eu sei que ela tem grandes sentimentos por mim. Meus beijos descem para seu pescoço e eu começo a

desabotoar sua camisa.

— Miguel, eu vou chegar atrasada. — Ela resmunga gemendo. Eu a coloco em cima da bancada e alguns de seus livros caem e Ester protesta, mas colo meus lábios nos dela. — Chega, Miguel. Eu estou no final do período, depois que eu me formar podemos fazer isso!

Ela me empurra e eu a deixo, olhando divertido e me aproximando novamente.

— Eu comprei a vaca e não posso beber o leite? — Brinco me lembrando de um tempo atrás, na nossa primeira vez.

Ester me olha estressada.

— Você acabou de me chamar de vaca?

A olho boquiaberto dela ter se esquecido. Porra, eu me lembro de até mesmo do que a gente comeu no nosso primeiro encontro e olha que eu não sou nenhum pouco romântico.

— Era o que falávamos... — Paro quando vejo que ela não está prestando atenção em mim e sim no maldito café que estava quase pronto.

Abaixo-me e pego os seus livros, os fechando e colocando em cima da bancada

perfeitamente alinhados e Ester bufa. Sem dizer mais nada, ela pega o café e derrama no copo térmico, segura os livros e se vai sem nem dizer adeus. Minhas mãos coçam para bater em algo, mas quando Ester se mudou para meu apartamento ela retirou a minha academia da sala e enfurnou todos os equipamentos em um quarto no segundo andar. Respiro fundo várias vezes e caminho de volta a nosso quarto, passando pela sala que foi redecorada por Ester e fecho meus punhos ao ver um grande quadro de um estetoscópio tampando a marca de mãos das meninas e eu.

Dizem que, para um relacionamento dar certo, é preciso ceder em algumas partes, mas eu sinto que eu cedi em tudo e Ester em nada. Entro no meu quarto, pego a minha mochila de academia, visto uma roupa e vou malhar. Depois do que pareceram horas, saio da academia e volto para casa para me arrumar para meu trabalho. Como eu era o único de fora dessa onda de mafioso, eu resolvi entrar a algum tempo, afinal, eu já ajudava mesmo, vivia conversando... Então, por que não ter minha *carteira assinada*? Lembro que tive uma briga gigante com Ester antes dela ceder, pelo *menos nisso ela cedeu*. Como eu já era de

confiança, só foi preciso eu fazer o juramento e, pronto, todos sabiam que eu nunca trairia a eles, ainda mais porque minha família vivia essa vida, e eu nunca deixaria as meninas ou os caras para trás.

O Abaixo de Zero está vazio, ainda são cinco horas. Vejo Matt, o barman, conversando com uma menina ruiva, acho que uma nova funcionária. Ele andava reclamando que ficar sozinho no bar era difícil, mas o que podemos fazer se só ele aguenta o *trampo* e é de total confiança? Sigo meu caminho e vou fazer a maldita contabilidade sobre as drogas. Sim, agora eu virei um traficante de drogas. Fodido, mas me rende uma grana preta. No mesmo tempo que falei com Dominic que eu queria um emprego, ele descobriu que seu traficante estava consumindo mais que vendendo. Ele tem uma regra bem clara sobre isso, quem mexe com drogas não pode usá-las, pois se não vira um conflito de interesses. Foi aí que o emprego me caiu como uma luva, ainda mais porque eu estava cansado de não fazer nada.

Eu basicamente não faço muito: uma contabilidade daqui, criar algumas regrinhas sobre não vender para menores ou gestantes, uma prensa na galera que vende, cobrar alguns caloteiros, mas só os que devem muito. Eu também vejo os distribuidores, pois é bom sempre estar de olho. Não sou um Jace torturador da vida, mas meus músculos assustam bastante, ainda mais nesses últimos meses de tensão com Ester. São três meses e só fodemos dez vezes, e dessas dez vezes eu que iniciei o processo. Resultado, de tanto tempo usando a mão e frustração, esta última me fez passar muito tempo na academia.

Lá pelas onze, eu estou bebendo com alguns colegas e rindo. A ruiva gata trás nossas bebidas e percebo que ela está de olho em mim, mas ignoro. Eu posso ser muitas coisas, mas traidor não é uma delas.

À meia noite, estou dançando e curtindo quando o meu celular toca. Vou para o depósito de bebidas e me surpreendo ao ver que é Ester ao telefone.

— Está tudo bem? — Pergunto já preocupado. Ester quase nunca me liga.

— Onde você está? — Ela grita ao telefone e eu fico estático, essa é a primeira vez que ela demonstra alguma emoção. Como não sou de ferro, decido aproveitar.

— Por quê? — Faço o cínico.

— Porque hoje eu troquei de plantão pra poder te ver! — Grita irritada. — Eu estava com saudade e, para minha surpresa, quando chego em casa você não está.

Sinto-me um pouco mal. Ester ama os plantões e ter perdido um tem um grande significado.

— Amor, eu estou indo. — Digo já saindo.

— Nem vem, já estou no carro indo de volta para o hospital. Que isso sirva pra você aprender. — E desliga.

— Puta que pariu. — Grito irritado, chutando algumas caixas.

Passo a mão pelo cabelo, tentando me acalmar, mas é difícil. Ester ainda vai me deixar maluco. Quando estou saindo, me bato com a ruiva que está entrando no depósito. Ela murmura um pedido de desculpa, mas eu mal a olho, totalmente

transtornado pela maneira com que sou tratado. Será que eu realmente mereço isso?

Depois de meses, finalmente Ester e eu entramos em um acordo, marcamos os dias que poderíamos sair e assim estava bom para mim. Ester estava mais animada que tudo agora que estava tudo agendado. Ela havia chorado, se desculpando por não ter tempo suficiente comigo e fiquei tão orgulhoso, sentindo que tudo ia mudar agora, para melhor ou pra pior.

Eu, por outro lado, estou mais na minha, só saio para trabalhar e pronto. Até mesmo as meninas estranharam, pois faltei à maioria das reuniões de família. Mas, não tenho coragem de contar a elas como meu relacionamento está uma merda. Eu agora tenho quase vinte e três anos e me sinto como se tivesse oitenta. As crianças são mais espertas que os adultos, disso eu tenho certeza. Com oito anos, Valentina é mais esperta que seus pais. Sua festa de aniversário foi há algumas semanas com o tema de Mulher Maravilha e, assim que ela me viu, já foi logo perguntando o que houve comigo. Essa

menina vai longe. Eu finjo que não a vejo falando por horas e horas com Eric. Sim, eles continuaram essa amizade que já dura há anos. Fora Valentina, só Elena para me escutar quando eu ligo bêbado pra ela para desabafar. Sim, eu costumo faço isso.

Já perdi as contas de quantas vezes ela ameaçou fazer Ester sofrer um *acidente*. Já eram quase cinco horas e Elena continua firme e forte dizendo que eu deveria procurar a felicidade, mesmo que ela não fosse com Ester. Elena estava recém-parida e, ao longe, escuto o choro do bebê. Fran, ou Francesca Regina, nasceu um mês atrás, no dia quinze de junho, e ela era a bebé mais linda que eu já vi Ή que Isis e Carina não me escutem. Seus cabelos eram pretos e olhos que, dependendo do dia, mesclavam entre verde e azul claro. Desde que nasceu ela mostrou a cara séria e invocada do seu pai. Eu queria desligar para ela ter sossego só que, em vez disso, Elena passou o telefone para Damien. E ele disse coisas que eu nunca esquecerei.

— Você está feliz ao lado dela? Não adianta você pensar que essa felicidade possa vir um dia, você precisa correr atrás dela. Meu casamento com

Elena deu certo mesmo com todas as probabilidades de dar errado porque nosso amor foi maior. Se você acreditar que essa possa ser só uma fase, persista, mas se só um estiver lutando, você nunca irá ganhar a luta do amor sozinho. — Nunca ouvi Damien falar tanto, mas essas palavras me marcaram a fundo.

— Valeu, cara.

— Tente se afastar um pouco para colocar as ideias no lugar. Venha nos visitar, seu afilhado irá adorar. — Ele diz e eu sorrio.

Depois daquela ligação, eu estava preparado para pedir um tempo a Ester para colocar as ideias na cabeça, mas o destino adora uma brincadeira. Eu tinha terminado de tomar banho uma noite, quando encontro Ester chorando na cama, rapidamente me abaixo na sua frente.

— O que houve Ester? — Pergunto preocupado.

Ela me olha com raiva e começa a me socar. Eu deixo e, quando ela se acalma, eu a abraço.

— O que houve? — Repito.

Ester se afasta e começa a andar pelo

quarto, incontrolável, e jogando as coisas no chão.

— Eu estou grávida! — Ela grita com os olhos banhados em lágrimas.

Meu mundo cai. Um bebê? Eu vou ser pai?

— Vamos ter um bebê? — Pergunto emocionado, esquecendo totalmente que iria pedir um tempo a ela. Esse bebê pode ser a salvação do nosso casamento.

— Não vamos ter nada! Eu não posso ter um bebê atrapalhando os meus planos.

Dou um passo pra trás, como se tivesse tomado um soco. Ela não quer ter o bebê? A raiva me consome e eu soco a parece com toda a força, afundando o gesso. Ester me olha com horror.

— Ele também é meu filho, você não pode fazer isso! — Falo tentando me acalmar, mas é impossível.

— É meu corpo! — Ela grita.

— É meu filho! — Grito na sua cara, mas ela não se afasta. Diante dos meus olhos, vejo a mulher que me apaixonei não existe mais, eu não amo mais Ester. Há muito tempo tentei esconder esse sentimento, mas agora não dá mais. Eu não

amo a minha mulher.

— Eu não posso largar tudo que construí durante anos. — Ela diz, passando a mão pelo meu rosto. — Iremos ter outros bebês, eu te juro. Quem sabe daqui a alguns anos?

Me afasto a olhando com raiva, com tanta raiva que eu não achei capaz.

— Não vai matar nosso bebê. — Falo, olhando dentro de seus olhos. — Eu não irei matar meu filho.

— Eu te odeio! — Ela grita e começa a jogar coisas em mim, mas eu nem me mexo. O despertador bate na minha cara e eu sinto o sangue jorrar no meu supercílio. — Você está destruindo a minha vida!

— E você está querendo matar seu próprio filho. — Falo em tom normal, mas mortal. Em toda vida eu nunca senti tanto ódio assim. Se ela fosse um homem e não estivesse grávida, eu a mataria.

Lágrimas caem dos seus olhos.

— Eu não quero esse bebê, eu não quero. — Ela cai no chão chorando e contra tudo que eu acredito, me ajoelho a sua frente e a tomo em meus

braços, abraçando-a apertado. — Eu não quero, eu não quero. — Continua a falar, quebrando meu coração em mil pedaços.

Diante dos meus olhos vem às cenas da minha mãe falando as mesmas frases para meu pai enquanto eu estava escondido, ouvindo tudo. Eu devia ter cinco anos e ela não queria outro bebê, quando nem a mim mesmo ela gostava. Papai a abraçava como faço com Ester e dizia que tudo iria ficar bem. Semanas depois, eu soube que meu irmão *morreu* e que eu iria para um internato. Fiquei naquele inferno até meus dez anos, mas depois eu descobrir o verdadeiro significado da palavra inferno. O esquadrão. Mas foi lá também que eu descobrir o valor da amizade. Isis e Carina me tiraram do inferno. Todas as nossas viagens não eram só curtição, era liberdade.

— De quantos meses você está? — Pergunto com a voz quebrando, como eu estou.

— Quatro meses. — Ela murmura, apertando as unhas no meu braço. Ela ficou grávida em março. — Eu desmaiei hoje no meu turno, eles fizeram exames e deu positivo. Eu não posso desistir de tudo.

— Falta pouco para o bebê nascer, Ester. Você pode estudar enquanto está grávida e depois de nascer, voltar. Eu não me importo de cuidar dele em tempo integral. — Falo suavemente, acariciando suas costas.

Suas unhas me apertam mais ainda.

— Eu não quero ter esse bebê. — Ela diz com raiva.

— Nós vamos ter sim. — Anuncio sério, com a voz tão mortal que ela treme em meus braços, mas eu não me arrependo. — Você só precisa carregá-lo por mais cinco meses e eu juro que irei cuidar dele sozinho, se preciso.

— Eu te odeio. — Ela diz com a voz mortal e eu sei que as palavras são verdadeiras. Ela prefere o seu amado futuro como médica do que qualquer coisa.

— E eu não te amo mais. — Respondo e me afasto, entrando no banheiro e ouvindo Ester gritar para eu voltar, depois me pedir desculpa várias vezes seguido enquanto chora arrependida.

Escuto-a batendo na porta, mas ignoro enquanto ligo o chuveiro e choro em silêncio com

toda minha dor. Nunca esquecerei ou perdoarei Ester pelas coisas que ela falou. Assim que tiver o meu bebê nos meus braços, assumirei a guarda dele sozinho, mas não deixarei ele saber que não é amado pela própria mãe.

CAPÍTULO 1

MIGUEL

Acordo com Ester enrolada a mim e olho para o quarto arrumado. Depois da nossa briga ela apagou, mas eu não consegui dormir, então arrumei tudo. Desprendo-me do seu aperto e vou tomar um banho. Meu supercílio está com três pontos adesivos e minha cara está uma merda, coberto de olheiras e com um olho roxo do despertador.

Visto um terno qualquer e vou para a cozinha, abro a geladeira para pegar um suco, porém vejo um bolo em formato de coração que eu tinha comprado para comemorar nossos nove meses de casados. Pego as velas e escondo no fim do armário, as pétalas de rosa eu jogo pela janela fazendo a alegria de quem passa e, por fim, parto o bolo em vários pedaços e coloco em potes com garfos. Conforme faço meu caminho para o Abaixo de Zero, entrego bolo aos mendigos.

Minha cara deve estar realmente ruim porque ninguém fica perto de mim. Tranco-me na

sala e tento me concentrar, mas é impossível. A noite fica se repetindo em minha cabeça, me deixando fodido. Pesquiso se há uma maneira de forçar a mulher a ter o bebê, mas a lei está ao seu lado. Sei que é fodido, mas não posso deixar meu bebê morrer.

A minha sala se abre e entram Dominic e Jace.

— Aposto que o outro está pior. — Jace tenta brincar, mas eu não rio. — Tudo bem, todo mundo já apanhou alguma vez.

Dominic balança a cabeça, divertido, e eu abaixo a cabeça quase quebrando na frente desses dois homens que se tornaram meus amigos. Eles se sentam a minha frente e começam a falar sobre a proposta que eu tinha sugerido há semanas atrás a respeito do transporte das drogas.

— Acho que se a gente mantiver o olho nos motoqueiros está tudo certo. Até agora eles não deram nenhum problema, pode ser um bom investimento para aumentar as cargas. — Dominic diz, mas eu não consigo me concentrar em nada, só fico olhando para o anel em meu dedo implorando para ser retirado.

— Aconteceu alguma coisa? — Jace finalmente pergunta e eu o olho totalmente fodido.

— Ester está grávida. — Solto.

— E não era para você estar feliz? — Dominic pergunta animado. — Eu lembro que tive medo de Isis grávida, foi um pouco assustador na hora, mas depois foi felicidade pura.

— Quando descobri que Carina estava grávida de gêmeos minha pressão até caiu. — Jace diz e Dominic ri se lembrando, mas nem isso eu consigo fazer. Se fosse o antigo Miguel, eu estaria rindo até cansar e zoando ele, mas, com tanta coisa acontecendo, eu não consigo ser *aquele* Miguel.

— Ela quer abortar. — Suspiro.

— Isso é fodido. — Jace diz com raiva. — É uma pequena vida.

Olho para Dominic, que tem os punhos cerrados, provavelmente imaginando se estivesse no meu lugar.

— Ela que fez isso? — Ele pergunta apontando para seu próprio rosto.

Aceno.

— Nos discutimos e eu fiquei por um triz

para bater nela. Sabe como isso é fodido? — Passo a mão pelo cabelo. — Ela disse coisas horríveis.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — Dominic pergunta e eu o olho sem entender. — Uma briga como essa não acontece do nada. Vocês estão casados há nove meses e nós nunca soubemos de nenhuma briga séria, ou vocês escondem ou só explodiu agora.

— Isso já vem acontecendo desde antes do casamento, sua carreira sempre em primeiro lugar. Então, ontem, ela disse que iria abortar em prol da sua carreira. — Nego com a cabeça. — Antes de saber do bebê, eu iria sentar com ela e pedir um tempo.

— Isso é tão fodido — Jace fala. — Você já conversou com as meninas?

Nego com a cabeça.

— Não queria elas se metendo, mas conversei com Elena e ela e Damien que me aconselharam a pedir um tempo para pensar em tudo.

— Você contou para eles, que estão em outro país, mas não contou que para a gente? —

Dominic fala, parecendo decepcionado.

— Não queria que as meninas olhassem com raiva para Ester. — Admito.

— Não teria como, elas nem a veem mais. — Jace resmunga e Dominic balança a cabeça concordando.

— Seria meio impossível. Mas, se as meninas estivessem com muita raiva, provavelmente a cercariam para bater.

Balanço a cabeça, sorrindo um pouco.

— Elena também ameaçou dar uma coça nela.

— Do jeito que Damien é protetor, ele mandaria outra mulher dar uma surra nela.

Eu rio, pois é verdade. Depois de todas as burradas que Damien fez, até hoje ele idolatra aonde Elena pisa. Damien mudou da água para o vinho com ela depois de tudo que houve.

— Tudo vai se resolver — Dominic diz tocando meu braço.

Aceno, mas nada digo. Entrei na ‘’bad’’, como diz as meninas.

— Que tal se a gente encher os córneos hoje? — Jace sugere, se levantando. — Não sei vocês, mas eu prefiro beber a trocar fraldas.

— Estou dentro. — Dominic responde, se levantando e me olhando.

Bufando, eu me levanto e caminho com eles até o Abaixo de Zero que está lotado como sempre. Escolhemos uma mesa discreta na área vip e logo vem três garçonetes anotar nossos pedidos. Vejo que Matt está atolado em trabalho. Como a área vip especial é pequena, então só tem ele de barman, porque ele é de confiança e fica quieto sobre os assuntos da máfia. Uma ruiva está com ele o ajudando e, de costas, vejo longos cabelos vermelho cobre. Parece que Matt arranjou uma namorada também e ruiva.

As mulheres trazem as bebidas com decotes exorbitantes, mas nem tentam se mostra para nós. Isis deixou bem claro o que acontece se derem em cima do marido alheio. O mesmo serve para Jace e também para mim, apesar de Ester nunca demonstrou ciúmes, ela confia em mim.

Escuto gritos e aplausos e vejo que a ruiva está fazendo acrobacias com as bebidas,

encantando o público. Matt está balançando o rosto, divertido. Consigo ver um pouco do rosto da ruiva e ela é maravilhosa. Parece que ela percebe que tem alguém a olhando e eu vejo lindos olhos castanhos escuros, uma boca grande e rosada, e não é só isso, seu olhar demonstra desejo. Meu pau estremece na calça e eu mudo meu foco para outro lugar antes que eu a olhe por completo.

— É bonita mesmo. — Jace fala e eu o olho com raiva. Ele não perde nada.

— Ela não trabalha aqui fixamente, mas às vezes vem ajudar Matt. Acho que são parentes. — Dominic comenta sorrindo pra mim. — Você merece uma mulher que te olhe assim. — Aponta discretamente para a mulher que voltou a sacudir a bebida.

Levanto minha mão.

— Sou casado. — Digo para eles e percebo a merda que fiz quando a menina arregala os olhos e se vira para o outro lado após ver minha mão. — Porra. — Resmungo enquanto eles riem.

— Com isso, temos a certeza de que ela não é uma vadia ou já conheceu as regras de Isis. — Dominic diz divertido.

— Vão se foder. — Faço sinal para as garçonetes que trazem outra bebida pra mim.

Por um minuto eu me esqueço de como estou na merda, mas foi só olhar para o anel que me recordo de tudo. Sem querer H́ mesmo H́ me viro para a ruiva que agora estava sentada no banquinho conversando com Matt, pois o bar estava controlado. Jesus, ela estava magnífica mesmo estando completamente vestida com jeans claros soltinhos e uma camisa preta de manga. A única coisa de fora era uma fina parte da sua barriga aparecendo pela calça cintura alta. Seus cabelos agora estavam em um rabo de cavalo alto e mesmo preso o cabelo batia no meio das costas. Ela era sem dúvida maravilhosa. O antigo Miguel se levantaria e faria uma cantada podre que a faria rir e aí a pegaria, mas esse Miguel tem esposa e um filho a caminho. Esse Miguel não pode se dar ao luxo de trair. Esse Miguel não é mais aquele Miguel.

Quando volto pra casa, já passou das quatro e estou bêbado feito um gambá. Espera, por que gambá? Gambá fica bêbado? Eu não sei. Demoro minutos para achar o cartão da cobertura e assim

poder subir no meu apê. Cantarolo *Treat You Better*, de Shawn Mendes, enquanto o elevador começa a se mexer.

Eu não vou mentir para você

Eu sei que ele não é certo para você

E você pode me dizer que estou enganado

Mas eu vejo em seu rosto

Quando você diz que ele é o que você quer

E você está desperdiçando todo o tempo

Nessa situação errada

E quando você quiser que isso pare

Maldita Carina com essas músicas que ficam na cabeça. Continuo a cantarolar pensando na letra e me pergunto: eu mereço alguém melhor que Ester? Mas, agora mesmo que não tenho escolha, pois não irei perder meu filho, muito menos só irei visitá-lo. Quero acordar e todo dia ver seu rostinho, vê-lo crescendo, e me chamar de papai. Entro no meu apartamento e me surpreendo ao ver Ester sentada no sofá me esperando. Quando me vê, ela se levanta e se joga nos meus braços, me

abraçando apertado. Um medo se constrói em mim. Será que ela fez o que acho que ela fez?

— Me desculpe por tudo. — Ela sussurra. — Nós vamos ter esse bebê.

O que a fez mudar de ideia tão rápido? Sei que mulheres mudam de opinião como mudam de roupa, mas Ester está superando todas elas. Ela começa a me beijar e eu deixo, fazendo isso pelo meu filho, para que ele tenha os pais juntos. Pego-a e nos levo para o sofá, mas Ester reclama, pois ela só transa no nosso quarto. Jogo-a em cima da cama e depois volto a beijá-la.

— Me desculpe por tudo. — Ela repete, mas eu não sinto tanta verdade em suas palavras, ela soa forçada.

Eu nada digo e deixo as coisas irem por esse caminho. Quando terminamos, Ester cai no sono, mas eu fico olhando para o teto, imaginando como cheguei até aqui, com uma mulher que eu não amo e com um filho que só descobri há um dia e já amo mais que minha vida. Sinto algumas lágrimas caindo de meus olhos e dessa vez eu posso culpar a bebida.

Meses se passam e a barriga de Ester vem crescendo cada dia. Ela não reclama da gravidez, mas também não parece feliz. Até os seis meses, ela continuou no curso em meio período, mas depois teve que parar. E uma das suas birras foi não querer um chá de bebê, mesmo as meninas tendo implorado. Elena disse antes mesmo de Ester que ela não viria para o chá, pois estava com *vontade de vomitar* e as meninas, ingênuas, pensaram que ela estava grávida novamente, mas eu entendi a referência, como diria Capitão America.

Ester não fez questão de comprar o enxoval ou saber o sexo do bebê, agindo com indiferença com aquela pequena vida que crescia dentro dela. E isso me deixa triste e furioso.

Esses dois meses me deixaram ainda mais agressivo e eu não consigo relaxar um minuto sequer. Carina e Isis perceberam o clima quando foram nos visitar de surpresa. Carina foi a primeira a falar sobre a mudança das coisas no apartamento, mas Isis olhava para o quadro do maldito estetoscópio com uma sobrancelha erguida. Ela

com certeza percebeu que foi implicância tampar nossas mãos com um quadro quanto havia tanto lugar para colocar. Isis me olhou com uma cara que dizia *vamos conversar mais tarde* e Carina olhava para a casa toda branca com horror, sem nem disfarçar.

As crianças ficaram com Dominic e Jace, então elas não ficaram muito, ou talvez quisessem fugir logo. Por incrível que pareça, Ester foi gentil e até um pouco falsa, mostrando o quarto do bebê como se ela tivesse ajudado a escolher, quando na verdade eu tive que fazer tudo sozinho como um maldito pai solteiro.

Eu não conhecia esse lado manipulador dela e está mais difícil a convivência. Ela só me procura para sexo e mal fala comigo de dia, a não ser para pedir algo, mas à noite, ela pede desculpa por tudo. Dominic e Jace me deram livros sobre bebês e gravidez, também me recomendaram a ir num curso de pais de primeira viagem, mas Ester, sempre do contra, disse que não precisava de curso, pois ela sabia tudo de bebês. Resumindo: eu que me foda.

As pessoas que malhavam na academia me

viam mais que seus amigos, isso eu podia dizer. Eu malhava de manhã antes de ir trabalhar e quando saía, tudo para atrasar minha chegada em casa. Eu entendo que o ventre é dela, mas é uma pequena vida inocente. Alguns meses não irá fazer diferença em sua vida, mas no bebê é a diferença entre a vida e a morte. Eu só sou a favor do aborto em caso das pessoas não terem condições nenhuma de criar um bebê, e nós condições nos temos de sobra. Além do dinheiro da máfia, eu sou herdeiro dos meus avós, tenho bastante dinheiro e um jatinho. Eu *tô de boas* na parte do dinheiro. É realmente aquele ditado, *azar no amor sorte no jogo*, ou algo assim.

Isis e Carina me cercam quando me pedem para levá-las para casa, pois elas vieram de motorista e ele iria demorar a voltar. Quando deixo o carro na entrada da casa de Isis a mesma literalmente me arrasta pra dentro, me segurando pela orelha. Mal entro e Valentina me abraça.

— Cadê meu priminho? — Pergunta animada.

— Ainda está na barriga. — Falo e ela dá de ombros.

— Mal posso esperar para pegá-lo nos

braços. Tio, ele vai parecer com você ou com a Ester? — Valentina não a chama de tia nem a pau.

— Eu não sei pequena.

— Tomara que com você. — Ela diz e vai brincar no chão junto com seus irmãos e os filhos de Carina que já estão andando.

Tento discretamente dar meia volta e fugir dali, mas a voz de Carina me para.

— Nem pense em sair antes de contar tudo.

Olho para os caras em busca de ajuda, mas eles fingem que não estão me vendo. Sento-me com calma e resumo a história sem muitos detalhes. Isis já tem as mãos em punhos e Carina os olhos cobertos de lágrimas.

— Se ela não estivesse grávida, Isis e eu a pegaríamos. — Ela diz fungando e Jace a abraça.

— Essa gravidez não vai durar para sempre, só mais quatro meses. — Isis fala cheia de raiva e Jace murmura.

— Faltam três pra ela ter o bebê. — Comentei só por fazer. Apesar de não gostar mais de Ester, não deixaria as meninas encostarem nela pelo fato de ser a mãe do meu filho, querendo ela

ou não.

— Veja como eu sou boa, estou dando um mês de resguardo antes de ir quebrar a cara daquela falsa. Bem que Elena falou que não ia mais com a cara dela.

Rapidamente eu desvio o olhar antes que eu seja lixado por essas duas, mas parece que eu não sou rápido o bastante.

— Não acredito que você contou primeiro para Elena do que pra gente! — Carina grita, assustando as crianças. — Calma meus amores, mamãe só vai colocar tio Miguel no castigo. — Ela diz docemente antes de se virar para mim como a mulher do exorcismo.

Olho para Valentina em busca de ajuda, já que não vou conseguir dos caras, mas ela rir, pega o celular e começa a contar para Eric a fofoca. *Obrigada garota.*

— Eu posso explicar. — Falo e Dominic bufa uma risada, sabendo que eu vou apanhar das meninas, então decido dividir a culpa e aponto acusadoramente para Jace e Dominic. — Eles sabiam.

— Filho da puta! — Dominic e Jace dizem ao mesmo tempo.

— O quê? — Carina e Isis exclamam revoltadas ao mesmo tempo e eu faço o que não fazia há meses, rio.

Eles param de discutir e ficam me olhando rir, Isis é a primeira vir até a mim e me abraçar. Carina segue seu exemplo e entra no abraço.

— Vamos fazer um ménage quando tudo isso acabar. — Ela diz casualmente.

— Eu concordo. — Isis brinca.

— Eu aceito.

No mesmo instante Jace e Dominic as pegam, afastando-as de mim. Eu e as meninas explodimos em gargalhadas tão altas que as crianças começam a rir como se entendessem a nossa brincadeira. Olho preocupado para ver se Valentina ouviu alguma coisa, mas ela ainda está no celular.

— Só não vou perguntar se vocês já fizeram isso, porque Carina era pura quando eu fiquei com ela. — Jace diz, abraçando Carina que tenta mordê-lo de brincadeira.

— Pura só se for de corpo mesmo. — Isis murmura divertida. — Se lembra das nossas festas nuas.

— O QUÊ?! — Dominic e Jace gritam pasmos ao mesmo tempo em que as meninas caem na gargalhada.

Jace finge limpar uma lágrima.

— Com isso não se brinca, deu esperanças. — Dominic coloca a mão no ombro dele.

— É de partir o coração.

— Dominic! — Isis grita, indignada.

E Carina finge pensar sobre isso e Jace fica pálido.

— Eu estava brincando, pequena.

Continuamos a conversar e brincar mais um pouco antes deu voltar para casa. Ester já está dormindo, sua barriga está grande e, sem me controlar, eu a acaricio. Ela se mexe, mas não acorda. Só espero que Ester não faça nenhuma burrice, sei que ela está odiando não poder trabalhar.

Semanas se passam e descobrimos finalmente o sexo do bebê, é um menino. Eu chorei

na consulta e os lábios de Ester tremeram de emoção antes dela esconder. Depois que descobriu o sexo e viu as fotos do bebê, percebi que ela se arrependeu de tudo o que falou. Eu a via acariciando sua barriga e até conversando às vezes. Mas aquele vazio no meu coração não diminuiu, eu não sinto mais nada por ela.

Em uma madrugada, Ester me acorda apavorada sentindo fortes dores e fico morrendo de medo, pois ela está só de sete meses. Seus braços e pernas estão inchados e ela desmaiou duas vezes no carro. Eu tento ficar calmo, mas estou apavorado com tudo isso. Vamos para o hospital e eles têm que fazer um parto de emergência. Ester parece perceber o que acontece e começa a chorar sem parar.

— Ai meu Deus, Miguel. — Ela geme chorando e desmaia.

O médico começa a explicar, mas meu cérebro apaga quando ele fala que tanto ela como meu filho corre risco de morte e que a situação é delicada. As meninas chegam e me abraçam enquanto Ester está sendo preparada pra tirar o bebê. Dominic convenceu os médicos a me

deixarem entrar na sala, mas antes tive que fazer todo o procedimento de limpeza para só então ficar ao lado de Ester.

Um pano cobre a barriga de Ester que está sendo aberta e ela tem uma máscara de oxigênio. O bipe do aparelho me deixa nervoso, por várias vezes a pressão de Ester subiu, me deixando em choque o quanto estava alta. Mas, esqueço tudo isso quando escuto o choro do meu filho. Ester arranca a máscara quando a enfermeira coloca o bebê em seus braços e vejo que ele tem olhos azuis como ela e os cabelos castanhos chocolate como os meus. Desabo no choro junto com Ester e abraço os dois. Escuto os soluços dela, que continua com nosso filho em seus braços.

— Me perdoe por tudo, por favor. — Ela implora chorando e eu seco suas lágrimas. Os bipes ficam mais altos, mas eu continuo ao seu lado.

— Está tudo bem, o importante é que vocês dois estão bem.

A enfermeira pega o bebê e eu escuto ela dizer que ele precisa de oxigênio e que está abaixo do peso.

— Como vamos chamá-lo? — Pergunto,

tentando mudar de assunto e os olhos de Ester ficam meio sem foco, que os abre e fecha várias vezes.

— Cuide dele. — Ela diz com a voz embargada. — Chame-o de Gabriel.

Os médicos começam a dar ordens e de repente começo a ser empurrado para fora da sala. Os bipes ficam mais alto e, quando atravesso a porta, aquele maldito som fica em silêncio e eu sei que perdi a minha mulher.

CAPÍTULO 2

MILA

Sorrio para outro freguês enquanto entrego sua bebida. Ele é um moreno bonito e tenho a impressão que já o vi várias vezes por aqui, mas é comum as pessoas voltarem já que a boate está sempre cheia e é uma das melhores. Coloco o troco de dez pratas no meu decote e pergunto com a voz doce e com meu sotaque britânico mais forte que consigo.

— Você queria o troco? — O homem nega.

— Pode ficar, linda. — E sai piscando pra mim.

O sotaque com um olhar matador nunca falham.

Meu irmão Matt balança a cabeça, inconformado, e continua a atender o ritmo frenético. Dou-lhe língua e continuo ajudando a servir a todos. É muito legar trabalhar numa boate, me dá inspiração e ajuda a me distrair. Há dois anos, quando meu padrasto me espancou por não

comprar cerveja para ele, eu vim morar com meu irmão aqui nos Estados Unidos, deixando de vez Londres e eu acho que foi a melhor coisa que eu fiz. Aqui eu sou livre e feliz, mas me sinto mal com Matt pagando tudo pra mim. Parece que ninguém quer contratar uma mulher que nunca trabalhou e ainda é tatuada.

Então, é aí que essa boate entra. Matt precisa de um ajudante e eu de um emprego, mas ele estava relutante em me contratar fixo. Como um meio termo, ele às vezes me chama quando a boate está muito cheia para ajudá-lo. Eu fico surpresa dele ter essa parte do bar só pra ele. Nas áreas normais tem pelo menos quatro barmans, mas nessa área especial Vip é só ele. E, segundo meu irmão, essa área não está cheia sempre, é bem exclusiva e reservada. Olho de canto de olho para os vários seguranças espalhados pela área, sempre atentos a qualquer movimento. Não poderia soltar um espirro sem eles verem.

— Precisa disso tudo, Mila? — Matt pergunta, apontando para o dinheiro encaixado na minha camisa e eu rio divertida.

— Precisa disso tudo, Matt? — Jogo de

volta, apontando para todos os seus músculos aparecendo nessa camiseta preta apertada, que com certeza era um número menor ao que ele realmente usa.

Matt bufa e volta a atender, mas tem um pequeno sorriso no rosto. Eu amo meu irmão e somos praticamente almas gêmeas: mesmo gosto musical, arte, amor por tatuagens, bebida e a incrível capacidade de sermos cem por cento sinceros. Sempre senti que parte de mim faltava quando Matt veio pra cá e me deixou lá com uma mãe que estava mais interessada em idolatrar o marido rico do que cuidar da sua filha. Quando Serguei me bateu, minha mãe simplesmente me disse para esquecer.

Ela podia aceitar essa vida, mas eu não. Com dezenove anos, uma mala e um passaporte, larguei tudo e vim ficar com meu irmão, que me acolheu de braços abertos. Tínhamos dupla cidadania, já que nossa mãe era americana, então não foi tão difícil para eu me firmar aqui com a ajuda de Miguel.

Agora, com vinte dois anos e recém-formada de uma escola de artes plásticas, eu vendo

meus quadros de fotos misturadas com pinturas e desenhos para lojas de tatuagem e adoro. Mas, esse dinheiro não é suficiente para eu pagar o financiamento estudantil e ainda ajudar na casa. Matt não cobra e está sempre perguntando se eu preciso de dinheiro, mas sei que ele está juntando para criar sua futura família e eu nem morta tentaria atrapalhar os seus planos. Ele tem faculdade de publicidade, mas prefere ser barman que rende mais dinheiro. E é verdade, se Matt continuar me chamando, logo eu poderei quitar os empréstimos estudantis.

Quando ainda éramos menores, Matt me levava com ele para a maioria das festas que ia. Nós temos cinco anos de diferença, mas isso não impediu de curtimos juntos e foi desse jeito eu aprendi a fazer bebidas fantásticas e essas acrobacias que entretém o público.

No fim da noite eu estou morta, mas feliz. Vejo Paul vindo e Matt bufando ao meu lado, pois ele não gosta do meu namorado. Paul é o típico menino perfeito e certinho, mas charmoso. O conheci quando estava entregando minhas telas numa galeria e ele me ajudou a tirá-las do carro.

Ele estuda em Harvard e sua família é do ramo da advocacia.

— Querida. — Ele diz sorrindo grande e fungando o nariz.

Ele usa coca, mas desde que isso não interfira no nosso relacionamento, eu não ligo. Paul tem muitas pressões em cima dele por ser o filho único e ter que assumir o negócio da família. Eu perdi as contas de quantas vezes brigamos por conta do seu vício, mas depois de certo tempo a gente cansa, sabe?

Estou com ele há quase um ano e ele nunca me apresentou a ninguém, nem mesmo para seus amigos. Isso magoa, mas o que eu posso fazer? Não gosto de estar sozinha e ele foi a corda que me manteve sã nesse último ano. O amor que eu não recebia de meus pais, eu recebia dele em dobro. Com um pai com uma nova família e uma mãe estúpida, eu acho que eu adquiri um pouco de *grude*, não tem outra palavra pra descrever.

— Oi, baby. — Ele diz me puxando para seu carro.

— Você está bem para dirigir? — Pergunto quando me sento no banco do carona.

— Claro que sim. Quem trabalha no bar é você, não eu! — Ele range e eu tento descer do carro. Ele é impossível quando esta sob o efeito de drogas. Ele pega minha mão. —Não, baby, me desculpe. É que estou cheio de problemas. Vamos pra casa comigo?

Eu o olho e vejo arrependimento, solto a maçaneta e coloco o sinto de segurança.

— O que aconteceu? — Pergunto preocupada.

Confesso que não amo Paul, mas sinto um carinho imenso por ele, afinal, foi meu primeiro namorado sério e que demonstra se importar comigo. Ele coloca a mão na minha perna e sorrir.

— Quando chegarmos eu te conto.

O caminho foi longo e eu estava roendo as unhas de curiosidade. A última vez que ele ficou assim foi há três meses quando seus pais tiraram sua mesada.

Assim que entramos, eu mal tiro o casaco e sua boca ataca a minha. Depois do que pareceram horas, estamos deitados e satisfeitos. Uma coisa sobre Paul é que ele nunca deixa que eu durma com

ele, não é como se eu me importasse mesmo, adoro minha cama. Levanto-me nua e vou para o banheiro tomar uma ducha antes de a gente conversar e eu vazar.

Prendo meus longos cabelos ruivos cobre num coque alto e entro na água quente relaxante. Quando termino, coloco novamente minha roupa e me sento na cama ao seu lado. Paul está vidrado, olhando para o céu e vejo que ele cheirou outra carreira de coca; estremeço involuntariamente. Eu posso ser muito louca e liberal, mas jamais serei refém de drogas.

— Eu estou tão fodido. — Ele ri.

— Me conte. — Acaricio seu cabelo.

— Fui deserdado. — Ele diz e gargalha. — Aqueles merdas acham que eu preciso deles? Eu vou ser o melhor advogado da história e ainda vou foder com a vida deles. Você sabia que minha mãe trai meu pai com o jardineiro ou que meu pai trai minha mãe com travestis?!

— Calma, querido, eles sempre dizem que vão fazer isso, mas voltam atrás. — Tento consolá-lo, me lembrando de todas as vezes que eles já fizeram isso.

— Dessa vez é diferente, eu estou por um fio para perder minha vaga em Harvard.

— Talvez você devesse largar essas porcarias e se concentrar nos estudos. — Digo suavemente e ele agarra meu braço, me olhando com raiva e eu o encaro de volta. Se tem uma coisa que eu não suporto é que coloquem as mãos em mim. — Me. Solta. Agora. — Rosno as palavras pausadamente e ele me solta.

— Desculpe baby, mas eu estou tão fodido. Eu te amo tanto, você é tudo pra mim. — Seu olhar é um tanto obsessivo para mim. Ele beija os meus lábios e eu relaxo um pouco.

— Seus pais vão voltar atrás.

— Não é deles que eu estou falando. — Ele tosse e funga o nariz. Quando vou perguntar o que ele quer dizer, ele me puxa para ele. — Fica comigo essa noite, por favor?

Eu estranho, mas aceno.

— Tudo bem. — Me levanto retirando a minha calça jeans e deitando ao seu lado.

Apago rapidamente e quando acordo já de manhã, estou cansada, pois mal dormi. Tento voltar

a dormir, mas há batidas fortes na porta da frente. Olho para o lado e percebo que já amanheceu e Paul já deve estar na faculdade. Visto minha calça e vou abrir a porta ainda sonolenta. Quando abro a porta dou de cara com um homem que parece uma montanha e ele olha pra mim com raiva.

— Você é a cadela de Sounts?

— O quê? — Eu só posso estar dormindo.

— Ele está? — Pergunta o homem já me empurrando pra dentro do apartamento e eu fico gelada.

— Ele está na faculdade, mas eu posso ligar para ele. — Falo calmamente, como se não sentisse medo. O homem acena se sentando no sofá e eu pego meu celular do bolso da calça. — É da parte de quem?

— Herondale. — O homem simplesmente responde e eu aceno. — Coloque no alto falante.

Ligo para Paul e ele demora a atender, na certa estando em aula. Mando uma mensagem falando que é urgente e retorno a ligar. Em poucos minutos ele atende.

— É melhor ser importante. — Ele ruge ao

telefone e o homem levanta uma sobrancelha.

— Um amigo seu está aqui, é da parte do senhor Herondale. — Digo, tentando controlar o meu nervosismo.

Escuto a respiração de Paul ficar alterada.

— Porra. — Solta uma respiração profunda. — Baby, você pode fazer um favor pra mim? — Ele pergunta docemente.

— Se estiver a meu alcance. — Digo, olhando minhas unhas pra disfarçar o nervosismo.

— Pode dizer ao senhor Herondale para esperar mais uns dias, eu já vou ter o negócio dele.

Então minha fixa cai e eu percebo o quanto estou ferrada, a minha frente está um cobrador das dívidas de drogas de Paul. Nunca fui uma menina medrosa, mas agora estou realmente me tremendo de medo. O homem acena com a cabeça e manda uma mensagem de seu celular antes de sair pela porta como se nunca tivesse entrado. Paro para respirar várias vezes, tento ligar para Paul, mas ele não me atende.

Espero mais meia hora para ir embora, com medo do homem me seguir, e quando saio, desço

em três paradas erradas no metro antes de finalmente ir para casa. Fico pensando se devo contar para Matt, mas sei o sermão que irei receber e não quero colocá-lo em enrascada alguma. Quando entro no meu quarto, tranco a porta e ligo para minha melhor amiga Emily Tanner.

Emy é a dona da galeria onde algumas das minhas peças são expostas. Conversávamos bastante e eu nem fazia ideia de que ela era a dona, pensei até que era uma assistente ou algo assim. E só fui descobrir quando perguntei na cara de pau: "O chefe é legal ou um chato?" e ela me respondeu jogando os cabelos castanhos enrolados sobre o ombro "Acho ele super lindo e estiloso". Quando ela percebeu a minha cara de pateta, contou que era ela a dona de tudo.

Ela é uma das mulheres mais bonitas que já vi. É latina, sua pele é da cor do pecado, seus cabelos são longos e cacheados, é muito divertida e se tornou um anjo na minha vida. Roo as unhas me remoendo se devo ligar ou não para ela e, depois de mais meia hora de crise existencial, eu finalmente ligo.

— Olha, transmissão de pensamento. — Ela

diz muito feliz e eu fico sem saber o motivo. — Advinha quem vendeu todas as telas?

— Sem chance! — Grito animada, pelo menos uma notícia para aliviar toda a tensão.

Eu só tenho algumas telas expostas na galeria, pois eu ainda não fiz a minha amostra. Ainda estou terminando as outras telas para só então expor tudo. As pinturas que estão lá são de uma pequena coleção que ela gostou, são seis telas no total.

Meus quadros são diferentes dos demais trabalhos e isso deixou ela encantada com as minhas peças. Eu misturo fotos com pinturas, além de, às vezes, incrementar os quadros com esculturas para dar relevo ou algo assim. É bem trabalhoso, mas eu amo o resultado. Percebi o quanto gostava disso e decidi começar a valorizar mais o meu trabalho em vez de só vender pela internet por uma mixaria. Então, tomando coragem e vestindo as minhas calças de mulher, fui até a galeria de Emy e foi uma decisão que nunca vou me arrepender.

— Estou em negociação há semanas, porém não falei antes para não criar expectativas. Finalmente ele me deu a palavra final que irá

comprar todas as suas telas. Mas, tem um “porém”: o comprador está com os bens congelados por causa de um processo de separação e ele quer seus quadros para colocar na nova casa. Parece que a esposa é uma vadia. Ele está usando um amigo como negociador, que também é meu amigo.

— Mesmo assim é uma ótima notícia. Está confirmada mesmo a venda?

— Sim, está. Eu o conheço e nem precisei indicar seus quadros, ele os queria direto. Parece que já veio aqui na galeria e se apaixonou por seu estilo, disse que era profundo e belo. — Sorrio com sua descrição.

— Obrigada, Emy. — Falo emocionada, olhando meus braços tatuados.

— *Chica,* isso tem um preço: eu e você no Abaixo de Zero rebolando até o chão. — Ela diz animada.

— Emy, eu estou com uns problemas e não acho um bom momento para me distrair.

— Te espero as dez na sua porta. — E desliga, ignorando minha crise existencial.

Tento ligar novamente para Paul, mas o

telefone está desligado, então deixo uma mensagem de voz falando que eu estou preocupada com ele. Matt hoje está de folga, jogado no sofá, e quando me vê levanta a sobrancelha. Eu, dessa vez, estou usando um vestido curto verde de manga longa com saltos de matar e os cabelos soltos com cachos feitos pelo meu baby liss e, para completar, uma maquiagem digna de Hollywood.

— Vai sair? — Pergunta indiferente. — Não estou muito afim de sair hoje e...

— E quem te convidou? — Cruzo os braços brincando e ele bufa uma risada. — Vou sair com Emy.

Matt finge estremecer e sorrio. Emy deu o fora do século quando Matt achou que seu charme podia conquistar a fera, com teve direito a xingamentos em espanhol e eu chorando de rir. E, detalhe, foi na apresentação das minhas obras na galeria. Ele achou que ela era uma visitante e quis dar um de galanteador, mas ela o pegou fazendo um sinal de que estava no papo. Eu juro que tentei avisar que ela era a dona da galeria e não estava interessada, mas ele estava tão concentrado em seus seios que nem prestou atenção.

— Não sei como você consegue sair com aquela megera.

Eu sorrio maliciosamente.

— Aquela *megera* tem um corpo de dar inveja e dança como a própria Shakira. Você devia estar correndo atrás dela e não ainda de luto pela vadia.

Matt faz uma cara de raiva para mim, mas ele é um estúpido de ainda sofrer por Drica. Eu sei sobre ela depois de tanto ele falar dela, mas quando me mudei ele nunca mais falou até uma noite, quando bêbado ele desabafou sobre ela. Eu juro que se vejo essa mulher, eu meto a porrada nela. Ela era uma prostituta e amiga de foda dele, não foi muito esperto da parte dele, eu admito, mas fazer o que, né? Então a *vadrica* fez alguma merda com gente perigosa Ӈ provavelmente seu cafetão Ӈ e teve que fugir para outro país sem nem se despedir dele, como se ele não fosse nada.

Matt pode dizer que já superou, mas se tivesse superado mesmo ele teria pelo menos um caso fixo, não só indo atrás de mulher quando não aguenta mais. Acredito que sua mão deve estar esfolada, mas cada um com seu problema. Eu dei a

solução de seus problemas, Emily é perfeita para ele.

E Emy e ele têm mais em comum do que imaginam, como por exemplo, serem chutados pelos seus parceiros e adquirem a síndrome do medo-de-ser-feliz, síndrome nomeada por mim também conhecida como falta de pau ou boceta, no caso de Matt.

Ele levanta o olhar pra mim com raiva.

— Eu não sinto mais nada por Drica.

— Prove isso saindo comigo e pegando alguém. — Desafio e ele se levanta.

— Mas não era noite de garotas? — Joga de volta e eu bufo.

— Por isso que você deveria vir, menininha. — Insisto e Matt fica vermelho de raiva. — Mas se você está com medo de pegar alguém, tudo bem...

Deixo a frase solta e Matt vai pra o quarto resmungando sobre como iria me provar que ele era homem e que iria “catar” todas as mulheres do lugar. Mando mensagem avisando para Emy que ele vai e ela fica resmungando, até que cala a boca quando eu lhe digo que ele sofreu uma desilusão

amorosa. Viu, eu posso ser delicada.

Quando está pronto, ele insiste para irmos ao Abaixo de Zero e nem contesto, pois já iríamos pra lá de qualquer jeito mesmo. Melhor ainda, já que não vamos pagar entrada e ficaremos na área vip.

Entramos na boate e eu ainda não me acostumei com o luxo do lugar. Seguimos para a área vip e nos sentamos e, por incrível que pareça, Matt e Emy entram em um assunto e até flertam. Eu aproveito a deixa para ir dançar na *muvuca*.

Danço sem parar e um tempo depois Emy se junta a mim. Há alguns meses, ela me ensinou a dançar mais sexy e eu aprendi lindamente. Arrasávamos na pista e eu fingir não ver Matt dançando atrás de Emy e moendo contra ela. Começa a cantar *I Love It* da Icona pop e eu cantando e dançando junto com o ritmo.

Eu sou totalmente apaixonada por essa música e parando para pensar na letra ela diz muito sobre Paul e eu, e percebo que não estamos na mesma sintonia. É impossível ficar com uma pessoa tão diferente de você e sem ter amor envolvido. Já perdi a conta de quantos drinques

tomei, mas a minha decisão está tomada: vou terminar com Paul. Coloco o celular para despertar às quatro da tarde H́ que é a hora que vou acordar, provavelmente H́ com o título “Terminar com Paul”. Não sou a bêbada mais criativa? Voltamos para a mesa e conversamos sobre tudo e nada. Já estou muito louca, mas Emy e Matt estão sóbrios.

Olhando em volta pela área vip para não vomitar com a troca de olhar dos novos pombinhos, eu me sinto a melhor fodida cúpida do mundo. E ao olhar em volta mais uma vez, eu vejo a última pessoa da face da terra que eu queria ver, o brutamonte traficante de drogas. Dou um pequeno grito me jogando para debaixo da mesa, com medo dele estar me procurando. Eu juro que tentei ser discreta, mas, na mesma hora que me abaixei, ele olhou para mim com uma cara que dizia “eu sou o fodão e vou te matar”. Matt me pega pelo sovaco e me coloca sentada de novo. Emy tem os olhos arregalados e eu estou toda me tremendo de medo igual vara verde.

— O que foi isso? Aconteceu alguma coisa? Você não está bêbada o suficiente para cair. — Matt diz preocupado.

— Eu só preciso ir embora. — Consigo dizer a frase inteira sem desmaiar.

Dali em diante, tudo é um borrão para mim. Matt e Emy me levaram para casa e ela ficou comigo. Quando termino meu banho, ela está me esperando na cama com uma expressão de mãe com raiva.

— Agora você vai me contar tudo o que aconteceu. — Intima e eu aceno.

Durante uma hora eu conto aos prantos o que aconteceu, Emy escuta tudo atenta com uma expressão de dar medo. Por fim, ela me abraça e acaricia meus cabelos.

— Tudo vai ficar bem. Você não tem nada haver com essa história e é bom você terminar com esse garoto, nunca fui com a cara dele.

Eu fungo.

— Matt também nunca gostou dele. Eu já tinha colocado um despertador para terminar com ele. — Informo e Emy ri.

— Você é demais. Não fique perto de Paul e termine por mensagem.

— Isso é meio cruel.

— Ele merece pela merda que fez. Imagina o perigo que você correu... Aquele homem podia te espancar ou abusar de você para deixar um aviso. Com esse tipo de gente não se brinca!

Eu estremeço pensando em suas palavras, ela tem toda razão. Emy faz menção de se levantar, mas eu a seguro.

— Dorme aqui hoje, por favor?

Ela me olha por um momento e suas bochechas coram.

— Tá bom.

Ela toma um banho e logo apagamos, dormindo juntas na minha cama. Ou eu durmo porque, quando acordo no meio da noite para fazer xixi, ela não está na cama e eu posso ouvir pequenos gemidos vindo do quarto de Matt... *Ecaaaa*. Pela manhã, eles agem como se nada tivesse acontecido, mas suas caras coradas e bocas inchadas os entregam... Isso e os chupões no pescoço que ambos têm.

Como combinado, mando uma mensagem simples terminando com Paul, mas finalizo dizendo que poderíamos ser amigos quando ele largar o seu

vício. E, assim, se passam duas semanas.

Outubro chega me trazendo inspiração, me fazendo ficar horas e horas no parque desenhando e tirando fotos de paisagens para usar em alguns quadros que tenho em mente. Outras imagens eu coloco em sites que disponibilizam imagens de graça e algumas delas já foram até capa de livro.

O tempo está tão bonito que crio uma pequena tatuagem de uma folha caindo numa possa d'água e, quando vou entregar alguns desenhos para o meu amigo tatuador, Bane, eu decido fazer essa no meu antebraço.

Eu tenho várias tatuagens e amo cada uma. A maioria são em pequenas partes do corpo, interiores do braço, que quando os deixo fechados mal dá para ver. No meu braço esquerdo eu tenho flores em tons claros que vão até o ombro, que eu a amo de paixão. Tenho também algumas espalhadas em outras regiões do meu corpo e elas por si só contam uma história. E em minhas costas tem asas de anjo que são as minhas favoritas, sem falar dos piercings no umbigo, mamilos, nariz e orelhas. Meus cabelos são naturalmente ruivos como os de Matt, mas às vezes eu os matizo para ficar uma cor

ainda mais intensa.

Quando saio da loja tenho uma nova tatuagem e toda vez que eu a olhar me lembrarei de ser livre, que pequenas coisas que são banais para algumas pessoas, são magníficas para outras.

Meu celular toca e é uma chamada de Paul. Depois que terminamos ele mandou várias mensagens pedindo pra voltar e depois para sermos amigos. E eu, como sou um coração mole, aceitei, mas quase não nos falamos. Não perguntei como as coisas se resolveram e nem ele falou nada. Na verdade, perdi as contas de quantas vezes na semana ele me ligou chapado me xingando de tudo que é nome e na manhã seguinte pedindo desculpas e implorando para voltar, que me amava e não poderia viver sem mim.

Ontem eu mandei uma mensagem para o escritório do pai de Paul. Tentei não me envolver, mas quando você vê uma pessoa que tinha um espaço na sua vida se afundar, você tenta ajudar da maneira que pode.

Penso seriamente se devo atender ou não, afinal ele deve estar com raiva e eu não quero mais ouvir desaforo. Faço uma promessa a mim mesma

que se ele for rude comigo eu nunca mais atenderei suas ligações e contando de um a três eu atendo.

— Alô. — Espero ele gritar, mas, em vez disso, escuto fungos como se ele estivesse chorando *ou com o nariz inundado de cocaína*, meu cérebro me alerta.

— Baby, eu preciso de você. — Ele diz choroso e eu me desespero. O que mais tem é gente que fica depressiva com o consumo de drogas.

— Se acalma e me diz o que aconteceu.

Ele funga mais uma vez.

— Eu preciso de você. Eu te amo tanto, volta pra mim.

— Paul, isso entre nós não vai dar certo. — Eu falo com a voz doce.

— Nós somos tão bons juntos. Eu te amo tanto, você é tão maravilhosa. É perfeita para mim. — Ele diz e eu suspiro. Durante todo o nosso tempo junto ele nunca foi romântico assim. Eu o pegava diversas vezes me encarando, concentrado em mim ou então com ciúmes, que eu às vezes achava bonitinho. Mas, olhando de fora, agora percebo que ele me manteve só pra ele todo esse

tempo, não me apresentando a ninguém.

— Não vai dar, Paul. Podemos ser amigos, é o que eu posso te oferecer.

— Mila, eu estou com um problema gigantesco. — Ele sussurra com a voz ofegante e uma sensação ruim me toma.

— Onde você está? — Pergunto e ele cita uma estrada do outro lado da cidade.

— Venha, por favor.

— Mas o que aconteceu? — Pergunto, correndo para o carro de Matt que peguei emprestado.

— Eu estou tão mal.

Pronto, deram uma surra nele e o largaram na estrada. Apesar das grosserias, eu sinto pena.

— Se acalme, eu estou indo te buscar.

Dirijo até lá com medo do que posso encontrar. Já vi muitos noticiários de pessoas que apanharam tanto de traficantes que ficaram em coma. Fico com o celular em punho, pronta para ligar para a emergência caso Paul esteja muito mal e penso em como o ajudarei a entrar no carro se ele estiver ruim-mas-não-precisa-ir-para-o-hospital.

Com meus um e sessenta e cinco de altura, como eu vou carregar um homem adulto? E se os traficantes ainda estiverem lá? Eu deveria ligar para Matt? Não, não vou por meu irmão nisso.

Paro o carro no acostamento e vejo um homem encostado numa BMW. Ele está de costas pra mim e parece ser bem forte, mas sofisticado, vestindo um terno cinza e cabelos castanhos. Tomo várias respirações pensando que isso é uma péssima ideia, afinal eu sou a ex de Paul, mas não posso deixar o bichinho morrer. Minha consciência irá ficar pesada. Até hoje sofro com o esquilinho que eu matei sem querer atropelado.

O estranho se vira pra mim e seus olhos se arregalam tanto ou até mais que os meus. Ele é o gato que às vezes eu via quando estava no Abaixo de Zero. Lembro de uma vez que o vi me olhando enquanto estava no bar e sorrir, e então ele levantou a mão me mostrando a aliança, acabando com todo o encanto.

Ele é com certeza uma oitava maravilha do mundo. Acho que meus olhos se arregalam mais um pouco e eu tampo a boca com a mão quando percebo quem realmente ele é, um traficante de

drogas. Olho em volta procurando Paul, mas não o vejo em lugar algum. Começo a suar igual... a alguém que soa muito. Ele começa a se aproximar, me avaliando e eu começo a ver pontos pretos. Pronto, ele vai me matar.

— Não acredito que o pirralho mandou sua puta em seu lugar. — Ele resmunga, ainda me olhando.

Então eu percebo o que ele diz e vejo vermelho.

— Você acabou de me chamar de *puta*? — Minha voz é mortal e com essa frase eu, por um segundo, acreditei que ele iria se desculpar, mas simplesmente riu.

— O seu *menino* te mandou aqui? — Ele pergunta, cruzando os braços, divertido e eu cruzo os meus, zangada.

— Não, meu *ex* me ligou e pediu para eu buscá-lo aqui. — Respondo olhando em volta, mas novamente não vendo Paul. Esse menino vai ficar sem pau, eu juro!

Os olhos do traficante-gato mudam, ele olha em volta, começa a puxar uma arma e eu grito alto

tentando correr para o meu carro, mas o mesmo me pega pelo braço e tenta me arrastar para seu carro. Começo a me debater, mas ele me pressiona no carro e me olha com aqueles lindos olhos castanhos.

— Não fique com medo, mas acho que entramos numa armadilha. Entre no meu carro e vamos dar um fora daqui.

Meus olhos se arregalam e eu paro de lutar e começo a olhar em volta.

— Não olhe em volta agora. — Ele grunhe perto no meu ouvido e eu aceno incapaz de falar. — Entre no meu carro e...

— Eu não posso deixar o carro do meu irmão aqui! — Tiro forças e consigo falar, mesmo tremendo. Matt me esfola viva se eu chegar em casa sem seu *bebê*.

O traficante gato rola os seus lindos olhos castanhos.

— Ruiva, estamos perdendo tempo e...

Um som de carro catando pneu faz a gente virar e o traficante começa a atirar ao mesmo tempo em que uma arma sai da janela do carro e começa

atirar na gente. O carro não para e quando um tiro passa perto no meu braço eu me jogo no chão, empurrando o traficante e caindo em cima dele. O carro se vai e tudo fica em silêncio. Eu mal posso respirar e estou tremendo muito. O traficante se senta e me coloca no seu colo.

— Ei, você está bem?

Com os lábios tremendo, eu aceno com dificuldade. O traficante saca o telefone e começa a falar. Entre as palavras consigo escutar “armadilha” “matar a ex” e “em pânico”, eu acho que essa última me descreve bem nesse momento. Quando enfim desliga, ele segura meu rosto em suas mãos, me fazendo olhá-lo.

— Qual é seu nome?

— Mi-mila. — Murmuro incapaz de me concentrar. Paul tentou nos matar?

Parecendo perceber a pergunta nos meus olhos, ele responde:

— Sim, ele tentou se livrar de nos dois. Eu por estar cobrando o que ele me deve e você por...

Ele me olha pensando nas possibilidades e eu respondo hesitante, mordendo o lábio.

— Por ter terminado com ele por mensagem? — Sugiro, envergonhada.

O traficante ri alto e eu percebo que tem sangue em seu ombro.

— Meu Deus, você foi baleado! — Exclamo assustada.

Ele olha para o ombro e depois pra mim com desdém.

— Eu estou de colete e esse foi de raspão. — Ele olha para o carro em que estamos encostados e eu sigo seu olhar, vendo pelo menos três tiros que acertaram a poucos centímetros de onde eu estava. Porra, ele ia me matar mesmo. Começo a ter dificuldade para respirar e o estranho acaricia minhas costas. — Não entre em crise agora, você está bem.

Aceno e, quando finalmente me acalmo, percebo que estou no seu colo. Me levanto meio tonta e ele faz o mesmo, ficando também em pé. Passo as mãos pelo meu cabelo e percebo que já são cinco horas.

— Eu preciso ir embora. — Tento chegar ao meu carro, mas ele pega meu braço.

— Tem certeza que está segura quanto a seu namorado quer te matar?

— Ex. — Eu puxo meu braço e volto ao carro tremendo. A chave ainda está na ignição e eu o olho uma última vez. — Eu estou segura. — Minto, provavelmente nunca mais sairei de casa, mas quem liga? — Você vai pegar ele? — Tomando coragem, pergunto.

— Sim, ruiva. Ele vai se arrepender de ter mexido comigo. — Aceno e entro no carro, mas demoro alguns segundos para conseguir ligá-lo e sair dali, pois ainda estou tremendo.

Quando chego em casa está tudo escuro e então eu choro sozinha encolhida na cama. Como pude ser tão idiota?

CAPÍTULO 3

MIGUEL

No enterro de Ester eu pensei em tudo que poderíamos ter sido. Eu me sinto perdido e sem chão sem minha esposa e com meu filho internado. Não sei o que fazer, minha vida virou ao avesso de uma hora para outra. E assim se passaram meses, comigo afundado em bebidas no mês inteiro que Gabriel ficou internado.

Quando ele finalmente foi libertado, eu não tinha condições de cuidar dele sozinho. Carina e Isis vieram ao meu socorro e começaram a se intercalar para cuidar dele. E então eu me afundei em trabalho. Eu amo meu filho, mas mal podia o ver sem me lembrar de tudo. Mais meses se passaram e ele fez um ano no dia dois de outubro, e a cada dia ele está mais parecido comigo.

Isis descobriu que está grávida de um mês, dessa vez espera ser uma menininha. Acho que eles estão querendo criar um exército. Carina e Jace estão satisfeitos com o casal que tem. Elena e

Damien também estão tentando outro filho; Fran, o filho deles, está com um ano e quatro meses e é um lindo bebê.

Agora estou cercado em casa com Isis e Carina me olhando com pena. Elas acabaram de me intimar a achar uma babá, pois Isis tem que cuidar de três, Valentina, Dante, Dimitri e agora está grávida novamente. Carina também não está muito atrás tendo que cuidar de dois pestinhas. E Elena chegou a ficar uma semana com Gabriel quando as crianças daqui ficaram doentes e só devolveu depois que as elas ficaram boas. Meses depois, ela voltou a pegar ele e ficou por um mês antes de eu ir buscá-lo, pois estava com muita saudade.

Eu sabia que estava perdendo os melhores momentos da vida do meu filho, mas não tinha como pensar que Ester está perdendo eles também. Eu vi o seu olhar no final, ela queria o bebê.

— Não adianta olhar com essa cara de cachorrinho, você já está de luto há um ano e três dias. Precisa reagir! — Isis exclama e Carina concorda. As crianças estão correndo pela casa e Jace tem Gabriel no colo.

— Querido, você está um verdadeiro

viciado em trabalho. — Carina diz suavemente antes de cutucar Isis com o cotovelo. — Ele precisa de uma mulher.

— Com certeza. — Isis concorda.

— Contanto que não sejam vocês. — Dominic murmura de brincadeira, se lembrando da nossa conversa sobre ménage

Carina joga a cabeça pra trás rindo alto e as crianças riem do seu riso. Valentina não veio hoje, ficou na casa do bisavô. O velho vô Raffaelo se derrete por aquela menina.

— Falando sério agora, você tem duas semanas para conseguir uma babá. — Carina anuncia e eu mexo nos cabelos.

— Vocês pelo menos vão me ajudar a escolher?

— Dããh. — Isis rola os olhos e Carina vai para minha cozinha e Isis e eu a seguimos.

Ela pega ingredientes e começa a fazer sanduíches para as crianças, afinal sanduíches é a única coisa que Carina consegue fazer perfeitamente. Isis olha pra mim, escondendo um riso enquanto Carina está concentrada na função.

— Sabe, você devia ter vergonha. Essa cozinha só tem cachaça. — Carina murmura e, pra provar seu ponto, ela abre um armário lotado de bebidas, me deixando envergonhado.

— Você vai se transformar num alcoólatra se continuar assim. — Isis completa com o nariz franzido.

Nos próximos dias, fizemos vários testes, mas nenhuma foi aprovada por elas. Na verdade, teve uma, mas a mulher parecia uma uva passa e quando chegou à noite tentou me seduzir. Sim, isso mesmo que você ouviu. Todos me zoaram por dias.

Sento no sofá tomando uma cerveja. Hoje as meninas ficaram com Gabriel, pois eu tinha assuntos para resolver. Ligo a televisão e um filme está passando com uma mulher ruiva e sorrio me lembrando da ruiva de mais cedo. Ela era sem dúvida uma das mulheres mais belas que já vi e conseguiu me deixar duro durante um tiroteio.

Por ela valeu ouvir Dominic gritar falando que eu não devia tê-la deixado ir sem antes de investigá-la. Eu tenho quase certeza que a mulher, Mila, foi honesta e Paul devia estar se lamentando dela ter terminado com ele por mensagem. E eu

tinha plena certeza que já a vi em algum lugar, mas até agora não consigo me lembrar. Ela era muito familiar.

Quando ela nos jogou no chão para que não fossemos acertados por tiros, eu pude sentir seu cheio doce e, ao conferi-la um pouco mais, consegui ver grandes seios por baixo da roupa. Seus cabelos eram de um vermelho acobreado e eu duvidava que ela os pintasse, seus olhos eram como chocolates, lábios cheios e saborosos. E então meus pensamentos foram para Ester e eu senti meu peito afundar.

Acordo pela manhã e vou para o Abaixo de Zero. O pai de Paul pagou a dívida e o menino sumiu do mundo, mas uma hora ele volta e irá pagar por tentar me matar. Vejo Matt recebendo um estoque de bebidas e aceno pra ele. Durante todo esse tempo Matt virou um amigo e é verídico o ditado que diz que barmens são os melhores que psicólogos. Sento-me e ele me serve enquanto os caras colocam as bebidas na dispensa.

— Como está a procura por uma babá? — Ele pergunta e eu bufo.

— Uma velha tentou me assediar. —

Resmungo e ele ri alto.

— Vou quebrar teu galho. Não tenho se ela vai querer, mas vou mandar minha irmã na sua casa.

— Valeu, irmão. — Bato na sua mão. Confio bastante em Matt e se ele diz que vai tentar, eu vou aceitar toda ajuda.

— Só não dá em cima da minha irmã. — Resmunga e eu levanto uma sobrancelha.

— É gata? — Matt passa a mão pelo seu peito e eu faço uma cara de nojo.

— Ela é minha cara. — Diz todo metido e babão, mas não dizem que sempre achamos os irmãos bonitos?

— Deve ser *linda*. — Caçoo e Matt bufa caminhando pra dentro da dispensa.

— Você vai ver.

Depois de terminar a minha bebida, eu pego a estrada para um bar no interior da cidade, distante e seguro o bastante para fazer negócios. Tenho uma reunião com o Mlube MC Dark Knights, um clube de motoqueiros um por cento, que transporta as drogas e outras coisas para máfia há um ano.

Demoro um pouco para chegar ao bar que eles estão.

Conheço o clube há muito tempo, na verdade conheci todo tipo de gente na minha vida desde a época do esquadrão.

Isis queria ter vindo, mas nem fodendo Dominic vai deixar ela se envolver nessas coisas, ela está grávida novamente e ele se recusa a colocá-la em perigo. Sem falar que, na última reunião que ela esteve, ficou impactada com a beleza do Prez e seu irmão e Dominic ficou possesso de ciúme até o final da noite, por isso que escolheu um bar distante para fazer os novos tramites.

Entro no resinto e todos os motoqueiros me olham acenando com queixo. Tenho reuniões com eles há meses e já os conheço há anos, e agora eu que sempre resolvo tudo para a máfia. Abro caminho até o Prez - presidente - Iron ou, de acordo com sua identidade, Joseph Cristopher, com vinte e oito anos, um e noventa de altura, moreno e olhos cinza.

Ele se levanta e aperta minha mão antes de dar uma batida no meu ombro.

— Herondale.

— Iron. — Respondo, olhando em volta sem medo, já acostumado com tudo. — Você parecia menos assustador da última vez que estive aqui. — Brinco e todos riem.

Com o passar do tempo e com ele assumindo o clube, a expressão de Iron ficou mais severa e ele estava mais forte também, tudo para parecer mais assustador e ser mais bem aceito por ser jovem para o cargo.

— Posso dizer que isso eu nunca ouvi. — Ele diz divertido e se senta. — Vamos aos negócios. — Diz e eu concordo. Seu irmão, Flames, vem e se senta na nossa mesa. Flames, além de irmão é gêmeo idêntico de Iron, não existe diferença entre eles além do Patch, com os nomes e categorias. Seu nome na identidade é Cristopher Joseph, fodido que seus pais só trocaram a ordem dos nomes deles.

— Qual é mano. — Levanto o queixo pra ele, estendo a mão e ele sorrindo aceita. — Então vamos aos negócios?

— Claro, tenho uma bunda doce me esperando quando tudo acabar. — Responde Flames apontando pra uma loira peituda e eu sorrio.

Flames é viciado em bocetas.

Então começamos as negociações e em menos de duas horas está tudo acertado e resolvido. Começamos a conversar, nos divertindo. Eu sempre gostei do clube, eles, apesar de motoqueiros, são homens de honra. Eles são como uma família completa, sei que cada um morreria pelo outro sem nem pensar, como eu pelas meninas.

— Você tem pose de tira. — Um deles diz com desdém e eu aceno.

— Eu já fui, ou quase isso. — Respondo com desdém e Iron e Flames me olham interessados.

— Conte essa história, parceiro.

Durante o tempo que nos conhecemos nenhum deles me julgou ou fez perguntas. O clube é isso, cumplicidade e, apesar de não ter meu patch, eles me consideravam um amigo. Não vi o porquê de não contar a minha história, pelo menos parte dela. A parte rasa, a verdade mascarada que as pessoas pensavam ser tudo. Eu não era a porra de uma piscina infantil, mas as pessoas não precisavam saber das minhas dores, meus medos, meus segredos. Deixem ela verem o Miguel de bem

com a vida e sempre curtindo. Esse era o que eu mostrava.

— Eu e a esposa do chefe fomos treinados junto com outros desde nossos dez anos para um programa de preparação pelo estado, mas na verdade eles nos estavam treinando para sermos armas, infiltração e eliminação. Desde bem novos eles nos forçaram a fazer coisas horríveis, mas conseguimos a liberdade depois de alguns anos e ela se casou com o chefe.

Eles me olham com pena.

— A porra de dez anos! — Flames grunhe e eu aceno com desdém.

— Conseguimos destruir o local e acabar com a organização, ainda está no processo. — Falo tentando aliviar tudo, pois eu sei que eles são totalmente contra o abuso infantil, já que muito deles sofreram isso.

— Mas ainda existem outros? — Perguntou Iron preocupado. — Se tem uma coisa que eu odeio é abuso infantil.

— Foram libertados. Alguns foram para áreas do governo e outros estão seguindo a vida

normal. — Falo e eles acenam.

— Eu já ouvi histórias que a mulher do capo é uma arma sem coração, sanguinária. — Um dos caras que estava na mesa fala e eu me levanto pronto para lutar. Odeio quando escuto alguém falar assim de Isis, ela foi uma das que mais sofreu com tudo, já que era esperado ela ser a arma perfeita.

— Não fale assim dela.

Ele se levanta também, mas eu não me intimido nenhum pouco. Iron sorri para Flames, eles se encostam à cadeira dizendo com os olhos que eles não vão se meter.

O homem está claramente bêbado e querendo uma luta. Retiro meu paletó sem emoção e coloco a arma em cima da mesa com desdém. Sei que eles não vão fazer nada comigo enquanto luto e, além de amigo do clube, eu sou um sócio. Me garanto numa luta, treinei a vida toda pra isso e não vai ser um motoqueiro a besta que vai ganhar. Olho em volta e percebo que todos querem uma briga para saber do que sou capaz, motoqueiros adoram uma boa luta, mas eu também.

Parto pra cima dele já arrebentando sua

mandíbula e ele me dá um soco na costela. Sinto uma dor do caralho, mas não ligo e continuo a socar sua cara e desviando dos seus socos. Sorrio cuspindo sangue no chão e dando o golpe final no meu adversário. Volto para a mesa e vejo todos rindo do homem caído. Visto meu paletó e me sento a mesa colocando a arma na minha cintura e pego uma cerveja.

— Isso foi divertido, faz tempo que não entro numa luta.

Iron estende a cerveja pra mim.

— Você daria um bom motoqueiro, Herondale. — Ele, desde que assumiu o cargo, me chamou para ser um deles e eu sempre neguei por causa das meninas. Elas nunca souberam, mas eu queria estar lá para elas. Isis poderia se defender fisicamente, mas sua mente ainda estava ferrada. Eu também sabia que Carina poderia se defender através de um computador, mas ainda assim eu queria estar lá para elas, como uma família.

— Com certeza, mas gosto do meu trabalho. — Dou de ombros. — Sem falar que tenho um pequeno, não daria para viajar pelo país o tempo todo.

— Eu também tenho um filho. — O sargento de armas, Skull, diz mostrando a foto de um garotinho. Seus olhos demonstram tanta emoção em suas palavras que eu sei que há uma história aí.

Pego o meu celular e mostro uma foto de Isis com o bebê no colo sorrindo, é a mais recente que tenho dele. Isso me faz pensar que eu não tenho estado com o meu filho.

— Sua mulher é gostosa. — Ele diz e sorrir. — Tem os olhos do cachorro do meu garoto. — Flames acena olhando a foto e sorri para a foto sabendo de quem se trata. Há alguns meses ele e Iron foram ao Abaixo de Zero e a conheceram pessoalmente, Isis foi um pé na bunda e eles a adoraram.

— Você acabou de chamar a esposa do capo de gostosa. — Ele conta a Skull que cospe a cerveja.

— Merda, ele deu sorte. Ela é gostosa.

— Seu filho parece com você. — Flames diz, mudando de assunto, e então suspira. — Eu queria ter um pirralho. *Tô* ficando velho.

Iron bufa para seu irmão, mas não comenta sobre isso. Todos na mesa sabem que Flames não tem como ter um filho quando só pega prostitutas egoístas que provavelmente fariam um inferno na sua vida.

— Aos domingos temos um churrasco, traga seu moleque e sua mulher. — Iron oferece. É primeira vez que me convidam para o churrasco, mas já me convidaram muito para as festas do clube das quais eu me fartava.

São muito loucas essas noites, mulheres nuas sem nenhum pudor, sexo em todos os lugares, brigas, gritaria... Um paraíso dos pecadores.

Encolho os ombros.

— Vou ver se consigo ir, meu filho está com minhas amigas. — Falo com desdém, mas meu coração dói lembrando que meu filho não tem mãe. — Sua mãe morreu no parto.

Iron acena, compreensivo.

— Quantos meses o menino tem?

— Um ano. — Eu limpo a garganta quando a emoção vem e mudo de assunto. — Como é difícil conseguir uma babá...

— O negócio é ter uma babá que cuide do bebê e de você. — Flames fala segurando o pau e todo mundo ri.

Chego em casa morto de cansaço e caio na cama esgotado. Acordo com alguém entrando na minha casa pela manhã e eu sei que é ou Isis ou Carina. Continuo dormindo e ouvindo elas reclamarem da bagunça e de qualquer merda. Tento dormir, mas é impossível com elas tagarelando sobre séries e filmes que querem ver. Levanto e só de bermuda vou para a sala encontrando Isis e Carina com Gabriel no colo, vendo televisão. Ao me verem, elas franzem o nariz.

— Você está horrível. — Carina anuncia e Isis concorda.

— Tem café pronto, com essa ressaca vai precisar.

Caminho até meu filho e dou um beijo em sua bochecha antes de ir para a cozinha. Quando estou terminando o café, vejo que são apenas nove

da manhã de sábado! Que porra elas estão fazendo aqui? Volto para a sala e Isis e Carina estão colocando cinco pratas cada uma em cima da mesa.

— O que estão apostando? E porque vieram tão cedo?

— A irmã do Matt está vindo para tentar a vaga de babá.

— Às nove da manhã de *sábado*? — Volto a perguntar. Porra, eu mal fiz seis horas de sono.

— Nem todos dormem como um urso, alguns têm crianças que vão dormir tarde e acordam cedo. — Carina resmunga e eu rolo os olhos.

— Tá bom, vou tomar banho. — Começo a andar para o meu quarto e escuto Carina dizer.

— Não demora porque se não a gente vai escolher ela e você não vai poder reclamar depois.

— Provavelmente vai acusá-la de assedia-lo. — Isis caçoa e eu volto pra sala e coloco as mãos na cintura.

— Eu me senti abusado com o olhar dela, ela tinha idade pra ser minha avó!

Elas explodem em gargalhadas e eu vou

para o chuveiro. Estou lavando o cabelo quando escuto a porta ser aberta e vozes vindas da sala, e sei que a babá chegou. Faço um juramento a mim mesmo que se essa babá for escolhida pelas meninas eu vou apoiar a decisão. Não aguento mais ficar longe do meu filho, preciso enfrentar que Ester nunca mais aparecerá na minha frente ou pegará nosso bebê no colo.

Eu tento ser forte, mas toda vez que vejo Gabriel, vejo também um pouco de Ester nele. Os outros acham que eu superei a morte dela, mas é algo que provavelmente nunca irá acontecer. Durante a minha vida, eu já vi muitas pessoas morrerem, mas ver a morte nos olhos dela acabou comigo e essa cena se repete na minha cabeça.

Visto uma bermuda e vou para a sala onde eu vejo as meninas conversando animadamente sobre séries com a babá. Quando elas me escutam chegar, as meninas abrem caminho e eu vejo a ruiva de semanas atrás. Ela está sorrindo e fazendo caretas para Gabriel, mas para quando me vê. Em pânico, ela grita assustada e dá alguns passos pra trás com os olhos arregalados. Meus olhos também estão quase caindo do meu rosto ao vê-la.

Ela está ainda mais bonita do que me lembro com os cabelos amarrados em um rabo de cavalo e o rosto maquiado. Mas, não é isso que chama minha atenção e sim as várias pequenas tatuagens que tem por todo seu braço e o outro que está coberto de flores. Meu pau fica duro na hora.

— Vocês se conhecem? — Carina pergunta e a ruiva volta a sua atenção pra ela e vejo seu lábio tremer de nervoso.

— Ele é o pai do bebê?

— Sim. — Isis fala olhando pra nós dois, procurando uma explicação. — Vocês já dormiram juntos?

— Não! — A ruiva grita irritada e depois passa a mão pelo rosto. — Finja que nunca me viu, foi tudo uma ilusão. — Ela diz passeando as mãos pelo ar, como se estivesse me hipnotizando e andando discretamente pra trás.

Carina explode em gargalhadas.

— Miguel, você pode me explicar por que a irmã de Matt quer fugir para longe de você?

Eu coço a cabeça e vejo os olhos da ruiva descerem para meu peito nu antes dela corar e olhar

para outro lado.

— O namorado dela...

— Ex. — Me corta e eu continuo.

— O *ex* dela estava me devendo e, pelo o que parece, ela terminou com ele. Então, um lindo dia eu fui chamado numa estrada pra receber o dinheiro, mas ela também foi chamada porque, pelo o que parecia, o ex precisava de ajuda. Acontece que fomos atacados e ela entrou em pânico.

Falo com desdém, resumindo a história e ocultando o fato que eu gostei de ter ela no meu colo.

— Foi traumatizante. — A ruiva diz, revoltada com o desdém das minhas palavras. — Foi tipo do nada. Uma hora eu estava olhando essa criatura e na outra começaram a atirar na gente.

— Ai, coitadinha. — Carina diz, passando a mão pelo braço dela. Pronto, a mamãe ursa entrou em ação. — Miguel é uma boa pessoa, você só estava no lugar errado e na hora errada.

— Bem, ela estava no lugar certo para o namorado, já que terminou com ele por mensagem. — Dou de ombro e a ruiva me fuzila com o olhar.

— Adorei suas tatuagens. Tem mais? — Carina pergunta mudando de assunto e a ruiva cora de leve, me fazendo pensar onde mais ela tem tatuagem.

— Mais algumas espalhadas por aí.

Carina sorri.

— Eu tenho uma no púbis com o nome do meu marido e ele tem meu nome nas costas e agora o dos nossos filhos embaixo...

Carina continua a tagarelar e de algum jeito arrasta a ruiva para se sentar ao seu lado no sofá. Ela está de legging preta, que deixa pouco para imaginação e dá pra ver perfeitamente suas curvas.

— E aí eu tive que tirar os piercings, mas eu tinha muitos. — Carina continua.

— E não colocou de volta? — Ela pergunta.

— Eu estou querendo colocar novamente nos mamilos agora que não pretendo ter mais filhos. Dois já estão ótimos pra mim. — Carina caçoa de Isis, que revira os olhos.

A ruiva sorrir.

— Eu também tenho piercing no mamilo. Dói para colocar, né?

Eu, sem me aguentar, gemo alto a assustando, então finjo estar cansado do papo.

— Se vocês já terminaram de falar sobre piercings e tatuagens, que tal falar da vaga de babá? — Cruzo os braços e a mulher mantém seus olhos nos meus.

— Você ainda quer me contratar? — Ela está realmente surpresa.

— Você se droga?

— Não! Eu que devia perguntar isso pra *você*. — Ela responde irritada e eu sorrio.

— Não cago onde como. — Falo e ela acena sem me dar muita credibilidade.

— Então vamos às perguntinhas básicas: você sabe cuidar de um bebê? — Isis pergunta.

— Bem, sim. Eu era babá na adolescência. — Ela reponde, dando de ombros.

— O que deve ter sido há alguns dias atrás. — Resmungo, só pra irrita-la.

Ela sorri falsamente pra mim.

— Que fofo! Ele acha minha pele tão linda que acredita que eu sou uma adolescente. — Então

sua cara se fecha. — Adolescentes tem espinhas. — Ela se vira pra Isis e sorri natural. — Eu tenho vinte e dois anos.

— Tudo bem, por mim eu a contrataria. — Isis anuncia.

— Por mim também. — Carina concorda. — E Mila, podemos sair qualquer dia pra tomar um café?

— Claro, eu adoraria.

Isis se levanta.

— Está ótimo para mim, mas agora eu preciso ir para casa ver meus filhos e depois para uma consulta. Acabei de descobrir que estou grávida e, de acordo com o teste, estou de mais ou menos quatro semanas. Preciso aproveitar enquanto posso.

— Vou com você. — Carina fala, já saindo e deixando o garoto no sofá.

— Vocês não estão esquecendo algo? — Aponto para Gabriel que está brincando no sofá enquanto Mila faz caretas para ele e o pega nos braços.

Ela finge morder ele e o menino ri.

— Não, você já tem a babá. — Elas falam juntas, vão dar um beijo nele e me deixam sozinho com Mila e o bebê.

Ela olha para minha cara e levanta com o bebê no colo. Eu tento pegá-lo, mas ele começa a chorar nos braços dela e Mila rapidamente o acalma.

— Então, quais dias você precisa de uma babá?

— Há quanto tempo você é irmã do Matt? — Mudo de assunto para ganhar tempo.

— Desde que nasci. — Ela rebate e eu percebo a burrada que perguntei. — Vamos conversar sobre os dias e os valores? Eu tenho uma agenda na minha bolsa que podemos marcar os dias e...

— Te dou cinco mil por mês para você ficar com ele vinte quatro horas por dia, começando hoje. Pagamento todo dia dez, dois dias livre por semana. — Solto e sua boca se abre e fecha várias vezes.

— Como assim? Pode repetir? — Ela pergunta ainda atordoada.

Repito lentamente e ela me olha meio pálida.

— Preciso me sentar. — Com o pequeno no colo, ela se senta e olha para o nada. — Não posso negar que é um dinheiro maravilhoso, mas eu teria que morar aqui? Quer dizer, eu tenho coisas que gosto de fazer e eu não sei se dou conta. Eu seria praticamente uma mãe pra ele.

Eu a ignoro, apesar de me dar um calafrio só por ouvir alguém falando que será a mãe do meu filho.

— Ele já tem mãe. — Eu anuncio um pouco rude demais e passo a mão pelo meu cabelo, tentando me acalmar. Mila não parece afetada. — Você terá suas folgas e as meninas me ajudarão com ele nesses dias, desde que você volte pra cá.

— Eu pinto. Poderei trazer meus materiais para cá? — Pergunta mordendo os lábios e meus olhos caem rapidamente para sua bela boca.

— Claro, desde que não faça mal ao bebê.

Ela acena e olha para menino.

— Você me quer como babá? — Pergunta e faz cosquinhas nele de leve.

Gabriel ri alto e é um som lindo pra mim, um som que eu devia ouvir mais tempo.

— Então aceita?

— Senhor Herondale, eu aceito ser sua babá.

Eu sei que estou me metendo numa furada, mas não posso evitar. Gosto de ver um circo pegar fogo, ainda mais com uma ruiva quente dessa. Mas, uma coisa que fica encafifada na minha cabeça é: será que eu dei um tiro no meu próprio pé?

CAPÍLUTLO 4

MILA

— Você não pode estar falando sério. — Emy fala pela terceira vez.

Eu a olho e dou um sorriso envergonhado.

— O dinheiro é maravilhoso.

— Mas ele é a porra de um traficante!

Levanto uma sobrancelha enquanto a olho. Emy uma vez bêbada me confessou que já vendeu várias obras para homens desse mundo.

— Mas eu não me envolvo com eles. — Argumenta.

— Nem eu. — Cruzo os braços e ela levanta uma sobrancelha pra mim.

— Mila, a primeira coisa que você falou quando chegou aqui em casa foi que seria babá do homem mais bonito que já viu.

Abro a boca e fecho várias vezes. Eu realmente devia segurar minha língua, mas realmente precisava contar a alguém como o

homem era bonito.

Depois de ter aceitado a oferta, eu fui embora de pressa de lá, deixando o traficante, o senhor Herondale, com o bebê. Será que eu fiz certo em aceitar o emprego? Tenho que concordar que esse dinheiro seria maravilhoso. Em alguns meses eu conseguiria pagar o empréstimo estudantil e depois dar entrada num pequeno apartamento. Eu amo meu irmão, mas já está na hora de eu ter meu espaço. Perdi as contas de quantas vezes já o peguei transando pela casa. É simplesmente broxante e constrangedor.

Termino de colocar minhas roupas numa mala grande, onde cabe tudo que eu tenho. Quando fui embora da Inglaterra eu não trouxe muita coisa, pois a maioria foi comprada com o dinheiro do meu padrasto. As telas, as tintas e os materiais para transferir fotos para as telas eu comprei com os bicos na boate Abaixo de Zero, trabalhando com Matt.

— Ainda não acredito que Matt é amigo dele. — Emy fala, balançando a cabeça. — Você acha que ele sabe que seu amigo é um traficante?

— Eu vou perguntar. — Dou de ombros,

terminando de fechar a mala. — Você acha que eu consigo levar as tintas e as telas hoje?

— Mila, você não pode perguntar esse tipo de coisa assim do nada! — Ela me repreende.

— Perguntar o quê? — Matt fala entrando no quarto. — Vejo que conseguiu o emprego.

— Sim, ele ainda irá me pagar cinco mil por mês. — Rio quando Matt assobia.

— Então, Chato, você conhece esse cara há muito tempo? — Emy pergunta desinteressada, olhando para as unhas e eu escondo um sorriso.

— *Chato?* Não foi isso que você falou na outra noite. — Emy engasga e olha matadora para ele.

— Não acredito que você disse isso. — Ela murmura, soltado fogo pelos olhos.

— Estou mentindo? — Matt ergue as sobrancelhas presunçosamente, cruzando os braços tatuados.

Emy bufa e olha pra mim em busca de assunto.

— Então Matt, você sabia que seu amigo é um traficante? — Pergunto e seus olhos se

arregalam.

— Como diabos você sabe disso?

— Então você sabe. — Anuncio e ele me olha com uma sobrancelha erguida.

— Como você sabe disso? — Ele repete, me olhando atentamente.

— Bem, eu posso ter estado numa troca de tiros com ele.

— O QUÊ?! — Ele grita tão alto que meus ouvidos doem. — O que houve? Como não fiquei sabendo disso?

Me sento e, com calma, começo a falar tudo. Matt está tão irritado... Eu nunca o vi tão transtornado e eu agradeço por Paul ter sumido, pois não sei o que Matt seria capaz de fazer nesse momento. Por fim, Matt me abraça apertado, quase me esmagando.

— Nunca mais esconda nada de mim. — Ele fala acariciando meus cabelos. — Não acredito que isso tudo aconteceu e você não me contou. — Ele parecia devastado.

— Eu não queria te preocupar e não aconteceu nada de grave...

— Mas eu sou seu irmão e tenho o direito de saber.

Eu aceno e vejo Emy olhando, sorrindo para Matt. E ao ver que eu a flagrei, ela olha para a mala.

— E aí, vai explicar como conhece um traficante? — Tento novamente.

— Miguel frequenta o Abaixo de Zero e todos sabem que lá é um lugar que você encontra esse tipo de coisas, já que o dono é um Raffaelo. — Ele olha para mim, esperando eu entender, mas eu continuo na mesma. Já Emy, ao contrário de mim, se senta pasma. Matt levanta uma sobrancelha, esperando o meu raciocínio, mas nada me vem à mente. — Raffaelo, máfia... De que mundo você veio que, mesmo depois de frequentar o lugar por várias vezes, não ouviu sobre isso?

Eu dou de ombros, um pouco chocada ainda, mas deixo o assunto passar.

— Então, quando você vai? — Matt pergunta olhando o relógio, querendo mudar de assunto.

— Uma hora, ou duas no máximo. Eu só

vim para arrumar a mala e almoçar, ele está sozinho com o bebê.

Matt acena e olha para Emy.

— Quer almoçar com a gente?

— Você alguma hora achou que eu não iria?

Eles continuam com essa preliminar estranha enquanto almoçamos no restaurante, depois Emy teve que voltar para a galeria e Matt resolveu me ajudar a levar minhas coisas.

A portaria desse condomínio de luxo, com seguranças e câmeras em todos os lados, tem um lustre gigantesco e chique que ficaria perfeito em uma foto, assim como a sala de descanso lá embaixo. O porteiro liberou minha entrada depois de ligar para Miguel e Matt ficou de trazer meus materiais por essa semana.

Entramos no elevador, com o "cocheiro" dentro, que colocou o número do andar para a gente. Ele explicou que só poderia subir até meu andar quem tivesse autorizado pelo proprietário, fora isso, o elevador não ia.

O traficante, Miguel, ou senhor Herondale,

abriu a porta e cumprimentou animado Matt enquanto eu olhava aquela cena, sem saber como agir. Eles pareciam grandes amigos.

— Que mundo pequeno. — Miguel comenta olhando pra mim e Matt concorda.

— Estou te devendo uma por ter salvado minha irmã.

— Cara, você me conseguiu uma babá, tá tudo certo. Quer uma cerveja?

Eles continuam a conversar e eu, rolando os olhos, vou até Gabriel que está sentado no sofá vendo televisão e rodeado por almofadas. Homens! Sento-me ao seu lado, retirando uma das almofadas e observando ele assistir a televisão enquanto resmunga.

O menino, sem nem me olhar, sobe para o meu colo e se recosta em mim, voltando a sua brincadeira enquanto fala a língua dos bebês sem parar. Gabriel é o bebê mais fofo e lindo que já vi, seus cabelos são um castanho chocolate e olhos azuis, com certeza puxou os olhos da mãe. Mas, suas sobrancelhas, os cabelos, o formato do rosto e todo o resto se parecem com Miguel.

Os homens voltam para a sala ainda conversando animados, Miguel me olha e tira um chaveiro com duas chaves, uma é menor.

— Aqui uma é chave para a porta de entrada e a menor é pra entrar no elevador e vir direto pra cá sem precisar da minha autorização ou do porteiro.

Eu aceno pegando quando nossos dedos se tocam e eu me afasto rapidamente.

— Obrigada!

— Fico feliz de você ter contratado minha irmã, pelo menos eu sei que você não vai comê-la. — Matt diz e Miguel engasga com a cerveja, fazendo Gabriel rir.

— Você está se divertindo, é? — Pego ele, o colocando sentado no meu colo e brinco cutucando a sua barriga, ignorando os dois.

— Ele está crescendo bastante, né? — Matt diz e Miguel concorda.

— Toda vez que eu o vejo ele parece maior.

Eles continuam a conversar e eu fico vendo o desenho com Gabriel. Sinto um cheiro ruim depois de um tempo e sei que o bebê fez cocô.

— Miguel, aonde tem as coisas do bebê?

— Por quê? — Ele pergunta, totalmente por fora.

— Seu filho fez cocô.

Miguel faz uma cara de nojo e se levanta. Matt também levanta e me dá um beijo na testa.

— Também estou indo, mana. — Ele diz e sorri para o bebê. — Até mais amigão. Mila, por esses dias eu trago seu material.

— Okay, tchau.

Ele sai e eu volto minha atenção para Miguel que nos guia pelo segundo andar e abre uma porta que dá direto para um quarto de bebê. O quarto de Gabriel é todo em tons de azul e bem masculino, rodeado de carrinhos, aviões e bolas de futebol. Assim que entramos no quarto ele bate palmas e se mexe tentando sair do meu colo, balbuciando palavras incompreensíveis.

— Primeiro tirar o cocô. — Brinco com ele e o coloco em cima do trocador.

Já faz alguns anos desde que eu troquei uma fralda, mas não deve ser tão difícil. Olho para Miguel que está me olhando, esperando eu fazer

algo.

— Não quer dar as honras? — Pergunto, apontando para Gabriel.

— Primeiro as damas. — Ele responde divertido e eu bufo. Olho para Gabriel, que me olha sorrindo.

— Vamos fazer isso juntos, amigão?

— Você tem certeza que já fez isso antes? — Miguel pergunta com uma sobrancelha erguida, um pouco descrente.

— Claro que sim, só que as crianças eram maiores. Eu posso fazer isso. — Abro a fralda e quase caio pra trás. — Jesus, o que vocês tão dando para ele comer?

O cheiro é tão insuportável que eu tampo meu nariz e olho para Miguel que começa a rir. Sabia que com essa idade Gabriel já comia alimentos sólidos e isso fazia o cocô ficar ainda mais fedorento.

— É sério!

Fico prendendo a respiração enquanto troco a fralda e, depois de pronto, eu solto ele no chão pra brincar.

— Ele deve ter perdido um quilo depois de tanta merda. — Resmungo e Miguel ri novamente.

— Se acostume porque as meninas disseram que ele caga muito. — Eu aceno sem entusiasmo e ele morde o lábio, disfarçando um sorriso. — Eu vou para a academia agora. Fique a vontade, seu quarto é o da direita ao lado desse. Ele já tomou papinha no almoço e daqui a três horas dê uma mamadeira.

Eu aceno e me sento no chão com Gabriel entre as minhas pernas e coloco brinquedos em volta, que ele pega prontamente para brincar.

— Os horários dele e os números de emergência estão na geladeira, mas, mas, por via das dúvidas, me dá seu celular. Sinta-se em casa.

Desbloqueei o celular e o entreguei para salvar seu número. Continuei a brincar com o bebê e, depois de cinco minutos, Miguel me devolveu o celular e saiu sem falar nada. Coloquei ele no bolso e brinquei mais um pouco antes de dar um pouco de comida e um banho. Com ele no colo, comecei a andar pelo apartamento que era um duplex na cobertura. Achei a sala de estar meio estranha com toda essa coisa de médico e não acredito que

Miguel seja um.

Os cômodos eram grandes e bem espaçosos, havia um fechado a chave que eu tinha uma curiosidade enorme para abrir. Meu quarto tinha um espaço bom, com uma cama de casal confortável. O espaço era perfeito para eu colocar meus quadros e tintas, e tinha espaço suficiente sem eu acabasse pisando nas telas.

Pouco tempo de tomar sua mamadeira, Gabriel apagou em meus braços. Na porta da geladeira tinha uma nota com todos os horários do pequeno e eu suspeitava que isso fosse obra de Carina e Isis, as mulheres que conheci mais cedo.

Voltei para a sala e me sentei ao lado de onde Gabriel dormia tranquilamente. O sofá de Miguel era grande e largo, então não havia risco do bebê rolar e cair, mas ainda assim coloquei uma grande almofada no chão, como Miguel havia feito mais cedo. Aproveitei que Gabriel estava dormindo para ligar para Emy e falar um pouco de Miguel para ela, mas fico boca aberta ao ver que ele teve a audácia de mudar a foto de tela do Taylor Lautner sem camisa para uma foto de paisagem.

Ele não fez isso! Seriamente ele fez isso?

Só para irritar, eu troco novamente a foto para um ator bonito só de cueca segurando o pau e mordendo o lábio para a câmera. É um pouco demais? É. Mas, ele precisa saber desde agora que não pode mandar em mim.

Como ele disse para eu me sentir em casa, como um pouco e fico vendo filme enquanto Gabriel dorme. No fim da tarde, quando estou dando outra mamadeira para ele, Miguel chega deliciosamente suado...

Sem camisa.

Abdômen definido.

Tanquinho de oito.

Me controlo para não babar olhando seu corpo e, em vez disso, continuo a dar mamadeira para Gabriel que saboreia sem ligar para o pai.

— Tudo bem por aqui? — Ele pergunta caminhando para as escadas.

— Sim, Gabriel é um anjo. — Falo e ele acena.

Ele termina de subir e fica me olhando pela sacada que dá para baixo. Eu levanto uma sobrancelha em desafio e depois volto a fazer meu

trabalho. Miguel só pode querer me deixar maluca.

O segundo dia foi o mais fácil, Gabriel é uma criança doce e não me deu muito trabalho. Depois do almoço, ele dormiu e depois acordou pra brincar e assistir televisão em meu colo, ficando encantado com os desenhos coloridos. Miguel só chegou na hora do jantar, porém eu e o pequenino já havíamos jantado. Queria perguntar sobre o seu trabalho, pois estava morrendo de curiosidade, mas não foi à curiosidade que matou o gato?

Uma semana foi o tempo que eu levei para ficar maluca, com certeza nunca vou superar vê-lo sem camisa. Miguel nunca usa camisa em casa e ostentava com orgulho o seu tanquinho com oito gomos, sim oito. Eu contei. Durante a semana, eu não o vi muito porque ele estava “trabalhando”, então estava tudo bem, mas sempre que ele chegava... Zás! Estava sem camisa. Juro que todas às vezes eu tentei não olhar, mas aquele abdômen definido estava claramente me chamando. Era ainda pior quando ele falava algo e tinha que repetir porque eu não estava escutando, e sim o olhando.

Uma semana também foi o tempo para eu me apaixonar por Gabriel, minto, desde que eu o vi fiquei louca por aquele pingo de gente. Gabriel é a criança mais adorável na face da terra. Nas duas vezes que o levei ao parque, ele observava tudo e falava comigo na sua língua de bebê como se eu o entendesse. Estranhei ele não dizer nada, sequer um *papá*. Ontem eu passei o dia tentando ensinar ele falar qualquer coisa, mas ele só ria das minhas tentativas. Uma coisa que ele é bom é andar, até arriscar correr esse menino está fazendo.

No quesito cocô eu já me sinto a profissional nisso. Miguel nenhuma vez me ajudou a trocar as fraldas e, quando ele chega de noite do trabalho, vai brincar com Gabriel enquanto eu tomo um banho e tenho um tempinho para mim.

Os jantares foram os mais estranhos e um pouco constrangedores por não ter o que conversar. Então aproveitei isso e sempre jantava antes ou depois dele para evitar conversas embaraçosas, culpando Gabriel que não ficava quieto. Miguel parece ter algum tipo de toque porque ele só vai dormir depois que a casa estivesse totalmente arrumada, inclusive os brinquedos que Gabriel

deixa espalhados.

Agora, aqui estou eu em plena sexta-feira à noite vendo um filme infantil. Hoje era um dia de folga, mas Miguel está atrasado. Emy me ligou três vezes e decidiu ir na frente para Abaixo de Zero com Matt, que estaria no bar hoje. Às onze horas Emy me liga pela quarta vez.

— Emy, eu acho melhor ir amanhã. Até agora Miguel não chegou e...

— Ele não chegou porque está aqui bebendo com uns caras gostosos!

— O quê? — Dou um gritinho estridente que faz Gabriel soltar outro. — Agora você quer falar, né? — Brinco com ele.

— O quê? — Emy pergunta e depois bufa. Posso ouvir a música mais baixa. — Os homens são lindos e Matt deixou escapar que um deles era dono do prédio, o Raffaelo da máfia que ele tinha dito e o outro seu sócio.

— Ou seja, provavelmente tudo farinha do mesmo saco — Resmungo. — Sério que ele está bebendo com mafiosos quando era para estar aqui com o filho? Ele quase nunca fica com ele!

— Mila, se acalma. Eu sei que você está com a razão, mas o cara está te pagando cinco mil!

Eu respiro fundo e concordo com a cabeça, mesmo que ela não possa ver.

— Onde você está que o som está tão baixo.

— É... Estou no depósito de bebidas.

— Eca! Você está transando com meu irmão?

Eu escuto ela xingar enquanto eu me acabo de rir.

— Nós não estamos...

— Eu não me importo e não iria reclamar de ter você como cunhada. Tchau.

— Não vai fazer nenhuma merda.

— Claro que não, mas vou curtir minha noite.

Desligo e olho para Gabe.

— Que tal darmos uma festa?

Lá estou eu curtindo minha sexta, dançando

sozinha em casa. Sozinha não, com um bebê de um ano que dança melhor do que eu. Continuo a cantar e dançar pela sala com Gabe no meu colo rindo, feliz. Decidi que não ia perder minha noite com a irresponsabilidade de Miguel, então me arrumei toda, me perfumei e, assim que ele chegar eu estarei metendo o pé, nem que seja de manhã.

Não bebi, mas me sinto super animada. Quando mandei uma mensagem para Emy ela não acreditou, mas no fim aceitou meu plano. Um plano infantil, mas um plano. Ela "sem querer" vai reclamar com Matt que Miguel esqueceu o horário para assim ele falar com o amigo.

Emy: Ele saiu agora.

Sorrio com o emoji da espanhola dançando.

Continuo como se nada tivesse acontecido, dançando e cantado para Gabe que morre de rir, parecendo entender tudo. Escuto Miguel abrir a porta e a chave cair, só então me viro para ele, dando o meu melhor olhar fatal. Miguel me devora com o olhar, sei que estou linda e não esperava nada menos do que essa reação.

Hoje usei finalmente o vestido que Emy me deu, ele é de couro preto fosco com um decote

fundo e, para completar o visual, passei batom vinho para combinar com meus saltos, uma maquiagem marcando bem meu olhar e deixei minhas tatuagens à mostra.

— *Uau*. Quer dizer, *foi mal*. — Ele coça a cabeça. — Os caras queriam beber um pouco e eu perdi o horário.

— Tudo bem, a noite começa mesmo agora. — Pisco pra ele, chegando perto e lhe entregando Gabe. — Bem, os horários dele e os números de emergência estão na geladeira, mas, por via das dúvidas, me dá seu celular. Sinta-se em casa. — Repito as mesmas palavras que ele disse no meu primeiro dia de trabalho e estendo a mão.

Ele, meio atordoado, me entrega o celular depois de desbloqueá-lo, sem se lembrar de que já tinha meu número. Na velocidade da luz, eu finjo colocar meu número, mas aproveito e vou ao Google baixar uma foto do Taylor Lautner sem camisa — a mesma que ele apagou — e coloco como sua proteção de tela.

Desligo o celular e me aproximo dando um beijo na cabeça de Gabe. Agradeço aos céus que, pela semana inteira não liguei ou mandei

mensagem para ele, assim tendo a desculpa para pegar seu celular hoje.

— Tem comida no microondas e não espere por mim.

Saio antes que ele possa falar algo, vou para o elevador rindo e cantando. Minha noite só começou agora.

CAPÍTULO 5

MIGUEL

Fico pasmo olhando Mila sair do meu apartamento com a bunda rebolando a cada passo. Dessa vez pisei na bola, mas eu realmente perdi o horário. Se não fosse Matt me lembrar, provavelmente Mila comeria meu fígado enquanto eu estivesse dormindo.

Olho para Gabriel e finalmente reparo o som ligado. Quando estava entrando no apartamento, realmente pensei que Mila estivesse dando uma festa, mas tudo saiu da minha cabeça quando a vi a dançar com meu filho no colo. E mesmo com o peso de Gabe, ela ainda conseguia dançar lindamente.

Pego meu celular para ligar para um dos seguranças da boate ficar de olho em Mila, mas vejo que ele está desligado. Quando finalmente ligo, caio na risada. Além dela ter usado as mesmas palavras que eu, também trocou a foto do meu celular para aquele lobo de Crepúsculo sem camisa.

Então me lembro de que eu já tinha seu número. Ela conseguiu me deixar sem qualquer pensamento racional com aquele vestido.

Durante a semana Mila não se arrumou para mim, ela não usava maquiagem ou qualquer roupa provocadora. E, apesar de continuar muito bonita, fui capaz de ficar no mesmo ambiente que ela sem imaginar fodendo ela a cada instante.

Me sento no sofá e coloco em um filme de ação e olho para Gabriel no meu colo.

— É isso que você tem que ver. — Bagunço seus cabelos devagar e cheiro ele, sentindo o cheirinho de bebê que eu tanto amo.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas e o seguro contra mim, vendo o filme junto com ele.

Ser animado e viver a vida do lado de fora desse apartamento é mil vezes melhor do que dentro dele. Aqui, Ester está em todo lugar, presente como se me lembrasse de que ela, assim como meus pais, preferiu outras coisas a mim, que eu nunca seria a prioridade de ninguém. Beijo a cabeça do meu filho e volto a pensar na cena que vi quando cheguei.

Há uma semana Mila vem acabando comigo, desfilando seus cabelos ruivos por aí. Ela tem sido uma tentação tão grande que eu tenho passado mais horas no Abaixo de Zero. Às vezes nem tenho tanto trabalho, mas fico lá só recebendo um boquete ou algo assim. Sim, eu tenho minhas necessidades e desde que Mila se mudou elas aumentaram.

Meia hora depois, Gabriel dormiu e eu ainda estou acordado, me sentindo um bosta por ter esquecido que hoje era a folga dela. Mila nem sequer passou o dia fora, tudo que pediu era a noite livre e amanhã.

Quando dão quatro horas, eu finalmente escuto a porta da frente se abrir e depois fechar. Vou para a sacada e vejo Mila tropeçar nos próprios pés e quase cair. Ela resmunga algo para si mesma, coisas desconexas e arranca os saltos, subindo descalça a escada. Vou para o meu quarto e suspiro em alívio quando ouço a porta do seu quarto se fechar. Pego meu celular, ainda com a imagem do lobisomen, e ligo para Matt.

— É melhor ser importante. — Ele ruge ao celular e eu escuto uma voz fina por trás

perguntando quem é.

— Vejo que não te acordei.

— Vai tomar no cu, Miguel. O que quer?

— *Miguel da Mila?* — A voz a fundo da mulher pergunta. Eu gostei como isso soou, mas não posso me entregar ao tesão.

— Só queria perguntar se mais tarde posso mandar uns caras irem aí buscar as coisas de pintura de Mila.

— Claro, ela provavelmente quer comer meu fígado por estar enrolando. — Ele ri. — De boas, agora deixa eu ter minha foda em paz.

— Seu ridículo! — A mulher grita e eu escuto ele resmungando.

— Não foi isso que eu quis dizer...

— Foda-se.

Desligo o telefone não querendo ouvir mais da confusão do casal. Fico feliz que Matt finalmente encontrou alguém depois de anos na geladeira por Drica. Falando no capeta, mesmo depois de ser expulsa daqui, a piranha continuou a ligar para ele, querendo um amigo, mas acabando com ele no processo.

O amor é feio e destrói e é por isso que rezo para nunca mais ter esse sentimento. Ainda estou me recuperando de Ester, eu a perdoei, mas cada palavra que ela disse está marcada no meu coração como ferro quente. No momento que tive Gabriel em meus braços, prometi a mim mesmo que não deixaria esse sentimento me dominar novamente.

Como o combinado, consigo trazer as coisas de Mila, inclusive dois quadros ainda no meio da pintura. Juro que passo mais de meia hora olhando cada quadro, completamente sem falas. Se esses ainda não estão acabados eu não consigo imaginar os prontos. Mila tem um talento gigantesco e eu fico surpreso por ela não estar famosa. Seus quadros são uma mistura de foto e pintura se entrelaçando, como se nascessem para ficarem juntas. Apesar de serem diferentes, eles têm uma essência gigantesca que deixava qualquer um vidrado e encantado. Assim como Mila.

Ao invés de acordá-la e colocar as coisas em seu quarto, decido colocar tudo num quarto vago que tenho no segundo andar, onde era uma

área livre e que agora está cheia de equipamentos de academia escondidos lá no canto.

Eu não gosto de entrar naquele cômodo, é como se Ester, mesmo depois de morta, ainda tivesse controle sobre mim. Mando os caras colocarem as coisas lá e instalarem uma luz negra, para o caso dela querer revelar fotos lá. Depois deixo uma mensagem para Mila junto com a chave em cima da mesa da cozinha e saio com Gabriel para um lugar que me dê um pouco de paz.

Primeiro dou uma passada no restaurante de Henriqueta para comer uma fatia merecida de bolo de chocolate e também para apresentar Gabriel para ela e seu marido, que sempre foram tão bons comigo. Uma pena que eles não estão, pois foram ao banco resolver suas coisas.

Degusto meu bolo enquanto Gabriel brinca com o seu chocalho. Eu me atrapalho um pouco no final já que Gabriel escolhe esse momento para tentar pegar a colher do meu bolo. Ser pai é passar vergonha enquanto o filho grita, tentando pegar a sua colher com o último pedaço do bolo e você não quer dividir, enfiando tudo na boca.

Termino de ajeitar as coisas e depois de

pagar, saio com Gabriel no meu colo, imaginando como Mila irá reagir ao ver o que preparei para ela.

Quando chego à casa de Isis tem aquela algazarra, nunca vi tantas crianças juntas. Thor, Dante, Dimitri, Luna e Valentina correm para mim quando veem Gabriel, falando um por cima do outro querendo atenção. Os escuto e converso um pouco antes de soltar Gabriel no chão e eles vão brincar pela casa. Vejo uma das milhares de babás e aceno de leve, seguindo para a cozinha onde eu escuto risadas.

Carina e Isis estão chorando de rir de algo enquanto Dominic e Jace sorriem as olhando. Meu coração dói um pouco por eu não ter isso, mas não tenho inveja. Uma vez eu quis ter um amor assim e acabei com uma mulher que nunca disse que me amava.

— Miguel! — Carina grita, vindo me abraçar. — Estava contado aos meninos da sua babá gostosa.

— Porra! — Resmungo e Isis bufa uma risada. — Então, vamos levar as crianças para patinar? — Sugiro brincando, para mudar de assunto.

— Vamos! — Jace entra na minha, sabendo que Carina iria contestar acreditando que faríamos isso de verdade.

Carina estreita os olhos para Jace, no seu modo mamãe ursa em ação.

— Eles são pequenos, nem a tabuada sabem ainda e vocês querem levá-los onde podem se machucar? — O quê? Carina tentando ser racional quando se trata de seus filhos é a coisa mais engraçada do mundo.

— O que tem a tabuada a ver com eles saberem ou não? — Dominic pergunta fingindo estar concentrado.

Olho para Isis que está encarando Dominic e o mesmo me olha divertido.

— Que tal um cinema? — Sugiro e eles acenam em concordância.

Passo o restante da tarde com meus amigos e, no começo da noite, eu volto para casa. Vejo os olhos das meninas quando eu estou indo, elas acreditam que eu vou ter algo com Mila, mas estão

bem enganadas. Eu não vou cair nessa cilada novamente.

Entro em casa e Gabriel fica resmungando. Ele ainda é pequeno para formar palavras, porém nessa idade ele já devia pelo menos falar *papá*. Encontro Mila sentada no sofá vendo um filme de ação com pipoca no colo. Ela me olha de lado e volta a sua atenção para o filme. Eu sei que ela está com raiva de ontem, porém não é pra tanto. Ela pôde curtir a noite dela e hoje teve o dia de folga e não quis.

Coloco Gabe no chão e, meio engatinhando depois de cair sentado, ele vai até os seus brinquedos e lá se diverte. Me sento ao seu lado, mas ela não me dá atenção. Seus cabelos estão molhados, o que me faz quase perguntar se ela não irá secá-los, pois o tempo não está muito bom e ela pode pegar um resfriado. Em vez disso, eu vou até o aquecedor e o aumento um pouco mais.

— Vai me ignorar? — Pergunto me sentando confortavelmente no sofá e roubo um pouco da sua pipoca.

Mila joga um olhar duro para mim antes de suspirar.

— Só quero que você tenha um pouco mais de responsabilidade, Miguel. Se eu não tivesse marcado nada, não iria nem me irritar, remarcaria a minha folga, mas você não deu nem um aviso sequer.

Eu aceno, escutando o que ela tem a dizer.

— Sim, você está certa. Eu errei e te peço desculpas. Isso não irá se repetir.

Seus ombros caem mais leves e ela se abaixa pegando Gabriel, que solta alguns gritinhos animados com ela.

— Brincou muito hoje? — Ela beija suas bochechas e o vira de costas aproximando o nariz.

— Já o troquei antes de virmos.

Ela acena e volta a brincar com ele.

— O que fizeram hoje? — Pergunta curiosa.

— Passamos o tempo com meus amigos que também tem crianças pequenas. Ele brincou bastante.

Mila sorri com as minhas palavras e volta para o filme com Gabe em seus braços. Começo a prestar atenção no filme também e isso me diverte.

Quanto tempo eu não fico simplesmente assim, largado no sofá vendo um filme e comendo uma pipoca?

Gabriel adormece no meio do filme e Mila o coloca deitado ao seu lado. Ela murmura sobre levá-lo para cama assim que o filme acabasse e isso me faz sorrir. Ela fala sozinha. Roubo o seu grande copo com refrigerante e o termino em poucos goles. Mila vê e levanta uma sobrancelha para mim.

— A pipoca está salgada. — Resmungo, dando de ombros e, em seguida, o meu melhor sorriso para ela não ficar com raiva.

— Ainda bem que eu não te ofereci.

Ela puxa o balde de pipoca para si, de brincadeira, antes piscar para mim. Me levanto indo a cozinha para encher seu copo, abro a geladeira vendo tudo no seu devido lugar, como eu havia colocado. Mila era o tipo de pessoa que mudava tudo de lugar quando procurava algo para comer na geladeira. Coloco seu refrigerante e volto para a sala.

— O que você comeu hoje? — Pergunto estendendo o copo.

Ela aceita e toma um gole.

— Eu almocei com uma amiga.

Aceno ligando o meu celular e vendo o lobo sem camisa, suspirando eu levanto o olhar para ela.

— O que quer comer? Não sei você, mas eu estou doido por uma pizza de calabresa.

Ela lambe os lábios e eu não posso evitar olhá-los rapidamente antes de desviar.

— Isso está ótimo. Também é a minha preferida.

Faço o nosso pedido e pego o controle da Netflix, escolhendo alguma coisa para assistirmos.

— Alguma sugestão?

Ela olha a tela e depois para mim.

— *The Hundred*. Já viu? — Eu nego com a cabeça e ela sorri animada. — Juro que você irá virar o maior fã do mundo!

Eu rio.

— Eu só vi essa animação com as meninas. Elas são fanáticas em *The Vampire Diaries*.

Mila dá um pulinho no sofá, antes de olhar para Gabriel, confirmando que ele não acordou

com o seu estardalhaço. Alguns fios de seu cabelo vermelho enrolado caem sobre seu rosto e ela os coloca atrás da orelha.

— Eu amo essa série. Os irmãos Salvatore são tão lindos!

Eu rolo meus olhos.

— Eles são bacanas.

Ela ri balançando a cabeça.

— Você viu os olhos do Damon? E o cabelo do Stefan? Eles são bem mais do que *bacanas*.

Eu a olho de lado.

— Outra fã maluca? — Ela abre a boca, mas eu completo. — O marido da Isis tem aqueles olhos iguaizinhos os do Damon, eu te juro.

— Que legal. — Ela diz, sem cobiça ou indícios de inveja. — Ela também tem olhos maravilhosos. Uma colega minha da escola era fanática pelo Damon. Ela colou um pôster dele no quadro de avisos da escola. — Lágrimas caem dos seus olhos enquanto ela ri lembrando. — Foi épico.

Eu rio imaginando a cena das pessoas olhando o quadro de avisos e dando de cara com *Ian Somerhalder*.

— Eu sou homem suficiente para admitir, o cara é pintoso.

Mila se joga para trás rindo, segurando a barriga. Sua risada é gostosa e cheia de vida, ela não tenta se conter.

— Supostamente, você o pegaria se ele te desse mole?

Eu levanto as sobrancelhas.

— Supostamente você contaria a outras pessoas a minha resposta? — Pergunto de volta e ela acena.

— Seu segredo está seguro comigo.

Eu coço a nuca sem acreditar que eu estou realmente admitindo isso.

— *Supostamente* eu pegaria sim. Quem não pegaria aquele cara? E olha que eu gosto *muito* de mulher.

Mila morde os lábios para evitar rir, mas mesmo assim o som sai. Então, surpreendendo a mim mesmo, eu também rio da nossa conversa estranha.

— Não conte para ninguém, se não te mato.

— Eu não vou. — Ela solta um ar como se tivesse se recuperando da crise de riso. Eu bufo jogando algumas pipocas na minha boca enquanto espero a pizza. — Se serve de consolo, eu super toparia um sexo hot com a Nina Dobrev, ela é linda e ainda faz ginástica.

Minha boca cai aberta, derrubando as pipocas e as bochechas de Mila coram.

— Me ignore. — Ela faz aquilo com as mãos, como se suas mãos me fizessem esquecer o que ela disse.

— Você é tão estranha.

Ela solta um ar quando percebe que eu estou mudando de assunto e não falando como ela toparia um *sexo hot* com outra mulher. O sonho molhado de qualquer homem.

— É o que dizem. — Ela dá de ombros.

— E não tem filtro. — Ela volta a dar de ombros.

— Contra fatos não há argumentos.

— E faria um louco de um sexo hot.

Ela cruza os braços cobertos por seu cardigã bege.

— E você treparia com Ian Somerhalder. Você não me vê falando uma palavra sobre isso.

Eu a imito cruzando meus braços.

— Você prometeu que não falaria sobre isso.

— E eu te hipnotizei para esquecer o que eu disse. — Ela diz como se fosse óbvio.

— Contra fatos não há argumentos. — Copio suas palavras e em seguida o interfone toca, anunciando que a pizza chegou.

Pago-a e já pego um pedaço para mim. Além desse restaurante ser de confiança, o meu porteiro e os seguranças revistam qualquer pessoa antes de subir. O queijo escorre da pizza para a minha boca e eu gemo com o sabor. Henriqueta e seu marido Mario são os melhores cozinheiros do mundo. Durante anos eu vou a seu restaurante e nunca saio menos do que satisfeito e até feliz. Comida faz isso com a gente.

— Isso que é pizza. — Dou outra mordida. — Essa pizzaria é de uma família ítalo-americano, assim não tem erro.

Mila pega uma fatia e a morde.

— Isso está maravilhoso, derrete na boca!

Nós comemos em silêncio enquanto víamos a série. E não é que ela tinha razão? Me amarrei na série.

— A Clarke é muito a Isis, sempre querendo defender os amigos e tomar a frente de tudo. — Comento e aponto para a outra. — Essa Otaviana também me parece ser forte pra caraca, apesar da fachada de fraca, assim como Carina.

Mila me escuta e acena. Ela não conhece muito bem as meninas e só me escuta falar.

— O que você faria se estivesse num cenário pôs apocalíptico. — Pergunto, comendo o último pedaço da pizza. Matamos ela inteira juntos em menos de vinte minutos. A pizza era gigante pra porra.

— Tipo a série? — Eu aceno. — Acho que primeiro iria pirar um pouco, iria xingar os culpados por isso e, depois, acho que sacudir a poeira e começar do zero.

Eu sorrio.

— Eu ia botar pra foder. Ia virar a porra do rei e ia ter festa todo dia. — Coloco minhas mãos

entrelaçadas atrás da cabeça e depois franzo a testa. — Sinto falta das festas.

— Você era muito festeiro? — Ela se encosta ao sofá, me olhando e conversando.

— Sim, ainda sou.

Ela bufa.

— Eu sei bem disso.

Eu dou um sorriso sem graça.

— Já me desculpei por isso. — Tento mudar de assunto. — Já viu as suas telas e essas coisas?

Ela me dá um sorriso grande e verdadeiro.

— Sim, muito obrigada. Não irei atrapalhar na sua sala de malhação?

Eu nego.

— Não malho aqui. Aquele quarto é basicamente o da bagunça. — Dou de ombros e ela acena.

— Se não vai te atrapalhar, tudo bem.

Vemos mais um episódio antes de Mila pegar Gabriel no colo e se levantar.

— Melhor levá-lo para a cama. Preciso

dormir antes que ele acorde às três horas querendo uma mamadeira.

Eu aceno e isso finalmente me bate. Eu não sabia nem que meu filho acordava durante a noite. Me mantive tão anestesiado de tudo, que me esqueci dele também.

Meu filho passou de mão em mão desde que nasceu durante um ano inteiro. Me levanto também e começo arrumar nossa bagunça enquanto ela vai para o quarto do bebê. Passo a mão pela minha cabeça enquanto estou na cozinha. Depois de tudo estar arrumado e no seu lugar, um alfinete poderia cair no chão e eu escutaria.

Minhas mãos tremem e a minha boca se enche d'água. Tento resistir, mas quando a carga vem forte, eu não posso fazer muito antes de me entregar a minha velha amiga. Pego a garrafa de uísque e subo as escadas para o meu quarto de dois em dois degraus. Lá dentro, eu bebo até que caio na cama sem conseguir pensar em nada.

— Droga de vida.

Na manhã seguinte eu acordo com uma puta resaca, mas vou trabalhar. Passo por Matt que já está no *trampo,* treinando outros barmens. Dominic está querendo aumentar a sua posição, o colocando como gerente. Eu super apoio, o cara rala muito e é de confiança.

Começo a fazer as minhas papeladas quando Dominic e Jace invadem a minha sala e se sentam a vontade nas cadeiras.

— Ontem você não pôde falar muito por causa das meninas, mas agora nos diga: como está indo com a babá? — Jace pergunta e os dois trocam um olhar malicioso.

— Acho que já a vi algumas vezes, as meninas falaram que ela é irmã de Matt. — Dominic completa e sorri irônico. — Tudo que você pediu a Deus. Uma gostosa, ruiva e que ainda saberá fazer as suas bebidas.

Eu começo a ficar puto com eles falando assim de Mila, mas sei que eles estão me testando. Isso está escrito em suas testas. Se eu a defender, eles vão achar que sabem tudo de mim.

Sorrindo de lado, eu dou de ombros, me inclinando para trás na minha cadeira.

— Pra ficar melhor, só eu numa rede, com muito sol, recebendo um boquete e uvas na boca.

Eles balançam a cabeça como se eu não tivesse jeito.

— Agora é sério, como ela está tratando o garoto? — Jace pergunta.

— Ela o trata bem, só estou achando que ela é maluca. Ela conversa com o bebê, conversas inteiras como se ele entendesse e concordasse. — Conto, apesar de não estar nenhum pouco preocupado.

Os caras riem.

— Se acostumem, as meninas fazem muito isso.

Dominic olha para Jace.

— Como se você não fizesse: "filhinha, você quer mamá?". — Dominic imita Jace e rola os olhos. — Luna já vai fazer três anos e é mais independente do que você aos trinta e quatro anos!

Os dois trocam ofensas e isso me faz rir. Para Jace a idade está sendo um assunto delicado, ele teme a chegada dos quarenta, assim como eu a aproximação dos meus trinta, enquanto Dominic só

curte seus trinta e um anos. Aproveito que a atenção está entre eles e tento me concentrar no meu trabalho, mas é impossível.

Meu celular vibra, indicando uma mensagem e eu sorrio quando abro e vejo que Mila me enviou uma foto de Gabriel sorrindo só com os dois dentinhos de cima. Junto à foto ela, coloca uma mensagem.

Mila: Bom dia, papai. Acordei sorrindo e feliz. Logo depois vomitei na tia Mila.

Eu jogo a minha cabeça para trás rindo, quando a próxima foto é do colo de Mila cheio de gofo de bebê. No entanto, minha atenção não vai para o vômito ou no bebê em seu colo, e sim no decote modesto, mas ainda *fodidamente* sensual dela. Na foto Mila está com os seus cabelos presos num coque alto e sem um pingo de maquiagem, porém está linda.

— Ele está sorrindo. — Dominic comenta.

— Vendo tetas, aposto.

Eu levanto o olhar para eles.

— Fora da minha sala, vão trabalhar.

Eles saem rindo e eu volto a minha atenção

para o celular. Qual é a chance de Mila estar me dando mole? Ela não pode parecer bonita mesmo cheia de vômito de neném. Isso não é certo. Em qualquer outro momento eu poderia pegar minhas coisas e simplesmente viajar por aí, mas Mila era a minha babá e eu precisaria dela e isso tiraria a ideia da viagem, que é ficar longe dela.

Ah, Mila você não irá me tentar. Vou resistir a você nem que seja a última coisa que eu faça.

CAPÍTULO 6

MILA

Me pergunto se fiz certo em mandar a foto. Era para ser uma brincadeira inocente e engraçada, mas Miguel nunca me respondeu. Se ele não fosse o meu patrão, eu acabaria com ele por me ignorar, mas como era, eu só podia ficar quieta e engolir a raiva por ser ignorada. Olho para Gabriel e suspiro.

— Seu pai é um bundão, né?

Ele ri com uma gargalhada gostosa e isso me faz rir também. Reparo em seus olhos azuis e não posso deixar de me perguntar onde está sua mãe. Ainda não perguntei a Miguel e nem morta irei perguntar, ricos normalmente tem histórias demais e eu não quero ser chamada de fofoqueira quando nem um mês de babá eu fiz ainda.

Sinto um cheiro de cocô e suspiro para Gabriel.

— Credo, garoto, parece que tá comendo comida podre.

Depois de trocá-lo, eu decido dar o seu

lanche, pesquiso um pouco novas técnicas com o bebê e vejo que é legal deixá-lo tentar comer sozinho. Eu pego o Danone com uma colher de plástico e o coloco na sua cadeirinha de comida. Gabriel primeiro estranha a liberdade e enfia a mão no Danone, em seguida leva a boca. Ele repete esse processo olhando para mim com seus olhinhos brilhantes, depois pega a colher e a inclui na brincadeira.

Decido dar um banho nele quando acaba, mas não me sai uma boa ideia quando ele molha a minha regata branca, revelando meu sutiã vermelho.

— Duas blusas destruídas em menos de uma hora. Temos um recorde aqui! — Brinco beijando sua testa e o levando até seu quarto para colocar uma roupa.

Quando ele dorme, eu aproveito para começar a fazer as minhas contas. Com o dinheiro que vou ganhar como babá e com os quadros que foram vendidos, fora os extras com as tattoos vendidas, eu poderia pagar uma parcela do empréstimo estudantil e comprar um carro usado para mim. Agora que estou morando longe de Matt,

eu não posso usar seu carro e táxis custam uma fortuna.

Meu celular toca e eu vejo que é um número desconhecido. Como às vezes as agências de cobrança me ligam, eu atendo. A pessoa do outro lado da linha não responde, mas eu escuto a sua respiração.

— Alô? — Tento de novo, mas continua em silêncio. — Eu estou ouvindo a sua respiração. Quem é?

A ligação cai e eu penso se não foi uma ligação de agência. Já ouvi falar que eles ligam para várias pessoas ao mesmo tempo, mesmo que às vezes não tenha atendentes o suficiente para atender. Dou de ombros e desligo o celular.

Mal percebo quando Miguel chega. Ele vai direto para a cozinha e começa a fazer o almoço, coisa essa que era para eu fazer em vez dele. Pelo preço que ele está me pagando, além de babá, eu devia ser cozinheira e faxineira.

— Ei. — Digo entrando na cozinha. — Pode deixar que eu faço o almoço, já iria começar.

Ele se vira para mim e pisca. Ele é tão sexy.

— Não precisa, já estou fazendo. Você gosta de massa?

— Sim.

Coloco a babá eletrônica em cima da bancada e vou ajudá-lo a cortar alhos e outras coisas. Uma música começa a tocar depois que ele mexe no seu celular e eu reconheço como *Garota de Ipanema*, uma linda música brasileira. O que me surpreende é Miguel cantando perfeitamente sem quase qualquer sotaque.

— Nossa, você gosta mesmo dessa música. Deve ouvir tanto que até gravou a letra!

Ele sorri de lado antes de colocar o macarrão na água fervendo.

— Eu falo um pouco de português.

Eu abro a boca surpresa.

— Por essa eu não esperava.

Ele bufa.

— Esperava um traficante de drogas semianalfabeto? — Pergunta divertido e eu mantenho a minha boca fechada. Eu nunca pensaria nele como um analfabeto, mas para um ex-modelo que se viciou em drogas e quis fazer disso um

negócio, quem sabe? Ele estala a língua, me tirando do devaneio. — Sinto de decepcionar, mas eu tive uma puta educação e sou praticamente um gênio.

— E por que virou um traficante de drogas? — Tampo a minha boca assim que as palavras saem da minha boca. Maldita curiosidade! Isso não é o tipo de coisa que se fala em voz alta.

Miguel ri baixo, balançando a cabeça.

— Isso é história para outra hora. — Suas palavras são doces, mas ao mesmo tempo claras, dizendo que não falará sobre isso, provavelmente nunca.

— Gabe vomitou em cima de mim hoje. — Mudo de assunto.

— Eu sei, você me mandou uma foto. — Ele balança a cabeça rindo. — Desde pequeno acertando as meninas.

Meu queixo cai.

— Não acredito que você fez uma referência sexual para uma criança de um ano de idade. Demorará mais uns treze ou quatorze anos para ele pensar em *molhar* as mulheres com seu *leite*.

Miguel xinga quando ele encosta na panela quente de tanto rir.

— Meu Deus, Mila, segure a sua boca. Você fala umas coisas que deixam até eu mesmo sem palavras.

Eu dou de ombros.

— Foi você quem começou.

No meio de empurrões aqui e ali, conseguimos terminar o almoço, bem a tempo de a babá eletrônica avisar que Gabriel acordou. Juro que quando essa criança sente cheiro de comida, ele acorda. Isso e que sua soneca dura no máximo três horas.

Nos sentamos na mesa, eu coloco Gabe em sua cadeirinha especial lavada de mais cedo e vou lhe dando o macarrão cortadinho e esfriado. Ele se diverte e se suja por inteiro. Sorrio por fora, mas é de nervoso. Outro banho eu não aguento, será que Miguel irá se importar de eu só limpá-lo com panos umedecidos?

— Ele parece um filme de terror. — Resmungo, limpando a massa de tomate de todo o seu rosto. Gabriel ri vendo o meu desespero.

Depois de limpá-lo, eu finalmente começo a comer e Miguel espera pacientemente para começar também.

— Então, antes de ser babá, o que você fazia? — Pergunta e em seguida chupa o macarrão na sua boca. Isso me faz parar só para olhá-lo. Miguel repete a pergunta claramente divertido pelo o que faz comigo.

— Uns bicos vendendo alguns quadros na galeria da minha amiga, uns desenhos de tattoo num estúdio e ajudando Matt quando ele precisava lá no Abaixo de Zero.

Miguel acena em entendimento.

— Sabia que já tinha te visto antes daquele dia.

Minhas bochechas coram, me lembrando de quando o vi uma vez enquanto ajudava Matt e ele levantou a mão mostrando o seu anel de casamento.

— Eu vi seus quadros, são magníficos. — Ele me elogia e eu sorrio ainda mais corada. Como ele consegue me deixar sem graça? É quase impossível as pessoas conseguirem isso.

Como uma garfada do macarrão e não posso

evitar soltar um gemido alto e apreciativo.

— Isso está melhor do que qualquer outro macarrão que já comi. Agora entendo porque Gabe se sujou todo.

Miguel sorri.

— Obrigado, fiz na correria e nem tinha todos os temperos. — Dá de ombros, mas eu posso ver pelo seu olhar que ele queria que eu massageasse seu ego ainda mais.

— Me diz um pouco sobre você. Qual trabalho você tinha antes *desse*?

Ele ri com os seus dentes brancos todos aparecendo.

— Tenho a impressão que você não gosta muito do meu trabalho.

Eu arregalo os olhos e coloco a mão no peito dramaticamente.

— Eu?

Ele balança a cabeça afirmando.

— Sim, você. E só para saber, é um trabalho temporário. Um amigo precisava de alguém de confiança para assumir o cargo, já que o

antigo estava fazendo merda. Foi aí que eu entrei.

— Você sabe que é tipo fora da lei, certo?

Ele bufa.

— Sim, eu sei. Mas, o que posso fazer se Miguel é pau para toda obra?

Um calor me sobe, assim como um comentário sarcástico, que eu engulo junto com a comida. Santo dos desempregados me ajude a continuar com esse emprego, pelo amor de Deus.

Eu limpo a garganta e tomo um gole da minha água.

— Isso é bom, também gosto de ser prestativa com os amigos.

— Você tem muitos?

Eu levanto a sobrancelha.

— Paus? — Pergunto irônica.

— Amigos. — Rola os olhos. — Mas paus também servem. — Pisca.

Eu seco a baba de Gabe para ganhar tempo.

— Não muitos, mas colegas eu tenho muitos. Amigos mesmo, eu só tenho uma e meu irmão. Não sou muito de confiar cegamente nas

pessoas, sempre tenho um pé atrás.

Ele acena em entendimento e não pressiona.

— Pelo seu sotaque, você é britânica?

Eu aceno feliz.

— Sim, de Londres. Matt e eu nascemos lá, só que ele veio para cá tentar a vida quando fez dezoito anos, por isso que quase não tem sotaque.

Ele acena.

— Você está aqui há quanto tempo?

— Pouco mais de três anos. Matt foi um anjo em me acolher. — Sorrio me lembrando de meu irmão.

Nós continuamos a conversar mais um pouco antes que eu tivesse que limpar a bunda de Gabriel. Juro que todo o cocô que ele faz por dia daria para encher o apartamento em poucas semanas. Vou para a sala de estar ver um pouco de TV com ele enquanto Miguel está no seu quarto, se preparando para voltar ao trabalho. Troco mensagens com meu irmão e Emy, depois volto a brincar com Gabe.

Dias depois, eu estou folheando uma revista sem realmente prestar atenção. Que sexta-feira

animada a minha! Hoje ensinei Gabriel a me ajudar a arrumar seus brinquedos e percebi o quanto ele fica feliz em ser útil. Tentei de todo jeito ensinar ele a falar algo, mas Gabriel ria ou cuspia.

Meu celular toca pouco depois das seis e vejo que é Miguel.

— Hey. — Atendo. Ele veio para alguns almoços durante a semana depois daquele dia em que nos conhecemos melhor, quando ele cantou Garota de Ipanema, música essa que até eu me pegava cantarolando pela casa enquanto a ajeitava. Eu estava num nível de tédio que deixava a casa limpa e as faxineiras semanais me olhavam de cara feia.

— Hey, Gabe está acordado? — Pergunta com a voz calma.

— Sim, ele dormiu um pouco e acabou de acordar. Já lhe dei a sua mamadeira.

Posso ouvir a respiração dele.

— Você já jantou?

Eu mordo o lábio. O que ele está aprontando?

— Ainda não, está cedo.

— Tudo bem, então. Arrume Gabe que um carro irá levar vocês até onde eu estou.

Ele desliga antes que eu possa responder. Suspirando, eu me levanto olhando para a janela e vendo que o tempo está nublado. Agasalho bem o bebê e coloco um casaco mais quentinho em mim. Arrumo a sua bolsa com fraldas, lenços umedecidos, mamadeira e tudo que um bebê precisa. Entro no carro que o segurança que fica fora de casa diz e olho para a janela enquanto fazemos o caminho até o encontro com Miguel.

Vejo algumas lojas já vendendo fantasia, logo o Halloween chega e eu ainda não planejei nada. Por morarmos em apartamento eu imagino que só as crianças do prédio irão pedir doces ou travessuras como foi feito no prédio de Matt. Mas, para pegar o elevador até o andar de Miguel é preciso ter a chave ou a autorização, a menos se junte com o porteiro e faça do hall de entrada uma festa, o que eu duvido.

Quando o carro para no portão de uma mansão eu assobio. Entramos na propriedade e eu não consigo não deixar a minha boca aberta. A casa é fabulosa. O motorista estaciona o carro e Miguel

vem abrir a porta para mim. Eu entrego o bebê a ele, já que Gabe fica agitado quando o vê, querendo seu pai.

— Vamos entrar, aqui está frio. — Ele diz e eu o sigo pelo caminho até a grande porta de madeira.

Ele a abre sem dificuldade e eu mordo o meu lábio para evitar assobiar pela beleza por dentro. A cor predominante na casa é o preto e branco, com alguns tons de cinza, mas o que me chama mais atenção são as paredes, nelas há belas pinturas coloridas e cheias de vida.

— São lindas, né? — Me viro vendo Isis ao meu lado, sorrindo nostálgica para as pinturas que eu estava admirando. — Meu irmão que as fez, ele tinha treze anos na época.

— São maravilhosas, aposto que hoje em dia devem ser ainda mais bonitas.

Ela sorri tristemente.

— Sim, seriam ainda mais bonitas se ele estivesse vivo.

Minha boca se abre para me desculpar, mas ela sorri como se dissesse que está tudo bem.

— Gostaria de ver outras depois? — Pergunta.

— Eu adoraria. — Sorrio de volta.

Só então eu reparo que Carina está sentada no sofá com uma menininha linda no colo, que devia ter três anos e ao seu lado um homem loiro, com uma cicatriz sexy e perigosa no rosto, que tem outra criança nos braços. Eu tenho a leve impressão que já o vi, só não lembro de onde.

— Aquele é Jace, o marido de Carina. E aqueles são seus filhos, Thor e Luna, de quase três anos. Venha conhecê-los.

Como uma boa anfitriã, ela me apresenta ao marido de Carina que quando sorri eu esqueço qualquer cicatriz. Seu sorriso doce se sobressai sobre ela de longe.

— Esse aqui é meu marido, Dominic. — Nos apresenta.

Eu olho para Dominic e aceno, me lembrando de onde vi o loiro e ele.

— Você trabalha lá no Abaixo de Zero, né? Te vi algumas vezes por lá. — Falo e logo me arrependo. Vai que a mulher dele não sabe sobre

suas saídas?! Eu olho para Isis com as bochechas coradas. — Não que ele vá muito lá, talvez uma ou duas vezes por mês, mas sempre acompanhado de homens... Não que ele seja viado, já que você está grávida e cheia de filhos, não que isso...

A gargalhada alta de Miguel explode na sala quando ele sai do que eu acredito ser a cozinha com Gabe nos braços. O pequeno tem um biscoito doce na mão.

— Pare de divagar, querida. Esse é Raffaelo, o *dono* do prédio, meu chefe.

Minha boca se abre e fecha algumas vezes, o que faz as pessoas rirem mais.

— *Eita porra*, outro traficante. — Eu bato na minha boca com força assim que as palavras voam da minha boca. O ruim de não ter filtro é isso.

Já os imagino puxando a arma, me matando e me enterrando nesse grande quintal que eles têm, meu sangue manchando o carpete e tapete que valem mais do que eu poderia ganhar durante uma vida inteira, ou que uma geração minha inteira poderia pagar. Provavelmente meu corpo estará nos noticiários das sete, sobre o do corpo de uma

menina que foi encontrado numa vala ou então nunca aparecer.

Em vez disso, todos voltam a cair na gargalhada. Isis dá um tapinha no ombro de Raffaelo.

— Eu disse que ela era engraçada.

— Prazer em conhecê-la formalmente agora, Mila. Seu irmão é um grande amigo. — Dominic diz sorrindo, tentando parecer menos aterrorizador.

— Desculpe pela parte do traficante, cada um paga o leite dos filhos a sua maneira. Sem julgamentos. — Eu levanto dois dedos em sinal de paz.

Miguel me pega pela cintura e me coloca sentada ao seu lado no sofá, me salvando de me enrolar ainda mais.

— Relaxa, eles são legais. Você já conhece as meninas. — Ele sussurra e coloca Gabe no chão para ir brincar com as outras crianças.

— Esses são Dante e Dimitri, filhos da Isis. — Miguel aponta para o menino de cabelos castanhos escuros e o outro de cabelos loiros.

Ambos levantam o olhar para gente quando chamam o seu nome e eu ofego vendo que eles também têm olhos de cores diferentes. O moreno tem só uma pequena mancha castanha no seu azul, mas eu acredito que conta também.

— Eles são tão lindos. — Exclamo ainda olhando-os. Olho para os de Carina que estão mais de perto e sorrio. — Todos são tão lindos, quantos anos tem?

—Obrigada. — As meninas respondem em uníssono e Isis completa. — Ainda tem mais uma, a Valentina de nove anos. Ela está chegando do balé em breve. Todos fazem três anos esse ano. Dante já tem três anos desde março, Dimi faz aniversário dia três de dezembro e os gêmeos fazem dia vinte e cinco de novembro.

Nossa, Isis teve dois filhos num curto período de tempo. Deve ter engravidado logo depois que foi liberada. Os meninos se levantam, dando um pouco de espaço para a gente, acredito que indo para a cozinha.

— Então, como está sendo trabalhar para Miguel? Ele é um saco, né? — Carina puxa assunto e eu rio.

Dou de ombros.

— Não posso falar mal do cara na sua frente quando ele está me pagando.

Elas riem e os meninos voltam com bebidas em mãos.

— Gabriel tem dado muito trabalho? — Isis pergunta, aceitando a cerveja que Dominic lhe trás. — Essa fase de um ano é linda, eles descobrindo as coisas e querendo explorar, mas também é bem cansativa.

— Ele começou a andar com sete meses! — Carina comenta. — Arrisco igual o pai. Aposto que não para quieto.

Miguel coloca uma lata de coca-cola na minha frente e eu aceito querendo dizer para ele que eu sei que não devo beber enquanto cuido do bebê. Ele me tratou como uma criança e ainda na frente dos outros. Tomo um gole para ocultar a minha cara de revolta.

— Não, ele é um amor. — Sorrio para o bebê que está sentando, brincando com um boneco cheio de apetrechos e estremeço.

Tiro da sua bolsa um dinossauro de pelúcia,

mais seguro para ele e o entrego pegando o boneco que ele pode colocar na boca e o mantendo longe de seu alcance.

Reparo que a sala está em silêncio e eu levanto a cabeça vendo todos me olhando, incluindo Miguel. Sinto a necessidade de explicar para não acharem que eu estou tirando brinquedo de criança a toa.

— Ele pode se engasgar com esse brinquedo, tem peças pequenas para a sua idade.

As meninas acenam em entendimento e eu me sinto parte delas. Durante os assuntos que rolam, eles tentam me deixar o mais a vontade possível. Peguei Miguel me olhando diversas vezes, o que fez Carina, que também viu, comentar sobre Miguel estar apaixonado.

— Só tô tentando confirmar que ela é ruiva natural. — Mente, tomando um gole da sua bebida. Eu aproveito esse momento para me vingar sobre o lance da bebida.

— Por quê? Quer pintar o cabelo também?

Miguel engasga com a cerveja e as meninas estão rindo alto. Gabe se levanta do chão e vem

caminhando até mim e eu o pego no colo, beijando o seu rostinho. Ele se aconchega com a cabeça no meu peito e fica brincando com o meu colar.

— Eu já pintei o meu cabelo de vermelho. — Carina conta, querendo puxar mais assunto, já que o silêncio retorna.

— Já pintou de todas as cores. — Isis rola os olhos lindos.

— Que legal, eu sempre quis pintar o cabelo de outra cor, mas sempre me faltou coragem. — Confesso.

— É natural? A cor é maravilhosa, não pinte nunca. — Carina diz e depois coloca o dedo no queixo. — Ou pelo menos use tonalizantes que saiam com lavagens.

Eu aceno.

— Eu às vezes uso tonalizante para deixar a cor mais viva. Meu cabelo é mais para laranja, sabe?

A porta da frente se abre e uma linda menina loirinha entra com o tutu de balé e... Dentes de vampiro? Ela pula em Dominic e finge morder o seu pescoço.

— Doces ou travessuras, papai? — Ela pergunta com a voz doce.

Dominic finge pensar.

— Acho que vou te dar doces.

Isis finge estar brava.

— Nada de doces para ela. Valentina acabou de retirar uma cárie do dente!

A menina olha como se sua mãe fosse pegar todos os brinquedos.

— Mas mamãe, é Halloween! — Valentina coloca as mãos na cintura, revoltada.

Isis também coloca as mãos na cintura, imitando a filha.

— Halloween é só na próxima sexta-feira! — Contesta a filha. — No dia você pode recolher doces pela rua e comer alguns, mas hoje não.

Vejo Dominic discretamente tirando uma bala do seu bolso e colocando na mão da menina.

— Tá bom, mamãe. — Ela diz rapidamente, depois de sentir a bala.

Isis rola os olhos, provavelmente sabendo o que ele fez.

— Mila, essa é minha filha Valentina e Val essa aqui é a Mila, a babá de Miguel. — Isis me apresenta e eu sorrio.

— Minha babá não, de Gabriel! — Miguel contesta, bufando.

Valentina cai na risada e se aproxima de mim, tocando meus cabelos.

— Eu amo seu cabelo! — Ela se vira para Miguel. — Tio, não é lindo? Ela parece a princesa Merida de Valente.

Eu sorrio corada pelo elogio.

— Obrigada! Você também parece uma princesa.

Valentina abre um grande sorriso e olha para Miguel.

— Tio, você devia se casar com a Mila!

Carina a distrai falando que as crianças queriam brincar. Ela aproveita para desembalar a bala e comer sorrindo sapeca. Não me atrevo a olhar para Miguel, em vez disso termino a minha segunda lata de coca-cola.

— Mila, no próximo sábado teremos uma festa à fantasia lá no Abaixo de Zero e você está

convidada! — Isis diz e Carina acena em concordância.

— Sim, vamos curtir muito e arranjar um boy para você!

Eu rio da sua animação.

— Um que não queria matá-la depois dela terminar por mensagem. — Miguel resmunga ao meu lado e eu o olho com raiva.

— Ou uma que não suma do mundo o deixando sozinho com um bebê. — Rebato, revoltada que ele expusesse o que aconteceu comigo com pessoas que eu mal conheço. Não me importo que elas já saibam, mas quando vejo a expressão de dor de Miguel, eu sei que falei merda.

Ele se levanta e vai para outro cômodo, sem olhar para trás.

— Eu não devia ter dito isso. — Resmungo, passando a mão pelo meu rosto.

— Você não sabia. — Carina me consola. — Ester morreu no parto.

Eu tampo a boca com a mão com a revelação dela.

— Vai atrás dele, nós olhamos as crianças.

— Isis diz, vendo que eu não disse por mal. Eu aceno de acordo.

Sem dizer mais nada, eu corro atrás de Miguel para me desculpar, porém acabo me perdendo e não sei onde ele está. Valentina aparece ao meu lado.

— Mamãe mandou eu te levar onde tio Miguel está. — Ela pega minha mão e me leva pelos corredores com maestria, sabendo exatamente aonde ir. — Você não falou por mal. — Ela diz com sabedoria. — Palavras não ditas por mal são perdoadas.

Eu aceno, esperando que Miguel me desculpe. Ela abre a porta, revelando uma área interna com uma grande piscina. No canto do cômodo há um sofá onde Miguel está sentado com a cabeça entre as mãos. Eu caminho até ele lentamente, não com medo que eu perca o meu emprego, mas que eu o tenha ferido muito forte.

— Miguel.

Ele levanta a cabeça para mim e seca uma lágrima que cai.

— Eu sei que sou um saco contigo e você

não tem se desculpar por revidar. Só me deixa por a cabeça no lugar agora.

— Eu não devia ter dito aquilo. — Me sento ao seu lado.

— Você não tinha como saber.

Nós ficamos olhando para a piscina.

— Você está certo, eu tenho que começar a controlar a minha boca. — Resmungo e ele ri.

— Você acha? Apesar de às vezes você falar merdas, eu gosto de como você é tão sincera e transparente com tudo.

Eu sorrio com o seu elogio.

— Às vezes falo demais, mas obrigada. — Bato meu ombro com o seu.

Ele se levanta e eu faço o mesmo. Em silêncio voltamos para a sala. Todos conversam normalmente, esquecendo o que aconteceu. Miguel me entrega outra coca enquanto as meninas colocam vários sanduíches na mesa. Depois do lanche, nos despedimos e eu prometo as meninas que irei no próximo sábado a festa junto com elas.

Enquanto Miguel dirige, eu estou no bando de trás junto com Gabriel na cadeirinha.

— Você vai se importar se eu sair com as suas amigas no próximo sábado?

Ele nega.

— Não, elas são boas garotas e não tem muitas amigas. Você também é solitária. Faz um bom clube do livro.

Eu balanço a cabeça.

— Palhaço.

— Vai usar fantasia? — Pergunta de repente.

— Se é uma festa a fantasia, eu acho que vou.

Ele acena e estaciona o carro. Reparo que ele sai, olha em volta e só então deixa eu sair com Gabriel nos braços. Reparo alguns dos seguranças que vi pelo prédio guardando a entrada e estranho um pouco. Eu pensei que eles eram seguranças do prédio, mas olhando bem agora vejo que são de Miguel. A palavra traficante pisca na minha cabeça, me lembrando da razão da existência deles aqui.

Entramos no elevador e só então minha fixa cai: eu estive jantando e conversando com homens da máfia e vou sair com as suas mulheres. Como o

mundo rolou e de uma artista desempregada eu fui parar como babá de um traficante?

Penso em desistir do emprego, mas então olho para Gabe dormindo encolhido nos meus braços e desisto. Em pouco tempo eu já me sinto tão apegada a ele.

— Ele está pesado, entregue ele para mim. — Miguel pede e eu lhe dou. Meu braço está avermelhado com o peso, por eu ser muito pálida qualquer toque mais forte faz isso.

— Obrigada.

Miguel pisca um sorriso para mim. Enquanto ele está distraído olhando Gabe, eu aproveito para observá-lo. Miguel é tão bonito, sua mandíbula marcada, uma leve barba por fazer, cabelos castanhos que precisam de um corte, mas mesmo assim são bonitos. Seu nariz proporcional ao rosto, seus olhos de chocolate que parecem sorrir quando ele nos olha, sua boca carnuda e vermelha...

— Se já parou de me admirar, já estamos no nosso andar.

Eu me sinto mortificada e falo a primeira

coisa que vem a minha cabeça.

— Você precisa de um corte de cabelo urgente!

Miguel fica um segundo sem reação antes de rir, ele ri durante todo o caminho até dentro de casa e depois de colocar Gabe no berço.

— Aceita tomar uma bebida comigo?

Eu aceno, com as palavras me fugindo.

Ele nos serve e estende um dedo de uísque para mim, mas depois pega de volta.

— Você não vai ficar toda bêbada com uma dose, né?

Eu rolo os olhos e rio.

— Não sei se você lembra, mas eu trabalhava num bar. *Tô de boas*. — Imito-o na última parte, fazendo-o me dar um pequeno sorriso.

Me sento junto com ele no sofá e tiro o meu casaco.

— Você tem um belo trabalho aí. — Ele aponta para as minhas tattoos.

— Obrigada. Você tem alguma?

Ele nega rapidamente e isso me faz levantar

uma sobrancelha.

— Medo de agulha?

Ele volta a negar, mas dessa vez não tão seguro.

— Só nunca tive vontade de marcar meu corpo com algo que não tenha um significado profundo para mim.

Eu sorrio.

— Compreendo. Todas as minhas tattoos tiveram significados, talvez uma ou duas eu tenha feito chapada, mas não contam uma vez que fiz uma arte por cima delas.

Ele levanta uma sobrancelha, interessado.

— Como o quê?

Eu aponto para as flores no meu ombro.

— Embaixo dela, eu tinha pedido para o tatuador fazer um avião porque meu sonho é viajar por aí, só que o avião parecia uma piroca!

Miguel explode em gargalhadas altas com a minha história.

— Não sei se estou rindo pela história ou pelo fato de você dizer *piroca*. — Ele diz entre o

riso, segurando a barriga.

Eu dou de ombros.

— Pênis, pau, cacete, piroca, cobra, tudo é a mesma coisa no final.

Miguel balança a cabeça e fica me olhando.

— O quê? — Pergunto, preocupada de estar com algo no dente e ninguém ter me dito. Imagina se estava com os dentes sujos no meio das meninas que parecem modelos da *Victoria's Secrets* e homens que poderiam ser confundidos com astros de cinema.

— Você é única Mila Brant.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Isso foi um elogio?

Miguel pisca e se levanta, caminhando para o seu quarto.

— Boa noite, Mila.

Sem sono, eu pego uma camisa grande e larga que uso para proteger as minhas roupas de baixo, pego a babá eletrônica e subo para o segundo andar para a grande sala com os equipamentos de Miguel amontoados num canto e

ajeito as minhas telas. Termino os últimos detalhes de uma tela, a finalizando, e coloco mais uns tons na outra, onde vou precisar esperar secar para continuar e me preparo para iniciar outra. Olho para a tela branca a minha frente e suspiro. Minhas mãos coçam para eu desenhar, mas não tenho ideia nenhuma do quê.

Começo um esboço e fico rindo sozinha quando percebo que eu fiz o abdômen de Miguel. Malditos oito gominhos! Me levanto exausta e vejo que já passam das três. Tomo um banho quente e então vou dormir um pouco antes que Gabriel me acorde daqui a poucas horas, às nove horas em ponto como tem feito há alguns dias.

CAPÍTULO 7

MIGUEL

Juro que, se tiver que ver Mila andando pela casa só com um blusão mais uma vez, eu irei perder o pouco controle que tenho.

Hoje sai mais cedo do trabalho, já que era quinta e tudo estava calmo e também porque queria fazer um almoço para gente sem ser corrido. Acontece que Mila já tinha feito uma sopa e dado a Gabriel que adormeceu, então quando eu cheguei em casa estranhei o silêncio. Depois de confirmar que o bebê estava dormindo e a babá eletrônica estava sumida, provavelmente com Mila, eu relaxei no sofá, curtindo um pouco de paz e coçando o saco.

Então aconteceu. Escutei alguns passos no andar de cima e foi só olhar para a sacada do segundo andar que a vi, primeiro eu achei que estava fantasiando, cheguei a passar a mão pelo meu rosto, mas então percebi que era real.

Mila vestindo só um blusão, com os cabelos

vermelhos enrolados, andando até a escada cantarolando TKO, de Justin Timbarlake. De início eu não reparei as poucas manchas de tinta no seu traje e o meu primeiro pensamento foi que seria assim que ela andaria sempre pela casa se fosse a minha mulher.

Uma crise de pânico me atingiu quando eu tive esse pensamento. Não podia querer uma coisa assim, não mais. Praticamente tenso, eu inventei uma desculpa besta sem me importar muito e corri para a casa de Carina. Minha amiga sempre ligada atendeu a porta com uma sobrancelha erguida.

— O que você fez?

Eu a ignorei, caminhando até o sofá. Luna e Thor viam um desenho na TV e me ignoraram por completo, o que eu agradeci mentalmente já que eles dois juntos falam mais que uma matraca, sempre fazendo perguntas e querendo saber de tudo.

— Então... — Ela me encorajou a falar, se sentando na cadeira.

Carina deu uma mudada nesses últimos tempos, sua franja havia crescido e ela não quis cortá-la de novo. Seu cabelo continuava longo,

mas, na maioria das vezes quando estava com as crianças, os mantinham presos, pois era menos trabalhoso e evitava que as mãozinhas sujas de doces e comidas pegassem no seu cabelo.

— Acho que preciso de uma nova babá, de preferência velha e assexuada.

Carina bufa, se encostando à cadeira.

— Foi ótimo da última vez então, que quase estou esperando você anunciar a todos que tem tara por velhas.

Eu engasguei com minha própria saliva.

— Eu não gosto de velhas!

Carina rolou os olhos e se levantou.

— Vem pra cozinha comigo, estou terminando o almoço. Crianças, juízo!

— Tá bom, mamãe. — Luna falou, tomando a frente.

— Ela é minha mamãe! — Thor brigou com ela enciumado e Luna rolou os olhos.

— É minha.

— Não é.

Carina me puxou.

— Vem, eles não vão parar tão cedo com isso. Tenho que terminar o almoço.

Tentei não estremecer, mas foi impossível. Apesar de Carina ter aprendido a fazer poucos pratos sem queimar, a sua comida não tinha um sabor maravilhoso, talvez só *comível* para quem está morrendo de fome e sem opções.

Observei de longe ela mexer nas panelas e ir lavar a salada que estava fazendo.

— Tem cookies que fiz ali. — Ela apontou para o outro lado da bancada e deu uma olhada nos seus filhos antes de continuar.

Olhei os cookies várias vezes antes de encará-los e, felizmente, eles tinham uma boa aparência. Na primeira mordida, eu soltei uma risada.

— Conta outra clorofila. Você comprou isso pronto! — Indico, desmascarando ela.

Carina não parece afetada.

— Eu fiz sim. A massa é pronta, mas eu que amassei até ficarem no ponto, coloquei as gotas de chocolate e levei ao forno sem queimar. Isso é fazer!

Eu termino de comer um biscoito e aceno. Se fosse há anos atrás nem isso ela conseguiria fazer. Dou um desconto para ela.

— Mandou bem, tá ótimo.

Ela abre um grande sorriso ao ouvir o elogio.

— Vai almoçar com a gente, né? — Eu aceno que sim, puxo uma cadeira e me sento. — Agora, por que não me conta mais sobre Mila?

— Ela é uma figura, mas eu não quero gostar dela desse jeito.

Ela levanta uma sobrancelha.

— Mas você gosta?

Eu como outro biscoito para ganhar tempo. Eu não estou apaixonado por Mila ou algo parecido, está mais para uma falta de sexo bom. Sexo fácil a gente consegue rápido, agora, algo para batalhar, eu não sei o que é isso há anos. Talvez nunca conhecido de verdade o que era.

— Não assim. — Dou de ombros e vou para a geladeira me servir com um copo de leite.

— Desse jeito você não vai ter espaço no estômago para o almoço. — Briga comigo e eu

pisco.

— É isso que estou esperando, baby.

Carina nem se finge de ofendida. Termina de preparar a comida bem a tempo que a porta se abre e as crianças correm para abraçar seu pai. Jace tem duas sacolas de roupas em mãos.

— Papai *touxe* a fantasia! — Escuto Thor exclamar, feliz.

— Sai, ele *touxe* a minha, né papai?

Eles estão com quase três anos e são verdadeiras matracas, não sei como me deixaram conversar com sua mãe sem perguntar sobre coisas que eu não faço ideia, como porque a formiga é pequena ou porque o elefante é grande. É um pouco chato, mas eu mal posso esperar para Gabe chegar nessa fase. No momento ele nem fala papai ainda. Esses pequenos pestinhas começaram a falar aos sete meses.

Jace sorri pegando os dois filhos nos braços e Carina caminha até ele, lhe roubando um selinho que se transforma num beijo apaixonado que faz as crianças rirem.

— Papai tá com a língua na boca da

mamãe! — Thor exclama.

— Eles tão beijando! — Luna lhe empurra. — Igual um *pincipe* e *pincesa*.

Quando se separam, Jace levanta uma sobrancelha ao me ver e então sorrir divertido.

— Problemas com a babá?

— Papai, *poque* tio Miguel tem babá? — Thor pergunta e Luna completa. — Eu quero ter o cabelo igual o dela!

Carina ri.

— Vocês gostaram da tia Mila? — Pergunta divertida e as crianças gritam entusiasmadas.

— Sim!

Jace os coloca sentados no sofá e sacode as sacolas.

— Esse é pra você e essa pra você, querida. — Ele entrega as bolsas para os filhos. Ele e Carina ajudam as crianças retirarem as roupas da sacola.

— Eu sou o Thor! — Luna grita eufórica ao ver a fantasia. Por um momento eu penso em dizer que eles entregaram a sacola errada para ela, quando Carina levanta a fantasia de Thor.

— Eu sou o Homem de Ferro!

Eu caio na gargalhada. Luna é totalmente Carina e isso me trás uma sensação tão boa relembrando nós três juntos. Enquanto Carina continua a brincar com as crianças, Jace vem a mim e me cumprimenta com um toque de mão.

— Dominic comprou a do Hulk e do Capitão America para Dante e Dimitri.

Eu volto a rir me lembrando de que ano passado elas fantasiaram os garotos dos heróis da DC. Dante foi o Batman, que lembrou muito Dominic na feira que eles foram. Sim, ainda tenho o vídeo de Carina batendo na mulher Gato por ter insultado Isis. Dimi foi de Super-Homem, Thor de Lanterna Verde, Luna de Mulher Gavião e Valentina de Mulher-Maravilha.

— E Valentina esse ano? — Pergunto curioso.

Jace cai na gargalhada.

— Viúva Negra.

— Porra, ela tá se fantasiando de Isis praticamente. — Brinco, mas o pior é que é verdade. Minha amiga sofreu tanto na mão de

pessoas que só queriam moldá-la para ser a arma perfeita. Ela era mais maneável, estava quebrada com a morte do irmão e queria causar orgulho para os pais.

Ele acena em concordância.

— E advinha?

— O quê? — Pergunto.

— Ela disse que não vai querer usar a peruca vermelha.

Carina nos interrompe, batendo palmas.

— Miguel e Jace, vão colocar a mesa.

Nós vamos sem reclamar, afinal, ela fez a comida.

— Tem certeza que ela está preparada para assumir a cozinha? — Pergunto baixo, com medo que Carina escute.

— Ela tem aprendido algumas coisas e está cada dia melhor. — Jace a defende, mas franze a testa quando prova o purê de batatas.

Ele pega o saleiro e coloca um pouco de sal, o mexe e volta a provar.

— Agora sim. Ela às vezes se esquece de

colocar o sal, ou então só coloca uma pitada.

Eu levanto a sobrancelha.

— Provavelmente vou me arrepender, mas porque ela faz isso?

Jace solta uma risadinha.

— Sal faz mal em excesso e ela não quer as crianças viciadas nele.

— E pior ainda se não tiver ele na comida! E ela é bem hipócrita, vive os levando para o *McDonald*. — Carina desde mais nova posava de *fitness*, mas vivia implorando para irmos ao *McDonald* depois das nossas farras.

Olho para a comida mais uma vez e, como garantia, eu pego o saleiro da mão de Jace e passo em todos os alimentos enquanto ele olha para o outro lado, confirmando que Carina não está nos olhando.

— O cheiro está bom. — Dou de ombros, mais tranquilo que ela não queimou. — Há quanto tempo você tem comido as coisas que ela faz?

Jace toma um gole d’água.

— Já perdi as contas, mas ela tem tentado desde que saiu do coma praticamente.

Eu arregalo os olhos.

— Isso faz anos e você não morreu intoxicado?

Carina escolhe esse momento para aparecer e seus olhos se fecham em fendas. Posso imaginar raios lazer passando por eles e me atingindo.

— Meu querido, eu sou cozinheira. — Anuncia, colocando as mãos na cintura, imitando a Maísa do Brasil.

Mesmo depois de anos, ela ainda usa os memes do Brasil traduzidos e adaptados para as situações, apesar de alguns não fazerem sentindo se não souber do que se trata. Damien apelou para entender algumas frases delas e de Elena que se ambientou com elas.

— Sim, uma profissional. — Jace fala piscando para ela. Carina o beija depois de colocar as crianças sentadas em suas cadeiras, uma do lado de Jace e outra do lado dela.

— Papai, vamos mesmo pedir doces amanhã? — Luna pergunta, roubando uma tira de cenoura e comendo como um coelhinho. Jace esfria a sua comida e lhe dá antes de responder.

— Sim, pequenina. Mas vamos comer aos poucos.

Ela e Thor trocam um olhar como quem diz que passar a perna nos pais será fácil. O almoço até que é fácil. As crianças comem tudo, devorando cada pedaço depois que Carina e Jace partem a carne em pequenos pedaços e os ajuda a comer enquanto enrolam na conversa. Só depois de ver todos comendo sem morrer, eu me arrisco e até que não está ruim.

— Olha ela, Carina *Master Chef*. — Brinco a elogiando e ela sorri.

— Sim, sim. Eu sou perfeita!

Nós rimos e quando acabo de comer mal posso ficar em pé. Acabei comendo de mais. Carina se levanta e vai para o seu quarto, voltando um pouco depois com os cabelos escovados e toda perfumada.

— Meninos, eu estou indo ao salão com Isis e vou parar lá em Mila.

Eu me inclino para frente, sem saber se ouvi direito.

— O quê?

— Depois de amanhã temos uma festa para irmos e todos sabem que depilação incomoda no primeiro dia, então não queremos dançar tortas!

Eu olho para Jace, que pisca para ela. Eca.

— E o que a babá do meu filho tem haver com isso?

Carina olha para cima como se pedisse paciência a Deus.

— Ela também irá para a festa e ainda não compramos a nossas fantasias!

— E o bebê vai ficar com quem?

Carina coloca as mãos na cintura.

— Quem pariu o Matheus que balance, querido! — Ela bate o pé no chão. — Vou buscar Isis em casa, então vamos pegar Mila. Vamos parar aqui na frente onde você vai pegar o bebê. E escolham entre vocês se preferem ir para a casa de Dominic com as crianças, onde terão babás para ajudá-los, ou ficarem aqui e se virarem com duas crianças imperativas e um bebê.

Eu e Jace trocamos um olhar.

— Futebol? — Ele pergunta enquanto se levanta, já pegando as crianças e colocando a bolsa

delas no ombro.

— Mortal combate. — Ofereço e ele aceita.

Assim, fazemos como Carina diz. Dirigimos até a casa de Dominic enquanto Carina vai buscar Mila e Gabe, então elas pegam Isis e depois vão para o salão em um dos carros de Dominic e com dois seguranças.

Dominic e eu estamos jogando uma partida enquanto Jace acalma Luna que chora depois que Gabe, sem querer, puxou a sua Maria Chiquinha.

— É que ele é um bebê, filha, e controla as mãozinhas direito ainda. — Jace fala com a voz calma e a menina para de chorar.

— Ele é *pequininho*?

— Sim, tem que ter paciência.

Do outro lado, eu vejo a babá observando enquanto Thor brinca com Dante. Dimi olha para Gabe e diz:

— Você fala?

Todos escutamos e começamos a rir, inclusive Gabe.

— Não, Dimi, ele é muito pequeno ainda.

— Conto e ele acena. Eu tento me convencer sobre isso, mas vi em diversas matérias que a maioria dos bebês começam a falar as primeiras palavras entre oito a nove meses. Gabriel fará um ano e um mês em quatro dias e ainda não disse uma palavra.

— Ele vai falar logo, tio Miguel? — Ele pergunta interessado. É tão engraçado conversar com bebês, eles são tão espertos e às vezes falam como adultos.

— Eu espero que sim, Dimi. Eu espero que sim.

A noite chega e Valentina chega da escola de balé. As crianças estudam de manhã esse ano e Valentina, além de ter o tempo integral, que é até às duas horas da tarde, ela ainda tinha balé, o que eu acho que está tomando todo o seu tempo. Ela solta um gritinho quando vê que estamos jogando vídeo game e vem sentar conosco.

— A próxima sou eu! — Ela exclama já se sentando no meu colo e pegando o controle da minha mão.

— Não era para a senhorita sentar no meu colo? — Dominic pergunta, fingindo estar enciumado e Valentina só o olha depois de escolher

um personagem para a luta.

Eu começo a soltar o coque preso em seu cabelo. Às vezes eu a olho e ainda não posso acreditar que ela está aqui. Sofremos tanto com a sua perda e é impossível não agradecer a Deus por ela estar conosco viva e com saúde, por isso a mimamos e paparicamos tanto.

— Não, papai, se não como eu iria lutar contra você?

Valentina tem as melhores tiradas que uma garota de nove anos poderia dar em qualquer um. Ela é tão esperta e inteligente, reparando tudo a sua volta e pronta para fazer e responder as suas próprias dúvidas.

— Pois agora eu que vou acabar com você, sua pestinha. — Dominic anuncia, escolhendo o seu personagem.

— Eu te amo, papai. — Ela beija o seu rosto e isso o distrai.

Valentina usa isso e vence o primeiro round.

— Sua manipuladorazinha. — Ele balança a cabeça. — Nem parece minha filha.

Valentina finge bocejar antes que a luta continue.

— Tem que me aturar, coroa, que sou igualzinha a você. Meu que biso falou.

Eu rio e quando Valentina ganha dele, Dominic me olha descrente. Ele não a deixou ganhar?

— Onde você aprendeu esses macetes? — Pergunto olhando o controle que ela mexia com facilidade.

— Eric.

Dominic bufa se levantando e entregando o controle para Jace.

— Acabe com essa anãzinha.

Valentina ofega.

— Eu sou uma das alunas mais alta da minha classe. — Exclama revoltada. Isso me lembra do quanto Isis odiava ser chamada de pequena. Demorou até que ela crescesse, o que só aconteceu com seus quatorze anos.

— Sua mãe também odiava ser baixinha. — Provoco e ela se vira para mim com os olhos cerrados igual a Isis.

— Eu *não* sou baixinha!

A porta da frente se abre e eu não posso deixar de ofegar ao vê-las, ou melhor, vê-la. Mila está com os cabelos bem tratados e brilhantes, posso reparar que eles estão aparados num corte que dá mais movimento para eles. Ela carrega duas sacolas e sorrir com algo que as meninas dizem. Ela está simples, com jeans claros skins e um moletom escrito "*Sou legal, me amem*".

— Olha só, estamos cheias de modelos aqui — Jace diz se levantando e beijando os lábios de Carina antes de fazê-la dar uma voltinha. Seu olhar para no braço dela.

— Fez uma tatuagem? — Ele pergunta surpreso.

Carina levanta o seu pulso para todos vermos. É um belo urso com formas geométricas e a sua volta há pequenas estrelas. A arte é maravilhosa.

— A próxima sou eu. Assim que eu tiver o bebê, é claro. — Isis diz com uma das mãos na sua barriga ainda plana. Seria mais uma gravidez para brincarmos a chamando de barriguda, só para irritá-la.

Jace observa a tatuagem.

— É linda, Pequena.

— Realmente é um belo trabalho. — Dominic elogia.

As crianças pedem para ver e fazem o mesmo. Todos adoram a nova tatuagem de Carina. Ela olha para Mila que tem as bochechas coradas, antes de olhar para mim.

— O que achou, Miguel? — Carina pergunta.

— É maravilhosa. Você é a mamãe ursa, né?

Carina sorri.

— Sim e essas constelações são as pessoas que eu amo.

Eu paro para contar a todos nós e dá o número certinho do nosso grupo, até que eu reparo uma estrela a mais.

— Acho que o tatuador ou você errou a conta. — Indico.

Carina olha para Mila.

— Tem mais uma pessoa que já está no meu

coração.

Carina e Isis abraçam Mila, que fica toda emocionada.

— Se me fizer chorar eu conto o desenho que você fez ai embaixo. — Ela brinca e Carina ri.

— Uma borboleta, mas é de henna. — Ela levanta e abaixa as sobrancelhas várias vezes para Jace que dá um sorrisinho de lado. — Durante o nosso passeio, conversamos bastante e, a partir do que eu disse, Mila fez essa belíssima arte da mamãe ursa para mim. Eu gostei tanto que mandei tatuar.

Todos olham para Mila que fica com as bochechas coradas. É tão estranho ver ela corada, normalmente ela é tão extrovertida.

— Ela fez uma pra mim também. — Isis puxa um papel e vira para a gente.

É similar ao de Carina, porém é uma leoa e a sua volta são pequenos vagalumes, como se a leoa tivesse olhando para o céu à noite. Eu olho para Mila.

— Você é muito boa nisso — Falo e ela sorrir. Olho para os outros. — Vocês devem ver os quadros dela, eu vi dois que ela ainda não tinha

terminado e fiquei encantado.

— Há quanto tempo você pinta? — Jace pergunta.

— Desenho e pinto desde que me entendo por gente. — Conta e vamos todos nos sentar. Pego o braço dela, impedindo-a de seguir o restante do povo que conversa animado.

— Você nasceu para isso.

— Obrigada!

Nos sentamos e Isis mostra a Mila as fotos das fantasias das crianças dos últimos anos e a faz sorrir.

— Daqui a pouco é Gabe, né Miguel?

Ela pega o bebê e o enche de beijos.

— Eu estava com saudade de você. Sim, estava. — Ela o abraça, sente o cheiro e o coloca no seu colo. Gabriel não briga para descer e ficar no meio das crianças, pelo contrário, ele se reclina nela e relaxa.

— Então, vocês aproveitaram o dia? — Jace pergunta e as meninas acenam.

— Sim, foi tão bom ter um dia de garotas.

Demoramos tanto para conseguir um. — Isis suspira e toca a sua barriga. — Em breve a barriga vai aparecer e eu não vou poder sair por aí.

Mila acena sem perguntar, acho que ela deve ter percebido o perigo que Isis corre de ficar saindo e só piora se tiver um ser indefeso dentro dela.

— Nós podemos marcar de fazer aqui mesmo, contratando os profissionais e fazer um salão ou algo assim. — Dominic sugere, sorrindo para a esposa que faz um bico.

— Não é a mesma coisa. A gente gosta de bater perna por aí, ver as novidades das lojas, parar para comprar um café ou então só relaxar vendo gente.

Dominic acena.

— Vou pensar em algo.

Carina, animada, decide fazer uma noite de cinema em casa. Isso faz Dominic ter a ideia e dizer que vai mandar fazer uma sala de cinema em um dos cômodos para as crianças poderem ver filme sem ele ficar preocupado com eles longe de casa, sem poder se defenderem caso algo acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

O filme começa e as crianças ficam no colo dos seus pais prestando atenção no filme. Isis e Mila fazem bastante pipoca e, depois de se sentar, eu vejo Mila tirando a parte debaixo da pipoca e dando a molinha para Gabriel. Ela me olha quando percebe que eu estou observando tudo.

— Não quero que ele fique com vontade, mas temos que ter cuidado pra ele não engasgar.

O filme é infantil e as crianças sabem todas as músicas e passos do filme. Já Gabriel se contenta em tentar dançar e cantar na língua dos bebês. Eu rio baixo quando vejo que Dominic e Jace, além das meninas também, cantam a música.

— Eu estou sentindo que estamos um pouco excluídos. — Mila comenta baixinho comigo, seu olhar cheio de diversão. — Precisamos ver mais filmes e cantar.

Eu aceno em concordância.

— Sim, vamos arrasar com eles na próxima vez.

Mila ri baixo e eu percebo o quão perto o seu rosto está do meu. Se eu me inclinar um pouquinho nós estaremos nos beijando.

— Olha a pegação aí na frente das crianças. — Isis comenta alto, divertida, e Carina completa:

— E olha o que falam baixo ai, hein. Sem saliências na sala, *please*.

Na manhã seguinte, depois de dar café para Gabe, Mila e eu voltamos para a casa de Isis, pois marcamos de passar o dia lá, já que às seis da noite vamos levar as crianças para pegar doces pela vizinhança. A casa de Dominic é localizada num bairro de luxo e ele conhece todas as pessoas que estão perto da propriedade, assim não deixando as crianças em risco. Mas, por garantia, ele dobrou o número de seguranças e fantasmas, que são agentes a paisana.

Mila leva sacolas e me olha enquanto subimos no carro.

— Você não vai se fantasiar?

Eu levanto as sobrancelhas enquanto me sento ao seu lado. Hoje eu tenho um motorista, apesar de gostar de dirigir. Mas queria ficar mais perto dela.

— A festa é só amanhã.

Ela bufa.

— Mas hoje iremos buscar doces com as crianças.

Eu aceno.

— Dominic deve me emprestar uma fantasia ou então eu coloco óculos escuros e terno, virando Homem de Preto. — Bato na minha mochila que tem um terno dentro.

Mila dá de ombros sem ligar muito.

Quando chegamos a casa, as crianças estão muito mais levadas, correndo e gritando para todo lado. Olho para Gabriel e o pego no colo.

— Você vai ser quietinho, né?

Gabe ri e Mila o pega dos meus braços o colocando no chão. Ele começa a correr, mas cai. Mila o ajuda a levantar e o coloca perto do sofá, onde ele anda mais um pouco até os brinquedos espalhados pelo tapete e se senta lá. Escuto vozes na cozinha e aponto para lá.

— Vamos?

Mila morde o lábio um pouco nervosa.

— Eu tenho que ficar com Gabe, Miguel. Eu sou a pessoa que fica com ele para você poder ter um tempinho pra si mesmo, lembra?

Eu rolo os olhos e me viro para Valentina sentada no sofá.

— Querida. — Ela me olha. — Você pode ficar um pouco com Gabe?

Ela acena feliz.

— Sim, eu vou contar uma história para os pequenos.

Tendo a minha deixa, eu levo Mila pela mão até a cozinha. Minha mão parece se encaixar perfeitamente com a sua e isso me faz entrar em pânico a soltando e me afastando um pouco. Mila se afasta também indo até as meninas e ajudando a fazer o lanche. Ela riem e conversam como se conhecessem desde sempre. Dominic fala algo a meu lado e eu tenho que pedir para ele repetir, o que o faz sorrir.

— Estou dizendo que ela se encaixou bem com as meninas.

Eu aceno e vejo Jace disfarçando um sorriso.

— E é linda, trata seu filho como se fosse dela. Quando você está distraído, ela também te observa. Quer uma mulher melhor do que essa?

Eu cruzo os braços.

— Cuidem da vida de vocês, não quero nada com Mila.

Acho que falei um pouco alto demais porque o olhar dela se levanta e me olha dolorida antes de voltar a tentar entrar na conversa, mas percebo que é forçado. Eu a magoei. De novo. Fujo do olhar mortal de Isis e Carina.

— Boa, Miguel! — Jace dá um tapa dolorido nas minhas costas, que protestam com o golpe. Olho para Dominic em busca de ajuda, mas ele só balança a cabeça. Como de uma hora para a outra Mila tomou todos os meus amigos de mim?

Quando o começo da noite chega, as meninas aprontam as crianças e sobem para o quarto se arrumar, Mila leva Gabe com ela e olho para os meninos.

— Vocês vão usar fantasia hoje?

Jace acena e tem um sorriso sacana no rosto. Luna puxa a sua perna e ele a olha.

— Papai, você não vai colocar a fantasia?

O sorriso que Jace me dá deixa claro que isso vai dar merda.

— Claro, querida.

Sem olhar para a gente, ele pega uma mochila no canto e se vai. Olho para Dominic.

— Hoje não. — Ele responde.

— Por quê? Você gosta tanto de fantasias, Batman.

Dominic ameaça me dar um soco, mas, suspirando, ele olha para seus filhos que o encaram com um pedido em seus olhos.

— Droga. — resmunga.

— Poderíamos usar terno e óculos escuros, como os homens de preto.

Dominic para pra pensar sobre isso e acena. Acho que ele não quer realmente usar a fantasia que deram a ele.

— Papai, vai buscar a sua fantasia! — Valentina exclama, colocando as mãos na cintura. Ela está usando o macacão azul escuro da viúva Negra e seus cabelos estão cacheados. Ela está uma

fofura. Dominic suspira, se dando por vencido e vai se vestir.

Pouco tempo depois, ele volta para a sala fantasiado de múmia, todo enrolado em gazes. Luna solta um grito animado, correndo junto com Dante para Dominic, enquanto Thor e Dimitri se escondem atrás de mim com medo. Eu me abaixo para ficar na altura deles.

— Aquele é seu pai, carinha. Está com medo?

Dimi acena, ele está fantasiado de Capitão America e tem os olhos um pouco arregalados.

— Meu pai?

Eu aceno.

— Você por acaso viu algum filme de terror?

Ele acena em negação.

— Papai viu um filme na hora da soneca e tinha uma múmia assustadora. — Exclama Thor e olha para cima. Dominic tem um olhar divertido.

— Então o senhor está fugindo da soneca.

Dimi e Thor se olham e isso me faz rir.

Ambos se entendem tão bem, na verdade todas essas crianças. As meninas começam a descer as escadas e eu rio alto. Isis está fantasiada de Lindinha, Carina de Docinho e Mila de Florzinha. As três param na posição e levantam o braço esquerdo como se fossem voar.

As crianças batem palmas, rindo felizes com as suas mães. O que me deixa pasmo é que Mila tem Gabe nos braços e ele está fantasiado de Prefeito de TownsVille. Eu beijo a bochecha de Mila antes de pegar o bebê nos braços.

— Você é o prefeito, filho? — Beijo suas bochechas gordinhas. Até barba branca ela colocou nele.

— Miguel vai se arrumar! — Carina grita e eu aceno.

Rapidamente visto o meu terno e óculos escuros. As meninas rolam os olhos quando me veem. Escuto risadas altas e me viro para ver de que estão rindo. Minha boca cai aberta quando eu vejo a fantasia de Jace. Ele está com uma mochila de maternidade azul, um boneco nos braços e uma camiseta azul clara escrita "pai solteiro, preciso de ajuda!".

Eu cruzo os braços, lutando contra a vontade de rir.

— Pensando muito em mim, é? — Pergunto.

Jace dá de ombros, pisca e sorrir para mim.

— Sabe como é, né? A gente perde o amigo, mas não a piada. — Ele diz e sorrio da sua resposta.

— Vamos logo acabar com isso que quero logo que chegue amanhã. — Passo uma mão na outra, já animado pra amanhã.

Os caras sabem como eu sou e batem na minha mão em cumprimento, o que faz as suas mulheres revirarem os olhos para eles.

— Quando vai deixar de ser piranha? — Carina pergunta, cruzando os braços. Eu dou de ombros e abro a boca para responder, mas Dante pergunta:

— O que é uma piranha, mamãe?

Isis fuzila Carina com o olhar antes de se abaixar para falar com seu filho.

— São mulheres chatas e que tem muitos namorados, mas você não pode falar isso que é

feio.

O menino acena e me olha interessado.

— Tio Miguel, você tem quantas namoradas?

Depois de pegarmos doces até às dez, levamos as crianças para um parque que Dominic fechou só para a gente. As cuidadoras ajudam a olhar as crianças dentro de um treco fechado, como uma casa de plástico de dois andares com o chão de bolinhas. Como Gabriel é pequeno, ele vai para outro cercado menor com Dimi que não quis ir ao brinquedo e os dois brincavam com os carrinhos.

Todos estamos conversando animados até que Carina arranja ideia de pular no pula-pula grande que tem. Mila a segue e as duas brincam. Não demora a Isis se juntar a elas, apesar de estar grávida de dois meses. A roupa delas não é indecente, mas tem algo sensual nelas que elas não podem evitar. Começo a ficar duro só vendo Mila pular e rir. Elas estão com meia calças brancas e só

quando pulam mais alto eu posso ver que as meias nada mais são do que cinta liga de renda.

— Porra. — Jace rosna ao meu lado.

Eu o olho, sabendo que ele viu o mesmo que eu.

— O quê? — Dominic pergunta, ainda enrolado em gazes.

— Cinta liga — Falo, ainda olhando as pernas de Mila e Dominic geme.

— Ela me paga.

Quando cansam, elas saem e Isis tira mais algumas fotos nossas. Já tiramos tantas que dá para fazer uma grande colagem, mas elas não parecem satisfeitas. O parque oferece um fotografo para registrar o momento e ele tira foto de todos os lados. As meninas estão com essa mania agora de registrar tudo para mostrar as crianças quando elas crescerem.

Eu nunca tive muitas fotos da minha infância e as poucas que tinha foram tiradas por babás para guardar de recordação. E, já faz muitos anos que não falo com meus pais, desde a morte dos meus avós, que deixaram uma herança para

mim e, como eu era emancipado, eu mesmo recebi, sem a necessidade de ter meus pais como meus representantes legais. Foi esse também o motivo que os fizeram me culpar por não terem recebido nada. Eu não fiz questão nenhuma de ajudá-los ou dividir meus bens com eles, afinal, eles me jogaram no inferno e nunca ligaram para o que estava passando.

Falando no esquadrão, apesar do FBI ter os nomes dados por Carina, eles ainda estão caçando alguns deles que fugiram e agora cuidam das instalações. Às vezes sinto medo que a história possa se repetir. Tantas crianças perderam a infância e isso me faz perguntar como elas estão hoje em dia. Temos um meio de comunicação onde trocamos mensagens para confirmar que estamos bem ou só para dizer onde estamos. Uma parte dessas pessoas fugiu e tenta achar o seu lugar no mundo para recomeçar. É dessa parte que eu tenho medo. Isis preferiu se afastar de tudo, mas eu me mantive presente nos grupos para caso qualquer um deles precisarem de ajuda poder fazer algo.

Volto ao presente quando escuto a risada alta de Isis. Dominic a pegou e a arrasta para o

canto, onde a beija com paixão. Jace tão tarda a ir pelo mesmo caminho e de repente só sobra Mila e eu.

— Eles são tão fofos. — Ela comenta sorrindo.

— Um pouco pegajosos. — Respondo, mas tenho um sorriso no rosto olhando meus amigos tão felizes. — Venha aqui.

Mila para no meu lado e eu saco o meu celular, fazendo uma cara de triste, ela faz o mesmo e tiramos uma foto. Ao fundo sai os dois casais se beijando e Mila ri quando vê.

— Depois me passa a foto?

Eu aceno e envio para ela e para Elena, que já deve estar dormindo. Ela devia viajar para cá no Halloween, mas Francesca ficou doentinha na última semana e eles preferem esperar até ela estar cem por cento.

— Gostou de hoje? — Pergunto e ela acena animada.

— Sim, já faz tempo que eu me divertia assim.

— Amanhã vai ser melhor ainda.

Ela acena animada.

— Sim, as meninas estão super animadas para ter uma noite mais adulta.

Eu aceno e sorrio de lado.

— Amanhã ninguém me segura.

Carina ri atrás de mim.

— Valeu, moleque piranha.

Eu dou o meu melhor sorriso molha calcinhas.

— Querida, eu sou pica solta. Moleque piranha é apelido.

Amanhã promete, principalmente para tirar de vez uma certa babá gostosa da minha cabeça.

CAPÍTULO 8

MILA

Passo mais uma camada da máscara de cílios e olho os cílios postiços que coloquei em cima da mesa, esperando a cola secar um pouco. Me admiro refletida no espelho, nunca fui muito de usar maquiagem a toa, mas para sair eu gosto muito de estar com a pele perfeita e sem as minhas sardas. Não me entenda errado, eu as amo, mas tem horas que enjoamos do que vemos todo dia.

Viro-me para Isis, que está terminando de cachear seus cabelos e Carina está passando batom lentamente. Elas riram de mim quando eu só tinha feito a minha sobrancelha. Tudo bem que não fica legal você fazer as sobrancelhas perfeitas e em volta delas branco e o restante do rosto rosado com sardas.

— Tenho que confessar que você arrasa na maquiagem. — Carina comenta quando eu termino de colocar os cílios postiços.

Eu sorrio de lado.

— Deve ser porque eu adoro mexer com tintas e pincéis. Essa coisa de ser pintora e tal.

Ela rola os olhos e Isis começa a colocar a sua fantasia.

— Os meninos vão ficar doidos!

Carina se abana e depois vai ajudar a sua amiga a fechar o vestido, então puxa os peitos de Isis mais para cima. Sorrio com o nível de intimidade delas.

— É isso que contamos. — Ela se vira para mim. — E você Mila? Tem alguém?

Eu nego.

— Meu último namorado tentou me matar, então, não.

Elas riem.

— E que tal Miguel? Você não pode negar que ele é lindo. — Isis me empurra.

Eu dou de ombros tentando fingir indiferença, mas eu devo ter me entregado porque elas soltam risadinhas.

— Tudo bem, ele é muito lindo, mas também é *pica solta* como disse — Respondo e elas

caem na risada novamente.

— E ele vai virar pica presa se tiver uma mulher como você. Não rola nenhum clima? Tipo, vocês moram na mesma casa e eu duvido que você vista sutiã o dia todo. Não rola de você pegá-lo te olhando? — Isis continua, interessada.

Eu suspiro.

— Não quero mais confusão para o meu lado. Já me apaixonei por Gabriel e não quero deixá-lo só porque eu não soube manter a minha saia abaixada.

Carina ri.

— Mas se não existisse Gabriel e você não fosse sua babá? — Elas me empurram.

— Eu o montaria como uma verdadeira vaqueira e só saia de lá quando tivesse assada!

Elas gritam alto quando escutam o que eu disse. Carina abana o rosto para as lágrimas de risos não caírem dos seus olhos e alguém bate na porta em seguida.

— Está tudo bem aí? — Dominic pergunta do outro lado da porta, com a voz neutra, neutra até demais.

Eu paro, tampando a boca com medo dele ter me ouvido.

— Sim, amor. Só não acho que estavámos preparadas para o que Mila disse — Isis diz e começa a rir.

Eu rolo os olhos e coloco o vestido, nós sorrimos uma para a outra enquanto nos olhamos. Quando fomos passar um dia de meninas, nós estavámos conversando sobre opções de fantasia no salão enquanto aguardávamos a nossa vez, então uma criança perto da gente pedia para mãe mandar alguém do salão aumentar a TV. Sorrir quando vi que ele queria ver *Abracadabra*, então pensamos: por que não?

Nossa roupa era exatamente igual a do filme, porém mais sensual e a frente do vestido curto. Fiquei pasma com o que o dinheiro podia fazer. Tínhamos somente uma ideia, mas logo em seguida Isis mandou uma mensagem para uma assessora que foi em lojas de fantasia buscar e depois mandou para a costureira ajeitar, já que não daria tempo para ela fazer do zero. Um dia depois estavámos com as fantasias mais belas e divertidas.

Antes, as meninas iriam de mafiosas, mas

achararam essa ideia muito mais legal.

A irmã Sanderson mais bonita era a Sarah, a loira e a fantasia ficou para Isis que combinou perfeitamente. Sua fantasia era com um corpete num tom de rosa avermelhado, com detalhes claros e escuros e com a saia de cetim num tom mais escuro. A saia era longa atrás e curta na frente que mostrava a meia de renda preta, junto com as botinhas e meias com listras amarelas e rosas.

Carina estava de Mary, mas ela fez a mais feia das irmãs se tornar a mais bonita e sexy nessa sua versão. O corpete era vinho trançado na frente e com alças, embaixo havia uma camiseta de manga com um tecido transparente meio alaranjado e a saia era semelhante à de Isis, porém preta. Carina completou o look com vários anéis e colares. Eu tinha que admitir, ela conseguia fazer ficarem lindo as coisas mais improváveis de combinarem.

A minha fantasia era da líder das irmãs Sanderson, a Winifred. A roupa eu decidi dar uma incorporada com o meu estilo, o corpete verde musgo que deixavam meus seios dando saudações para quem olhasse, mas sem ser indecente demais. A saia era longa, mas com uma grande abertura no

lado esquerdo que formava um V ao contrário, deixando uma perna nua e metade da outra. Ela tinha duas cores, o verde do lado de fora, porém por dentro era roxo. Carina havia enrolado os meus cabelos vermelhos e colocamos nossas botas de cano curto preto junto com meias com listras coloridas que combinavam com os tons da nossa fantasia.

— Cara, nós estamos muito lindas! — Eu exclamo depois que termino de passar o batom vermelho.

— Nós somos as rainhas dos cosplays. — Carina diz, nos olhando no espelho. — Estamos tão bonitas.

— E sexys. — Isis completa. — Já faz muito tempo desde que eu me sinto assim com uma fantasia.

Eu a olhei surpresa quando percebi que ela falava sério.

— Ontem você estava muito sexy de Lindinha. — Ela balança a cabeça em negação, sem acreditar, e Carina é outra que não acredita noquanto estava linda. — Vocês são doidas.

Elas deram de ombros como se ouvissem isso sempre e Isis suspirou passando a mão pela sua barriga plana.

— Eu estou grávida de dois meses e já estou me preparando para mais uma vez andar igual um pinguim, parecendo que eu engoli uma melância.

Carina piscou disfarçadamente para mim.

— Sim, sua barriga fica enorme mesmo, maior que a minha de gêmeos.

Isis a empurra e ela faz o mesmo, então as duas estão rindo como crianças.

— Piranha. — Isis resmunga.

— Vadia.

Começamos a descer as escadas, rindo como bruxas, mas Isis segura nosso braço.

— E se as crianças ficarem com medo?

Eu mordo o lábio pensando sobre isso.

— Eles já viram o filme?

As duas parecem pensar.

— Não, mas Valentina sim. — Isis responde.

— Mas ela já é maiorzinha e entende que é

só uma fantasia. Se as crianças perguntarem que fantasia é essa digam que é de bruxa, não precisa dizer de onde ela é.

Com isso, as meninas ficam mais tranquilas e descem as escadas. A cada dia me sinto mais ligada a elas. Durante o dia de ontem eu lhes contei um pouco do meu passado e sobre Paul. Era tão bom conversar sobre tudo com outras pessoas, tendo opiniões diferentes. Emy é minha melhor amiga e sempre será, mas às vezes ela não entende as coisas que digo, pensa que é bobagem e que eu tenho simplesmente seguir em frente, no entanto, não é fácil assim. Quem me dera fosse.

Quando chego ao último degrau é tarde demais para avisar que é para voltarmos para cima. As crianças estão todas sentadas no sofá vendo nada mais nada menos do que Abracadabra que parece estar no final. A primeira a nos ver é Luna, que é sempre corajosa, porém ela solta um grito alto o que faz as outras crianças gritarem de susto e chorarem quando nos veem. Um senhor parecido com Dominic, numa versão mais velha tem que segurar as crianças, que se jogam nos seus braços assustadas.

Os meninos correm para fora da cozinha e Valentina está com eles, ela vai rapidamente tentar acalmar as crianças. Espero os meninos fazerem o mesmo, mas eles nos devoram com o olhar e isso inclui Miguel que está fantasiado de...

— Nem brincando! — Eu grito chegando até ele.

— Ah, sim, baby. — Ele vira para o lado mostrando a tatuagem igual a do Jacob, o lobo de Crepúsculo. Miguel está sem camisa, com uma bermuda jeans rasgada, seus cabelos estão bagunçados para cima e eu posso jurar que ele passou óleo pelo peito. — Sou seu lobinho favorito. — Ele passa a mão pelo seu peito, com os oito gominhos bem marcados. — Só não estou muito bronzeado, faz tempo desde que peguei uma praia. — Pisca.

Engolir saliva se torna um trabalho difícil nesse momento, ainda mais quando percebo que ele está me checando tanto quanto eu o estou.

— Sério, Miguel? — Carina é a primeira a falar e reparo que Jace está com o braço em volta da sua cintura.

Ontem eu cai na gargalhada ao ver a

fantasia dele. Jace tinha se fantasiado de pai solteiro. Eu sei que é errado, mas não pude evitar rir da brincadeira dos meninos. Hoje, ao contrário, eu não sentia a menor vontade de rir. Jace estava fantasiado de cavalheiro, tinha até uma espada, não que ele precisasse realmente de uma em sua mão para provar que a tem e fica dura quando vê Carina. Ele parecia perigoso quando estava sem sorrir, mas com Carina ao seu lado até o seu semblante parecia mais... doce. Dominic estava fantasiado de Zorro, com capa e máscara. Ele também é outro espetáculo de homem.

Miguel dá um sorriso de lado quase distraído.

— Fazer o que né, baby? — Pisca para ela.

Olho para as crianças que estão um pouco mais calmas quando percebem que são suas mães. Dimitri se esconde atrás do velho senhor quando Isis começa a se aproximar.

— Amor, sou eu. — Isis diz doce, se abaixando.

— Mentira. Você coloca criança no caldeirão! — Acusa, então volta a chorar. — Eu quero minha mãe!

Depois de mais dez minutos, as crianças finalmente percebem que nós não faremos qualquer mal a eles. Eu conheço então Vô Raffaelo, avô de Dominic. Ele é um homem encantador, mas por trás de suas rugas eu não duvido que ele é temível ainda. Nós tiramos fotos nossas então entro na limusine que nos aguardava junto com as meninas e começamos a tomar uma bebida enquanto conversamos até chegarmos lá.

Estou rindo tanto que minha barriga dói enquanto Miguel me mostra o vídeo de uma festa cosplay que Carina e Isis foram com Dominic anos antes. O vídeo mostra Carina de Coringa batendo numa mulher fantasiada de Mulher Gato enquanto Dominic, de Batman, tenta afastá-la.

— Não acredito que você ainda tem isso. — Dominic resmunga revoltado.

— Bons tempos. — Carina e Isis dizem em uníssono.

Conforme nos aproximamos do prédio, vejo diversas pessoas passando na rua com fantasias e tenho quase cem por cento de certeza que estão a caminho para a boate. Recebo mensagem de Matt que diz que ele e Emy já chegaram e estão nos

esperando na área vip. O carro nos deixa na porta e, com a ajuda de Miguel, saímos.

— Porra, está frio. — Ele resmunga acelerando o passo para entrar no prédio, o que me faz rir. O tempo hoje não está dos piores, mas também não posso dizer que está uma noite agradável para se sair sem camisa e só com uma bermuda jeans. Pelo menos não está chovendo, o que por si só já era para ser considerado o ponto alto.

Os seguranças da porta abrem espaço para nós passarmos e escuto algumas pessoas, que estavam na fila quilométrica do lado de fora, gritarem e reclamarem, mas perderam a voz quando reconheceram quem estava entrando. Eu queria rir, mas se estivesse no meio daquelas pessoas eu com certeza estaria me cagando de medo. Novamente o meu cérebro alerta que eu tenho que cair fora e mais uma vez eu ignoro. Eu sei que a corda sempre arrebenta para o lado mais fraco, mas nesse momento eu me permito correr esse risco.

Assim que entramos na boate, eu sinto o ar mudar. A cor principal das luzes da boate é o azul com alguns traços vermelhos, dando a sensação de

que o espaço está frio, porém, o ar muda e nos faz sentir mais quente, sensuais.

Subimos para a área vip e rapidamente eu encontro minha amiga que está fantasiada toda de couro e tem um chicote em mãos. Quando me vê, abre um grande e sincero sorriso.

— Olha, a bruxinha malvada mais linda do mundo! — Me elogia e então me abraça. — Parece que não nos vemos há anos.

— Sim, eu também estou com saudade de passar mais tempo com você.

Apresento ela para o pessoal e olho em volta procurando o meu irmão. Leva cinco segundos para eu perceber que o cara sensual fantasiado de policial se aproximando é ele.

— Jesus, eu deixaria ele me bater com seu cacete se eu fosse solteira. — Carina solta, se abanando e depois dá um gritinho.

Eu caio na gargalhada quando eu vejo a carranca de Jace.

— Querido, eu disse que isso aconteceria se você não existisse. Pergunte para Isis, ela também acha Matt muito gato.

Isis engasga e olha rapidamente.

— Me tira dessa!

Meu irmão se aproxima sem saber do bafafá que está acontecendo por causa da sua fantasia.

— Alguém precisa ir para a cadeia aqui? — Ele pergunta divertido.

Eu olho para Carina, só para ver Jace colocando a mão em sua boca, fazendo-a ficar quieta, em seguida sussurra algo no ouvido dela que faz seus olhos se arregalarem antes dela suspirar apaixonada e se virar para ele o beijando com vontade.

— Não, ninguém precisa. — Respondo e o abraço. Enquanto faço isso, levanto o olhar sobre seu ombro só para ver Emy admirando a bunda dele.

Matt cumprimenta a todos e brinca com Miguel sobre sua fantasia.

— Está melhor do frio aqui? — Pergunto, mesmo sentindo a temperatura ambiente que não é muito frio, mas também não muito quente. Perfeita.

Miguel pisca um sorriso.

— Sim, daqui a pouco só vou passar mais

um pouco de óleo para preservar a fantasia. — Ele passa a mão pelo peito nu e sem falar nada eu me viro indo para o bar. Não tem como manter uma conversa com Miguel com ele nesse estado, eu não consigo nem pensar direito.

Me inclino sobre o balcão e o barmen da noite pisca para mim antes de fazer o meu pedido que é o drinque *Sex on the Beach*.

Um homem que está sentado no bar ao meu lado me olha dos pés a cabeça e me dá um sorriso. Ele está usando uma fantasia de marinheiro e é um homem atraente. Eu tenho certeza que o vi algumas vezes no bar enquanto trabalhava, mas nunca tive a chance de conversar com ele realmente. Talvez uns sorrisos e cumprimento a distância, pois Matt é muito ciumento e nunca me deixou criar amizades aqui dentro, então eu evitava.

— Eu te conheço de algum lugar? — O homem se inclina no balcão, se virando para mim.

— Sim, eu acho que também já te vi. Fiz uns bicos aqui. — Aponto para o bar.

Ele toca a ponta do nariz como se estivesse lembrando e acena olhando o meu cabelo, mas parece um pouco forçado. Talvez eu tenha dado um

fora nele alguma vez e ele estava se fazendo de esquecido.

— A irmã do Matt. — Ele estala o dedo. — Eu me lembro de suas acrobacias com as bebidas.

Eu sorrio e inclino a minha cabeça para o lado, gostando de conversar enquanto espero a minha bebida, que o barman a fazendo junto com outros pedidos. O homem está com uma camisa preta com estampa de caveira assim como o seu rosto pintado e fico encarando-o até que vejo que ele me observa.

— Culpada.

Ele me dá um sorriso de molhar calcinhas, mas a minha continua seca como o deserto. Parece que quando se convive com alguém muito gato nenhum outro parece ser bom o suficiente.

— Samuel. — Ele estende a mão se apresentando.

— Mila. — Sorrio, aceitando a sua e suspirando quando ele a beija.

— Miguel. — Diz uma voz atrás de mim. Miguel me olha com uma sobrancelha erguida. — As meninas estavam te procurando.

— Eu vim buscar uma bebida.

O barmen escolhe esse momento para me entregar o meu drinque. Começo a levantar o dinheiro quando os dois homens levantam o deles para o barman. Ele os olha então para mim, esperando eu escolher quem vai me pagar à bebida, a porra da minha bebida.

— Aqui, pode ficar com o troco. — Eu entrego o meu dinheiro e me levanto. — Obrigada meninos, mas eu posso pagar as minhas próprias bebidas. — Não querendo ser grossa, eu olho para Samuel. — Foi bom conhecê-lo melhor, Samuel. Nos vemos por aí?

Ele sorri de lado, mas eu reparo que sua mão está apertada no copo, apesar de manter o rosto neutro.

— Você pode apostar que sim.

Me afasto, sentindo o olhar de Samuel em mim e os passos de Miguel logo atrás, e quase posso sentir o calor dele nas minhas costas. Volto para a mesa vendo o sorriso disfarçado dos meninos e as meninas fingindo que não estavam olhando toda a cena. Matt e Emy estavam perdidos no seu próprio mundo e isso me fez pensar se eles

tem ficado juntos pelo tempo que eu sai de casa. Não seria uma surpresa, mas seria legal eles me contarem que estão se vendo. Quando estou a poucos metros da mesa, a mão de Miguel pega o meu ombro.

— O que aconteceu lá?

Eu o olho com uma sobrancelha erguida.

— Qual parte, a que você se faz de homem das cavernas? Está com a fantasia errada, Miguel.

Ele esboça um sorriso doce e dá de ombros.

—Eu só quis ser prestativo.

— Sei.

Ele cruza os braços, realçando todos os seus músculos.

— Por que fugiu?

Eu levanto o olhar para ele.

— Porque eu não gosto que queiram mandar em mim. Eu sou uma mulher independente e gosto de pagar minhas coisas sozinha.

Miguel pega a minha bebida e suga o canudo.

— Não estava falando de agora. — Ele diz

com um traço de sorriso na voz.

Eu preciso limpar a garganta e desviar para organizar um pouco os meus pensamentos, mas não consigo essa proeza e o filtro que não tenho me faz admitir o que eu mais queria esconder.

— Você pode ser muito... intenso. — As suas sobrancelhas se erguem em surpresa absoluta. — Qual é? Você sabe que é bonito e às vezes é intenso demais.

— Eu nunca fui chamado de intenso. — Ele responde com um largo sorriso. Sem esperar eu responder algo que provavelmente me envergonharia mais ainda, ele rouba o morango da minha bebida e vai até a mesa.

— O que acabou de acontecer aqui? — Pergunto a mim mesma e, quando não encontro uma resposta, suspiro e caminho até a mesa.

Matt me pergunta sobre o emprego, mesmo que sempre estejamos conversando pelo celular, e conto sobre Gabe, o fazendo sorrir.

— Você parece mais feliz do que já esteve, parece que cuidar de crianças é o seu dom.

Eu sorrio. Não sei se é exatamente isso e

nem tenho certeza se é com todas as crianças, mas Gabe entrou de tal maneira em meu coração nas últimas semanas, que é impossível não sorrir ao falar dele.

— Gente, temos que marcar de ir para Itália. O aniversário de Damien passou e nem fomos perturbar. — Carina diz e todos da mesa acenam.

— Eles queriam ter um momento só deles. — Dominic fala.

Carina cerra os olhos.

— Pois eles vão ter um momento só deles, mas com a gente aproveitando o sol do mediterrâneo e curtindo a piscina. — Pisca e Dominic rir, negando com a cabeça.

O assunto então muda para aniversários.

— Bem, temos que organizar tudo, afinal, dia vinte e cinco é o aniversário dos gêmeos e dia vinte e oito o da Isis. — Jace fala e acrescenta. — A festa das crianças está confirmada e você, Isis, fará o quê?

Isis olha para Dominic.

— Estávamos pensando num jantar e depois

irmos para o Brasil por uma semana ou duas. O que acham?

Eu só sorrio os vendo conversar. Eles são tão ricos e viajados que eu me perco um pouco no assunto, mas escuto para não ficar chato.

Continuamos a conversar sobre vários assuntos antes das meninas e eu decidirmos ir para a pista de dança. Emy e eu trocamos um olhar de reconhecimento, pois nós duas amamos dançar juntas e chamar atenção. Não sei como as meninas vão se sentir com o nosso jeito especial de dançar. Não foi nem preciso alertá-las que gostávamos de dançar como se o mundo tivesse acabando, porque as meninas dançavam do mesmo jeito, sem se importar que as pessoas achem que estamos fodendo o ar ou querendo chamar atenção.

Passo as mãos pelos meus cabelos enquanto movo meu corpo no ritmo da batida, mexendo os quadris e ombros no processo. Adoro dançar e mexer o corpo. Emy solta um gritinho quando uma música da Shakira começa a tocar e olho para o nosso lado vendo as meninas arrasando nos passos.

Isis e Carina se completam, assim como Emy e eu. Nós quatro dançamos juntas e até

criamos uma coreografia improvisada. Quando estamos na quarta música, meu pescoço e seios estão cheios de suor e eu preciso desesperadamente de uma bebida. Como se fosse mágica, uma aparece na minha frente, sendo segurada por Miguel que parece ter o peito ainda mais lubrificado.

— Aqui, você parece com sede. — Miguel me entrega a bebida que tem uma fatia de limão na boca do copo. — Caipirinha. — Ele diz o nome no meu ouvido e eu não posso evitar sentir o calor sobre o meu corpo ou o arrepio que me toma.

— É gostosa, nunca tinha tomado essa antes. — Respondo e tomo outro gole sentindo um leve gosto de mel e cachaça.

Olho para os lados só para tomar tempo e percebo que os meninos também estão entregando bebidas para as meninas. Miguel aproveita esse momento e me arrasta de volta para a área vip. Subo as escadas com a sua mão na minha cintura, como se a qualquer momento eu fosse cair no chão.

— Eu não estou bêbada ainda. — Falo defensivamente quando subimos e nos sentamos na nossa mesa. Essa área vip é praticamente a vip da

vip, onde só tem pessoas selecionadas e agora eu sei que é uma área para mafiosos ficarem mais a vontade.

Isso me faz olhar para o bar onde conheci Samuel. Seria ele um mafioso também?

— No que está pensando? — Miguel pergunta e eu percebo o quão perto ele está de mim.

— Se temos hora para voltar para casa. — Respondo curiosa, querendo ter algum outro assunto que não seja muito pessoal e lembrando a nós dois que não podemos misturar ainda mais a vida pessoal com a profissional.

— Não. Hoje Gabe vai ficar com vô Raffaelo e uma babá.

Eu levanto uma sobrancelha com um pouco de ciúme. Será que Miguel está querendo contratar outra pessoa?

— Que no caso devia ser eu, já que sou a babá dele.

Miguel balança a cabeça.

— Eu tenho explorado você, Mila. Quase não sai ou tira o seu dia de folga semanal e isso já vamos completar um mês em poucos dias. Eram

para ser dois, mas você só tem um dia de folga, que muitas vezes só aproveita a noite.

Eu abro a boca para dizer que fico com Gabe porque eu quero, quando ele segura a minha mão.

— Eu sei que você ama o meu garoto, mas você tem que ter uma vida também.

Eu aceno mesmo querendo contestar, mas o que eu diria? Que Gabe nesse pouco tempo já faz parte da minha vida? Isso provavelmente o assustaria.

Ele se ajeita confortável no sofá.

— Aquelas artes para as meninas ficaram iradas. — Seu olhar vai para meus braços descobertos com várias tatuagens e minhas bochechas coram com o seu olhar quente.

— Obrigada.

Ele tira uma mecha do meu rosto, o olhando mais de perto.

— Você é tão linda. — Ele passa o dedo pelo meu nariz onde antes tinham as minhas sardas. — Eu gosto de você com elas. — Ele deve ter adivinhado o que eu pensei.

— É bom mudar.

Ele dá um sorriso de lado.

— Mila, você é uma metamorfose ambulante.

Eu aproximo o meu rosto do dele sem me importar com nada e, quando estamos a centímetros de nos beijar, um braço me puxa para longe dele.

— Vem, Mila. A nossa música vai tocar! — Carina exclama sem perceber o que interrompeu e me puxa de volta para a pista de dança.

Olho por cima do ombro e vejo Miguel nos seguindo, mas ele parece perdido em seus próprios pensamentos. As meninas já estavam me esperando e eu me pergunto o que Carina e Isis planejaram quando *I Put A Spell On You* começa a ser cantado sensualmente pelos cantores no palco. Eu começo a rir, até que sinto o meu corpo sendo jogado para Miguel. *Obrigada, Carina.*

— Vai me enfeitiçar, Red?

Eu franzo o nariz com o seu apelido.

— Quem sabe?

Eu coloquei um feitiço em você

Porque você é meu

É melhor você parar de fazer as coisas que você faz

Eu não estou mentindo

Não, eu não estou mentindo

Movo meu corpo sensualmente ao som da música e rapidamente as mãos do Miguel vão da minha cintura para perigosamente mais abaixo. Eu olho em seus olhos, vendo o desejo estampado em seu olhar. É tão forte a atração entre nós que dá quase para ver. Ele pressiona o seu corpo contra o meu e eu posso sentir sua ereção contra a minha barriga.

— Você está me deixando louco, Red.

Querendo provocá-lo, eu passo as minhas unhas leve e lentamente por seu peito, cantando perto da sua boca.

— *I put a spell on you.'Cause you're mine.*

Os olhos de Miguel vão para a minha boca e eu o vejo engolir seco.

— *You better stop the things you do* — Ele completa a letra, sorrindo charmoso para mim. — *I ain't lyin'*.

Miguel não se contém e eu me surpreendo por um homem desse tamanho ter tanto gingado e sensualidade para dançar. Miguel é como um raio, mas você não sabe que foi atingido até ser tarde demais.

A música acaba e outra animada começa. Apesar de dançar perto das meninas e junto com elas, a mão de Miguel nas minhas costas não sai. Ele se mantém dançando comigo durante toda a noite e me acompanhando quando preciso beber algo. Lá para as três da manhã, eu ainda estou a todo vapor, porém, começo a me fingir estar cansada só para podermos ir embora o quanto antes. O olhar quente de Miguel promete uma noite inesquecível.

Pouco depois, o meu desejo se realiza e nos despedimos de todos, ouvindo as piadas das meninas e um olhar de aviso do meu irmão, que eu ignoro. Ele teve pelo menos a decência de não falar nada hoje, pois sabe que isso só me faria ficar com raiva.

Nós entramos num carro particular, que eu suponho ser de um dos guardas e voltamos para casa. Durante todo o caminho sinto o olhar quente

de Miguel pelo meu corpo, quase como um beijo.

No elevador eu o olho, mordendo o lábio, só faltando dizer *estou aqui! Me coma!*

— Foda-se. — Ele murmura antes de me empurrar com o seu corpo contra a parede do elevador.

Sua mão direita vai para o meu rosto, o segurando enquanto ele passa o seu lábio pelo meu sensualmente, com uma leve carícia. Ele repete esse processo duas vezes antes de finalmente colar constantemente os seus lábios macios contra os meus. Abro a boca saudando a sua língua com a minha numa dança sensual e erótica.

A mão esquerda de Miguel vai para a minha perna, que ele levanta e a segura enquanto presiona sua ereção contra a minha calcinha. Gemo contra os seus lábios, passando minhas mãos por seus braços e abdômen, fazendo o que eu tinha imaginado diversas vezes.

O sinal do elevador toca alertando que chegamos ao nosso andar. Ainda nos agarrando e entre beijos, nós andamos pelo corredor que leva até seu apartamento e, com um pouco de custo, abrimos a porta.

O ar pareceu mudar de repente e Miguel já não me beijava com fervor, mas sim com mais calma, como se tivesse aproveitando o momento, o degustando como uma sobremesa deliciosa que normalmente é pequena, porém, fantástica. Ele termina nosso beijo com vários selinhos.

— Miguel. — Eu gemo contra os seus lábios, querendo mais, muito mais.

Ele cola as nossas testas.

— Me desculpe. — E com um beijo na testa, ele sai me deixando ainda apoiada contra a porta da sala. Vejo ele subir as escadas para seu quarto, como se tivesse fugindo do bicho papão.

Sabia que essa noite seria cheia de surpresas, mas eu a imaginava acabando de um jeito totalmente diferente.

Ainda fico parada contra a porta por mais alguns minutos antes de ir suspirando para a cozinha, onde eu tiro uma das milhares de garrafas de bebida que Miguel tem no armário. Então vou para meu quarto, pensando em como o nosso beijo vai mudar tudo e qual será a consequência dele amanhã.

Me sento na cama, num estilo decadente e me olho através do espelho da porta do armário.

— É Mila, parece que você deve aprender a pensar com a cabeça e não com a boceta.

Me jogo para trás e vejo algo, uma sombra debaixo da minha porta. Sei que é ele, mas mantenho a minha porta trancada e não vou até ela. Ele provavelmente ouviu minhas palavras, pois hesitou na porta. Eu esperei ele girar a maçaneta só para vê-la fechada, mas ele foi embora antes disso.

Como pensar com a cabeça quando um beijo me deixou totalmente vidrada e viciada em mais? Miguel deveria vir com um aviso de "*Perigo, se afaste*", como os que deviam ter na casa daqueles cachorros de aparência dócil, mas mordem antes que você perceba o que aconteceu.

CAPÍTULO 9

MIGUEL

Eu devia ter me mantido afastado depois que Dominic e eu ouvimos a conversa das meninas dentro do quarto, precisamente a parte que Mila dizia. Eu gravei cada palavra que ela disse.

— *Eu o montaria como uma verdadeira vaqueira e só saia de lá quando tivesse assada!* — Dominic tinha olhado para mim com a boca levemente aberta antes de esconder uma risada e perguntar as meninas se estava tudo bem.

Depois daquilo, eu tinha dito a mim mesmo que conseguiria resistir aos encantos dela essa noite e depois seguiríamos a vida normalmente, afinal, eu já havia conseguido ontem e hoje não podia ser diferente. Mas, qualquer plano de me afastar caiu por terra ao vê-la.

Durante a noite eu percebi que a devorei com o olhar mais do que respirei, porra. Agi realmente como um homem das cavernas ao vê-la conversando e rindo com um cara qualquer no bar.

Mas, o meu ápice foi o nosso beijo dentro do elevador. Foi como se o mundo tivesse acabado naquele momento e só tivesse sobrado nós, sem memórias e com um puta tesão.

Ao entrarmos no meu apartamento foi como se eu tivesse tomado um soco com as lembranças de Ester, e tanto as boas como as más vieram com tudo em cima de mim. Eu não podia fazer nada aqui com ela estando tão presente ainda, sem falar das consequências depois de uma noite de sexo suado.

Eu não iria querer nada sério e, apesar das mulheres falarem que tudo bem, nunca está realmente bem. Mila era a babá do meu filho e eu sabia que ela já amava Gabe, assim como ele a ela e ambos iriam sofrer com uma possível separação. Nessa hora eu me senti altruísta, não pensando só em mim e, com custo, me separei dela.

Pouco depois eu decidi chutar o balde e pelo menos ter uma noite com ela, precisava disso. Então a ouvi falando sozinha.

— É Mila, parece que você deve aprender a pensar com a cabeça e não com a boceta.

Correndo de volta para o meu quarto, eu

liguei para a única pessoa de fora que podia me dar um bom conselho, uma pessoa que me entendia como ninguém.

— Porque você está me ligando quando aí é madrugada, Miguel? — Elena perguntou, parecendo um pouco preocupada. Não seria a primeira vez que ligo bêbado durante a madrugada para ela.

— Eu quase cometi o pior erro da minha vida!

Escuto Elena suspirar.

— O quê? Não ir visitar a amiga há meses? Você está bêbado? Não devia estar na festa de Halloween da Abaixo de Zero?

Eu bufo.

— É justamente isso, eu acabei de voltar para casa. Com Mila.

— Oh.

— Sim, oh. E nós nos beijamos.

Escuto um gritinho animado de Elena.

—Estou tão feliz por você. Mas, por que está me ligando em vez de estar com a sua garota?

Eu vi a foto dela e ela é linda! Ouvi as meninas falarem dela e parece ser uma pessoa ótima.

— Esse é o problema. Se eu ficar com ela irá querer algo que eu não posso dar, algo que foi enterrado junto com Ester. — Minha garganta se fecha de emoção.

— Miguel, você não pode enterrar o seu coração, apenas guardá-lo. Mas, meu amigo, não é você quem tem a chave para abri-lo ou mantê-lo fechado.

Eu passo a mão pela minha cabeça.

— Eu fugi como um puto covarde. Eu não quero isso, Lena. Eu não quero.

Escuto ela suspirar.

— Você sabe que o que não vem pelo amor, vem pela dor. Não deixe o seu coração protegido demais, porque quando ele se abrir você estará frágil demais. E se está me ligando é porque isso começou a acontecer. A ruiva está começando a tocar em você, Miguel.

Prendo a minha respiração e começo a planejar a minha fuga. Porque, afinal, o que os olhos não veem o coração não sente. Certo?

Acordo primeiro que Mila e vou trabalhar. Decido não almoçar em casa para ficar o mais longe possível dela. Ao chegar a minha sala, chamo um dos meus cobradores de drogas para saber por que um empresário chamado Davis Jeweh não depositou os dez mil que estava devendo para máfia.

— Eu tentei ligar como faz no processo padrão e ele disse que havia depositado. Mentira. Fui atrás dele à primeira vez e ele fugiu antes que eu chegasse perto. Estava esperando a sua ordem para começar com a primeira surra de aviso. — Rock diz com calma, mas eu tinha certeza que ele estava doido para dar uma surra no cara.

Eu nego com a cabeça.

— Deixe ele comigo. Estava querendo uma ação mesmo. — Digo e ele sorrir.

Eu não me envolvo na maioria das vezes diretamente em cobranças, só fico por trás do telefone e dando ordens. Por incrível que pareça, vender droga dá uma burocracia do caraca, seja vendida para cassinos clandestinos, nas ruas ou de

qualquer outro modo.

Visto meu paletó e saio do prédio, entrando no meu carro em seguida. A empresa é do outro lado da cidade, mas nada me para quando eu quero algo. Enquanto meu motorista e o guarda-costa estão no banco da frente, eu me recosto no banco de trás e, com um celular descartável, eu ligo para a secretária de Davis, batendo um papo com ela, deixando-a maleável com meu charme.

— O senhor Davis está em reunião no momento e não pode atendê-lo, senhor Bolton.

Eu finjo estar triste.

— É realmente importante falar com ele, docinho. Queria realmente ele no meu projeto. Sua empresa seria ótima para me orientar e tomar conta do meu dinheiro. E seria algo muito bom para a empresa também, sei de como as coisas estão difíceis no momento. — Blefo.

— Sim, o senhor Jeweh não fechou nenhum acordo grande nos últimos meses e os investidores estão em cima. Hoje mesmo ele tem uma reunião com eles.

Era tudo que eu precisava.

— Ele ficaria realmente feliz contigo se conseguisse uma horinha para mim, poderia salvá-lo com os investidores. Sem falar que, eu quero ver a dona dessa voz doce.

Ela suspira e eu sei que consegui o que queria.

Depois de ser anunciado pela amável secretária, eu entro na sala. Davis estava distraído no meio de tantos papéis e, quando finalmente levanta a cabeça, eu já estou sentado e a sua espera. Quando me vê, ele fica branco. Sabe quem eu sou, pois foi a mim que ele pediu as drogas.

— Eu... eu...

— Nem perca o seu tempo, Davis. Cadê o meu dinheiro?

Ele passa a mão pelo rosto.

— Eu não tenho esse dinheiro agora, mas se você me der mais tempo...

Eu pego a sua mão e rodo o seu dedo. Ele tem que morder o lábio para evitar um grito e eu nem faço força, só o seguro.

— O dinheiro. — Falo lentamente.

— Eu não tenho...

— Não vou repetir. Você não vai gostar do que acontecerá se eu sair daqui de mãos vazias.

Suor cai por sua testa e seus lábios estão pálidos. Patético. Solto sua mão suada e asquerosa.

— Você não pode fazer nada comigo aqui. O prédio tem câmeras, poderia te colocar na prisão. — Ele fala cuspindo de nervoso e medo.

Eu rio.

— Imagens de câmeras podem ser apagadas e você com certeza não moraria no prédio. Uma hora terá que sair, ou então nós vamos entrar.

Sua boca treme enquanto ele avalia a situação. Eu queria sentar o cacete nele, mas teriam muitas provas contra mim. Mesmo que eu conseguisse me inocentar, as pessoas poderiam pesquisar sobre meu passado e me colocar na mira.

— Não vai pagar? Tudo bem. — Me levanto e ele suspira. — Estou indo até a sua reunião com seus investidores. Será que eles sabem que você está os roubando?

Ele suspira cansado.

— Qual a conta para depósito?

Eu jogo a minha maleta em cima da mesa.

— Dinheiro vivo.

Meia hora depois estou entrando no carro, depois de contar duas vezes para ver se o dinheiro estava todo lá.

Davis, durante todo tempo, me olhava como superior, como que, ao pagar a dívida, ele era melhor que eu e estava no poder. O trabalho foi menos sangrento do que eu pensava e eu preciso de emoção. Alguns homens são como crianças que se deixam ser engabeladas, e durante todo esse trabalho eu joguei verde e colhi maduro. As pessoas deveriam ser mais espertas.

— Nós podemos ir, senhor? — Meu motorista pergunta.

— Não, vamos esperar ele sair.

Pouco tempo depois ele sai desacompanhado, ao telefone, provavelmente querendo saber quem foi que o dedurou. Burro.

— Siga-o.

Espero passar por mais três ruas antes de descer e segui-lo a pé. Eu poderia deixar tudo como está, mas não se ferra com a máfia. Ele não queria pagar, estava tentando me intimidar ao falar que se

eu fizesse algo com ele seria preso e eu não posso deixar um gordinho suado pensar que estava no controle da situação.

Escolho o momento perfeito em que a rua está fazia e há um beco para o empurro sem a menor cerimônia e chuto sua pança gorda.

— O quê? — Ele tenta falar e começa a gemer quando eu o chuto novamente.

— Você. Não. Fode. Com. Os. Raffaelo. — O chuto a cada palavra para enfatizar e termino dando um ponta pé na sua cara, que faz seu nariz estourar e sangue jorrar.

Entro no carro e volto para meu escritório. Não foi toda a ação que eu queria, mas pelo menos aliviou um pouco do meu estresse. Davis era tão lixo que vem valeu eu machucar minhas mãos socando seu rosto asqueroso e suado.

Já na minha sala, encaminhando meus cobradores de dívidas e distribuindo mais drogas, eu suspiro rencostando em minha cadeira. Faltam alguns minutos para o almoço e Iron, o Prez do clube MC, me liga.

— Eu estou realmente precisando sair. — Falo antes que ele possa dizer algo. Estou desesperado por novos ares. Ficar no mesmo teto que Mila não é fácil. — Daqui a uma semana estou aí, beleza?

— Está tudo bem?

— Essa porra de mulher está me deixando louco!

— Que mulher? Conseguiu uma babá?

— A própria. — Suspiro. — Ela é linda e está me deixando louco.

Ele riu um pouco.

— Também não estou tão bem, precisamos de bocetas novas.

— Com certeza.

Depois eu almoço fora, num restaurante. Sei que se for para a casa das meninas vou ter que ouvi-las falando ou até mesmo Mila aparecendo, porque foi convidada.

Durante toda a semana eu me mantenho o mais distante que posso, só chegando em casa para

dormir e acordar mais cedo do que sou acostumado. Mila parece querer me matar quando me vê e é por isso que eu continuo fugindo. Por incrível que pareça, ela não contou para as meninas do nosso beijo, mas eu acho que elas suspeitam.

Entro em casa depois da meia noite e paro ao ver que Mila está sentada no sofá me esperando. Eu vou andando praticamente na ponta dos pés, esperando que ela esteja dormindo. Ainda bem que troquei meus sapatos no trabalho, já que eles estavam com sangue de Davis.

Faz exatamente seis dias desde o nosso beijo. Tento pensar num jeito de fugir, mas quando olho para ela, eu me preocupo. Seus olhos estão cansados.

— Acho que você já fugiu bastante. Pronto para conversar?

Eu engulo seco e faço a única coisa que vem a minha cabeça. Mexo as minhas mãos enquanto começo a andar para trás.

— Você não me viu, você não me viu.

Os lábios de Mila tremem quando ela percebe que eu estou imitando o que ela faz.

— Isso só funciona comigo. É meu poder mágico.

Eu dou de ombros e vou para a cozinha. Mila me segue e eu abro a geladeira me servindo de um copo de leite.

— Quer? — Ela acena e eu a sirvo. — Sobre o que quer conversar?

Ela bufa e revira os olhos.

— Acho que você está fazendo uma grande tempestade por um beijo, Miguel. Ambos estavamos bêbados, suados e voltamos para casa sem ficar com ninguém durante a noite. — Mila me olha com atenção. — Somos adultos e esse clima estranho está péssimo.

Eu tento articular palavras, mas é impossível nesse momento. Me sinto um idiota por tratá-la mal quando uma simples conversa resolveria tudo, mas para mim foi muito mais que um beijo. Era uma ligação. A porra de uma ligação forte pra caralho.

— Então vamos passar uma borracha e fingir que não aconteceu, certo? — Eu aceno e ela sorri continuando a falar sem saber que a cada

palavra me torna mais miserável. — Afinal, sejamos sinceros, nem foi *tão* bom ou épico assim para fazer todo esse auê. — Ela ri e termina de tomar o leite. — Você lava o copo?

Acho que acenei que sim porque ela se levanta dando um beijinho na minha bochecha e vai para o quarto de Gabe, antes de entrar no seu.

Nem foi tão bom ou épico? O nosso beijo foi o melhor que tive em anos! Termino de lavar os copos, secá-los e depois guardá-los, só então subo para meu quarto.

Mais do que nunca eu preciso me afastar de Mila, ela é perigosa. E suas palavras atingiram o meu ego. Minha vontade é pegá-la e mostrar que sei beijar sim, tão bem que ela ficaria até de pernas bambas. Depois de ficar horas remoendo na cama, eu finalmente me permito dormir.

— Miguel?

Escuto a voz de Mila, mas o meu sono ainda está rolando. Sabe quando você está começando a acordar e continua dormindo, é assim que eu estou, nesse meio termo. Mila me chama novamente e eu protesto, enfiando a minha cabeça debaixo do travesseiro.

— Estou entrando, estou preocupada!

A porta se abre e eu seguro as cobertas apertadas contra mim.

— Me deixa dormir. — Eu resmungo contra o travesseiro.

— Tudo bem, mas você não tem trabalho hoje?

Eu tiro o travesseiro da minha cara e a olho. Gabe pula nas minhas costas e ri.

— Que horas são? — Pergunto tentando me manter carrancudo, porém, não posso evitar um sorriso ao ouvir a risada de meu filho.

— Onze e meia!

Eu puxo Gabe para mim e beijo a sua bochecha antes de me levantar. Reparo então o estado que estou... Dormi de terno. Mila disfarça o riso com uma tosse enquanto pega Gabe e se vai. Posso escutar a sua risada quando ela fecha a porta do quarto atrás dela. Que decadência para mim e eu nem posso usar a desculpa de estar bêbado.

Depois de um banho demorado eu me sinto gente novamente. Desço as escadas sentindo um cheiro gostoso e me surpreendo com Mila sentada

na cadeira ao lado de Gabe me esperando.

— Fiz o almoço.

Me sento, embora a minha vontade seja sair correndo para evitar mais constrangimento. Mila me serve com purê de batatas, milho e costela.

— Isso está maravilhoso! — Elogio e Mila cora.

— Eu peguei a receita na internet. — Dá de ombros.

— O importante é que você conseguiu fazer. Carina até pouco tempo atrás nem seguindo receita conseguia.

Mila ri.

— Elas falaram que Carina queimava até torrada.

Eu rio lembrando.

— Você sente falta daquela época? — Mila pergunta.

— Sim, era tudo mais simples e sem tanto peso da responsabilidade.

Ela acena.

— Sei bem como é. Também bate saudade

às vezes, mas eu também gosto do presente. Gosto da pessoa que me tornei.

Nós continuamos a conversar e conto a Mila sobre minhas viagens e ela de suas aventuras quando mais nova. No final do almoço, eu corro para o trabalho. Nós não devíamos combinar tanto assim, não é normal. Mila é como uma versão minha feminina, mais bonita e sem filtro.

Encontro Jace no elevador e ele levanta uma sobrancelha ao me ver.

— Tudo bem?

— Sim. Não. Eu não sei.

Jace bate no meu ombro.

— É assim mesmo.

Eu saio no meu andar e vou resolver as coisas, mas nada me distrai realmente. Dominic bate na minha porta antes de entrar.

— Tudo bem? — Pergunta depois de se sentar.

— Está tão na cara assim?

Dominic dá de ombros.

— Você está estranho desde o dia seguinte

da festa a fantasia. Vocês transaram?

Eu engasgo.

— Não, só nos beijamos.

Dominic franze o nariz.

— E você está fazendo esse drama todo por isso? Só isso?

Sabe quando você esmaga uma formiga? Nesse momento a formiga é o meu ego.

— Se você me beijasse também ficaria com medo de se apaixonar.

Dominic explode em gargalhadas altas e minhas bochechas ficam vermelhas. Que merda eu estou falando? Dominic continua a rir, me fazendo sentir pior.

Depois de controlar o riso, ele balança a cabeça.

— Para mim Mila parecia normal depois do seu beijo *mágico*.

Eu bato na mesa.

— Chega. Diz o que quer e mete o pé.

Dominic tosse para esconder o sorriso.

— Você parece que precisa sair. Vá

resolver sobre uma entrega com os seus amigos motoqueiros. — Ele me passa os papéis da transição e eu lhe olho agradecido. — Coloque a cabeça no lugar, Miguel. Você não é mais uma criança, não deixe que o passado tome o seu futuro.

Depois que ele sai eu separo uma muda de roupa e pego a estrada. No caminho, eu mando uma mensagem para Mila pedindo o número de sua conta. Ela me passa e eu depósito o seu primeiro pagamento com um bônus, pois eu estou atrasado no seu pagamento em uma semana. Ela me liga dez minutos depois.

— Você depositou a mais!

— Não, está certo. É que você ficou com Gabe em alguns de seus dias de folga.

— Nossa, mil dólares por uns dias a mais? — Ela bufa. — Ricos gostam de gastar mesmo.

Eu rio.

— Se importa de ficar com ele hoje? Eu estou numa viajem a trabalho.

— Ah, não. Tudo bem... Miguel...

— Sim?

— Tome cuidado.

— Sempre.

Desligo e passo a mão pelo rosto enquanto dirijo. Preciso tirar Mila da minha cabeça o quanto antes. Chego em Claire Beach quatro horas depois pelo tempo bom, mas já está de noite lá. Entro no complexo sendo anunciado pelo prospecto na porta e entro na sala escutando a música alta, o cheiro de cigarro e bebida. O paraíso. Passo o olho pelas mulheres nuas dançando a vontade pelo cômodo e pelos motoqueiros dando um aceno em cumprimento. Encontro Skull, Flames e Arrow.

— Oi, filho da puta! — Flames me cumprimenta animado.

— Tu tá meio abatido. Algum problema com o menino? — Skull pergunta preocupado.

Eu me sento e aceito a garrafa de cerveja que uma das mulheres trás antes de se sentar no meu colo.

— A babá tá me deixando louco.

Eles riem.

— É gostosa?

Em vez de falar, mostro uma foto de Mila com Gabe, aquela que ele vomitou nela. Apesar de

estar de cabelos presos e sem maquiagem, ela continua linda. Olhando a reação dos caras eu confirmo isso.

— Cara, se assim ela é linda, imagina arrumada. — Arrow passa a mão pelo rosto e sorri. — Se você não quiser, eu quero.

Skull olha a foto e sorri de lado.

— Gata demais para você.

— Vai se foder. — Eu solto revoltado. Eu sei que Mila é muita areia para mim, mas eu tenho certeza que posso aguentar.

Arrow manda um dos prospectos chamar Iron enquanto continuamos a conversar sobre várias coisas, entre elas motos. Eu sempre quis ter uma moto, mas agora é mais impossível para mim, além de que Boston em sua maior parte do tempo é fria demais para eu andar de moto. E já que sou um cara friorento e agora que faço parte da máfia, fica mais fácil ser morto em cima de uma moto. É uma merda.

Vejo Iron se aproximando e aceno para ele que balança a cabeça divertido para mim. Olho para a morena ao seu lado enquanto eles conversam e

vem na nossa direção, mas não vejo o rosto dela de primeira. No entanto, quando o enxergo, meu mundo dá uma volta e parece que eu vou desmaiar. Serena, a nossa mentora, a menina que nos ensinou a nunca desistir e sempre ser o melhor, está a poucos passos de mim. A mesma menina que agora é uma mulher e foi dada como morta anos antes. Ela se vira para mim e quando me vê a sua garrafa de cerveja cai no chão.

— Serena? — Pergunto querendo ter certeza se estou realmente estou certo de que é ela ou se bebi demais.

— Miguel?

Me levanto e em dois passos estou a sua frente. Sem me conter, eu a abraço apertado, mesmo lembrando que ela não gostava muito de afeto.

— Eles falaram que você estava morta. — Sussurro e Serena me abraça de volta.

— Eles mentiram. — Ela diz e seus olhos ainda estão um pouco arregalados, sem acreditar que estava me vendo.

— Que porra é essa? De onde você conhece

Shadow? — Iron pergunta puto. Ele a chamou de Shadow?

Eu volto a minha atenção para ele.

— Como você achou ela?

— Como é que você sabe quem ela é? — Iron parece estar por um fio, ele dá um passo para frente como se quisesse me bater. Nunca o vi tão zangado. Eles estão juntos?

— Hey, calma. — Serena diz, empurrando-o de leve. — Vamos nos sentar.

Eu sou o primeiro a me sentar, sem conseguir parar de olhá-la. Serena pode ter mudado um pouco durante esses anos, mas ainda é ela. Iron, querendo marcar seu território, a coloca em seu colo, mas eu o ignoro. As meninas vão pirar quando descobrirem, principalmente Isis.

— O que você está fazendo aqui, Miguel? — Ela pergunta e eu sorrio triste.

— Eu e as meninas choramos quando falaram que você morreu.

— Assim que completei vinte e um, eu fugi. Armei minha morte envolvendo explosões e um carro no fundo do mar, coisas assim. — Diz, dando

de ombros.

Eu rio alto agora. Lembro que tínhamos acabado de sair do esquadrão quando isso aconteceu com ela meses depois e foi horrível ter que ver alguém que te ajudou, que considerava uma amiga, morrer. Nada tirava da nossa cabeça que foi o esquadrão que fez isso com ela, mas não tínhamos como provar e não poderíamos tentar nos envolver, já que tínhamos conseguido sair.

— Isso é bem sua cara fazer.

— Na verdade, nem foi pra tanto. Só envolveu meus documentos no meio da cena de um crime de uma boate que pegou fogo. Eu estava passando perto e joguei meus documentos no meio da confusão. Nem todos conseguiram sair pela porta da frente e continuarem vivo. — Ela conta, como se isso não fosse nada, e meus ombros caem.

— Há pouco tempo descobrimos que Carina tinha hakeado o sistema e ameaçado entregar o esquema para o FBI.

Serena somente me olha.

— Sim, eu soube que o esquadrão *acabou*. — Ela diz e fica bem tensa.

— Mas alguns fugiram. — Protesto, ainda revoltado com isso. — O FBI está atrás, até Carina conseguiu pegar alguns com a ajuda deles, mas outros fugiram do mapa.

Serena então dá um sorriso de fazer homens sentirem medo, sorriso esse que já vi antes dela fazer coisas horríveis. Esse sorriso ainda me causava arrepios, pois foi o mesmo que vi em Isis nos seus tempos mais sombrios.

— E o que você acha que eu tenho feito em quase seis anos de estrada? — Ela diz questiona e arregalo os olhos.

— Mas há seis anos o esquadrão ainda não tinha sido destruído ainda.

— Desde que me fingi de morta, eu rastreei e cacei todos que já colaboraram com o esquadrão, indo de cidade em cidade, viajando o país inteiro atrás de vingança. Fiz isso durante três anos até o esquadrão acabar e Diana poder sair. Ela me convenceu a começar uma vida nova, fazer uma faculdade. — Relata e bebe um gole da cerveja de Flames, que não contesta. Ela precisa de um tempo. — Eu durei um ano e meio lá, não conseguia ficar em paz até saber que os culpados estariam mortos.

Eu não os quero presos depois de tudo que fizeram. — Sua mão está apertada na mesa e eu lanço um olhar preocupado a Iron.

— O que você está fazendo aqui, Shadow? — Pergunto cautelosamente, usando o seu novo nome para tentar acalmá-la.

— O que eu fui criada para fazer.

Ficamos um pouco em silêncio, sem saber o que falar. Eu não deixaria de apoiá-la ou mesmo a julgaria por ir atrás dos homens que fizeram o inferno na nossa vida, mas me preocupo com ela.

— Eu nunca soube de Hunter ou Walter. — Ela fala e dou um sorriso.

— Walter, infelizmente, morreu rápido numa emboscada que resultou a morte de Benjamim.

— Espera. Benjamin não tinha morrido no acidente de carro junto com o bebê da Isis? — Pergunta abismada e eu não posso evitar sorrir um pouco com isso.

— Tem toda uma história aí, mas a menina está viva...

— Aposto que Walter sabia que ia perder Isis

se ela tivesse um bebê e deixou seu filhinho ir junto com o bebê sair. Afinal, ele sabia que seu filho não ia deixar a criança solta no mundo. Benjamin tinha coração e acabaria abrindo o bico para Isis. — Ela raciocina.

— Resumindo, sim.

— E Hunter? Eu segurei bastante ele na época em que ela estava grávida.

Eu fico surpreso com as suas palavras.

— Como assim?

— Ele queria *brincar de médico* e abrir a barriga dela. E depois a psicopata do grupo era eu. Aquele cara era totalmente perturbado e...

— Para tudo. Você é uma das crianças que foram forçadas a serem preparadas para ser agentes do governo? — Arrow pergunta surpreso.

— Eu nunca te achei psicopata, você só é... diferente. — Eu falo, porque é a verdade.

— Indiferente você quis dizer, mas obrigada. — Ela brinca, aliviando o clima e olha para os caras. — Sim, eu sou uma ninja fodona.

Ficamos em silêncio e, depois de uns segundos, ela volta a falar.

— Onde está Hunter?

— No inferno. — Respondo.

— Espero que tenha sido bem dolorido.

— E foi. — Decido mudar de assunto. — Como você está vivendo?

Ela dá de ombros.

— Viajando por aí, transando por aqui. Normal.

Olho para ela de forma cautelosa. Não tenho certeza ainda se Serena está na saúde perfeita depois de todo esse tempo.

— Você podia parar de caçar, o FBI já está atrás deles.

— Eu sei, mas eu só caço os casos pessoais.

Uma compreensão me vem, ela só quer matar os seus demônios antes de finalmente se sentir livre para viver.

— Como Diana se sente sobre isso?

— Diana está muito bem, vivendo a vida dela.

Novamente o silêncio reina até Arrow quebrá-lo.

— Então, de qual setor vocês seriam?

— Exército. — Digo exibido, mostrando os meus músculos, a resposta padrão para todos.

— Equipe de eliminação. Fuzileiro Naval. — Shadow responde sem se exaltar ou mudar a expressão. Eu consigo não estremecer, mostrando que essa também seria uma das minhas aptidões escolhidas. — Como tem ido a sua vida, Miguel?

— Eu tenho um filho. — Sorrio me lembrando de Gabe e mostro a foto dele com Mila no colo.

— Uau, sua mulher é um arraso.

— É a babá. — Minhas bochechas coram. Porra, o que há de errado comigo?

— Então, com certeza a sua mulher deve estar com ciúme.

— Ela morreu.

— Ponto para a babá gostosa. — Responde de brincadeira, sem perceber que pegou na ferida.

Isso é Serena, ou Shadow, como gosta de ser chamada. Ela não tem empatia nenhuma e não se importa com a vida alheia, a não ser que seja ligada fortemente a outra pessoa, como era o meu

caso com ela e as meninas. Somente depois de muitos meses andando juntos é que ela nos colocou debaixo de suas asas e se preocupava com a gente. Para todos, isso era enorme e nos fez sentir especiais.

Flames olha para ela zangado.

— Ele perdeu a esposa, tenha um pouco de compaixão.

— Esse é o problema, eu não tenho esse sentimento. — Dá de ombros.

Os homens ficam olhando-a sério, mas nada dizem. Posso dizer que é mais pelo olhar de Iron para eles.

— Carina teve gêmeos e Isis, além de Valentina, tem mais dois, Dante e Dimitri. — Volto à conversa, não querendo que ela se sinta mal pelo o que não pode controlar.

— Quanto cocô pra limpar. — Ela franze o nariz de leve e nem parece perceber. Eu rio.

— Quando você tiver os seus, a última coisa em que você vai pensar será em cocô.

Ela sorri, mas volta a mudar de assunto.

— Você ainda não falou sobre Hunter,

quero detalhes. — Fala e suspiro.

— Ele sequestrou Carina quando estava grávida e ela... Ela o estripou.

Ela bate palmas animada, quase como uma mãe orgulhosa, o que faz me sorrir balançando a cabeça.

— Que lindo, essa menina só dá orgulho. — Ela então me olha com atenção. — Mas, o que você está fazendo aqui afinal? Você com esse terno italiano, com certeza não é um motoqueiro.

— Estou aqui para fazer um acordo. Isis se casou com o capo da máfia Cosa Nostra.

— Não brinca?!

— Sério.

— Eu jurava que ela voltaria para o governo, àquela menina era apta em todas as áreas. Com aquela carinha de anjo, ela podia se infiltrar e as pessoas não saberiam até ser tarde demais.

— Pois é, agora ela ajuda a comandar a máfia.

— Esse mundo dá muitas voltas.

Eu aceno em acordo, feliz por tê-la

reencontrado. É bom ver que o que passamos não nos destruiu e tirou a nossa humanidade. Shadow pode ser especial dado a sua condição, mas ela não é sádica ou uma pessoa ruim, eu sempre soube e agora eu posso confirmar que ela continua assim.

— A gente podia marcar de você ir jantar lá em Boston e... — Eu começo, mas ela me corta.

— Obrigada, mas eu acho que não. Eu gosto de vocês, de verdade, mas iria ficar triste caso alguma coisa acontecesse e péssima caso estivesse mais ligada a vocês. Então, não.

— Uma hora você vai ter que deixar as pessoas entrarem. — Eu digo e ela sorri um pouco. — Eu nunca acreditei quando diziam aquelas coisas de você.

— Miguel, mil psicólogos confirmaram o diagnóstico. — Ela rola os olhos conformada. — É o que é.

— Sabe o que uma garota séria e mal encarada costumava me dizer quando eu não conseguia passar numa prova depois de tê-la feito mil vezes?

— Faça mil e uma. — Ela respondeu

sorrindo.

— Faça mil e uma. — Repito.

Nós trocamos o nosso número e é difícil para mim me afastar dela depois de tê-la reencontrado. Acredito que temos tantas histórias para contarmos, mas preciso resolver as coisas e ela, sinceramente, parece por um fio, prestes estourar. Entro na sala de Iron junto com ele e Skull e, em seguida, despenco na cadeira colocando o rosto entre as mãos.

— Tudo bem, cara? — Iron pergunta e eu levanto a cabeça para ele.

— Só lembranças que vieram quando eu a vi. Serena nos ajudou em muitas situações naquele inferno. — Confesso e Iron engole seco.

— Como ela era lá? — Ele pergunta.

Eu passo a mão pelo cabelo.

— Fria, concentrada e fatal. As outras crianças tinham medo dela, até mesmo Hunter que era um psicopata. — Percebo que Iron prendeu a respiração. — Mas ela era gentil com quem ela gostava, Diana era a sua melhor amiga e ela tentava ajudar Isis a não se perder na escuridão, mas

administrá-la. Minha amiga estava numa fase destrutiva e Serena a ajudou a achar o caminho, a controlar a raiva. Ela não é má.

Ele acena.

— E sobre a sua condição? — Skull pergunta, o que eu posso ver pelos olhos de Iron que ele queria saber.

— Ela tem desligamento emocional, não tem empatia ou qualquer coisa ligado a outras pessoas que ela não conhece. Também não sente remorso, mas eu nunca acreditei que ela fosse tão fria como o esquadrão queria mostrar, eu vi o amor que ela tinha pela pequena Louise. Como você a encontrou?

— Ela apareceu no clube Joker Prez, da filial, que trocou favores com ela em troca de informação.

Aceno e sorrio um pouco pensando como ele deve ter reagido ao vê-la pela primeira vez. Shadow é uma mulher muito bonita e aquele ar de mulher fatal a deixava irresistível.

— Você conseguiu fazê-la se apaixonar por você.

— Ela desde pequena foi assim? — Pergunta.

— Seus pais tentaram vários tratamentos, no entanto, quando não nenhum deu certo, eles a jogaram no esquadrão e lá eles não queriam consertá-la, sim melhorá-la. A única coisa que continha à raiva dela era a pequena Louise. — Conto e a minha boca se fecha.

— O que houve? — Skull pergunta.

— Louise tinha apenas doze anos quando Serena a encontrou quase morta após ser estuprada. De lá pra cá ela nunca mais foi a mesma.

Iron fica parado, pensando em algo e depois abre a boca, me surpreendendo.

— Miguel, você conhece Brad Odell? — Ele me indaga e meus olhos se arregalam.

— Ele era um dos suspeitos da morte de Louise, mas foi mudado de área para não rolar transtornos.

— Agora eu sei por que ela está aqui.

— Cara, a coisa vai ficar feia se Shadow achá-lo. Já falei um pouco sobre a Isis, não? — Ele acena. — Isis era pupila de Serena.

— Você acha que ela pode ser perigosa para o clube? — Skull pergunta e Iron parece querer socá-lo.

— Não acho. Serena, apesar da condição, sempre foi leal e se ela está aqui é porque se sente segura com vocês. — Falo e Iron sorri um pouco ao me ouvir.

— Eu só não gosto que ela fique com isso na cabeça de querer ir embora depois de conseguir o que quer. — Resmunga zangado com isso.

— Quer um conselho? — Pergunto preocupado.

— Manda.

— Deixe ela ir quando tudo acabar. Serena, ou *Shadow*, vai perceber que o amor não se acha em cada esquina ou estrada.

— Seu conselho é deixá-la ir? — A cara dele diz que não gostou nenhum pouco do meu conselho.

— Se ela voltar, você me deve um favor.

— Feito. — Brinca e dá uma batida na mesa. — Qual a carga agora?

— Armas até Chicago. O caminho vai estar

limpo. — Falo, passando os papéis com as coordenadas.

— Amanhã iremos.

— Então vamos curtir e comemorar que o Prez está laçado. — Brinco e depois levanto um dedo. — Nem tente dar um patch de propriedade para Serena, é capaz dela enfiar no seu cu.

Durante o resto da noite, eu danço e me deixo curtir o momento com algumas *bundas doces*, como são chamada as putas do clube. Eu nunca me referiria uma mulher a puta, pois não acho certo julgá-la. Nós homens, quando estamos rodeados por mulheres, somos chamados de pegadores, mas mulheres ganham logo a fama de puta e eu não acho isso nenhum pouco legal. Acho que, por conviver com mulheres, eu vi o que elas passam e não posso deixar de me pôr no lugar delas.

No final da noite, quando o céu começa a amanhecer eu estou deitado na minha cama do hotel sozinho e pensando na minha vida. Não quero ficar com Mila, tenho um tesão doido por ela, mas não passa disso. Não quero estragar a ligação dela com Gabe que em pouco tempo é tão forte e solida.

Durante a noite eu tentei pegar as meninas do clube, mas não consegui deixar o meu menino duro nem com elas me mostrando os seus seios, ele murchava toda vez que eu as comparava de como imaginava os de Mila. Quão fodido é isso?

CAPÍTULO 10

MIGUEL

Como não consigo dormir, decido pegar a estrada logo. Sei que as meninas vão ficar loucas sobre Serena e, com certeza, marcarei um dia para elas virem comigo. Chego em casa às dez horas da manhã e deixo as minhas chaves caírem ao ver Mila novamente dançando com o meu filho em seus braços uma música, Fetish de Selena Gomez. Porra, até dançando com um bebê com mais de dez quilos ela ainda consegue parecer sexy.

Seus cabelos estão soltos e com cachos, vestida com um short de dormir que eu posso ver a polpa de sua bunda e algumas sardas. Na minha cabeça eu imagino-a de quatro com a bunda nua para cima enquanto eu passo a língua por cada pinta.

Mila parece perceber a minha presença porque se vira e vejo que ela está com uma regata branca e sem sutiã. Porra. Ela rapidamente coloca Gabe numa posição que a cubra e isso faz com que

eu levante o rosto para ela, que tem olhos cerrados em minha direção. Porra.

— Bom dia! — Eu cumprimento e ela me dá um sorriso forçado.

— Bom dia, Miguel. Voltou mais cedo. Eu coloquei uma água para ferver agorinha para fazer um chá, mas você pode fazer um café.

Eu me aproximo e ela tira o seu celular do som, o desligando. Pego Gabe dos seus braços de propósito, passando a mão de leve pelos seus seios que ficam duros com o meu toque. Suas bochechas rapidamente ficam vermelhas.

— Se puder ficar um pouco com ele, eu vou trocar de roupa. — Sem esperar eu aceitar, ela se afasta abaixando o short que é tão pequeno que nem assim tampa a sua bunda por completo.

Vou para a cozinha e deixo Gabriel no chão, brincando com alguns potes e panelas, mas antes verifico se não tem nada que possa machucá-lo. Então faço uma caneca de café para mim diretamente da cafeteira e uso a água pra fazer o chá de Mila. Britânicos e seus chás. Sirvo uma caneca para mim e outra para ela, que entra na cozinha pouco tempo depois com jeans, saltos altos

e um casaco vermelho, quase da cor dos seus cabelos.

— Vai sair? — Pergunto enquanto entrego a sua caneca de chá para ela, que acena que sim.

— Preciso entregar alguns quadros prontos e depois ir levar alguns desenhos para um amigo. — Ela repara que é chá e sorrir, então coloca uma colher de chá de açúcar e toma gemendo. — Muito bom. Obrigada!

Eu preciso limpar a garganta antes de falar.

— Vai chamar Matt para ajudá-la?

Mila nega balançando a cabeça e alguns cachos caem em seus olhos.

— Não, vou pegar um táxi. — Diz e eu também nego.

— Eu te levo, quero ver o que você faz quando não é babá. — Pisco e ela cora.

Mila me surpreende ao aceitar sem eu precisar implorar. Peço ajuda aos guardas para colocarem os quadros já embalados no carro e a levo para a galeria de sua amiga Emy. No carro, eu olho rapidamente para ela antes de voltar a atenção para o trânsito.

— Emy e Matt estão juntos, né? — Pergunto e Mila solta uma risadinha.

— Eles negam, mas estão sim. Inclusive, vou marcar um jantar com os dois hoje para colocá-los contra a parede.

— Cruel. — Eu rio. — Então, você se importa de passarmos o seu dia livre com você?

Mila vira a cabeça para mim no banco do passageiro, parecendo realmente surpresa.

— Não, não me importo.

Não escondo o meu sorriso e aumento o rádio, olhando pelo retrovisor Gabriel no seu banquinho atrás.

Quarenta minutos depois estamos na galeria de Emily, a fachada é bonita e tem até porteiro na entrada. Ele me ajuda a levar os quadros para dentro e, enquanto Mila segue para a sala de Emy, eu vou atrás com Gabe no colo. Ela bate na porta do escritório e Emy abre com os olhos arregalados.

— Nossa, que transmissão de pensamento. Eu ia ligar para você agora. Entre. — Ela finalmente me nota e me dá um sorriso tenso.

— Se quiser posso esperar aqui.

Ela olha para Mila e depois para mim.

— Tudo bem falar na frente dele. Sobre o que é? — Mila diz e Emy suspira.

— Sobre os seus quadros vendidos.

Ela abre espaço e nós entramos em sua sala e nos sentamos. Emy parece arrasada.

— Você se lembra dos seus doze quadros que iam para a sua primeira exposição, mas foram vendidos antes mesmo dela acontecer? — Fala e Mila acena sorrindo, sem perceber a tensão no rosto da outra.

— Lembra também que eu disse que conhecia o intermediário, que é meu amigo? — Questiona mais uma vez e Mila começa a ficar tensa, percebendo que há algo errado.

— Credo, Emy! Solta logo a bomba que eu seguro. — Diz e Emy dá uma risada nervosa.

— Ele cancelou a compra e você não vai acreditar quem era o comprador secreto.

A cara de decepção e tristeza de Mila me faz querer socar algo, ela parece tão triste que dói em mim.

— Quem? Por que uma pessoa ia se dá ao

trabalho de encomendar todos os meus quadros para depois cancelar? Eu não consigo entender. Eu cancelei a exposição deles. — Desabafa tristonha e Emy segura a sua mão.

— Foi Paul. Paul é amigo de Wesley, o amigo que estava intermediando a transação. Já fazia algumas semanas que a primeira parte do pagamento era para ser feito, já que em breve as suas telas seriam entregues. Percebi então que algo estava errado e o coloquei contra a parede. Wesley teve que viajar durante as últimas semanas e voltou ontem. Eu entrei em contato novamente e eu quis saber motivo do pagamento ainda não ter sido feito, foi aí que ele disse que Paul havia pedido para ele comprar todas as suas telas para ajudar você a alugar seu apartamento, já que ele não podia ir ao de Matt.

Mila tampa o rosto com as mãos e pelo movimento dos seus ombros eu sei que ela está chorando. Paul não era o ex dela? Uma raiva me toma e eu quero acabar com ele mais do que nunca.

Percebo, então, que quero matar ele por ter a feito chorar mais do que ter tentado me matar. O meu coração dispara quando chego a conclusão que

estou começando a me importar com Mila mais do que devia.

— Depois que vocês terminaram, ele se esqueceu de cancelar a compra com Wesley e só lembrou quando foi enviado o boleto para seu por e-mail, que Wesley repassou. Eu sinto muito, Mila. Eu quero socar a cara dele.

Emy a abraça e Mila parece se acalmar um pouco. Gabe estica o braço e solta um gritinho, tentando se comunicar e isso faz Mila levantar a cabeça, e eu posso ver seus olhos avermelhados. Ela pega o menino e o abraça apertado, o cheirando antes de colocá-lo no seu colo.

— Sinto muito. — Eu falo e ela acena.

— É decepcionante fazer planos e depois ver eles soterrados por um ex maluco. Eu começo a me perguntar se as minhas obras valem mesmo alguma coisa ou só venderam porque foi ele que comprou.

Emy faz algo que me surpreende: ela acerta um tapa no rosto de Mila e começa a falar em espanhol sobre como ela é especial e que não devia falar abobrinhas.

Mila ri alto e continua a gargalhar. Juro que nunca vou entender as mulheres.

— Não entendi nada que disse, mas amei suas palavras. — Ela diz ainda rindo.

Eu rio balançando a cabeça. Elas conversam mais um pouco e Mila diz para elas falarem outro dia quando Emy menciona uma exposição com os antigos e novos quadros. Entro no carro e a olho.

— E agora, para onde?

Ela me passa o endereço do estúdio de tatuagem e entra lá sozinha para entregar os desenhos. Ela diz que não é bom Gabe entrar lá por ser tão pequeno e poder pegar alguma bactéria ou algo assim, e não contesto. Vinte minutos depois ela volta para o carro.

— Que tal almoçarmos? — Falo e Mila acena meio aérea.

Mando uma mensagem para um restaurante que amo, pedindo uma cesta com sanduíches, uma sopa para o bebê e uma sobremesa. Passo por lá para pegar as comidas, vendo o olhar doce de Henriqueta, a cozinheira. Venho a esse restaurante há anos. Morar sozinho e só saber fazer o básico

faz isso com as pessoas. Isis sabia cozinhar bem, ao contrário de Carina e eu que tínhamos que recorrer a comida congelada ou pizza. E, de algum modo, a comida de Henriqueta me faz lembrar de *lar*, mesmo que eu nunca tenha tido um.

Henriqueta beija minhas bochechas quando saio no carro e apresento Gabe que ela só viu em fotos, uma vez que não saio muito com meu filho desde que nasceu. Sinto meu coração apertar, quanto mais eu estive perdendo de Gabe?

A velha senhora vai à loucura quando vê o menino pessoalmente.

— Nossa, ele é ainda mais bonito que nas fotos. — Ela beija suas bochechas rechonchudas. — Tão parecido com você... E esses olhos azuis!

— Obrigado! — Sorrio para ela agradecido.

Ela olha para Mila e solta um gritinho.

— Que linda, que linda! — Ela coloca Gabriel no meu colo e vai abraçar Mila.

— Tão bonita! Olhe esses cabelos de fogo! — Diz e Mila ri.

— Obrigada!

O marido de Henriqueta a chama da

cozinha. O restaurante está lotado. Ela parece perceber isso porque nos enxota para fora. Eu amo essa mulher.

— Vão, vão, mas depois voltem com calma. — Ela me dá um tapa na bunda antes de entrar.

Mila ainda está rindo quando entro no carro depois de colocar Gabe no carrinho.

— Continue a rir para você ver. — Isso só a faz rir mais.

Vamos até o parque e eu olho para o céu, orando para não chover enquanto estamos aqui. Mila sorri olhando tudo através do carro, depois de estacionar eu pego a cesta e ela a Gabriel. Forro a grama do parque com a toalha que Henriqueta colocou na cesta e sorrio. O tempo não está tão ruim, apesar do frio e o vento gelado, que já estou mais que acostumado. Não há quase ninguém aqui e isso me faz rir, acho que sou a única pessoa no mundo que faz piquenique em novembro, no final do outono, com alguns traços do inverno chegando.

Tiro os sanduíches, uma garrafa térmica com um chá e duas latinhas de coca cola, mostro a ela que escolhe o chá, óbvio.

— Temos sanduíche de pepino com frango e outro de carne assada. O que você quer? — Pergunto e Mila nem pensa quando pega o de pepino com frango.

— Esse é meu favorito!

Nós comemos em silêncio e eu vejo que ela está perdida em seus pensamentos.

— Aposto cem pratas que você vai vender todos os seus quadros na exposição. — Digo e ela se vira para mim levantando uma sobrancelha.

— E quem disse que terá exposição? — Questiona e, antes de responder, bagunço os cabelos de Gabe, que está brincando com o brinquedo que Mila colocou na sua bolsa. Ela pensa em tudo.

— Você seria burra se não o fizesse. — Falo e ela sorri.

— Vou pensar sobre isso.

Eu aceno aceitando essa resposta por agora. Puxo a sobremesa e gemo quando vejo que é a torta de chocolate, a melhor do mundo para mim. Henriqueta sabe o quanto eu a amo. Vejo que a fatia é realmente grande e é para nós dois. Pego a

colher e depois de enchê-la com bolo eu viro-a para Mila que me olha surpresa.

— Vai, come.

Ela cerra os olhos antes da sua atenção ir para o chocolate. Ela abre a boca e come o bolo gemendo com todo o chocolate que ele tem.

— Mila, você acabou de descobrir o meu vício. — Eu encho a minha colher e como com gosto. Mila ri e lambe os lábios para limpá-los.

— Não imaginava que você era chocólatra. Não vi nenhum chocolate pela casa. — Ela diz e sorrio de lado.

— Segredos, segredos. Eu normalmente como na Henriqueta ou compro barras de chocolate e como enquanto trabalho.

— Uns tem vício em drogas ou bebidas, enquanto outros têm em chocolate e academia. — Diz e rio quando percebo que ela falou de mim.

— E uns tem vício de ficar sempre linda.

As bochechas de Mila coram e ela sorri antes de roubar a colher da minha mão e devorar quase todo o bolo. Ela dá um pouco para Gabriel não ficar com vontade e até para mim antes do bolo

acabar. Fico encantado que ela pense nele como uma *mãe*. Porra, Ester, por que você não está aqui para ver os melhores momentos do seu filho?

Nós ficamos mais um pouco até que às três horas da tarde Gabriel espirra e essa é nossa deixa para ir embora. Quando entramos no carro, a chuva começa a cair, mas o que me chama atenção é o suspiro de alívio de Mila.

— Já pensou Gabe pegar essa chuva? — Ela nega com a cabeça, falando consigo mesma enquanto voltamos para a casa. Ainda bem que conseguimos aproveitar pelo menos um pouco antes da chuva.

Enquanto subimos o elevador, eu vejo Mila franzindo um pouco a testa e se curvando um pouco, e eu sei que ela está com dor, conheço bem essa expressão.

— O que foi? — Questiono preocupa, mas ela me olha e logo ajeita a postura.

— Nada. — Fala e a olho levanto a sobrancelha.

— Se está sentindo qualquer dor tem que falar, Mila. Não sou adivinha. — Digo e ela suspira

resignada.

— Estou desde cedo com um pouco de dor nos seios.

Eu abro a boca para fazer um comentário engraçadinho, mas volto atrás. Ainda mais porque, eu passei de leve a mão pelo seu seio mais cedo e ela não pareceu estar com dor naquele momento.

Entramos e vamos ver um pouco de TV juntos. Ela tira os saltos e o casaco, ficando só com uma blusa fina e jeans. Ela parece tão acostumada na sala, como se vivesse sempre aqui, e eu gosto disso. Mila coloca naquele seriado que ela me viciou e vemos juntos mais alguns episódios até que a noite chega, e ela vai para o quarto se arrumar para jantar com Matt e Emily. Gabe já está dormindo e a babá eletrônica está ao meu lado caso ele acorde.

— Você e Gabe querem ir comigo? — Ela pergunta antes de entrar no quarto.

Um pânico começa a me tomar. Será que ela pensou que o dia de hoje foi um encontro? *Será que foi?* Em todo caso, eu me mantenho olhando para a televisão.

— Não, não é como se hoje fosse a um encontro, Mila. — Falo e logo me arrependo. Fecho os olhos, esperando ouvir a porta bater, mas Mila então explode ao invés de fugir.

— Nunca disse que era, Miguel! Você devia tomar vergonha nessa cara e parar de ter medo de mulher. Em nenhum momento eu disse que estavámos em um encontro. Só achei que você poderia gostar de ir já que é amigo de Matt. — Diz com raiva e eu me levanto, sentindo a culpa me dominar.

— Mila...

— Mila nada! Você tem que aprender que, não é só porque é gostoso que é irresistível e todas as meninas vão estar aos seus pés. Eu já disse que seu beijo nem era tão bom assim!

Eu tento controlá-la, mas não consigo. Ela continua a falar, então faço a única coisa que posso e quero. Eu a beijo. Imprenso Mila contra a parede do corredor e a seguro pelo queixo, o levantando e colocando meus lábios nos dela. Minha língua entra em sua boca e ela geme nos meus braços. *Sinta o poder do beijo do Miguel.*

Suas mãos safadas vão para a minha bunda

onde ela aperta para entramos na mesma linha e eu retiro a sua camisa sentindo a sua pele macia contra a minha. Abro o seu sutiã, revelando os seus bicos rosados e os aperto, esquecendo completamente que ela estava com dor. Aproximando a minha boca para beijá-los, como um gesto de desculpa e então algo acontece. Um jato de leite quente me atinge no olho e Mila solta um gritinho.

Eu a olho com somente com um olho aberto.

— O que aconteceu? — Pergunto e ela tampa os seus seios.

— Está saindo leite. — Ela sussurra, então me olha e fala quase gritando. — Miguel, meu peito tá saindo leite!

Eu também não sei como reagir, mas só sei que esse momento é tão engraçado que começo a rir. Meu olho arde e eu tenho que lavá-lo, mas não consigo parar de rir. Me sento no chão quase mijando nas calças de tanto rir. Mila demora um pouco, mas me acompanha. Ela se senta no chão ao meu lado, ainda segurando os seios. Eu estendo a sua camiseta e ela aceita a colocando contra os seios.

— Eu não estou grávida, antes que pergunte!

Eu nem pensei nisso, mas faz sentido sair leite quando se está grávida. Mando uma mensagem para Isis.

Eu: Quando você está grávida, sai leite do peito?

Isis: Quê?

Eu: Não pergunte.

Isis demora uns segundos para responder.

Isis: Seu peito tá saindo leite?

Em seguida, uma chuva de emoji de risos aparecem. Olho para Mila que está lendo a conversa.

— Posso falar que é você?

Ela dá de ombros e acena.

Eu: Mila está com as tetas vazando.

— Miguel! — Ela me acerta um tapa.

— O quê? Só *tô* dizendo a verdade.

Ela bufa.

Isis: Ela está grávida?

Eu: Ela disse que não.

Isis: Talvez seja emocional. Vou te passar o contato de Lorena, a nossa ginecologista. Ela pode falar mais sobre isso ou te encaminhar para uma pediatra.

Ela passa o contato e eu ligo sem me importar o horário. Depois de explicar a situação, ela marca um horário para Mila amanhã de manhã. Agradeço e desligo a olhando.

— Você acha que eu estou doente ou algo assim? — Ela pergunta preocupada e eu nego com a cabeça veemente.

— Não, às vezes é emocional ou algo assim. Pode nem ser leite.

Para provar meu ponto, eu abaixo minha boca e chupo o seu peito, sentindo o piercing frio contra a minha língua, e Mila dá um pulo para trás assustada. Eu levanto a cabeça, ainda movendo a minha língua contra o céu da boca, sentindo o gosto.

— Sim, é leite. — Confirmo e Mila me olha enjoada.

— E você já provou quanto leite para saber?

Você é muito porco, Miguel. Onde já se viu ir colocando a boca no peito das mulheres para saber se sai leite? — Ela continua a reclamar até que eu tampo a sua boca.

— Quando os gêmeos ainda tinham quatro meses, eu e os caras fizemos uma aposta, acontece que eu perdi e valia uma dose de leite materno em vez de tequila. Carina foi a vaca que deu leite e... Ai! — Protesto quando Mila me acerta um tapa na nuca e se levanta, segurando os seus seios contra a camisa agora meio úmida.

— Você é um porco. Podia acabar pegando uma doença ou algo assim. E deixe Carina saber que a chamou de vaca. — Diz e eu rio, mas é de nervoso.

— Que Deus me defenda de Carina.

Mila então abre um sorriso e eu sei que a acalmei. Beijo sua testa e coloco meu braço em volta dela. Mila suspira e coloca a cabeça no meu ombro.

— Acabou o clima? — Pergunta e eu sorrio.

— Não sei. Acho que se jogarmos um pouco de chocolate em pó da pra fazer um Milk

shake.

Mila deixa a blusa cair, rindo, sem perceber que está sem blusa. Posso ver seus seios com clareza nesse momento, seus braços tatuados, com algo escrito em suas costelas que não consigo ler e peitos grandes com piercings, e o bônus de ter leite pingando.

— Você é muito engraçado. — Ela balança a cabeça, mas com diversão e a seguro pela cintura.

— O que você acha de deixar para sair com Matt e Emy amanhã e terminarmos o nosso encontro.

Mila levanta as sobrancelhas surpresa e até eu mesmo estou com as minhas palavras.

— O que me diz? Quer terminar a noite comigo? — Beijo docemente os seus lábios e ela acena, sorrindo corada.

— Eu vou gostar disso.

— Eu também.

Ela envolve os braços no meu ombro e beija meus lábios docemente três vezes antes de sua língua sair para brincar com meus lábios entreabertos, eu abro a boca e deixo-a guiar nossa

dança.

Não posso negar que Mila tem uma pegada dos infernos, mesmo que esteja na ponta dos pés. Nesse momento, quem está totalmente rendido sou eu e não ela. Suas mãos vão para minhas costas, onde ela começa a puxar a minha camiseta sobre a cabeça. Eu nos guio para o sofá da sala e me sento inclinado. Mila me monta e joga seus cabelos para trás, passando a mão pelo meu peito.

— Você é tão gostosa. — Eu sussurro com veemência, beijando o seu pescoço e ombro, em seguida pego os seus seios com delicadeza, lembrando que ela estava com dores nele. E ao lembrar que peguei em seus seios com força, me sinto mal. Afasto a sua boca da minha. — Te machuquei mais cedo, quando apertei seus seios?

Mila demora alguns segundos para raciocinar, gosto de saber que meu beijo a atingiu tanto como a mim. Quem agora deu um beijo que foi muito bom e épico? Nesse momento, eu soube que Mila mentiu para mim mais cedo e meu ego começa a resurgir das cinzas.

— Eu gostei da picada da dor. — Ela murmura incoerente e de olhos fechados quando eu

começo a brincar com os bicos do seio com a ponta dos meus dedos. Uma gota de leite começa a sair do esquerdo e eu aproximo a boca, a mamando, e Mila geme.

Eu a deito no sofá e começo a puxar as suas calças jeans apertadas, quando escutamos um choro. Gabriel. Mila suspira e se senta voltando a fechar a calça, não antes de eu ver um pedaço da sua calcinha vermelha. Nos levantamos juntos e ela caminha sem se importar por estar sem blusa. Eu a paro no meio do caminho.

— Vá tomar um banho, pode deixar que eu cuido dele.

Ela acena e começa a se afastar quando eu reparo a tatuagem de asas em suas costas. Eu a puxo de leve pelo braço e lhe dou um selinho.

— Tem que dar a janta para ele e...

— Pode deixar que eu cuido disso também. — Beijo novamente os seus lábios e me afasto.

Escuto Mila entrar no seu quarto, mas não fecha a porta. Pego Gabe e o olho.

— Acordando nos piores momentos, né campeão? — Digo e Gabe ri.

Eu vou para a cozinha e pego a sopa na geladeira que Mila fez para ele. Em cima do pote, tem uma série de datas e eu vejo que está na validade para ele. Coloco no microondas e ligo a TV num programa infantil. Noto as botas de Mila no chão e seu casaco na dobra do sofá, essa desorganização começa a me dar coceira. Me levanto e, depois de colocar umas almofadas no chão, eu pego os itens e vou para o quarto dela colocar lá. Faço um plano de ir rápido para não cair em tentação, mas assim que entro vejo Mila de costas deixando a sua toalha cair e se inclinando para vestir uma calcinha de renda verde musgo. Ela se vira e me olha surpresa, antes de sorrir para mim.

— Gabe está bem?

Eu aceno incapaz de articular uma palavra. Mila rola os olhos e coloca o sutiã. Como sou prestativo, eu vou para trás dela e o fecho, beijando o seu pescoço fino no processo.

— Vai me ajudar a colocar a roupa? — Pergunta divertida e eu coço a cabeça, tentando reajeitar meus pensamentos.

— Normalmente eu sou aquele que as tirar.

Mila bate no meu ombro de brincadeira e se vira para o armário, retirando uma camisola de cetim também verde, mas num tom mais claro.

— Você joga pesado. — Eu acuso, sem tirar os olhos enquanto ela se veste.

— Cada um joga com as armas que tem. — Ela pisca ajeitando os cabelos e me olha dos pés a cabeça. — Vai tomar um banho, eu termino de dar comida a Gabe.

— É seu jeito doce de dizer que eu estou fedendo? — Pergunto e Mila ri.

— Se estivesse eu já teria te jogado dentro do box.

Entramos em acordo e eu subo às pressas as escadas para tomar banho. Posso ouvi-la conversando com Gabe e isso me faz rir. Encomendo a nossa comida e vou tomar o banho mais rápido do mundo.

Me olhando nu pelo espelho, eu decido dar uma aparada a mais nos pelos do saco e do sovaco. Retiro a barba que já tinha nascido um pouco e sorrio para o espelho, me sentindo eu novamente. Capricho no perfume e depois de me vestir, coloco

quatro camisinhas no bolso. Nunca se sabe.

Desço as escadas sem camisa, só com uma calça de moletom sem cueca, sabendo o que a visão de mim assim fará com ela. Mila não consegue esconder suas reações ao me ver. Olho a hora no meu relógio e descubro que fiquei meia hora no banheiro e fico constragido, com medo dela perceber que estava esse tempo todo me arrumando para ela.

Ao chegar à cozinha, percebo que a nossa comida está bancada e eu franzo a testa.

— Você pegou a comida vestida assim?

Mila aponta para o roupão longo jogado no sofá, eu o pego e, depois de cheirá-lo, eu levo para seu quarto. Minhas orelhas queimam ao ouvir as risadas de Mila. Maldito TOC. Aproveito que estou fora da vista dela e faço algumas flexões e abdominais para marcar mais o meu corpo. Quero a ver rir agora. Mantenho a pose quando volto à sala, como quem não quer nada.

Me sento no sofá ao seu lado, que está com Gabriel em seu colo, rencostado em seus seios. Moleque sortudo.

Olho para a Tv e gemo.

— Peppa?

Mila me repreende com o olhar antes de colocar Gabe sentado e se sentar no chão, em frente à mesa com a nossa comida.

— Ele gosta.

Eu bufo me sentando ao seu lado. Deixo minha mão correr pela sua perna, fazendo-a olhar para a minha barriga e suspirar. Sabia que alguns exercícios não fariam mal.

Comemos a comida japonesa com gosto, quase me bato mentalmente por não ter nem perguntado se ela gostava disso, mas também todos amam comida japonesa. Pego Mila me olhando várias vezes e isso me faz sorrir. Não sou metido nem nada, mas sei que sou um cara gostoso e legal.

Nós sorrimos um para o outro, como a porra de dois adolescentes excitados e com medo da primeira vez. Mila nos faz um chocolate quente e ri quando eu encho a minha caneca com marshmallows até quase transbordar. Mila coloca a mão para trás do sofá e acaricia meus cabelos, fazendo eu me arrepiar. A minha calça começa a

marcar o contorno do meu pau e, quase imediatamente, eu escuto o suspiro de Mila olhando para ele e lambendo os lábios. Num pulo eu me levanto ao ver que Gabriel está dormindo, rapidamente eu o coloco em seu quarto e puxo Mila para o dela.

Suas mãos vão para o meu pescoço enquanto anda de costas para a cama, comigo seguindo seus passos, colados aos delas.

— Nós estamos mesmo fazendo isso?

Em vez de responder, eu a derrubo na cama e deito em cima dela, ficando entre suas pernas. Enquanto nossos lábios se tomam, eu começo a moer em cima dela, fazendo-a gemer. Suas mãos vão para a minha bunda, a apertando e arranhando. Ela começa a puxar a minha calça para baixo, mas eu passo meus beijos para seu pescoço, sentindo-a quente para mim. Minha mão vai para a barra de sua camisola a retirando, em seguida faço o mesmo com seu sutiã.

Seus belos mamilos rosa estão enrugados, doidos para serem chupados, porém nem chego mais perto deles com medo de tomar outra rajada de leite e acabar com o clima. Coloco seus cabelos

para trás e vou para o seu belo pescoço, passo a língua e o beijo. Sinto os braços de Mila que estão nas minhas costas se arrepiarem e desço meus beijos por sua barriga nua até chegar a sua mísera calcinha. Mila levanta o quadril sem eu nem precisar pedir para retirar.

Quando ela está nua, eu preciso parar para apreciá-la. Mila é uma incógnita. Apesar de ter um rosto angelical, seu cabelo vermelho fogo e enrolado a transforma numa diabinha devassa com todas essas tatuagens. Ela tem o corpo cheio de curvas, quase indecentes. Seu púbis está totalmente depilado e lambendo os lábios, eu me abaixo o beijando. Mila encolhe a barriga em saudação e excitação, afasta as pernas e eu me deito para poder aproveitá-la perfeitamente. Meu rosto está entre suas pernas e quando eu afasto seus fartos lábios, eu não posso evitar gemer alto.

— Porra, Mila. Você devia vir com um aviso de "perigo, se afaste".

Mila ri e se apoia nos cotovelos para olhar para mim.

— Eu pensei a mesma coisa sobre você.

Eu sorrio e volto a olhar plenamente a sua

vagina, sentindo meu coração quase sair do peito.

— Rosinha. — Resmungo e escuto o arfar de Mila.

Ela brilha com a sua excitação. Porra, Mila é o pecado na terra. Quando estou me aproximando, uma pequena coisa preta escrita na sua coxa, quase na virilha chama a minha atenção.

— *Delicie-se*? — Pergunto um pouco chocado pela sua tatuagem ousada. Levanto o olhar para ela e quase morro. Mila está apoiada pelos cotovelos, mordendo o lábio e com os cabelos jogados de lado. Se existe um paraíso eu estou nele nesse momento. Estou tão duro que, se eu me empurrar contra a cama uma vez, irei gozar como um adolescente.

— Eu gosto muito de oral. — Ela sorri de lado pra mim. — Você vai me dar prazer, *Miguelito*?

Eu mordo a sua perna de brincadeira. Essa mulher ainda vai ser a minha morte.

— Mais do que você já sentiu antes. — Prometo e antes que ela pudesse rebater, eu me abaixo abocanhando seu clitóris inchado na minha

boca.

Mila solta um gemido alto e eu sei que ela está gostando. Brinco com ela, passando a língua por toda a sua vagina, fazendo-a agarrar meus cabelos e eu sorrio contra ela, finalmente me entregando. Agarro meus lábios em seu clitóris, sentindo-o palpitando contra minha língua e Mila solta um gemido dolorido, agarrando com ainda mais força meus cabelos.

Sorrindo, eu me afasto do seu ponto doce e mergulho minha língua dentro dela, fazendo Mila cair para trás na cama, que choraminga e enfia a mão na sua perna para se controlar. Dou algumas lambidas leves e sei que estou deixando ela a ponto de explodir. Mila me surpreende por não implorar, em vez disso ela leva uma mão entre as pernas e começa a dedilhar seu botão doce com maestria. A cena me deixa hipnotizado por um momento, até eu recobrar o juízo.

Afasto sua mão com delicadeza e termino o trabalho chupando forte enquanto movo a língua o mais rápido que posso. Mila geme se jogando para trás e moendo a sua vagina na minha cara enquanto termina as últimas ondas do seu orgasmo. Eu limpo

a minha boca com as costas da mão e fico de joelhos, tendo uma visão completa dela.

Mila respira fundo várias vezes e finalmente abre os olhos, me encarando com seus belos olhos castanhos. Meu olhar vai para seu corpo, sua boceta que está inchada e avermelhada e que chega a pingar. Passo a mão pelo rosto tentando me controlar, pois nunca estive com tanto desejo antes como estou agora.

— Vem Miguel, por favor. — ela pede mordendo o lábio e me olhando.

Rapidamente termino de tirar minha calça, jogando os pacotes de camisinha na cama. Escuto o salto de respiração e não deixo de lhe dar um sorriso convencido ao segurar meu pau duro como diamante.

— Vinte e dois centímetros de rola de britadeira. Você aguenta?

Mila não ri. Se mantém olhando para ele e mordendo o lábio.

— Eu poderia passar horas chupando você, Miguel, mas eu preciso de você dentro de mim agora!

Ela não precisa repetir, rapidamente visto a camisinha e entro nela. Seguro na cabeceira da cama e preciso me manter parado para não gozar numa investida.

— Tatue um aviso, por favor. — Gemo no ouvido dela e Mila ri com a respiração entrecortada.

Ela envolve as pernas na minha cintura e começa a empurrar contra mim, no seu ritmo e eu a acompanho.

— Jesus, tenha piedade de mim. Pare, por favor. Espere um minuto.

Arrasto uma mão para baixo para segurar a base do meu pau porque me sinto por um fio para vir. Mila geme, continuando a se mover e rodando o quadril em busca de outro orgasmo e é quando eu venho. Tento controlar, mas é impossível.

Sinto a mão de Mila entre a gente e, enquanto tento me recompor, ela continua se movendo contra a mão, gemendo perto do meu ouvido e treme quando vem na sua própria mão. Meu pau já está semiereto pela excitação do momento.

Eu levanto a cabeça e a vejo respirando forte.

— Desculpe. — Peço totalmente envergonhado por ter me entregado tão fácil. Gozei como um adolescente na primeira vez.

Mila pega meu rosto entre as mãos.

— Foi mágico, nunca me senti assim... Tão forte antes. Obrigada, Miguel.

Ela pega meu rosto e cola nossos lábios num beijo que começa doce, mas logo vira erótico. Começo a entrar e sair dela, mexendo o quadril em círculo. Lembro que a camisinha já está cheia e saio dela ouvindo seu protesto.

Dou um nó na camisinha usada e jogo no chão vestindo outra.

— Temos a noite toda, querida. — Digo e Mila lambe os lábios.

— Não espero menos de você.

Me aproximo e volto a lhe beijar enquanto enfio dentro dela de uma vez. Engulo seus gritos dentro da minha boca e rodo os quadris sensualmente, sentindo meu púbis mover contra seu clitóris. Amanhã sentirei a dor das unhadas que ela

me dá nas costas, mas nesse momento só intensifica o prazer.

Quando acabamos a terceira rodada, caímos na cama usados e acabados. Mila deita no meu peito.

— Se eu soubesse que seria assim, já teria tido um pedaço de Miguel no primeiro dia de trabalho. — Ela fala com a voz rouca de tanto gemer.

— Todas que provam o meu mel querem de novo. — Brinco, passando o braço em volta dela.

— Eu ainda não provei seu mel. — Sinto sua língua no meu peito e viro para olhá-la. Mila tem um sorrisinho de brincadeira.

— Está sempre disponível, e ainda sai leite condensado se mexer com carinho.

Mila ri e eu também. Ficamos um tempo em silêncio, com Mila passando a mão pelo meu peito.

— Acho melhor dormimos, amanhã iremos ao médico cedo. — Falo e ela acena contra mim.

— Concordo.

Mila deita sua cabeça em meu peito, eu pego sua mão e encaixo nossos dedos quando ela joga

uma perna sobre mim, ocupando todo o lugar e me fazendo de almofada. Abro a boca para reclamar, mas ela beija o meu peito de leve.

— Boa noite, Miguel.

— Boa noite Mila.

Não permito pensar em mais nada essa noite e caio no sono quase que imediatamente.

CAPÍTULO 11

MILA

Acordo com um sorriso no rosto e vejo que Miguel ainda está dormindo. Aproveito para me levantar, não duvido que ele pire caso acorde ao meu lado. Pelo o que sei a sua mulher morreu e ele sente muita falta dela ainda, então não quero que ele pense como se eu estivesse tomando o lugar dela, ou algo assim.

Tomo um banho rápido e vou ver Gabriel, que parece me sentir por perto porque abre os olhos e sorri para mim, ele é tão lindo. Brinco com ele, perguntando onde estão as partes do corpo dele como orelhas, umbigo, nariz, boca e olho. Li em um e-book que comprei sobre bebês que é bom para o seu desenvolvimento. Gabriel acerta alguns e eu o encho de beijos, assim cantando música enquanto ele sorri com os dentinhos da frente e balança o corpinho.

Pego ele nos meus braços, o levando para a cozinha e faço a sua mamadeira enquanto ele come

um biscoito molinho sentado na sua cadeirinha. Quando estou colocando o leite na mamadeira, Miguel entra na cozinha já vestido e um pouco pálido. Continuo o que estou fazendo, fingindo não vê-lo. Eu tento entender Miguel, mas não posso evitar que suas palavras ou expressões me machuquem, não quero olhar nos seus olhos para ver que ele se arrependeu da nossa noite.

— Bom dia! — Sorrio de leve para ele e puxo uma cadeira ao lado de Gabe. Vou lhe dando a mamadeira morna que ele toma com força, cheio de fome. Coloco pedaços de morango partidinhos dele que os pega, comendo com gosto. — A água está no fogo para o seu café. — Anuncio. — Eu vou continuar de jejum para os exames de sangue e tudo que precisarem.

Miguel assente e vai fazer o café. Aproveitando que ele está de costas pra mim e eu digo:

— Miguel, não acha melhor aproveitarmos que estamos lá no hospital e levarmos Gabe a um fono? Ele já está com um ano e um mês e, nesse tempo que estive aqui, ele não disse uma palavra sequer.

Miguel olha para o seu filho que solta um gritinho, mas nada diz. Ele suspira e assente, pegando o seu celular para não ter que me olhar.

— Vou marcar a consulta quando chegarmos lá.

Murmuro um sim e termino de dar o café da manhã para Gabe. Miguel toma seu café e nós ficamos em silêncio. Eu reparo que quando ele olha para meu corpo, fica todo vermelho, provavelmente se lembrando da nossa noite.

Chegamos ao hospital na hora certa da minha consulta. Lorena, a ginecologista, é uma bela mulher que teve estar nos seus trinta e poucos anos. Ela sorri simpática para a gente quando entramos em sua sala.

— Sentem-se. Oi, Mila. Isis me explicou por alto o que aconteceu, mas quero que me conte ao certo o que houve.

Sinto minhas bochechas corarem, mas aceno.

— Desde mais cedo eu estava sentindo meus seios um pouco duros demais e meus bicos muito sensíveis, chegavam a doer se raspassem

com força na roupa. — Eu olho para Miguel que se mantém neutro, mas seus lábios estão pressionados juntos, sabendo o que vem a seguir. Limpo a garganta, tentando deixar a mente em branco quando continuo a falar. — A noite saiu leite, em um esguio.

Miguel não aguenta e começa a rir, Gabriel grita e Lorena finge uma tosse.

— Do nada? — Ela pergunta anotando, mas eu percebo a diversão em suas palavras.

Olho para Miguel em busca de ajuda e ele acena divertido.

— Eu dei uma apertada e esguichou leite na minha cara.

Eu tampo meu rosto com as mãos enquanto uma risada sai de mim, essa situação não poderia ser mais engraçada e constrangedora.

— Isso que eu chamo de beber o leite de graça. — Brinco e Miguel me olha de uma forma estranha. Não tenho tempo para perguntar o porquê da sua cara, pois Lorena toma a frente.

— Tá bom, vamos resolver isso. Mila você tem alguma probabilidade de estar grávida?

Quando a situação acontece, a primeira coisa que deve ser pensada é se existe a possibilidade de a mulher estar grávida, isto porque líquido branco saindo da mama pode ser sintoma inicial de gravidez.

Eu nego veemente.

— Nenhuma, eu sempre tomo minhas vacinas anticoncepcionais e sempre uso preservativo. — Digo, ela assente e volta a anotar.

— Mas, para tirar de vez essa opção da balança, você pode fazer o exame? — Ela abre uma de suas gavetas e tira um potinho lacrado. — Aqui mesmo tem um banheiro, faça um xixi e volte. Ou, se preferir, podemos fazer o exame de sangue, mas vai demorar um pouco para sair.

Pego o potinho e olho para Miguel, que sorri encorajador pra mim.

— Ei, está tudo bem. De todo jeito, você vai ficar bem. Eu terei certeza disso.

Sinto meus olhos marejarem com suas palavras e com um aceno, vou para o banheiro imaginando se de algum jeito Paul conseguiu vencer o anticoncepcional e a camisinha. Termino

de fazer o xixi no potinho e vou lavar minhas mãos, me olho através do espelho e suspiro. O que seria de mim se eu estiver grávida?

Respiro fundo e volto para a sala, vendo que Lorena tem outra médica com ela, uma loira escultural que tem Gabriel no colo e sorri sensualmente para Miguel. Não sei o que mais tenho vontade de fazer, se é pegar Gabe dos braços dela ou marcar o território Ӈ que eu nem tenho Ӈ com Miguel.

Quando eles me veem, eu não finjo abrir um sorriso porque não sou assim, mas também não sou doida de meter a mão na cara da mulher por só flertar com ele. Seremos sinceros, é impossível não olhar Miguel e não deseja-lo.

— Mila, essa é Hellen Tirun, pediatra aqui no hospital. Estavámos conversando sobre o seu caso e eu achei melhor ela vim explicar.

Aceno e me sento. Olho para Miguel, reparando que ele está sorrindo para mim, provavelmente por ter percebido o meu ciúme, só não sei se foi o por ele ou Gabe. Descubro quando ele pega o bebê dos braços da loira bonitona e me entrega Gabe.

— Ela é ciumenta com o bebê. — Miguel murmura para elas em brincadeira.

— Mamães de primeira viajem são assim mesmo. — Hellen diz sorridente. Vejo o sorriso de Miguel morrer e um olhar vazio o tomar.

— Eu sou a babá. — Sorrio para amenizar as palavras. *Por que elas doem tanto?*

Lorena toma a frente coloca o palitinho no meu xixi e depois de um minuto me olha.

— Você realmente não está grávida, Mila, o que nos leva a segunda opção do que pode estar fazendo sair líquido mamário de você.

Hellen assente e começa a falar.

— A primeira, mais comum e natural, é a secreção normalmente expelida pelo bico do seio que pode parecer leite. Para limpar os dutos mamários, o corpo elimina secreções. Ela geralmente é imperceptível, mas pode ser confundida por algumas mulheres...

— Doutora, com todo respeito aquilo não era secreção mesmo, uma vez eu tomei leite e... — Miguel a corta e eu lhe acerto um soco por ele falar isso com tanta naturalidade. Rio ao me lembrar dele

contando sobre a aposta com os meninos.

Rio tanto que meus olhos saem lágrimas, e assim fazem as médicas, mas de forma mais discreta e o repreendendo. Elas também brigam com ele por fazer esse ato, que poderia acarretar em ele pegar alguma doença e, por precaução, pedem para ele fazer exames também.

Então se voltam para mim.

— Você tem alguma doença a qual tenha que fazer uso de medicamentos? O uso de medicamentos antidepressivos, antipsicóticos, ansiolíticos, entre outros, pode interferir no funcionamento da hipófise e também contribuir para a produção da prolactina que, consequentemente, vai resultar em produção de leite. — Hellen tenta explicar.

— Não, eu não tomo nada disso.

— Bem, se esse não é o caso, então a segunda opção é a estimulação emocional. — Ela olha para Gabe e eu. — Se uma mulher está em contato constante com um bebê, pode emocionalmente gerar prolactina e produzir leite. Normalmente ocorre com mulheres que querem engravidar, avós, mães adotivas ou quem tem

bastante contato com o neném.

Acenamos e Miguel segura minha mão, como se me desse força. Eu não tenho ideia do que pensar.

— Se a mulher já foi mãe, também pode acontecer que, mesmo depois de certo tempo, volte a existir produção do leite. Isso porque, a produção hormonal tende a levar um tempo até que esteja estabilizada. — Ela completa e me olha. — Você já foi mãe, Mila?

Aperto a mão de Miguel com tanta força que me surpreendo por ele não se afastar. Sinto meus olhos se encherem d'água, me lembrando do pior dia da minha vida.

— Eu... eu...

Miguel aperta a minha mão de volta.

— Está tudo bem se não quiser falar.

Eu me viro para a médica, sei que preciso falar para assim ter o diagnóstico, não quero que de algum modo eu possa fazer algum mal para Gabe.

— Eu perdi meu bebê aos dezoito anos. — Solto.

Antes que eu pudesse sentir, Miguel me

coloca em seu colo junto com Gabriel enquanto eu choro. As médicas se retiram nos dando espaço enquanto choro. Ele acarícia meus cabelos, mas ainda assim eu não me acalmo. Sinto uma mãozinha na minha e olho para Gabe que está fazendo um biquinho de choro também.

— Ah, meu amor, não chore. — Eu digo com a voz embargada, o abraçando enquanto Miguel envolve os braços a nosso redor.

Pouco depois, eu me acalmo e as médicas voltam com um copo d'água para mim. Elas falam e Miguel quem presta atenção, eu fico perdida no meu próprio mundo.

— Doutora, eu poderei amamentar o menino se eu quiser? — Pergunto curiosa.

— Olha, seremos bem sinceros. A amamentação cruzada é contra indicada, pois traz diversos riscos ao bebê, podendo transmitir doenças infecto-contagiosas, ou mais grave, como Aids, que é uma doença crônica grave e ainda sem tratamento absoluto, sem cura. Por exemplo, se uma mãe tiver hepatite B em atividade e doar leite a outro bebê, que não tenha ainda as doses da vacina suficientes, ou seja, não está totalmente imunizado, ela poderá

passar a doença para a criança através do leite materno em caso de sangramento do mamilo por trauma mamilar. — Doutora Ellen fala.

— Por isso pedimos tantos testes para você fazer. O bebê vem em primeiro lugar e não queremos que ele corra qualquer risco. O que aconteceu com você é lindo, Mila, mas é preciso ter cuidado absoluto caso vocês queiram levar a frente esse assunto. — Diz Doutora Lorena.

— Mas, vocês acham que faria mal ao bebê, mesmo que Mila não tenha doença alguma? — Miguel pergunta.

— Mesmo se esta mãe estiver com os exames normais ou se teve uma gravidez tranquila, ela pode estar em uma janela imunológica, e esse bebê correr o risco de contrair alguma doença. Mesmo uma gripe. — Doutora Hellen suspira. — Riscos sempre vão ocorrer sendo mãe de nascença ou não. Eu já tive cinco casos de mães adotivas que escolheram dar leite para os bebês recém-nascidos, acompanhei os casos de perto e auxiliei as mães. Todos os bebês estão bem e fortes.

— As vantagens do leite materno são inúmeras, tanto para a mãe quanto para o bebê.

Além de unir mãe e filho, evita a introdução precoce de alimentos alergênicos. — Lorena me anima um pouco. — Também ajuda a proteger o bebê. O organismo da mulher entende que precisa liberar mais anticorpos, mais células, mais defesas para proteger esses bebês e combater a infecção a qual está acometido. — Lorena cita e complementa. — Já falamos aqui os prós e contras da amamentação cruzada. Eu acredito que depois dos testes e todo auxílio, não tenha problemas.

Uma enfermeira bate na porta e avisa que a sala para testes e está pronta. Horas depois voltamos pra casa em silêncio. Fizemos os nossos testes e Gabriel teve a sua consulta com o fono. Ele fez os testes e disse praticamente que o menino só falaria quando fosse a hora dele.

Miguel se mantinha me olhando pelo retrovisor a toda hora. Quando me joguei no sofá e fechei os olhos, senti as mãozinhas de Gabe acariciando meu rosto.

— Você está bem? — Ouvi Miguel falar e acenei com a cabeça, engolindo seco.

— Sim, só relembrei alguns momentos ruins que eu pensei que tinha superado.

Ele se sentou ao meu lado e nada dissemos um ao outro. Senti sua mão procurar a minha e juntar nossos dedos.

— Eu estou aqui com você, pode contar comigo.

Peguei sua mão e a beijei antes de me levantar e colocar Gabe no seu colo. Ele pediu comida na Henriqueta e comemos em silêncio. Miguel ficou todo o tempo comigo no sofá assistindo filmes ou brincando com Gabe até que eu finalmente desabafar, contar a verdade.

— Meu padrasto era abusivo, ele usava o dinheiro que tinha para controlar a gente e fazer todos de fora pensarem que éramos uma família britânica perfeita. — Eu começo e Miguel segura a minha mão. — Eu já gostava de sair com Matt e seus amigos. Apesar de ser bem mais jovem, gostava de quebrar a fachada de família perfeita. Quando Matt se foi, eu continuei saindo com seus amigos, era divertido...

— Não precisa continuar se não estiver pronta. — Miguel assegura.

— Sim, eu quero. Já fiz tanta merda que perdi as contas. Sempre fui do tipo impulsiva, que

age primeiro e pensa depois. Eu saia com um cara, era do rolê, mas ele era diferente, era um riquinho querendo quebrar as regras. Foi numa dessas que acabei grávida. Eu não sabia na verdade, até que foi tarde demais.

Eu lambo os lábios relembrando do momento decisivo da minha vida.

— Minha mãe era um pouco relapsa, gostava de estar sempre na moda sendo a perfeita esposa, participando de eventos e causas sociais que ela não se importava. Em casa tínhamos uma regra primordial, sempre devia ter bebidas à disposição dele. Ele tinha gente que podia comprar, mas era uma maneira de nos controlar. — Eu engulo seco. — Era a vez de mamãe comprar as bebidas, eu havia avisado mais cedo naquele dia que só tinha duas cervejas na geladeira. — Eu rio sem humor. — Apesar de vários uísques e outros destilados a sua disposição, ele sempre queria cerveja e tínhamos que comprar somente uma caixa, assim tendo que repor sempre que acabasse. Nunca comprando a mais.

A mão de Miguel aperta a minha, sabendo o que vem a seguir.

— Voltei para casa na ponta dos pés, já passava das duas da madrugada. Eu estava chapada pela primeira vez e só queria cair na cama. Já havia comido na rua para não precisar desviar meu caminho. — Eu respiro fundo. — Eu não vi o primeiro soco até ser tarde demais e ele não parava. Mesmo quando mamãe acordou e pediu, ele a mandou calar a boca e ela ficou lá, só assistindo enquanto ele me deixava sangrando no chão.

— Mila...

— Mamãe me levou pro quarto e me ajudou a tomar banho, eu me sentia fraca e descobri que estava sangrando. Ela falou que me levaria ao hospital, mas não antes de tampar meu rosto com maquiagem, pois eu não podia sair com o olho roxo.

A respiração de Miguel estava tão forte que eu achei que ele bateria em algo.

— Quando fui para o hospital já era tarde, eu já havia perdido o bebê. — Um soluço me escapa. — Minha mãe agradeceu a ele por ter me impedido de ter um bebê, dizendo que eu deveria ter trazido à cerveja comigo e isso não teria acontecido. Ela agiu como se eu fosse a culpada e,

de certa forma eu fui, mas...

— Porra. Não, Mila! — Miguel ruge e me coloca no colo. — Os monstros foram eles, tanto a sua mãe como seu padrasto. Ele era seu bebê, eles não tinham direito de acharem que fizerem o certo. Você não teve culpa, era jovem e não sabia que estava grávida!

Eu choro em seus braços, sendo amparada por ele que diz palavras de carinho. E é nessa hora que Miguel pega parte do meu coração para ele, sem permissão e com um sopro de alegria. Mais calma, eu continuo.

— Assim que me recuperei, liguei para Matt e pedi para morar com ele. E mesmo se ele não deixasse, eu iria embora. Não ficaria mais ali nunca mais. — Seco as minhas lágrimas. — Sai praticamente com a roupa do corpo e somente as coisas que comprei. Larguei a faculdade de arquitetura que fazia, pois era ele que pagava e vim pra cá com uma mão na frente e outra atrás. Se não fosse por Matt eu estaria perdida. Frequentei os Alcoólicos anônimos para me dar mais apoio e recomecei. Eu não era uma alcoólatra ainda, mas era só uma questão de tempo. Eu estava a um pé

mais perto do precipício.

— Você se tornou uma mulher maravilhosa e independente. Tenho muito orgulho de você. — Ele beija a minha testa e me mantém agarrada a ele.

Quando a noite chegou, eu tomei banho colocando um vestido soltinho. Senti a mudança de Miguel, ele não me olhava com pena, mas sim com admiração e eu amava isso. Quando voltei a sala, vi que Miguel brincava com Gabe no chão, ensinando as cores para ele.

— Vou cortar uns pedaços de fruta para ele. — Disse baixo para não atrapalhar a brincadeira.

Miguel acenou piscando para mim e eu já aproveitei para fazer nossa janta. Estava terminando de cortar a salada quando senti a presença de Miguel nas minhas costas. Suas mãos foram para a minha cintura.

— Onde está Gabe?

Miguel beijou o meu pescoço.

— Sentado vendo Peppa.

Ele puxa algumas mechas de cabelo que saíram do coque que fiz para cozinhar e volta a beijar meu pescoço. Eu levanto o olhar para ver

melhor Gabe sentadinho no sofá à distância e entretido. Me viro para ele e envolvo minha mão em volta do seu pescoço e o puxo para um beijo. Ele morde meu lábio inferior antes de segurar minha bunda e me colocar apoiada na bancada gelada ao lado das coisas que eu estava fazendo. Minhas mãos vão para a sua bunda a apertando e a puxando contra minha intimidade. Mordo o seu lábio, o fazendo gemer contra mim.

— Um pouco anti-higiênico isso, não? — Eu pulo com a voz de Carina.

— Eu vou barrar vocês da entrada do apartamento. — Miguel ruge com a cabeça entre meus seios, antes de se afastar e me ajudar a sair da bancada.

Levanto o olhar só para ficar mais vermelha que pimenta quando vejo todos ali nos olhando divertidos.

— Nós viemos para jantar juntos, aproveitando que as crianças estão com vô Raffaelo. — Isis diz, apontando para as pizzas que os meninos trazem.

Os meninos colocam as coisas na bancada, longe de onde eu estava sentada, o que me faz corar

mais. Eles agem com naturalidade, pegando cerveja na geladeira e indo pra sala. Miguel me olha mais uma vez, para ver se estou bem antes de começar a se afastar.

— Não fique tão envergonhada, já perdemos as contas de quantas vezes fomos pegos no flagra. — Carina comenta com desdém e isso me acalma um pouco.

— Viemos para ver como que foi a consulta, estavámos preocupadas, mas parece que vocês se entenderam bem. — Isis diz levantando e abaixando as sobrancelhas.

Eu não posso evitar sorrir. Olho rapidamente para trás só pra ver os meninos conversando distraidamente.

— E como. — Sussurro e elas riem antes de se aproximarem.

— Ele é isso tudo que as meninas falam? — Carina pergunta curiosa. — Apesar de eu e Isis termos namorado ele, nunca chegamos aos *finalmentes*.

Isso me deixa surpresa.

— Já namoraram?

Isis rola os olhos.

— Éramos crianças, não tente mudar de assunto.

Eu volto a olhar para trás, só pra confirmar que eles não estão prestando atenção na gente.

— Melhor foda da minha vida!

Elas soltam um gritinho que chama a atenção dos caras que riem, provavelmente sabendo o que conversávamos. Miguel pisca para mim antes de voltar a conversa.

Continuo a conversar com as meninas, sem dar muitos detalhes e tenho a desgraça de olhar para trás vendo bem quando Miguel segura o ar como se tivesse segurando peitos, então eu leio os seus lábios quando diz “a porra de tetas mágicas”. Minha boca se abre em choque e depois eu caio na risada.

— O quê? — Carina pergunta, mordendo uma fatia de pizza.

— Acho que Miguel está falando dos meus seios para os meninos. — Respondo hesitante e as meninas bufam.

— Eu e Isis já pegamos os caras falando

uma vez de posições e como era bom. Homens gostam de se vangloriar das suas mulheres. — Carina diz e Isis completa.

— Mas nós nos vingamos, ficamos dias sem fazer nada. Foi uma tortura, mas nunca mais os pegamos falando disso. Se o fazem, o que eu não duvido, é escondido. Nós também não somos santas já que conversamos também.

Eu rio delas e conto com detalhes o que aconteceu ontem quando meu leite voou nele, o que é que ele já havia falado, mas só por alto. As meninas caem na risada. Depois que nos controlamos, eu pergunto:

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Eu estou casada com Dominic há quatro anos.

— E eu estou com Jace a seis, mas dois foram de namoro. Tivemos nossas idas e vindas, mas se contar ao todo, estamos seis anos juntos.

Eu sorrio quando vejo a felicidade delas que, mesmo depois de anos, ainda se olham completamente apaixonados. Conto a elas sobre a consulta, deixando a parte do meu passado para

mim, não quero mais falar disso hoje.

Vejo um movimento na sala, quando percebo que Miguel levando um Gabriel adormecido para o quarto. Ele volta pra sala com a babá eletrônica, me fazendo sorrir.

— Agora que estamos sem crianças aqui, a noite vai começar. — Carina exclama, abrindo o armário da cozinha que continha todas as bebidas da casa. Tira uma garrafa de vodca e a levanta como se fosse um troféu, nos fazendo rir. Ela a coloca em cima da mesa e depois olha para Isis. — Vou pegar um suco para você!

Isis rola os olhos e vai mexer na bolsa tirando um baralho.

— Vamos jogar *strip-poker*?

— Eu ouvi *Strip tease*? — Miguel pergunta, pulando do sofá.

Nós rolamos os olhos enquanto arrumamos o jogo do outro lado do balcão, que é já o da sala.

E essa não foi uma boa decisão para mim. Carina bateu a primeira rodada, dizendo para Isis tirar uma peça, que acabou por ser só o casaco. Todos estavam com várias peças de roupa, menos

eu que só usava um mísero vestido. Percebia que o olhar dos garotos não estava no jogo de futebol na TV e sim na gente. Na segunda rodada, eu tentei me manter concentrada, mas Isis bateu, fez Carina tirar a camiseta que ela usava fazendo revelar o seu sutiã vermelho. Ouvi de longe o gemido de Jace, mas nem me permiti olhar para lá, sabia que era melhor esse jogo acabar, pois não tinha dúvida que a próxima que ganhasse me faria ficar nua.

— Acho melhor pararmos por aqui, está na cara que vocês são muito boas nisso enquanto eu só sei o básico.

Isis e Carina trocaram um olhar.

— É justo. Que tal verdade ou consequência? — Eu acenei, pois era melhor.

— Eu começo. — Carina disse. — Isis, verdade ou consequência?

Isis olhou para a sua amiga por alguns instantes e respondeu corajosa:

— Consequência.

— Te desafio a imitar Dominic.

Isis riu e olhou para seu marido que a olhava intensamente.

— Vai lá, Anjo. — Ele disse com a voz calma.

Isis se virou para a gente com um olhar sério, mas sedutor, semicerrando o olhar um pouco, assim como o seu marido fazia, nos arrancando risadas.

— Eu não faço isso. — Dominic brincou.

Isis olhou para ele do mesmo modo então ficou séria por alguns segundos.

— Esse seria você quando a bipolaridade ataca e você fica todo sério.

Dominic balançou a cabeça enquanto os meninos riam alto.

— Carina, verdade ou consequência?

— Sou corajosa. Con-se-quên-cia. — Disse pausadamente, saboreando as palavras.

— Eu te desafio a dar uma de Magic Michael para Jace.

Eu soltei um gritinho e bati palma. Miguel já se dobrava de tanto rir.

— Vem cá pequena, mostre para elas o seu poder. — Jace incentivou animado.

Carina olhou para a gente com desdém forçado e virou novamente a garrafa de vodca, me entregando em seguida, onde dei outro gole. Ela caminhou em passos decididos até Jace enquanto Dominic e Miguel iam para outro sofá. Uma música sexy começou a tocar e ri quando vi que foi Isis quem colocou.

Carina parou na sua frente e pegou a mão dele, passando pela barriga plana dela. Jace começou a se inclinar para ela que balançou o dedo em negativo enquanto continuava com sua dança. Sentou no seu colo de costas e rebolou um pouco antes de puxar a sua carteira, pegar várias notas de dinheiro, colocar na mão dele e o fazer pôr em seu seio, fazendo Isis e eu gritarmos.

— Porra, ela é boa. — Isis reclamou divertida.

Carina, para completar o show, colocou uma perna com o sapato de salto alto no sofá e bateu com o púbis na cara de Jace três vezes como vimos no filme, antes de se virar caminhando para a gente. Eu secava as lágrimas de tanto rir.

— Anos de MM vadias. — Ela pegou as notas e colocou sobre a bancada.

Olhei para Jace que passava a mão pelo rosto, ainda atordoado pela explosão que era Carina. A mesma pegou a garrafa da minha mão e tomou outro gole, fazendo uma careta quando o líquido quente desceu.

— Precisamos de drinques.

Eu me prontifiquei a fazer e rapidamente preparei as bebidas, com uma jarra sem álcool para Isis que sorriu agradecida para mim. Carina e os outros gemeram quando tomaram um gole.

— Nossa, Mila, você nasceu para isso. A melhor bebida de sempre! — Carina exclamou e os outros concordaram. — Agora o jogo vai pegar, vamos ficar nuas se não fizermos a consequência ou dissermos a verdade!

— Por mim tudo bem! — Jace afirma, mas seus olhos estão treinados nela.

— Por mim também. — Dominic faz o mesmo.

Eu olho para Miguel que me devora com o olhar.

— Então vamos jogar todos e fazer isso justo! — Carina pede e com um pouco de custo

eles aceitam.

Ela pega a garrafa de vodca vazia e nós fazemos um círculo em volta dela. Me sinto como uma adolescente novamente. Elas explicam que é preciso beber se a garrafa parar em você antes de responder ou fazer o desafio. A garrafa gira e para em Isis, que se vira para mim.

— Verdade ou consequência, Mila?

— Ei, não funciona assim. Tem que girar de novo para ver em quem vai parar para ser questionado. — Tento fugir, tenho medo da consequência porque já estou bêbada. Ela sorri.

— Boa tentativa, mas é assim que jogamos e como é a primeira rodada, eu escolho. Na próxima, vai de você pra quem a garrafa parar. Verdade ou consequência?

— Verdade.

Ela para pra pensar.

— Com quantos anos perdeu a virgindade? — Pergunta e tomo um gole grande da minha bebida.

— Quatorze anos? — Falo, mas soa como uma pergunta. — Eu sempre andei com gente mais

velha, então acho que é isso mesmo.

Ela acena e eu giro a garrafa, que para em Jace.

— Qual foi a coisa mais maluca que você já fez? — Pergunto, ele sorri e para pra pensar.

— Eu acho que foi mergulhar junto com esse aqui em um rio no inverno. Quase que saímos sem bolas da água. — Fala e Dominic ri se lembrando.

— Tínhamos dezesseis anos, não pensávamos muito quando estavamos bêbados.

— Como eu nunca soube disso? Pensei que vocês já nasceram adultos sérios. — Carina brinca.

Jace roda a garrafa que para em Miguel.

— Verdade ou consequência?

Miguel toma um gole da sua bebida.

— Consequência. — Diz e Jace nem pensa.

— Três minutos no paraíso!

Todos exclamam rindo e batendo palma. Na adolescência essa brincadeira era o auge, pelo menos pra mim. Passar três minutos num local fechado, dando altos beijos e passando a mão por

cima da roupa, e quando saísse de lá não poderia contar o que aconteceu.

Miguel se levanta e estende a mão para mim.

— Que sacrifício eu não faço. — Fingiu estar triste, me fazendo acertar um tapa nele enquanto me levava ao armário de casacos perto da porta de entrada, me fazendo rir mais. Ouvia a risada de todos enquanto entravámos.

— São três minutos, hein! — Jace gritou para Miguel.

A porta se fechou com a gente dentro e Miguel mordeu o lábio.

— Nunca fiz algo em três minutos, mas podemos tentar e...

Eu o beijei para que ele parasse de falar, pois estavámos perdendo tempo e eu estava louca pra beijá-lo. Minha mão foi para a sua bunda e depois para o seu peito e abdômen, então descendo para a sua ereção bem marcada. Ele seguiu os meus passos e começou a passar a mão por todo o meu corpo. Estavámos quase tirando as roupas quando bateram na nossa porta.

— O tempo acabou. — Carina exclamou, voltando a bater na porta.

Eu estiquei a minha mão para abrir a porta, pois não queria que Gabriel acordasse com o barulho, mas Miguel segurou a minha mão.

— Devíamos mandá-los embora. — Sussurra e eu rio.

— Carina não vai gostar disso e eu também estou me divertindo.

Miguel pega meu rosto entre as mãos e volta a me beijar.

— Vamos.

Nós saímos do pequeno cômodo sendo ovacionados por todos que riem e batem palmas. A brincadeira continua e, pouco depois das dez, eles vão embora, com as meninas prometendo outras noites assim.

Miguel tem um sorriso lindo no rosto, mas reparei que ele não pegou leve no álcool, o tomando como água. Se fosse só junto com os meninos, eu não ligaria, mas mesmo depois de terem ido embora a porra da garrafa de uísque continuava lá em cima da mesa enquanto esvaziava

em seu copo.

— Hoje foi uma ótima noite. — Disse me encostando ao sofá e o olhando. Os olhos de Miguel estavam vermelhos e tinha um sorriso frouxo.

— Sim, me diverti muito.

Seu olhar foi para meus seios.

— O que acha de terminarmos a noite ainda melhor?

Eu me aproximo dele e junto nossos lábios, e os dele tem gosto de uísque.

— Perfeito.

Miguel suspira contra meus lábios.

— O que acha de ir tomar um banho enquanto eu limpo essa bagunça?

Eu coloquei a cabeça contra seu ombro e ri enquanto ele acariciava minhas costas. Esse TOC por limpeza de Miguel é hilário.

— Desculpe, não posso evitar.

Eu afastei o meu rosto do seu pescoço e o olhei.

— De certa forma é sexy esse seu TOC.

Uma dona de casa mataria para ter um marido que arrumasse tudo.

Miguel sorriu, mas era um sorriso nervoso e eu soube que falei merda, o puxei demais. Ele claramente ainda pensava no que poderia ter sido se a sua mulher estivesse viva.

— Vamos, eu te ajudo. — Digo e me levanto.

Nós trabalhamos em harmonia limpando a casa e guardando as coisas. Miguel, vira e mexe, enchia novamente o seu copo e bebia o uísque velho como se fosse água. Eu conhecia homens o suficiente para saber que depois de certo ponto de bebida seria impossível conseguirmos ter algo essa noite.

Entramos no banheiro juntos e dividimos o chuveiro. Miguel me abraçou pelas costas, com suas mãos hesitantes entrelaçando nas minhas, me fazendo virar a cabeça para olhá-lo. Seu olhar era dolorido.

— O que foi?

— Ela nunca me deixou tomar banho com ela, prezava o seu espaço. — Sussurra com a voz

dolorida.

Eu me virei o abraçando, apertando-o mais contra mim, sem me importar que estavamos nus. Nossa ligação nesse momento era muito mais do que isso. Terminamos o banho lentamente e nos deitamos nus. A mão de Miguel procurou a minha e olhei para ele, vendo que estava quase dormindo.

— Eu não sei o que eu estou sentindo, mas é bom. — Ele sussurra antes de cair no sono.

— Sim, é bom. — sussurro de volta, beijando seus lábios adormecidos.

CAPÍTULO 12

MIGUEL

Acordo e a primeira coisa que vejo é o rosto adormecido de Mila ao meu lado. A única coisa que passa pela minha cabeça é acariciar seu rosto e beijar seu pescoço fino até ela acordar, mas, em vez disso, eu me levanto coçando a cabeça. Estremeço vendo nossas roupas espalhas no chão do quarto. Como consegui dormir com as coisas desse jeito?

Vou ver Gabriel que continua adormecido e, enquanto vou fazer nosso café, eu vejo que meu celular que tem uma mensagem de Lorena aprovando Mila dar mama para Gabe, se ela quiser. Sem mesmo perceber, coloco todo um café da manhã numa bandeja e ainda faço um barquinho de papel pra enfeitar.

Lembro da nossa conversa e de como ela se abriu para mim, contando de seu passado. Senti a sua dor e tentei consolá-la. A atração entre nós estava no auge, mas agora era muito mais do que isso. Paro na porta do quarto, vendo-a dormir e

repenso a minha decisão do café da manhã na cama. Ela pode entender isso de um jeito e criar expectativas.

Estou começando a dar um passo para trás quando ela abre os olhos e me olha surpresa antes de abrir um belo sorriso, começando a se sentar, o que faz o lençol cair e deixar seus seios perfurados nus.

— Bom dia!

— Bom dia! — Digo baixo, me aproximando e colocando a bandeja na cama enquanto me sento ao seu lado.

Mila olha encantada para a mesa e abre um enorme sorriso.

— Vamos comer antes que o café esfrie. Chá ou café? — Digo tentando mudar de assunto.

— Dessa vez vou querer café. — Ela sorri e eu nos sirvo.

Ela pega o barquinho de papel e me olha. Dou de ombros.

— Eu não tinha uma flor para colocar junto.

Ela solta uma risadinha e beija a minha bochecha.

— Obrigada, eu amei!

Ela pega o barquinho e coloca na sua cômoda. Era para ser uma brincadeira, mas ela levou a sério. Nós terminamos o café e eu estou suando bicas. Será que Mila entenderia isso de forma errada? Será que ela esperaria algo a mais de mim?

— Pare de pensar tanto. — Ela beija meus lábios, sentindo a sua língua quente do café.

— Tudo bem.

— Nunca fizeram nada do tipo pra mim. É muito especial para mim, obrigada! — Ela pega a minha mão e aperta.

— Não foi nada.

Ela se aproxima para voltar a me beijar e eu preciso arranjar um assunto, Mila é perigosa demais para eu me entregar para ela.

— Lorena me mandou uma mensagem, está tudo bem com o seu leite. Disse que você pode amamentar Gabe, se quiser para complementar a sua alimentação. — Digo e ela acena pensativa.

— Você se importaria? — Pergunta e levanto uma das sobrancelhas surpreso.

— Não, de maneira nenhuma, mas você quer isso? Não tem obrigação nenhuma disso.

— Eu quero sim, Gabe é como um filho pra mim e tudo que for bom pra ele é bom pra mim.

As suas palavras me tocam. Ela em nenhum momento pensou em vaidade, de como seus seios poderiam cair ou ficar com estrias, ela pensou no bem estar do meu filho.

Pego a bandeja e a coloco no chão antes de subir em cima dela.

— Você falando assim é tão sexy.

Minha mão desce para seu seio, então para sua barriga quando ouvimos o choro fraco de Gabriel pela babá eletrônica.

— O dever nos chama. — Eu digo contra seu pescoço enquanto sua mão acaricia a minha cabeça.

— Sim. Você vai trabalhar? — Eu aceno com a cabeça e ela continua. — Então depois do café estou indo com Gabe ver Matt, tudo bem?

— Sim, só leve os seguranças com você. Vou voltar mais tarde hoje.

Ela acena, então se levanta fazendo a sua

rotina enquanto eu pego Gabe. Quando volto pra sala, vejo que Mila veste uma camisa de botão e jeans que deixam as suas longas pernas marcadas.

— Está bonita!

— Obrigada.

Vou para o escritório, mas paro na entrada quando vejo um homem de terno lá, devia ter uns sessenta anos. Eu reconheço a sua postura de longe. Tira. Saio do carro entregando a chave para o manobrista do prédio e paro a sua frente. Ele retira os óculos revelando olhos azuis sérios e não posso negar a semelhança que vejo.

— Olá, Senhor Herondale. Não deve se lembrar de mim, sou Carl Collins...

— O tio de Isis? — Pergunto e ele não parece surpreso com a minha pergunta e afirma. Ele tem grande semelhança a meu tio Colton e eu lembrava dele aparecer algumas poucas vezes durante o ano, era muito afastado.

— Sim, sou tio dela. — Isso me deixa um tanto curioso e preocupado.

— E o que está fazendo aqui? — Pergunto e ele sorri de lado, mas mantém a pose de sério.

— Viriam lhe convidar a ir a sede do FBI, porém achei melhor vir até você. — Diz e eu cruzo os meus braços.

— De que assunto? Não tenho nenhuma ligação com vocês.

Ele olha em volta e eu não posso negar a emoção que me toma, pois olhá-lo é como ver tio Colton, pai de Isis, só que mais velho, como ele seria se não tivesse morrido.

— É um assunto delicado. Posso entrar? — Pede e eu levanto as sobrancelhas, desconfiado.

— O bar ainda está fechado. — Digo e ele sorri de lado.

— Creio que assim podemos ter mais privacidade.

Sem ter muito que fazer, eu o deixo entrar, dando sinal discreto para os seguranças manterem o olho. O bar da área vip está vazio já que hoje é o dia de folga de Matt. Me sento lá e puxo o celular para mandar uma mensagem para Dominic avisando, mas antes que eu começasse, eu escuto a voz de Isis conversando animada com Dominic. Sua voz para e meu olhar encontra o dela.

Carl se levanta.

— Sobrinha. — Isis abre e fecha a boca algumas vezes.

— Tio Carl?

Ela não faz qualquer sinal que irá se aproximar. Isis praticamente só o viu poucas vezes, pois seu tio morava em Chicago e não era muito ligado a seu pai.

— Tio? — Dominic pergunta e Isis o olha.

— Aquele tio distante que uma vez te falei. — Dominic acena em entendimento e me olha.

— Se conhecem?

Eu abro a boca, mas Isis me corta.

— Você é do FBI, o que quer com Miguel? — Ela pergunta e Carl sorri.

— Assunto confidencial, eu preciso do seu amigo para uma missão.

Eu me servi de uísque e apontei um dedo pra ele.

— Não estou interessado. — Falo, mas Carl não se abateu com minha resposta.

— Você ainda não ouviu sobre o que é.

Isis, incapaz de conter a curiosidade, perguntou:

— Do que se trata? — Questiona e Carl lhe deu um olhar frio.

— Você não está apta para ele. — Olha diretamente para a barriga dela, deixando claro que pesquisou sobre sua gravidez. — E também está comprometida. — Ele disse, olhando para Dominic.

Dominic que até então estava quieto, o olhou friamente.

— Acho que você pode dar a sua proposta e sair do meu prédio.

Carl levantou uma sobrancelha com um olhar de desdém.

— Eu *ainda* não vim pra você, senhor Raffaelo. — Diz e Isis o olha friamente.

— E nem vai, *titio*.

O olhar dele vacilou um pouco ao olhá-la, mas não de medo, e sim de pena.

— Sinto muito com o que foi feito com você, criança, de verdade. Estamos trabalhando para capturar todos os culpados e é em parte para isso que estou aqui.

Isis então desfilou até a mesa mais distante e se sentou, cruzando as pernas. Ela era minha amiga, mas não podia negar o poder que Isis tinha de seduzir todos a sua volta, ela, em parte, foi criada e moldada para isso, se tornando natural.

Carl suspirou.

— Eu sabia que você iria querer ouvir. — Nos sentamos e ele entrelaçou os dedos.

— Serei direto e essa é uma informação extraoficial e secreta.

Isis assentiu e Dominic fez um leve movimento com a cabeça, quase imperceptível.

— Meus superiores desconfiam que está tendo um vazamento para membros do projeto Esquadrão Jovem. — Isis e eu bufamos, esquadrão jovem era como seria chamado a nossa repartição, pelo menos por fora, mas por dentro chamávamos de esquadrão da morte. — Estes conseguem fugir sempre que estamos a um passo de alcançá-los e surgiram boatos que estão tentando abrir uma nova repartição, já que o projeto deu certo e temos grandes agentes que vieram desse projeto...

— Grandes agentes? Sério? — Isis bufou.

— Você quis dizer *agentes que não se importam com a morte e vão atrás do alvo até final.* Máquinas.

A mandíbula de Carl apertou.

— Eu concordo com vocês sobre esse projeto ser totalmente arquivado ou então se tornar o que era para ser. Afinal, o projeto original era perfeito, o ser humano que o transformou no que ele era.

Isis bufou e o olhou com uma fisionomia assassina.

— Existem muitos de nós espalhados por aí. Vocês abrem outro e nós derrubamos. Com todos que tiverem dentro.

Dominic tocou sua mão a acalmando, mas sem tirar os olhos dele.

— E para quê você precisa de Miguel? — Dominic fez a pergunta de um milhão de dólares.

Carl pegou seu celular e virou a tela para nós, revelando três fotos juntas. A rpimeira revelava uma bela mulher loira, peituda, de cabelos roxos com um sorriso doce, na outra está uma com os cabelos castanhos curtos e na última, uma de

cabelos vermelhos longos. Parecia irreconhecível com todos os três estilos.

— Scarlet Owsen. Reconhecem? — Indaga e Isis e eu acenamos.

— Chegamos a conhecê-la. Scarlet tinha duas irmãs que também faziam parte do esquadrão, Diana e Louise. — Isis disse com a voz firme, provavelmente lembrando da morte horrível que a pequena Louise teve lá dentro.

— Ela foi da primeira turma, quatro anos a mais que vocês. Ela está numa missão na Alemanha e eu preciso que um infiltrado a resgate e a traga de volta. Ela está incomunicável, dentro de um disfarce. — Carl disse.

Eu levanto as sobrancelhas.

— Isso quer dizer, eu no caso. — Digo e ele acena.

— Você seria perfeito, uma vez que não seria suspeito, já que não tem qualquer ligação e tem muitos conhecimentos.

— Para que precisam dela? — Dominic pergunta.

— Ela é uma agente secreta nível um. Ela

tem todos os seus dados apagados. Ela terá que se infiltrar para descobrir os traidores que vem passando informações e ser o suporte do meu filho Theodoro. — Ele olhou para Isis. — Seu primo acabou de ser atribuído como agente especial do comando no FBI daqui de Boston e está assumindo o caso do Esquadrão Jovem. Ele está mexendo com vespeiro e não tem medo de se machucar. — Seus olhos finalmente demonstraram emoção, o medo por seu filho. — Ele já queria assumir, mas se tornou uma questão de honra quando soube que você foi uma dessas crianças.

Isis assentiu, sua expressão relaxando um pouco.

— Não vejo Theo há anos, desde meus quatorze anos. Ele está com quantos anos agora?

— Trinta. É muito importante que ele tenha um *backup* apesar de não saber dele. E é de suma importância que a agente Owsen se mantenha no personagem. — Diz e eu suspiro.

— Sempre desconfiei que o Esquadrão da Morte era comandado lá de cima, bem em cima. Theo irá mesmo se arriscar mexer com gente com nível bem acima dele? — Pergunto e os olhos de

Carl mostram cansaço.

— Sim, ele irá até o final. Consegui esse *backup* usando todos os meus favores. Ele não sabe, mas vai precisar dela.

Eu olho para Dominic que se mantém calado, analisando a situação.

— Eu gostaria de vê-lo. — Isis diz. — Talvez jantar com ele, vai ser bom ter outro Collins aqui em Boston.

Ele assentiu e lhe disse o seu número para Isis anotar.

— O número do meu menino, mas tente uma aproximação calma. Ele sabe que eu vim lhe ver, mas não o motivo real. Poderíamos jantar hoje já que é minha última noite aqui. Todos juntos, para disfarçar. — Sugere e Isis assente.

— Eu gostaria disso, mas Carl. — Ela se inclinou na mesa, o olhando friamente. — Se eu descobrir que isso de alguma forma é um plano para fazer mal a qualquer um que eu amo, um vespeiro do governo será o menor dos seus problemas.

Finalmente ele mostra o temor por Isis e eu

não deixo de dar um sorriso. Essa menina é só orgulho.

— Eu nunca trairia o meu sangue. Eles mataram meu irmão e meu sobrinho, Isis. Quero eles todos nos quinto dos infernos. Estou velho para prosseguir, mas meu filho é jovem e saudável, e com a minha ajuda — aponta para a foto de Scarlet — ele vai conseguir. — Ele se vira pra mim. — O que você me diz?

— Preciso pensar. — Ele assente e me entrega um cartão.

— Esse é meu número, quando se decidir me avise.

Ele e Isis trocam o número e ele sai. Isis suspira e Dominic acaricia suas costas. Eu verifico a mesa para ver se não há escutas, apesar do equipamento de Carina selar todo o prédio, mas na boate é um pouco mais difícil com todos os celulares dos clientes. Vamos para o elevador e Dominic pergunta a Isis:

— Como você está?

— Eu nunca fui muito próxima a ele, morava em Chicago e só vinha de vez enquanto, e

quando eram assuntos de trabalho. Theo era amigo de Ethan. — Sua voz treme de emoção.

Nós vamos a sala de Dominic e Isis se senta, cansada emocionalmente, provavelmente relembrando de coisas ruins.

— O que você acha? — Pergunto e Isis me olha.

— É arriscado, Miguel. Essa decisão tem que partir de você.

Olho para Dominic que concorda.

— Sim, tem seu nível, basta ver se você está disposto a arriscar. — Diz e eu aceno pensativo.

— Vou pensar sobre isso. Ele lembrava muito tio Colton, né? — Isis sorri emocionada.

— Sim, fiquei pensando que ele estaria assim se estivesse vivo. Talvez um pouco menos de rugas e com um sorriso doce. — Eu sorrio. — Vai ser bom o jantar. Eu sei que eles estão de um lado diferente da balança, mas são meu sangue e temos o mesmo objetivo, que é acabar com o esquadrão da morte totalmente.

Dominic segura a sua mão.

— Nunca pensei diferente. Serão bem-

vindos na minha casa. — Ele fala e eu me levanto.

— Preciso ir trabalhar.

Começo a me afastar, quando Isis me chama.

— Quando você ia me contar sobre sua designação?

Eu sorrio tristemente para ela.

— Nunca. Vocês não precisavam de mais isso na sua cabeça. —Isis suspirou.

— Mas enquanto você cuidava de nós, quem cuidava de você?

Eu continuo a me afastar até sair, em silêncio. Eu não sei a resposta para essa pergunta.

Durante o resto do dia eu não pude pensar em outra coisa. Minha cabeça estava cheia, a responsabilidade estava em mim, querendo ou não. Eu queria fazer isso, mas agora tinha muitas coisas para colocar na balança. Tinha Gabe, a minha coisa mais preciosa do mundo e agora Mila. O que ela era, afinal, para mim?

Voltei do trabalho cansado e nem a cumprimentei. Peguei a garrafa de álcool e levei para meu quarto, batendo a porta. Lembranças vieram como nuvens. Eu não queria viver o passado, mas ele veio como um baque certo para mim.

MIGUEL – 12 ANOS

As provas escritas eram as partes mais chatas desse projeto para mim, eu gostava muito mais ficar treinando lutas e tiros. Isis, ao contrário de mim, estava sentada na cadeira ao lado com o rosto abaixado escrevendo rapidamente as respostas da folha de matemática. Ela tinha uma memória boa e não precisava ler duas vezes ou mais as coisas para entender, como a maioria de nós fazia.

Carina estava sentada na cadeira atrás da minha e eu senti seu dedo nas minhas costas, me dando as respostas das respostas múltipla escolha. Escondendo um sorriso, eu as respondi rapidamente antes de seguir com a tortura de saber responder as outras.

Quem iria querer saber quantos minutos

uma pessoa fica sem respirar? Quão alto pode pular sem quebrar ossos, ou então quando podia correr até cair quando suas pernas não funcionassem mais?

Quando a prova acabou eu suspirei aliviado enquanto caminhavámos juntos para o pátio.

— Nossa, foi mais difícil essa. — Carina diz, passando a mão pelo seu cabelo que estava com as pontas descoloridas e com a cor saindo quase por completo. — Alguém tem canetinha pra me emprestar?

Isis bufou se sentando.

— Você acabou com as minhas, mamãe teve que comprar novas.

Abri a minha mochila e entreguei a elas as canetinhas rosa e roxa.

— Toma, eu não uso essas. — Entrego a ela as canetinhas, que abre a boca descrente.

— Você é tão machista, Miguel! — Exclamou revoltada. — Então eu sou um homem por gostar de vermelho e azul?

Eu ri, Isis sempre arranjava um jeito de mostrar a sua posição contra qualquer ato que ela

considerasse machista, mas ela estava melhorando um pouco com isso, desde que era muito repreendida pelos superiores.

Abri meu biscoito e dividi com elas. Estamos juntos na mesma classe há dois anos desde que nosso curso começou e nos tornamos amigos quase que imediatamente. Abaixo o olho quando Serena Reynold passa perto da gente com as irmãs Owsen, Diana e a pequena Louise que havia acabado de entrar. Serena e Diana são mais velha dois anos que a gente e estão no grupo especial.

Scarlet passa perto delas e sorri antes de se afastar. Scarlet é a irmã mais velha de Diana e Louise, sendo quatro anos mais velha que a gente. É da primeira turma, a origem. Scarlet era a única mulher do seu grupo, que foi o primeiro formado pelo esquadrão.

— Quando crescer eu quero ser igual a ela. Você viu como ela lutou na aula de muay tai? — Isis pensa sonhadora, olhando para Serena.

Havia algo de muito errado com Serena, ela nunca hesitava ferir os outros durante os treinamentos e parecia gostar disso. Ouvi dizer que ela tinha desligamento emocional, mas ao vermos

como ela tratava Louise e Diana era difícil de acreditar sem ver do que ela era capaz.

— E eu quero desacelerar. Os novos códigos que meus pais me passaram para abrir eram fáceis demais para mim e eu ouvi falando que os outros alunos demoraram uma semana, enquanto eu demorei poucas horas. — Carina diz, olhando para a gente com um pouco de medo.

Nós percebemos a alguns meses que algo estava errado aqui, primeiro porque era para a gente estar aprendendo coisas bem diferentes do que nos ensinam e o que estava escrito no currículo semestral não era nada que nós aprendíamos.

Durante as lutas, só somos liberados quando um está sangrando. Um dia nos escondemos para assistir uma luta dos mais velhos e eles só foram autorizados a parar quando um desmaiava no chão. Eu não tinha com quem falar, meus pais me abandonaram aqui e nunca voltaram. Passei os natais na casa de Isis junto com Carina, que estava no mesmo barco que eu. Isis estava tão encantada com tudo, que estava ignorando os sinais. Eu precisava protegê-las.

MIGUEL – 16 ANOS

Segurei a mão de Isis enquanto Benjamin e sua filha eram enterrados. Carina a amparava do outro lado enquanto os seus pais tinham as mãos no seu ombro. O que estava nos deixando mais preocupados era a sua falta de reação, nós sabíamos que ela estava sofrendo. Perder o seu namorado e filho ao mesmo tempo não era fácil, mas nenhuma lágrima caiu do rosto. E isso nos preocupava.

Segurei sua mão mais apertado ao me lembrar da conversa que ouvi de seus pais com os médicos, que estavam sugerindo eletrochoques para fazê-la reagir. Isis não dormia, não falava, não sentia. Ela só aceitou sair na cama hoje para vê-los sendo enterrado. Olhei para Carina, sentindo o mesmo medo que ela. O que aconteceria com Isis se ela se perdesse?

Era estranho para muitos a nossa amizade, afinal, eu já tive um pequeno namoro com Carina que não deu certo e nem isso nos afastou. Eu amava elas como irmãs e sabia que também faziam isso. Olhei para tio Colton e ele me retribuiu um olhar preocupado. De algum jeito, nós sabíamos que Isis

nunca mais seria a mesma.

Meses duros se passaram e Isis começou a reagir, eu só não esperava que ela se apoiaria em mim. Eu faria qualquer coisa por Isis e não seria sacrifício nenhum tê-la nos meus braços. O que ela precisava era carinho e eu estava mais que disposto a dar se isso trouxesse minha amiga de volta.

Nós trabalhávamos em missões juntos e eu a ajudava a se proteger. Eu era seu escudo e ela o meu. Carina estava por um fio de ruptura de jogar tudo para o alto e eu precisava mantê-las sãs. Elas precisavam de mim.

Isis estava com a ideia fixa de sair do Esquadrão, mas sabíamos muito bem o que acontecia com quem contava o que acontecia lá dentro ou tentava sair. Eu tinha fé que nada demais iria acontecer com a gente.

Nós passávamos todo nosso tempo disponível fugindo no meu jatinho que comprei com parte da herança que recebi dos meus avós ou no meu duplex de luxo que herdei deles, já que eu já era emancipado desde que entrei no esquadrão, sendo desde novo dono do meu nariz.

Quando via que as coisas apertavam para

elas, eu as pegava e levava para um festival de música, Vegas ou Disney, nunca um destino certo. E foi assim que eu fui conhecido por ser o cara sempre de bem com a vida, sem nunca ter demônios dentro de mim ou tristeza. Comecei a deixar as pessoas só verem isso, eles não precisavam saber o quão quebrado eu era por dentro já que não podiam juntar os cacos.

Um ano depois, Isis tinha conseguido a saída, mas ela teria que fazer a última missão, que era sair com Pietro Cullen e transformá-lo em um espião, para passar informações de seu pai que estava envolvido com lavagem de dinheiro e drogas.

Alguma coisa não cheirava bem, mas eu deixei porque quando mais você mexia na merda mais ela fedia.

MIGUEL 17 ANOS

— Você tem certeza que quer sair, Miguel? Você tem um grande futuro pela frente, não é sempre que achamos um cara com o seu talento.

Olhei para o general Walter e assenti.

— Sim, eu tenho plena certeza. — A mandíbula dele apertou, mas ele assentiu.

— Você sabe que está jogando no lixo um brilhante futuro por causa de duas meninas. Elas pelo menos estão indo fazer algo da vida e você? Gastar o dinheiro dos seus avós com festas e viagens?

Eu abri um sorriso fácil, mas falso. Eu o fiz tanto durante os anos que se transformou parte da minha personalidade.

— Exatamente. Eu gosto de ficar de boas, sem preocupação e rodeado de gostosas.

Walter suspira, pensando que eu sou burro e só quero curtir. Esse é o meu melhor disfarce, enquanto todos pensam que eu sou uma piscina infantil, eu sou a porra de um oceano. Devo agradecer a eles que me tornaram o que eu sou hoje, um espião que usa um disfarce sempre em vez de mostrar a si mesmo.

— Você foi aceito em posições grandes, Miguel. Esteve mostrando um grande avanço e achamos que não está usando todo o seu potencial

aqui. — Eu mantive o sorriso e me forcei a não falhar com o disfarce, não nesse momento. — Poderia ser um SEAL, como Isis.

Isso me parou. Forças de operações especiais. Eu nunca considerei isso, quando foi me dito que meu teste de aptidão deu exército em aberto, eu não imaginei isso, na verdade eu falei para todos que deu somente exército, mas não especifiquei. Ser um SEAL era uma grande honra, mas também era uma vida solitária.

O meu ponto fraco era a solidão. Passei tanto tempo sozinho que só de pensar nisso me sinto mal. Quero estar rodeado de pessoas que me amam, como agora. Tenho as meninas, os pais de Isis e sua avó, amigos e mais festas. Solidão nunca mais. Se nós nos mantivéssemos unidos, eu estaria sempre no paraíso. Orava para que nada mudasse. Eu seria a boia, quando na verdade eu era o oceano.

CAPÍTULO 13

MILA

Brinco com Gabriel no chão. Hoje, depois que Miguel foi trabalhar, eu tentei dar a mama para Gabe e ele aceitou, não o largando até estar satisfeito. Foi uma sensação diferente de tudo, sentir o leite saindo de você.

Eu havia limpado o bico depois de ter pedido para Isis o número da médica, Lorena, que me instruiu como fazer. Foi fácil e fui indicada a dar de mamar pela manhã e a noite antes dele dormir, substituindo ou diminuindo a quantidade da mamadeira nesses horários. Me emocionei ao vê-lo deitado no meu colo, com a sua mãozinha acariciando a parte de cima do meu peito e olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais especial da sua vida. Eu já sabia que Gabriel entrou em mim assim que nos vimos, mas agora eu não conseguiria esquecer essa criança ou abandoná-la.

— Eu te amo, pequeno homem.

Sabia que algo estava errado assim que

Miguel entrou em casa. Seus olhos estavam apagados, como se tivesse perdido em pensamentos, mal nos olhou. Eu suspeitava do seu vício, mas não sabia como conversar sobre esse delicado assunto e, ao vê-lo escolher a bebida para desabafar, acabou comigo, ainda mais porque eu tinha me aberto e falado sobre o meu passado. Matt e Emy só sabiam por alto, mas para Miguel eu derramei toda a minha dor e ele me ouviu, cuidou de mim.

Pensando mais um pouco, eu soube que eu não podia forçá-lo a falar sobre isso. O que eu sabia de Miguel? Era babá de seu filho há pouco mais de um mês e o fodia a menos de uma semana, somente três dias. Mas eu também era um ser humano e não deixaria ele se degradar desse jeito. Peguei Gabe nos braços e o olhei.

— Está na hora de animar o papai.

Gabe sorriu mostrando os dentinhos e eu beijei sua bochecha. Subi as escadas com Gabe nos braços e a porta do quarto de Miguel estava encostada. Ele estava sentado na cadeira com a cabeça entre as mãos, usando a camisa com os botões abertos e a calça sem cinto. Ele parecia

acabado, como se o mundo fosse seu inimigo.

— Miguel? — O chamei na porta, sem entrar. Não queria invadir o seu espaço. — Está tudo bem?

Ele levantou a cabeça e eu percebi que ele estava chorando. Sem perguntar, eu entrei no quarto, me ajoelhei na sua frente colocando Gabe no seu colo e segurei o rosto.

— Está tudo bem, deixe sair.

Então ele quebrou. Seus ombros balançavam com o choro, mas nenhum som saia. Ele abaixou a cabeça e eu acariciava seus cabelos, dizendo palavras doces, como ele fez comigo. Gabe desceu do colo dele e foi pegar o sapato de Miguel para brincar. O deixei, era um bebê e não tinha culpa de nada, só queria brincar. Miguel me pegou no colo e eu o abracei.

— Está tudo bem, seja o que for irá se resolver. Pense no seu filho, nos amigos que você tem. Pense em coisas que o fazem feliz.

Miguel levantou o olhar para mim.

— O meu mal é esse Mila, eu já não sei o que me faz feliz. Estive buscando por tanto tempo a

felicidade dos outros que esqueci a minha.

Suas palavras me tocam de tal maneira que trouxeram lágrimas aos meus olhos. Meu menino está tão quebrado e ninguém percebeu.

— A felicidade é algo que nunca é tarde para encontrar. — Digo e ele me dá um sorriso triste.

— Para aqueles que a procuram. — Ele acaricia meus cabelos. — Obrigada por estar comigo.

Eu seguro a sua mão.

— Pode sempre contar comigo. Por que não conversamos?

Ele acena e nos levantamos. Ele faz sinal de se inclinar para pegar a bebida, mas eu seguro a sua mão.

— Você não precisa dela. Agora ela pode parecer uma boa amiga, uma válvula de escape, mas, no fim, ela só te faz mal se você lhe der esse poder.

Ele olha para a garrafa antes de assentir e começa a ir para a cama, ainda segurando a minha mão. Quando estamos em frente a ela, ele para.

— Aqui não, eu... não consigo.

Eu aceno em concordância, vendo que esse quarto tem fotos de sua esposa e tem toda uma decoração de médico, algo que não combina com Miguel.

— Vamos para a sala ou para o meu quarto então.

Nós descemos a escada e Miguel decide pela sala. Sentamos e deixamos Gabe brincando no chão.

— Eu não sei por onde começar. — Miguel ri sem jeito. Estou sentada de lado o olhando enquanto toco em seus cabelos.

— Por que não começa por aquilo que tanto está te incomodando? — Sugiro e ele suspira.

— Tem muitas coisas sobre mim que não podem ser ditas para você, para lhe proteger. Hoje houve um fato que me relembrou da minha infância e adolescência. Eu não sou o Miguel que todos pensam, não estou sempre de bem com a vida, não sou feliz o tempo todo. — Confessa e eu acaricio seu rosto.

— Ninguém é, essa que é a verdade. Até a

pessoa mais calma e feliz do mundo tem seus momentos tristes e zangados. Não é errado se sentir assim. — Falo e ele me olha, surpreso com as minhas palavras.

— Eu sempre fui o tipo de cara que, se eu pudesse transformar um cenário ruim em algo bom, eu faria, ainda que estivesse triste. Não queria as pessoas tristes... — Sua voz some.

— E em troca você ficava e escondia — afirmo e ele acena suspirando derrotado, com os ombros caídos. — Tem uma frase da Clarice Lispector que eu adoro: *''Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar.''* Esse é você Miguel.

Ele engole seco, assentindo.

— Continue.

— Eu não tenho sido eu mesmo desde que me lembro e estava tranquilo com isso, ver as pessoas felizes a minha volta me deixavam feliz. Isis e Carina eram a minha prioridade, eu era a boia delas e elas a minha. Nós éramos os três mosqueteiros. — Ele sorri relembrando. — Nós podíamos contar um com o outro e nos

protegíamos. — Ele passa a mão pelo rosto. — Com o tempo, as coisas mudaram e já não éramos somente nós três contra o mundo. Nós crescemos, as meninas arranjaram namorados. E a vida seguiu.

Eu sorrio tristemente.

— Crescer é uma droga mesmo, era mais fácil quando não tínhamos responsabilidades e a nossa única obrigação era a escola. — Ele acena. — Mas crescer também pode ser legal, tem as suas coisas boas. E o que aconteceu?

— Eu conheci Ester, ela era a enfermeira de Carina na época. Juro que quando a vi meu coração saltou, era tão linda e independente, também muito doce. — Escutei ele falar da sua mulher e me mantive sem expressão, queria que se um dia alguém perguntasse de mim, Miguel também pudesse citar as minhas qualidades em vez de só dizer que sou a babá de seu filho. — Ela era o que faltava para me completar.

Eu mordi o lábio.

— Miguel, uma vez ouvi que nós não precisamos de alguém para nos completar, só para acrescentar. Podemos completar num beijo, na cama, como um encaixe. Mas completar na vida

quer dizer que não estamos inteiros, mas nós estamos.

Ele olha para a parede absorvendo minhas palavras e eu continuo:

— Eu sei que não sou a pessoa mais experiente para falar nesse assunto, mas eu acredito nessas palavras. Sua mulher com certeza acrescentou algo em você, vocês criaram uma história juntos.

Ele seca uma lágrima que cai quando ele olha para Gabe.

— Eu ainda penso no que poderia ter sido. — Sussurra. Eu não entendo as suas palavras, mas toco o seu ombro.

— Você é um ser humano incrível, Miguel. Deixe as pessoas verem o verdadeiro você, não se esconda mais.

Ele se vira para mim e, antes que eu espere, seus lábios colam nos meus num beijo apaixonado. Suas mãos vão para minhas costas, me puxando para ele. Miguel não hesita em apertar meu corpo contra o seu e me segurar pelas costas e cabelo, ou mesmo fazer sua língua tocar a minha numa dança

sensual que só ele consegue fazer. Eu me entrego a ele, confiando nele e deixando que me tome para si.

Ouvimos um gritinho de Gabe e caímos na risada. De algum jeito eu sei que esse Miguel que ninguém viu ainda está mais próximo para aparecer, basta um passo de coragem. Conto para Miguel do mamá e ele assiste encantado enquanto eu dou a Gabe antes de dormir. Olhando para Miguel vejo que ele ficou emocionado.

Os dias se passam e finalmente chega o dia vinte e cinco de novembro, aniversário dos gêmeos. A casa de Carina está na correria para arrumar os gêmeos, que não param um minuto. Todos já estão no salão que acontecerá a festa, só faltando a gente e as crianças. Dominic e Miguel já tinham ido na frente levando as crianças, deixando Jace, Isis e eu para ajudarmos Carina e terminarmos de nos aprontar.

— Ai meu Deus, Luna! — Carina grita. — Quem te deu a porra de um chocolate?

Tampo a minha boca quando vejo o seu vestido de princesa dourado todo manchado de

chocolate, como se ela tivesse limpado o chocolate dos dedos no peito. A menina nem se intimida. Com três anos ela tinha tanta atitude quanto a mãe.

— Eu peguei. — Balança a cabeça como se pra enfatizar. Seus cabelos castanhos estão cheios de cachos e ela tem algumas mexas finas rosas de cabelo falso que pediu para Carina colocar nela. Seus olhos são cinza, iguais aos de seu pai.

Carina parece que vai soltar fogos pelas orelhas. Jace se aproxima e franze as sobrancelhas olhando a sua filha.

— Se eu cortar e fazer um decote irá parecer um episódio de *Eu, a patroa e as crianças*.

Carina o fuzila com o olhar antes de cair na gargalhada, se acalmando. Jace a abraça, ele é tão mais alto que ela, mas Carina com os saltos consegue parecer menos baixa.

— Só você para me fazer rir.

— Pequena, está tudo sobre controle. Já tínhamos comprado uma roupa reserva, lembra?

Ela acena e ele beija a sua testa, pisca para mim enquanto pega Luna nos braços para trocá-la.

— Ele é tão doce com você. — Falo e

Carina sorri.

— Sim, ele tem essa cara de durão, mas é um amor. Não é lindo quando sorrir?

Eu aceno e Isis sai do quarto com Thor segurando a sua mão. Ele está com um terninho de príncipe, seus cabelos castanhos estão arrumados com gel e ele tem um sorriso doce e calmo.

— Me diz que você deu um calmante pra essa criatura? — Carina pergunta estranhando seu filho estar calmo.

— Tia Isis me deu chocolate.

— Cala a boca, moleque! — Isis grita e eu caio na risada.

— É mesmo, dona Isis? Eu ralo minha bunda colocando essas crianças bonitas pra foto que vou ter que tirar assim que chegar, porque vão ficar suados e cheios de meleca, e você dá doce pra eles?

Eu me abano para não sujar a maquiagem. É hilário estar com elas. Aos trancos, conseguimos colocar as crianças no carro, com o pedido para ficarem diretinho assim como o chocolate que seus pais lhes davam na boca com medo de sujá-los.

Sorrio pensando se Gabriel também será assim.

A festa está toda decorada como se estivéssemos num castelo medieval, com dragões, cavalheiros, príncipes e princesas. As meninas decidiram de última hora se fantasiar como princesas para a festa. Isis usava um longo vestido rosa, estava fantasiada de Aurora, de A bela adormecida; Carina estava com um vestido dourado, de A Bela e a Fera, da qual Luna também estava. Eu estava de Merida, do filme Valente, com meus cabelos cheios de cachos volumosos e quando chegamos a festa vi uma linda mulher de cabelos pretos e olhos azuis fantasiada de Branca de Neve.

Isis foi apresentá-la e soube que era uma prima-irmã de Dominic, Bella, que morava em Vegas. Era tão doce e educada, rapidamente começamos a conversar e conheci o seu marido e os irmãos dele com suas mulheres, que foram igualmente legais.

Miguel estava entretido com todos e eu não quis interromper o seu espaço. Gabe, assim como as outras crianças, tinham cuidadoras particulares para tomar conta deles nos brinquedos e não pude deixar de me perguntar se não era para eu estar lá

com ele.

— Nem pense nisso! — Carina disse parando ao meu lado. — Hoje é sua folga, mais que merecida, já que sei muito bem que você não sai em alguns finais de semana. — Ela me cutucou sabendo que muitos dos meus dias de folga eu passei passeando com Miguel e Gabriel por aí, ou então na cama com ele.

— Mas é meio de semana e...

— Nem meio mas. Por que está aqui sozinha? Já tiramos todas as fotos e agora deixe as crianças brincarem e se sujarem. Amém. Estamos todos conversando.

Ela me puxou para a nossa mesa, eu passei e sorri para vô Raffaelo e a doce vó Maria, a avó de Isis que é brasileira. Nós fomos apresentadas, mas quase não conseguimos falar já que todos queriam a atenção dela e, por último, ficou conversando com vô Raffaelo.

— Ainda acho que eles terão algo. Vó Maria acabou de terminar o namoro, ambos são tão fofos juntos. — Carina comenta e eu sorrio.

— Tomara.

Nos sentamos na grande mesa que couberam todos e percebi que o lugar ao lado de Miguel estava vago. Eu senti meu coração saltar ao pensar que ele tinha guardado o meu lugar, mas a frente tinha o meu nome marcado. *Grande Mila, se iludindo mais um pouco.*

— Então, estamos organizando, como sempre, tudo de última hora. — Carina suspirou dramaticamente fazendo todos rirem.

— A nossa viagem para o Brasil será dia vinte e nove mesmo, mas ficamos pensando e, por que não ficarmos duas semanas lá? Voltamos dia doze. Dimi adora o Brasil e vai adorar passar o aniversário no parque e na praia. — Isis disse e todos confirmaram.

— E nós poderíamos fazer a viajem para visitar Elena e Damien dia dois de janeiro, aí ficaríamos até dia onze, um dia depois de seu aniversário. — Dominic diz e olha para Jace. — Não acho que assim, com esses intervalos para resolver as coisas, irá nos sobrecarregar tanto.

Eu só sorrio e tomo minha bebida. Sinto os olhos de Miguel em mim e me viro para ele, que sorri para mim.

— Está linda. — Ele repete, já havia dito quando tiramos fotos junto com Gabe.

— Você também. — Brinco dando um puxão de leve na sua gravata.

Vejo um flash de luz e olho para onde foi, vendo que foi Carina que tirou uma foto nossa distraídos.

— Vocês são tão lindos juntos que dá vontade de colocar num potinho. Jace, querido, se lembra de quando começamos a namorar? Era assim mesmo, eu chegava a suspirar.

Jace beija seus lábios.

— Ainda te faço suspirar.

— Faz mesmo. — Ela levanta as mãos paralelas numa distância grande, fingindo estar dizendo as medidas do pau de Jace, fazendo todos rirem.

Quando voltamos para o apartamento estamos rindo da quantidade de bolo que Carina colocou para nós. O bolo estava maravilhoso e Miguel não abriu mão do seu pedaço para comer no dia seguinte. Só não imaginavámos que Carina nos daria um pedaço gigante.

— Será preciso três Milas para comer a minha parte. — Brinco, colocando o bolo em cima da bancada e pegando uma colher, depois que Miguel volta do quarto de Gabe, que adormeceu.

— Um Miguel acaba com tudo.

Ele pega outra colher e nós comemos resmungando de como Carina consegue arranjar os melhores doces. Miguel tem a boca machada de chocolate, eu pego com o dedo e levo a boca, sem nem perceber o que fiz. Pego Miguel olhando para mim e o encaro de volta.

— O que foi?

Ele se aproxima e pega o meu rosto, lambendo o canto da minha boca.

— É assim que se tira chocolate do rosto.

Eu lambo meus lábios secos.

— Eu gosto desse jeito.

Miguel me pega pela cintura e joga meus cabelos para trás antes de descer a boca para meu pescoço, me fazendo ficar arrepiada e excitada. Sua mão desce para a minha bunda, eu ainda estou com o vestido de princesa, o que dificulta um pouco sentir sua mão em mim.

— Não consegui tirar os olhos de você hoje. — Diz no meu ouvido, sua voz saindo rouca. — Nunca desejei alguém tanto assim antes.

Sua mão vai para o fecho do vestido o abrindo, o som ecoa pela cozinha. Eu pego seus cabelos o puxando para mim e colo sua boca na minha num beijo erótico e apaixonado. Numa rapidez, nós começamos a tirar a roupa um do outro as espalhando pelo chão. Ele me empurra contra a mesa, me colocando sentada nua nela e vai abaixando os beijos do meu pescoço para os meus seios.

— Tão lindos, tão grandes. — Ele dá um beijo de leve, com medo de sair leite novamente, então um sorriso divertido o toma e ele olha para o bolo ao nosso lado. — Acho que acabei de criar uma nova sobremesa.

Eu rio achando que é brincadeira até Miguel mergulhar o dedo na cobertura do bolo e passar pelo meu seio esquerdo e repetir o processo com o direito. Dois dias depois de começar a dar mamá para Gabe, eu decidi tirar os piercings nos seios, pois ele sem querer os mordia e puxava.

— Miguel! — Exclamo e ele sorri para

mim.

— É impossível de resistir a esse manjar dos deuses.

Então fecha a boca no meu seio, chupando duro, me fazendo revirar os olhos com a sensação tão proibida e devassa. Sua barba raspa por ele, me deixando totalmente arrepiada. Ele puxa o bico e suga, mordendo de leve e brincando com a língua. Repete o mesmo processo com o outro, me deixando tão molhada que sinto o líquido escorrer entre minhas pernas para o mármore gelado debaixo de mim.

— Se deita aí que eu quero te comer bem gostoso de jantar.

Ele entra entre minhas pernas, passando o dedo lentamente por toda ela, numa leve carícia. Eu mordo o lábio quando ele enfia um dedo em mim e tira, repetindo o processo algumas vezes.

— Tão gostoso ver você assim tão entregue, tão minha.

Eu gemo quando seus lábios se fecham no meu clitóris, brincando comigo até eu estar puxando seus cabelos e rebolando contra sua cara,

só então ele se afasta para colocar um preservativo e me desce da bancada.

— Encosta os seios no mármore. — Pede indo para minhas costas e segurando meus cabelos.

Eu praticamente me deito sobre o mármore, tentando me manter em pé com as pernas trêmulas como gelatina. Miguel se posiciona nas minhas costas e entra em mim lentamente, apreciando a sensação. Juro que toda vez que estamos juntos é melhor.

Ele entra e sai num movimento fluido, com nossos sons ecoando pela casa e gemendo contra meu ouvido. Eu enrolo meus dedos do pé, gemendo quando meu orgasmo vem, mas Miguel não para, levando a mão até meu clitóris e o manipulando com destreza, arrancando outro de mim. Meus dedos estão brancos com a força que pressiono a bancada e meus seios sensíveis estão duros contra o mármore gelado.

— Isso baby. — Ele geme quando eu me contorço.

— Miguel, eu quero você na minha boca. — Eu falo com a voz necessitada. Ele para por um momento e sai de mim, jogando a camisinha no

chão.

Seu pau está duro, cheio de veias e vazando na ponta, e sua expressão é dura e desejosa. Sua barba está maior e úmida pelos meus líquidos. Eu me abaixo no chão frio com as pernas trêmulas e olho para cima, o vendo passar a mão da barba, descrente.

— Ainda não acredito que tenho uma mulher como você.

Eu sorrio antes de pegá-lo com as mãos e aproximar meus lábios, degustando do sabor meio salgado que é Miguel. Ele geme e é uma visão do paraíso vê-lo com a cabeça abaixada, olhando para mim intensamente enquanto morde o lábio. Seu tanquinho bem marcado só me deixa mais molhada. Miguel é um homem que se cuida, mas eu percebo que a academia serve também para se distrair, se afastar de todos.

Levanto uma mão, arranhando seu abdômen, o fazendo tremer. Passo a língua na cabeça redonda e quente antes de mover a minha cabeça junto com a minha mão. Ele geme e, com poucas investidas, ele vem na minha boca.

Miguel me ajuda a levantar e beija meus

lábios sem se importar, acariciando minhas costas e meu rosto, enquanto eu faço o mesmo com ele. Não dá pra negar que junto pegamos fogo.

— Você ainda vai me matar assim. — Ele sussurra contra meu ouvido, o mordiscando. Olho para sua bunda, através da geladeira de inox.

— Você que vai. Parecemos coelhos. — Brinco e ele rir.

— Coelhos são Isis e Dominic. Acho que precisamos bater a meta deles.

Ele faz cosquinhas na minha barriga e eu rio contra ele. Meus braços vão para seu pescoço e eu o olho, vendo Miguel tão feliz e satisfeito.

— Eu gosto muito de você, Miguel. — Falo para ele com a voz doce, tocando no seu cabelo. Eu sinto muito mais do que isso, mas falar isso só o faria se afastar mais de mim.

Miguel sorri e dá um tapinha na minha bunda.

— Vamos dormir que amanhã temos que comprar umas coisas para a viagem.

— Viagem?

Ele acena, então abre um sorriso.

— Para o Brasil, achou que viajaríamos sem você?

Eu levantei as sobrancelhas, realmente surpresa.

— É sério?

Ele rolou os doces olhos castanhos.

— Pensei que as meninas já tivessem falado lá na festa Halloween.

— Eu achei que fossem só vocês. — Franzo a testa e Miguel ri.

— Mila, você vai para o Brasil, irá pegar um sol e vai comer feijoada da dona Maria. Vai amar tudo! — Diz e eu sorrio.

— Sério? — Ingado, ainda sem acreditar e ele dá outro tapa na minha bunda.

— Vamos dormir, está tarde e precisaremos acordar cedo amanhã.

Eu pego as minhas roupas do chão e Miguel faz o mesmo com as dele, depois de se livrar da camisinha. Eu tomo uma água depois de colocar o bolo na geladeira e minha boca ainda está com o gosto de Miguel. Começo a ir para o quarto e me viro para ele que está parado, nu na sala escura, só

iluminada por pequenas luzes e a lua.

— Você não vem?

Ele nega com a cabeça e eu percebo que novamente Miguel quer se esconder na concha, só que ele não percebeu ainda que sua concha está se quebrando e uma hora ele não terá mais ela para se esconder.

— Tudo bem. Boa noite! — Falo em voz alta, tentando dar um sorriso antes de abrir a porta do meu quarto.

— Mila? — Chama e eu o olho já dentro do quarto.

— Eu também gosto de você. — Diz.

Nessa noite, me deito na cama sorrindo por suas palavras e adormeço como uma pedra.

O aniversário de Isis vem e comemoramos num jantar só com a gente. Isis está triste que sua cunhada não pode vir novamente. Ouço tanto falarem dela e de seu marido que tenho curiosidade em conhecê-los.

Miguel, na manhã seguinte de dizer que gostava de mim, me levou a lojas de roupas de verão e ficou comigo enquanto eu escolhia algumas coisas, mas a maior parte eu comprei com as meninas, que me ajudaram a fazer a mala.

Também fui com comprar mais roupas para Gabriel, já que ele não parava de crescer e as roupas estavam ficando apertadas. E era tão bom poder escolher coisas infantis. Arrumamos juntos a mala de Gabe e eu fiquei feliz de Miguel participar desse momento.

Depois das compras, eu pedi folga para sair com meu irmão e Emy, estava com saudade e em falta com eles. Contei a eles sobre o leite, evitando a parte de Miguel e eu estarmos juntos para Matt. Era algo novo e ele poderia estragar o que havia acabado de começar.

Eu parei no meio da pista particular de voo olhando para o jatinho de Miguel. Eu claramente podia vê-lo com um chapéu de capitão, zoando dentro do jatinho junto com Isis e Carina. Dominic desde ontem estava mais sério que o normal e Miguel me avisou que ele estava em crise de bipolaridade e que só se acalmava um pouco com

Isis por perto. Mas ele não deu um sorriso sequer, se mantendo sério e frio, como se esperasse um olhar de alguém para explodir.

Pesquisei sobre essa síndrome e lamentei por Dominic ter que passar por isso, pelo o que parece ele não se medicava e tinha um grau leve de bipolaridade, mas mesmo assim afetava a todos a sua volta.

Seus filhos, por ainda serem pequenos, não entendiam porque seu pai estava sério e não queria brincar com eles. Durante o voo, Isis falou no seu ouvido o que o fez olhar para seus filhos e os colocar em suas pernas para assistir um filme com ele, mas nunca mudou a expressão. Valentina não parecia se importar, acho que já estava acostumada.

De acordo com Isis, Dominic não sofria de crises depressivas ou maníacas muito fortes, ele na maioria das vezes estava em estado maníaco, onde imaginava que todos estavam contra eles, ou não o entendiam, o que resultava a sua cara feia. Ele não chegava a ser perigoso, mas procurava brechas para começar brigas e ficava com o humor fechado por dias.

— Essas crises não duram muito mais de

dois ou três dias, daqui a pouco ele está de volta ao normal. — Miguel sussurrou para mim. Gabe dormia pacificamente no meu colo. — Está nervosa?

Eu aceno que sim o olhando. Miguel já estava de bermudas caqui e camisa branca de mangas curtas, e com a maioria dos botões abertos.

— Sim, um pouco. Nunca estive no Brasil e estou curiosa.

Ele sorri animado.

— Você vai amar. Preparamos vários passeios legais, mas temos que voltar para o carnaval para você conhecer, que é fantástico!

Eu já ouvi falar do carnaval do Rio de Janeiro, de como as mulheres se soltam e andam nuas. Sou a favor da liberdade, mas não posso evitar me sentir estranha ao pensar em Miguel olhando elas e as pegando.

Chegamos ao Brasil cansados da longa viagem, foi preciso três carros grandes para caber a todos. Foi me dito que eles compraram um apartamento no mesmo prédio da vó de Isis, para não sobrecarregar a senhora, mas que só ficaríamos

uns dias lá antes de irmos visitar outros lugares. As meninas tinham organizado um tour completo pelo Rio de Janeiro.

Eu estava animada para usar os shorts jeans e *croppeds* curtos que comprei junto com as meninas. Era o tipo de roupa quase impossível de se usar na maioria do tempo, tanto em Boston como em Londres, por conta do tempo. Tinha medo de não me adaptar muito bem ao clima tropical do Brasil e acabar dando trabalho para eles, mas prometi a mim mesma que ficaria atenta e me hidrataria bem.

As palavras de Miguel depois do aniversário dos gêmeos ainda estavam em minha cabeça. Eu temia que ele se afastasse de mim por causa do sentimento que estava começando a ter. Sei que era cedo, mas eu estava apaixonada por ele. Só esperava que ele não percebesse.

— *Entãaaao?* — Carina perguntou quando eu engoli a primeira garfada da feijoada de dona Maria.

Tomei um gole do meu suco de laranja para

criar um suspense. Até Dominic olhava interessado, a espera de minha resposta. Já haviam se passado dois dias desde que chegamos e somente hoje mais cedo vi o seu primeiro sorriso, quando viu Isis colocando protetor nos seus filhos enquanto estavamos na piscina do condômino. Seu olhar para ela era tão forte e cheio de admiração que tocou minha alma. Eu queria que Miguel me olhasse assim um dia, como se o amor fosse tão intenso e eterno. Eu também invejava os olhares doces e amorosos que Jace dava para Carina, era um cara de quase dois metros de altura, com uma aparência que gritava perigo, mas tinha um sorriso tão doce que se esquecia qualquer medo quando ele sorria.

No primeiro dia que saímos para comer, Dominic estava com a autoestima lá em cima e agindo estranho, passando a mão em Isis toda hora como se fosse devorá-la e se irritando com qualquer comentário que ele não concordava. Parecia um leão prestes a atacar. Isis o acalmava e falava baixo com ele.

Miguel, Gabriel e eu ficamos no mesmo quarto, mas Gabe ficava no sofá-cama rodeado com almofadas. Miguel, na primeira noite, não me

tocou, ficando até tarde conversando com os meninos. Como eu estava num ambiente novo, com um clima completamente diferente do que eu estava acostumada e passei o dia na praia, estava exausta e apaguei assim que a noite caiu.

Na noite seguinte, saímos todos para um barzinho com música ao vivo. Estava encantada com o belo som das músicas e dos belos brasileiros, de todas as formas e estilo. As mulheres tinham corpos e bronzeados de dar inveja. Isis e Carina disseram que me fariam pegar uma corzinha antes de voltarmos para casa.

— Meu Deus, mulher! Esse silêncio está me matando! — Miguel ruge, me fazendo quebrar a fachada de séria e cair no riso.

— Está maravilhoso, Dona Maria. Se puder me passar à receita, eu tentarei fazer para meu irmão e minha amiga, eles irão ficar tão viciados quanto eu!

Dona Maria sorriu satisfeita, ela era tão bela. Mesmo as rugas e marcas da idade não apagavam a beleza dela, eu via bastante de Isis nela, apesar dos seus cabelos serem castanhos.

— Já fiz um caderno para você, Carina e

Helena. Isis já levou um.

— Amém! — Isis brinca. — Amo fazer as suas comidas, vovó, mas juro que não ficam tão boas quanto as suas. Alguma chance de você se mudar para Boston?

Dona Maria soltou uma risadinha e piscou, fazendo Isis abrir a boca.

— Ainda não me decidi, não gosto do frio que faz lá, dói os ossos. — A expressão de Isis murchou um pouco.

— Pra isso serve os aquecedores. Isso é desculpa pra você continuar a olhar os cariocas de sunga recheada na praia. — Carina solta, fazendo todos rirmos.

Dona Maria nem tentou disfarçar a risada, em seguida desfez com a mão.

— Descobriu meu segredo, minha menina. Não resisto a um garotinho.

Isis engasgou e Jace e Dominic tentavam esconder um riso, enquanto Miguel e Carina choravam de rir. Eu tentei controlar, olhando para o meu prato, mas era impossível não rir. A vó de Isis parecia mais avó de Carina do que dela. As duas

combinavam na maluquice.

Depois do almoço divertido, Miguel pediu para que eu calçasse um tênis e corresse com ele um pouco. Eu aceitei, pois me sentia inchada de tanta coisa que já comi em tão pouco tempo. Havia me pesado e estava quase um quilo a mais. Não ligava muito para o meu peso, nunca segui padrões. Tinha minha barriga arredondada, pernas grossas e era feliz com meu corpo, só que eu também sabia que o sedentarismo não me faria bem.

Meus cabelos estavam cheios de cachos, presos num rabo de cavalo para que não pegasse suor neles. Vesti um short de correr e a parte de cima do biquini, por recomendação das meninas, porque eu ficaria com a marca da blusa se corresse com ela. Ao sair do quarto, eu não tinha me preparado mentalmente para ver Miguel só com uma bermuda preta soltinha e tênis. Seu abdômen ainda estava marcado, mesmo depois dele ter comido tanto quanto eu e não ter frequentado a academia.

Consegui com um pouco de custo desviar o olhar dele, as meninas estavam sentadas esparramadas no sofá vendo filme e Gabriel estava

deitado no bebê conforto dele.

— Cadê o restante das crianças? — Pergunto, seguindo o exemplo de Miguel e começo a me aquecer.

— Compras. Dominic e Jace foram junto para ajudar a cuidar da turminha. — Isis fala. Seus shorts, assim como os de Carina estavam com o botão aberto e elas pareciam que tão cedo não levantariam do sofá.

— Okay, preguiçosas, estamos indo agora. Voltamos em menos de três horas. — Miguel diz, me arrastando para a porta e eu finco meus pés no chão.

— Oi? Correr por quase três horas? Você só pode estar maluco se acha que eu vou correr durante todo esse tempo...

Miguel rir, me parando e pegando em cima da mesa uma mochila.

— Não vamos correr por todo esse tempo depois de ter comido a feijoada da vó Maria. Não sou doido. — Ele brinca, piscando. — Nós vamos correr um pouco e depois eu tenho alguns lugares pra te mostrar.

Eu me olho e volto meu olhar para ele, que apreciava meu corpo.

— Então é melhor eu pegar uma camisa, né?

Ele assente, passando a língua pelo lábio inferior antes de mordê-lo.

— Sim, é melhor.

Depois de pegar a blusa e colocar na sua mochila, nós saímos do prédio. Antes que eu pudesse abrir a boca, Miguel estava passando protetor nas minhas costas.

— Não quero que você fique igual um camarão. — Diz perto da minha orelha, me fazendo ficar arrepiada.

Repete o processo nos braços e barriga, com o seu olhar acompanhando o movimento de suas mãos, enquanto eu o olhava. Ele passou entre meus seios e colo antes de ir para o meu rosto. Eu não pude evitar sorrir quando ele beijou a ponta do meu nariz quando fechei os olhos.

— Devo estar com o nariz e as bochechas brancas, certo? — Brinco.

Miguel riu um pouco passando protetor pelo

seu peito.

— Não, eu passei direitinho.

Enquanto ele terminava de passar pelo seu peito, eu passei protetor nas minhas pernas e em seguida nas suas costas. Miguel teve que se abaixar para eu passar no seu rosto, sorrindo feito bobo.

— Como uma verdadeira mãe.

Eu belisquei fraco o seu mamilo, o fazendo pular para trás. Ele fez um alarde maior do que era. Revirei os olhos e comecei a correr.

— Quero ver me pegar! — Grito, divertida. Escutei os passos de Miguel correndo atrás de mim e acelerei ainda mais o passo.

— Na verdade, você está correndo para o lado errado. — Ele comenta, me fazendo parar, mas acabei me batendo nele, que me segurou e evitou a minha humilhante queda.

— Sério? — Sinto minhas bochechas corarem. Eu não conhecia o lugar muito bem e achei que correr para qualquer lado servia. Tudo era praia, certo?

Miguel gargalhou, pegando minha mão e atravessando a rua para a orla.

— Enganei a boba. — Diz rindo, antes de continuar a correr para o mesmo lado que eu estava indo.

Rolo os olhos com sua criancice e o sigo. Não consigo passá-lo, suas pernas são mais longas que as minhas e ele tem muito mais preparo físico do que eu. Mas ele diminui um pouco a velocidade para ficarmos lado a lado. Hora eu o empurrava de leve, hora ele fazia o mesmo comigo, até que nos rendemos ao silêncio tranquilizante, com o leve barulho da brisa do mar. Paro perto de um coqueiro lindo e peço para Miguel tirar uma foto minha. Tiramos várias, e até pedimos para uma senhora com um cachorro que passava para tirar uma nossa.

— Vai, Miguel, agora você! — Imploro. Ele se recusava a tirar uma foto sozinho. — Vai, a paisagem está linda. Ficará perfeita no seu Instagram.

Ele levanta uma sobrancelha, divertido.

— E quem disse que tenho Instagram?

Eu rolo os olhos. É claro que ele devia ter um instagram, mas pensando agora, eu quase não o vi mexer no seu celular desde que comecei a trabalhar. As meninas me seguiam no instagram e

éramos amigas no Facebook. Por que Miguel não teria redes sociais? *Será por que é um mafioso e precisa se manter escondido?* Meu subconsciente me lembra.

— Se não tem, vai ter. Agora dá um sorriso!

A contragosto, ele fez uma pose engraçada e eu tiro várias fotos dele. Já estava abaixando o celular para que pudéssemos continuar a nossa corrida, quando sento meu celular ser arrancado bruscamente da minha mão, machucando-a com a força. Olho e vejo dois meninos, que devem ter por volta dos doze anos, correndo com o meu celular na mão.

— Meu caralho!

Sinto uma corrente de ar passar por mim e ouço a voz de Miguel um tanto quanto irritada e chateada, e antes que me dê conta, o vejo correndo a todo vapor atrás dos meninos pela orla. Algumas pessoas me param, falando em português e eu não entendo nada do que dizem. Acho que perguntaram se eu estava bem. Eu não os entendia e eles tão pouco a mim, até que uma jovem menina negra se aproxima falando em Inglês.

— Você é americana, né? Está bem?

Eu a olho, dando um pequeno sorriso em agradecimento por finalemente aparecer alguém que me entenda. Ela diz algo em Português para as pessoas que assentem e começam a se afastar.

— Sim, eu estou.

— Isso é normal pra gente aqui do Rio, sabe? — Ela começa, na certa tentando me distrair. À distância eu ainda podia ver Miguel correndo atrás dos meninos.

Minhas mãos estão trêmulas, assim como minhas pernas. Pensei em ligar para as meninas, mas então lembrei que não tinha mais celular e não me lembrava do número delas. Maldita era a tecnologia em que não se gravava mais telefones, só salvava no celular sem nem olhar direito. Eu podia ligar para Matt, mas não queria preocupá-lo. Já estava preocupado com as doenças aqui do Brasil causadas pelos mosquitos, mesmo eu tendo sido vacinada antes de vir.

— Normal? — Pergunto incrédula. — Como ser assaltada pode ser uma coisa normal?

Ela solta uma risadinha, mas sem alegria.

— O Rio está abandonado, policiais sendo

mortos e a corrupção está reinando. A cidade é bela pra quem é de fora, mas para a gente não é nenhum pouco.

Ela olha o relógio e se despede. Eu já estava desesperada esperando Miguel voltar. Cadê ele?

MIGUEL

Só podia ser brincadeira, sério. Eu já estava careca de saber que o Rio é para malandros, tem que ser sagaz pra não ser roubado, mas eu não imaginei que eles arriscariam roubar de um cara do meu tamanho. Enquanto persigo os meninos, não deixo de pensar em como eles vieram parar nessa situação. Quem sabe fosse eu aí se estivesse sozinho no mundo e sem dinheiro. Não gosto de julgar e muito menos de apontar o dedo, mas o Brasil precisava de um tapa na cara urgente.

Consegui perseguir os meninos que entraram numa rua, sabia que se não fosse rápido o suficiente eles conseguiriam fugir. Não estava pegando o celular de Mila para ser um herói ou algo assim, foi quase que instantâneo correr atrás

deles, era a adrenalina, eu sentia falta dela.

Virei a rua correndo mais depressa e os encontrei, eles olharam assustados. Não deviam ter mais de quatorze anos.

— O celular. — Falo em Português.

— Oh tio... — Um deles tenta falar, mas eu estendi a mão.

— Agora.

Eles rapidamente entregam com medo.

— Vocês deviam estar na escola, não fazendo isso. — Falo já me preparando para sair, quando um deles diz:

— Pra você é fácil falar, não sabe o que é dormir com fome. — Então eles correm, me deixando com a cabeça a mil.

Queria ajudar essas crianças para que tivessem um futuro melhor. O índice de assaltos no Rio era alto, assim como o de mortes. Alguém precisava fazer algo a respeito. Corrir de volta para onde Mila estava e meu coração partiu ao vê-la sentada na calçada de cabeça baixa, ela parecia tão pequena.

— Ei.

Ela levanta o olhar pra mim e corre para os meus braços, me abraçando apertado. Com o seu abraço me sinto em casa.

— Eu estava tão preocupada. Não faça mais isso! Se eles tivessem uma arma? Se tivesse mais deles esperando? Ai, não quero nem pensar.

Segurando a sua mão, eu a levo para um quiosque e peço água de coco pra gente. Estava pingando de suor enquanto contava para ela o quanto corri e lhe entrego o celular.

— Não precisava disso tudo, você se arriscou demais. É só um celular e podia comprar outro, agora outro Miguel que não.

Eu sorrir com a sua preocupação e passei a mão pelo meu peito lentamente e dramaticamente.

— Com certeza é difícil achar um *pitel* desse. — Pisco e Mila ri de leve, ficando mais leve.

— Não sabia que o Rio era assim. Uma menina falou que isso já era normal. — Comenta com medo.

— Sim, eu já sabia que as coisas não estavam as melhores, com o desemprego e a inflação alta. Mas não podia imaginar que assaltos

seriam considerados *normais*. — Digo e Mila suspira.

— Você viu como eles ainda eram apenas meninos? Isso parte o meu coração. — Ela fala e aceno concordando.

— Sim, infelizmente é a realidade deles. Roubar se torna a única maneira de ter dinheiro para comer. É triste, o país devia ter mais projetos para tirar as crianças da rua e ajudá-las a se capacitar para um emprego.

Mila brinca com o seu canudo, sem muito interesse em continuar a conversa, perdida nos pensamentos. Era triste ver a dificuldade das crianças aqui e o que precisavam fazer para comer.

Pego o celular de sua mão e tiro uma foto nossa sentados. Ela rola os olhos quando percebe o que eu vou fazer.

— Primeira selfie depois de uma ação. — Brinco e ela me empurra.

— Só você... Eu realmente fiquei preocupada.

Pego a sua mão na minha e seguro enquanto tomamos nossa água de côco geladinha. Depois de

pagar, andamos de mãos dadas de volta pra casa. Ao chegarmos, nem dei tempo dela falar o que houve para os outros, em vez disso, a levei para o chuveiro a fazendo rir da minha pressa de nos deixar pelados.

— Temos que aproveitar que o baixinho ainda está dormindo. — Falo a fazendo rir mais. Ela coloca os braços em volta do meu ombro e puxa a minha cabeça pra ela.

— Então, o que estamos esperando?

À noite, depois de contar a história do roubo para todos, o que deixou vó Maria preocupada, porque, apesar de saber que eu era capacitado para a ação, ainda assim era perigoso levar uma facada se eles tivessem armados. Mila a todo o momento estava ao meu lado, me acariciando, era como se ela não tivesse o suficiente de mim e eu gostei disso.

Decidimos ir para um bar com música ao vivo, em que havia espaço seguro para as crianças brincarem. Dominic colocou dois de seus homens para olhá-los e garantir que não saíssem de lá.

Gabriel acabou ficando com vó Maria, ele estava enjoadinho e ela nem deixou nós tentarmos ficar com ele, praticamente nos enxotou.

Mila estava mais calma e relaxada com os drinques. Dançamos algumas músicas com a banda do palco, Mila adorou o pagode e, apesar de não saber sambar, ela mostrou que sabia mexer os quadris e arrasou. Os homens do recinto não deixavam de olhar para ela com desejo o que mexeu com meu ego, já que ela podia estar aqui com qualquer um, mas estava comigo.

As coisas começaram a pegar fogo quando o bar abriu o caraoquê. As meninas ficaram loucas, já que elas gostam tanto, mas não tiveram muito tempo para ele nos últimos anos. Foram lá e cantaram um sertanejo universitário e ainda completaram gritando “Chora não, coleguinha”, me fazendo rir muito. O português das meninas estava meio enferrujado pela falta de uso, então quando elas não lembravam a palavra da música elas murmuravam algo fazendo todos rirem. Quando acabaram, elas foram aplaudidas e chamadas de *gringas gostosas*, o que fez os meninos fecharem a cara.

Isis caiu na cadeira ao lado de Dominic.

— Fazia tempo que eu não me divertia tanto. Agora é sua vez, Miguel!

Mila se vira para mim, abrindo um largo e brilhante sorriso.

— Sem chance. — Falo antes mesmo que ela abra a boca.

— Por favor, cante aquela que você cantou lá em casa. — Ela pede.

Lá em casa. Ela já chamava a minha casa como dela. Espero o pânico vir, mas não acontece. As meninas continuam a implorar e, revirando os olhos, eu me levanto.

— Vai pagar mais tarde por isso. — Sussurro em seu ouvido, dando uma leve mordidinha que a fez se arrepiar.

Me aproximo do DJ, ele ri e fala no microfone.

— Parece que hoje é dia do gringo, temos outro aqui que também vai cantar. — As pessoas aplaudem e gritam.

Olho para a minha mesa, vendo que as meninas traduzem o que foi dito para Mila, que ri.

Fico mais tranquilo que elas estejam a ajudando, pois antes quem estava traduzindo as coisas para ela era eu. Eu gosto de falar contra seu ouvido, sentindo o seu cheiro e tocando meus lábios contra a sua orelha enquanto eu falo.

Depois de falar a música que eu queria, pego um banco alto e me sento ajustando o microfone.

— Olá, eu sou Miguel, também gringo. — Brinco e eles riem. — Então, assim como as meninas, eu também estou um pouco enferrujado. Por garantia e pela minha menina não saber o português, eu irei cantar metade em português e a outra metade em inglês. Valeu, valeu. Quem puder acompanhar também, agradeço.

Escuto os risos e pisco para Mila depois que Dominic termina de narrar o que eu disse. Suas bochechas coram e eu então percebo que a chamei de minha garota. Isis e Carina sorriem emocionadas e os meninos também têm sorrisos estampados em seus rostos. Engulo seco, sem querer ter uma crise de pânico no meio de tanta gente, ainda mais comigo sendo o centro da atenção.

Os acordes do violão começam e eu

aproximo a minha boca do microfone, não tirando os meus olhos de Mila. Ela é a minha guia, quem me deixa são e tranquilo. Abro a boca e deixo a música me levar. As pessoas cantam junto comigo e eu sorrio. Amava *Garota de Ipanema*, de Tom Jobin.

Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça

É ela, menina

Que vem e que passa

Num doce balanço

A caminho do mar

Mila balança o corpo sorrindo e me olha apaixonada. Passo para a versão em inglês, o que faz poucas pessoas me acompanharem, me dando o vocal total. Eu sorrio enquanto canto, gostando da atenção. Algumas mulheres gritam me chamando de lindo e gostoso. Sei que sou um cara bonito, com um corpo legal e um sorriso maroto, e ainda arisco a cantar, não há como não se encantar.

Ah, mas eu a vejo tão tristemente

Como posso dizer a ela que a amo?

Sim, eu daria meu coração alegremente

Quando acabo, algumas meninas pedem para tirar foto comigo, me fazendo sorrir para os caras quando acabo de tirar as fotos.

— Viu? Sou famoso agora.

— Quem diria que além do tanquinho você tinha outra utilidade? — Carina diz e eu reviro os olhos antes de me virar para Mila.

— Diz para ela que eu sou o pacote completo em tudo.

Carina e Isis soltam um gritinho me batendo.

— Não quero saber da sua vida íntima. — Isis grunhe e depois ri.

Mila fala algo no ouvido da Carina que a faz bufar e revirar os olhos.

— Aquela vez não conta. — Diz e eu abri um largo sorriso.

— Então quer dizer que estavam conversando sobre o Miguel Junior?

Isis levantou, puxando Dominic que me olhava sério, querendo saber por que as meninas

estavam querendo saber do meu pau. Olho para Jace que também encara Carina.

— Curiosidade. — Ela responde e diz algo em seu ouvido, que apesar da música eu posso ouvir. — Só tenho olho para o seu pauzão gostoso.

Jogo minha cabeça para trás, caindo na gargalhada. Mila se vira para mim.

— Amo a sua voz.

Eu coloco um pouco do seu cabelo para trás da orelha e aproximo meus lábios dela.

— Que tal mostrar o quanto gostou?

Mila olha para os meus lábios e lambe os seus, então, sem hesitação ou vergonha, me puxa para ela mordendo o meu lábio inferior. Sua mão nos meus cabelos é algo de outro mundo, com suas unhas raspando no meu couro num aperto duro. Sua língua encontra a minha e sinto o gosto da caipirinha que ela estava tomando.

— Uau, acabei de ter um orgasmo aqui. Vocês tem muita química. — Carina fala e eu olho para ela, rindo quando vejo que Jace tampando a sua boca com a mão.

— Pequena, você precisa de um filtro às

vezes.

Isis e Dominic se sentam, e Carina aproveita a distração conseguindo tirar a mão dele de sua boca e me olha.

— É sério. Que química, que pegada. Jesus, Mila, se antes eu já tinha uma queda pelo seu irmão, agora eu também tenho uma por você. Que pegada, querida! — Ela bate palmas e, incapaz de controlar, Jace começa a rir. Isis também ri.

— Eu concordo. Mila e Miguel soltam faíscas juntos.

— Faíscas? Eles incendeiam a porra toda! — Carina completa.

No final da noite, decidimos voltar para casa, mas minha cabeça não parava. Todos já pensavam que Mila e eu éramos um casal. Será que nós éramos? Minha cabeça estava a mil e eu senti os primeiros sinais da abstinência a bebida. Não era um alcoólatra, mas toda vez que pensava sobre um novo relacionamento ou em Ester, eu precisava beber até esquecer quem eu era.

Ester. Como teria sido a minha vida se ela ainda estivesse viva? Talvez ela amasse Gabe e

decidisse ser uma boa mãe para ele, fosse uma boa esposa. Talvez ela me amasse como eu a amava, talvez ela... Talvez, talvez, talvez... Eu nunca saberia.

Ao chegarmos em casa, esperei todos irem para seus quartos. Enquanto Mila tomava banho, eu peguei uma garrafa de vodca e coloquei na varanda, escondida. Depois que ela saiu do banheiro me olhou com desejo. Ela estava usando uma camisa minha, seus cabelos vermelhos estavam molhados e seu seus lábios vermelhos e inchados de tanto nos beijar. Passei direto por ela, sem querer olhá-la mais. Eu era quebrado demais para tentar algo a mais com ela. Sabia que ela estava cada dia mais apaixonada e não podia fazer nada para me separar dela.

Demorei tanto quanto pude no banheiro e, ao sair, a vi deitada na cama me olhando esperançosa. Respirando fundo, eu a ignorei e fui para a varanda fechando a porta atrás de mim e mergulhei na bebida. Pouco depois a porta se abriu.

— Eu quero ficar sozinho. — Digo com a voz baixa, sem a olhar.

— Miguel, você não pode deixar os

problemas falarem mais alto do que o seu coração. Eu sei que não sou a única sentindo isso e...

Mila não termina de falar, pois seu celular toca e acorda Gabriel que logo começa a chorar. Continuo a beber, ouvindo-a colocar ele no colo enquanto atende o celular.

— Alô? Alô? Olhe, seja quem for, pare de me ligar!

A ignorei e continuei a beber. Era só isso que eu era bom.

CAPÍTULO 14

MILA

Sorrio para as meninas que estavam com seus filhos brincando na água. Dominic e Jace estavam mais ao fundo com Dante e Luna, enquanto Isis e Carina ficavam com Thor e Dimitri. Gabriel estava sentando entre minhas pernas, brincando com os seus brinquedos. Ele estava branco de tanto protetor que passei e com um chapeuzinho que o deixava ainda mais lindo. Não olhei para Miguel que estava desmaiado a poucos centímetros de mim.

Logo pela manhã, Carina acordou a todos dizendo que iríamos fazer um passeio de barco pela Lagoa Azul, em Ilha Grande. Miguel relutou em acordar, pois havia dormido lá fora. Acredito que em alguma parte da noite acordou na cadeira e veio se deitar na cama, mas eu havia colocado Gabriel nela e ocupávamos todo o espaço de propósito. Eu realmente estou gostando dele, mas Miguel precisa deixar de ser bipolar.

Agora eu entendo um pouco do que a Isis passa com Dominic, mas eles têm o amor a seu favor, enquanto eu tenho um homem que tem medo dos sentimentos e, quando finalmente se permite sentir, logo em seguida se afunda no passado e em bebidas.

Sinto uma mão passando pelas minhas costas e ignoro o primeiro contato de Miguel, decidindo dar um gelo nele. Miguel não desiste e volta a me tocar, agora na perna.

— Mila?

Eu o olho sem mostrar reação. Ele está com a cara inchada de sono e olhos entreabertos, lutando para mantê-los abertos.

— O quê?

— Tá bolada comigo?

Eu arfo, voltando a olhar para o mar.

— Não bolada, só decepcionada. Você tem tanto potencial, é tão bom para deixar o passado ditar o seu futuro.

Ele fica em silêncio. Não tenho certeza se ele está pensando no que eu falei ou se caiu no sono, mas eu me senti um pouco melhor por ter

falado.

— Não é tão fácil assim, Mila. — Ele diz, com a voz derrotada. — Se fosse fácil eu já estaria na farra e curtindo.

Eu finalmente o olho.

— Esse não seria você, não realmente. E eu gosto mais desse Miguel, com todas as suas falhas e dores, porque eu sei que ele vai além disso.

Miguel engole seco e se senta.

— Por que você gosta de mim?

Eu abro a boca para dizer, mas nada vem a minha cabeça. Eu gosto do jeito espontâneo dele, mas também gosto de quando ele é sério. Gosto do amor que ele tem por Gabriel, gosto do jeito que ele trata os amigos, da forma como ele me faz sentir, mas também odeio quando ele foge dos seus sentimentos.

As meninas escolhem essa hora para se sentarem ao meu lado, interrompendo a nossa conversa.

— A água está uma delícia, vou sentir saudade disso quando voltarmos para casa. — Isis diz, amassando o seu cabelo para tirar um pouco da

água.

— Sim, eu também. Mas pelo menos deu pra ficar com uma marquinha sensual. Jace vai ficar doido. — Carina exclama, puxando um pouquinho do biquini para vermos a pele branca pálida contra a dourada do bronzeado que ela pegou.

— E eu vou sair daqui igual a um camarão. — Brinco, fazendo elas rirem.

— Olhe o lado bom, Miguel adora comer um camarão. — Isis me cutuca, me fazendo rir.

Carina levanta a mão e, rolando os olhos, Isis bate com a dela. Carina então se vira para Miguel, que está sentado olhando para o mar.

— Não é Miguel?

Ele nos olha franzindo um pouco o cenho.

— Desculpa, não estava escutando. O que você perguntou?

— Você não gosta da Mila toda vermelhinha...? — Carina mal termina de falar e ela mesma cai na risada. Sinto minhas bochechas corarem e não é pelo sol forte dessa vez.

Carina tem o poder de até mesmo a pessoa mais descolada ficar com vergonha perto dela. Sem

conter a minha curiosidade, eu me viro para ele, vendo o seu sorriso sacana para mim.

— Adoro ela toda vermelhinha. — Seu olhar vai para meus seios e depois para o meu ombro. Ele fica um pouco sério e mexe na minha bolsa procurando algo, mostrando que é o protetor. — Você vai ficar ardida mais tarde, tem que repassar toda vez que você entrar na água, Mila.

Ele fica atrás de mim e começa a massagear meu ombro e costas com o protetor. Meus cabelos estão num coque, então não atrapalham. As meninas se levantam para encontrar os meninos nos deixando sozinhos com Gabriel.

Solto um gemido baixo quando ele aperta as mãos nas minhas costas, a sensação indo direto para meus seios e vagina. A voz de Miguel está grossa quando ele fala contra meu ouvido.

— Adoro quando você geme. E adoro você vermelhinha, mas não queimada sentindo dor.

Eu viro minha cabeça para ele, mordendo o lábio.

— Eu preciso de você.

O olhar de Miguel vai para meus lábios,

então desce lentamente pelo meu pescoço e seios, e então para em Gabriel, dando uma risadinha.

— Mais tarde, querida.

— Eu vou cobrar. — Entrego Gabe para ele antes de me levantar, soltando os meus cabelos e, usando toda a sensualidade que eu possuo, olho por cima do ombro para ele.

A boca de Miguel se abre e eu pisco para ele, mandando um beijinho antes de desfilar até o mar e mergulhar. Porra, que água gelada, mas nem ela conseguiu abaixar meu fogo.

O aniversário de Dimitri chega e como o pretendido comemoramos na praia, perto do parque que lá tinha. Quando falaram em comemorar na praia, eu achei que seria algo mais caseiro, só uma toalha no chão com um bolinho e nossos petiscos com bebidas, algo simples. Mas não fiquei tão surpresa quanto imaginava ao ver uma grande tenda com um mine bar, mesa de frutas, petiscos e sobremesas.

Havia uma banda tocando e rapidamente

acenderam uma fogueira transformando ali num luau romântico, no fim da tarde. Dimitri estava um encanto de menino, com os seus cabelos castanhos claro cortados parecido com os de seu pai e os olhos de sua mãe. Esse menino seria um espetáculo quando crescesse. Dante não era muito diferente com seus cabelos negros deixados mais longos e olhos azuis como os de seu pai, mas havia uma minúscula manchinha castanha na parte superior de um olho, mostrando o quanto a heterocromia de Isis era forte, passando para seus dois filhos.

Valentina usava um vestido branco soltinho igual o de Isis, elas se pareciam tanto. Dona Maria me mostrou fotos de Isis mais nova e foi impossível não notar uma semelhança incrível entre as duas. Carina havia saído com Jace e seus filhos para que brincassem um pouco no parque antes de voltar. Já havíamos ido todos para lá levando as crianças, e assim como a mãe, os filhos de Carina sempre queriam mais diversão.

Uma música doce começou a tocar e, como fiz muitas vezes, peguei Gabriel em meus braços dançando com ele perto da fogueira. Sua testinha encostada na minha, ele me olhava com tanto amor,

como se eu fosse sua mãe. Fiz a desventura de olhar para Miguel que estava sentado na areia bebendo uma cerveja e vi que ele me olhava como se finalmente eu fosse importante para ele.

— Ele vai se render, sabe? — Me virei para Isis que sorria para mim.

Franzi a testa, mostrando o quanto eu estava sem esperança.

— Será?A cada um passo que damos para frente Miguel volta três casas. É muito ruim tentar algo quando se é assim.

Isis acenou, seu cabelo estava com uma bela trança que Carina havia feito.

— Eu não sei o que houve com Miguel, ele nunca foi assim tão sério. A história com Ester mexeu muito com ele, mas eu não acredito que seja só isso. Me sinto péssima que não vi isso acontecer com ele desde o começo, que não o ajudei.

Eu segurei sua mão. Isis estava certa, ela não o ajudou como ele precisava. O sorriso de Miguel enganou a todos que não quiseram enxergar o que ele realmente sentia, mas não sou eu quem irá dizer isso, eles precisam vê-lo como eu o vi.

— Nunca é tarde.

— Hey. — Me virei quando me chamaram, vendo que era Miguel. — O que acha de darmos uma volta só nós dois pelo parque?

— Eu gostaria disso.

Miguel piscou para mim e pegou Gabe dos meus braços, entregando a Dona Maria, que sorriu e beijou as bochechas gordinhas dele. Dessa vez eu não me senti mal por não estar trabalhando como babá. Entendi que estou aqui como uma amiga, não uma funcionária. E mais do que isso, estou aqui como uma *mãe*.

Ele andou comigo por todo o parque e em quase todos os brinquedos, algo que há anos que eu não fazia. Não me lembrava da última vez que estive num parque ou ri tanto. Miguel era convencido, ganhava quase todos os desafios deixando os donos das barracas irritados. Ele dava os ursinhos que ganhava para crianças que passavam, principalmente as que estavam com seus pais recolhendo latinhas ou fazendo algum tipo de serviço lá. Seu coração era tão bom.

Ele havia conseguido derrubar todas as latas numa das brincadeiras e ganhou uma pimenta de

pelúcia. Eu olhei em volta procurando alguma criança para ajudar Miguel a dar.

— Não, essa é pra você. — Ele disse levantando o meu queixo e colando nossos lábios num selinho.

— Eu amo isso. — Abracei a pelúcia.

Miguel colocou o braço a minha volta enquanto caminhávamos. Ele segurava com a outra mão um algodão doce gigantesco que ele comprou e que nós o dividíamos.

— É claro que a Mulher Maravilha é personagem mais forte da DC. — Disse enquanto caminhávamos.

— Eu também acho, mas no filme ela levou uma surra do Super Homem. — Argumentou.

— Porque ele estava confuso. — Rolei os olhos. — É melhor mudarmos de assunto antes que irmos para a Marvel e comecemos de novo.

Miguel riu e eu o empurrei com o meu quadril.

— Cara, eu não sei como você ainda não enjoou de mim. — Ele disse e me virei para ele, mas Miguel mantinha o olhar para frente. — Eu me

tornei o que mais temia.

— O quê? — Perguntei curiosa, pegando um pedaço do algodão. Miguel parou e se virou para mim com os olhos arregalados.

— Eu virei Dominic!

Não era isso que eu estava esperando que ele dissesse, mas Miguel não terminou.

— Dominic tem suas crises bipolares e algumas vezes ele foge de Isis, mal podendo vê-la. Outras vezes está triste e em outras está zangado com as pessoas por elas simplesmente respirarem. Meu Jesus, Mila, eu estou fazendo você de ioiô!

Eu não aguentei me manter séria por mais tempo e caí na gargalhada enquanto Miguel continuava sério, pensando em sua teoria.

— Miguel, você não é Dominic. Simplesmente está... confuso com os seus sentimentos. — Dei de ombros, tentando fingir normalidade. Confuso não seria a palavra certa para usar, mas dizer com medo só o tornaria mais medroso ainda.

Ele acenou como se tivesse pensando nisso, eu roubei outro tufo do algodão doce e coloquei em

sua boca. Ele mastigou e me deu um belo sorriso com covinhas em agradecimento.

— Eu só disse essas coisas para que você saiba que eu não estou fazendo isso planejado, eu simplesmente... — Ele suspira. — Não quero abrir meu coração para me machucar de novo, me desculpa.

Eu sorri para ele e segurei sua mão.

— Tudo bem. Vamos nos divertir mais um pouco.

Andamos pelo parque e tiramos algumas fotos, por fim, Miguel me arrastou até a roda gigante. Depois que ele pagou nossas entradas, me ajudou a sentar e colocar todos os cintos de segurança antes de fazer o mesmo com ele.

— Nervosa? — Perguntou quando a roda gigante começou a subir.

Eu mordi o lábio e olhei para ele. Minha barriga dava nós e parecia que haviam milhões de borboletas dentro.

— Não.

Suspirei quando virei para ver a bela paisagem. Era algo tão lindo que eu não pude evitar

sorrir. O sol estava se pondo, fazendo a paisagem mudar a cada segundo, se tornando algo novo e belo, como Miguel.

— Você é linda! — Eu olhei para ele e Miguel colocou meus cabelos atrás da orelha. — Mila, eu sei que sou péssimo nisso e, provavelmente vou estragar tudo, mas você gostaria de tentar comigo?

Eu fiquei sem palavras. Realmente sem palavras. Senti meus olhos marejaram. Miguel disse que tinha medo do amor, mas mesmo assim sairia da sua zona de conforto por mim.

— Sim, Miguel, eu gostaria de tentar.

Não sei bem quem começou o beijo, mas quando dei por mim ouvi risadinhas e palmas a minha volta. Só então percebi que a roda gigante já tinha parado e todos já tinham descido e só faltava a gente. Miguel, como sempre, deu aquele sorriso de molhar calcinhas para todos e disse algo que fez todos rirem. Depois que ele me ajudou a sair do brinquedo, disse no meu ouvido o que os tinha dito.

— Disse que era para eles acalmarem o coração e que queria ver quem conseguiria uma declaração mais bonita do que a minha.

Eu ri, empurrando ele com o ombro enquanto voltávamos para o luau.

— Você é único, Miguel. Único!

— Eu tento, ruiva. — Piscou divertido para mim.

CAPÍTULO 15

MILA

À volta para Boston foi triste e com certeza sentiria falta do calor, da amabilidade do povo carioca que tinha sempre um sorriso no rosto disposto a ajudar. Era raro ver tanta gente boa junta assim.

Assim que voltei, marquei um jantar com Matt e Emy, pois sentia tanta fala deles. Contei a eles sobre tudo do Brasil, do Cristo Redentor que fomos, dos passeios de barcos, as praias, as caminhadas que fiz com Miguel, os bares, os luais... Todos esses momentos estariam presentes para sempre em mim.

— Então, e você e Miguel? — Emy pergunta assim que Matt se levanta para ir ao banheiro.

Estávamos em um restaurante que fazia comida típica brasileira, a qual queria que meus amigos apreciassem um pouco das iguarias que eu comi enquanto estive no país.

— Nós estamos *tentando*.

Emy bate na mesa e em seguida tapo a boca para evitar que seu grito saia.

— Sabia que as novenas que fiz para você desencalhar não foi à toa!

Eu bati no seu braço e ri.

— Agora me conta tudo. Quem sugeriu que vocês começassem a namorar? — Ela pergunta mordendo um pedaço da picanha do churrasco. — Nossa, isso aqui está muito bom.

— Nós não estamos namorando, não realmente. Estamos tentando.

Emy levanta o olhar do seu prato para mim.

— É assim que se chama agora?

— Me diz você.

Ela olha para a porta do banheiro onde Matt estava saindo.

— Para com isso. Mudando de assunto, você já tem mais quadros prontos?

Eu aceno, então nego.

— Estou pensando em fazer mais dois e aí podemos começar a agendar a exposição. Você

realmente acha que é uma boa ideia?

Ela suspira.

— Mila, eu sei muito bem separar a minha vida profissional da minha vida pessoal. Nunca te colocaria na minha galeria se não acreditasse no seu talento, sendo minha melhor amiga ou não. Na verdade, eu falaria na sua cara.

Eu ri.

— Isso é bom.

Com o Natal chegando, eu decidi fazer algo, foi quase que sem querer. Queria que Gabriel tivesse uma árvore de Natal, afinal, esse seria o primeiro dele pra valer. Vi como ele ficou agitado vendo a propaganda de uma árvore na TV, então decidi ir para o shopping com ele enquanto Miguel trabalhava e fazer uma surpresa. Confesso que procurei por enfeites pela casa, mas não achei nada. A casa de Miguel era tão fria que nem parecia que morava alguém ali.

O guarda costas da vez nos acompanhou junto com outro que estava à paisana. Consegui

distingui-lo só porque gravei o seu rosto anteriormente ou então nem perceberia. Isis e Carina falaram que elas nunca saem sozinhas, pois tem sempre um *ninja* escondido pronto para ajudá-las. O segurança que estava ao meu lado segurando a bolsa de Miguel se chamava Romeo, ele devia estar com seus quarenta anos, mas era bem atraente com os fios grisalhos e olhar duro.

— O que você acha? — Virei para ele mostrando um pisca-pisca colorido e com vários papais Noéis em todas as luzes.

Ele franziu a testa de leve para mim.

— A criança pode engolir essas peças.

Eu acenei e coloquei o simples colorido dentro do carrinho. Gabriel estava no suporte do carrinho devorando um biscoito.

— Você acha que Miguel vai ficar com raiva?

Romeo olhou para os lados enquanto andávamos pelos corredores.

— Sim.

Eu dei de ombros e joguei para dentro do carrinho uns enfeites para a árvore.

— Pior para ele. Mas, falando sério, quem não gosta do natal? — Ele abriu a boca para falar, mas eu fui mais rápida. — Nem responda.

Depois de escolher todos os enfeites, eu os risquei da lista.

— A árvore eu mandarei entregar em casa, só fale o tamanho. — Romeo suspirou entediado por termos ficado quase três horas rodando pelas lojas em busca de decorações.

— Pra falar a verdade, eu vou escolher uma árvore de plástico. Não gosto da matança das árvores para somente uma data.

Ele bufou e apontou para o corredor. Eu rapidamente escolhi uma grande, com as pontas em branco imitando a neve. Era de três metros e eu não duvidava de que precisaria de ajuda para montá-la. Matt e eu compramos uma árvore no meu primeiro Natal com ele e foi muito bom podermos montar juntos. Enquanto estávamos no carro em direção a casa, eu mandei mensagem para ele pedindo para me ajudar a montar. Ele respondeu falando que teria que ser rápido, pois sairia com Emmy em duas horas.

— Não é aí! — Matt pegou o pedaço da minha mão, o colocando no chão e pegando outro para encaixar. A árvore estava quase na metade e Matt em breve precisaria de uma escada para colocar a última parte. Ela era tão bela e cheia de galhos e, pelas minhas contas, a ponta dela ficaria um pouco acima da mureta do segundo andar. — Podia ter comprado maior. — Matt ironizou.

Eu ri e o empurrei.

— Vai, está ficando bonito.

Ele suspirou e acenou bagunçando meus cabelos.

— Sim, está. Pelo jeito irá passar o Natal aqui, né?

Eu mordi o lábio sem saber ao certo o que falar. Miguel e eu estavámos bem, mas quem sabe quanto tempo duraria isso?

— Não tenho certeza, mas é claro que vou ver você. — Peguei um biscoito de Gabriel, que estava sentado no sofá vendo um desenho. — Já montou a árvore da sua casa? — Ele negou e eu sorri. — Devia chamar Emmy. — Movimentei as sobrancelhas para cima e para baixo, fazendo Matt

rir.

— Vou fazer isso.

Pouco depois Matt foi embora e, depois de dar um banho quente em Gabe, eu comecei a colocar os enfeites pela sala. Retirei um pouco das decorações de médico, substituindo por enfeites de Natal. Comprei uma manta vermelha e coloquei no sofá, o deixando mais aconchegante. Hoje Gabe estava mais tagarelo do que antes, murmurando sem parar e olhava para mim como se eu devesse entendê-lo antes de abrir um sorriso lindo e babado.

— Eu te amo tanto pequeno homem.

Olhei pela sala vendo a minha obra de arte, a casa estava muito mais aconchegante e bela. Agora sim dava pra sentir que pessoas moravam lá. Agora era um lar. A única coisa que não batia era aquele quadro de estetoscópio numa parede da sala, que não tinha nada a ver e era sem graça alguma. Me perguntei se Miguel não se importaria se eu o retirasse, pelo menos para o Natal. Eu havia comprado papel de presente demais e poderia usá-lo como um quadro, colocando por cima algumas fotos de Gabriel.

Rapidamente imprimi as fotos em papel de

foto no escritório de Miguel, sabendo que ele não se importaria com isso e depois de separá-los eu fui retirar o quadro. Qual não foi a minha surpresa ao perceber que lá havia marca de três mãos na parede. Eu não precisei nem pensar, sabia que eram as mãos de Miguel e das meninas. Era algo tão belo e puro que trouxe lágrimas aos meus olhos. Por que ele esconderia isso? Uma das mãos estava salpicada de purpurina vermelha e eu sabia que pertencia a Carina.

Sem pensar, retirei a foto do estetoscópio, o fundo do quadro, e voltei a colocá-lo na parede só com a moldura de vidro pra proteger a pintura. Parecia uma obra de arte, porque era. Eu podia sentir os sentimentos e só de olhá-la eu fiquei feliz. Arte é isso, é você sentir, seja dor, amor, felicidade, tristeza, paz ou ódio.

— Querida, cheguei! — Miguel gritou entrando na sala. Ele tinha o lábio inferior cortado, mas também um sorriso aberto. Se estava doendo eu não tinha ideia.

Seu sorriso foi murchando lentamente ao ver a casa.

— O que você fez? — Ele perguntou

lentamente olhando para àrvore, abrindo um sorriso surpreso e encantado, então seu olhar foi para o sofá, para onde Gabriel estava com um macaquinho vermelho. Mas foi quando olhou para o quadro que ele deu um passo pra trás, com o sorriso morrendo em seus lábios. — Que porra você fez? — Ele gritou.

— Eu... eu... Surpresa! — Tentei deixar o clima leve, mas só de olhá-lo eu sabia que tinha feito merda.

— O quê? Por quê? Por que você fez isso, Mila?

Eu mordi o lábio.

— Eu sei que devia ter falado com você antes, mas estava ocupado trabalhando e eu decidi fazer uma surpresa. Não sabia que você não gostava do Natal.

Ele respirou fundo e ruidosamente.

— Eu gosto do Natal, só que você não tinha direito de mudar tudo! Se fosse só a árvore tudo bem, agora tudo? Você não é a dona da casa!

Eu suspirei.

— Eu sei, só queria alegrar a casa. Parece a

casa de um morto...

Me arrependi das palavras assim que elas deixaram a minha boca. Fechei os olhos sabendo que Miguel ia quebrar.

— Não ouse falar isso! Você não tem direito. Acha que só porque estou te fodendo você pode mandar nas coisas? — Gritou parando na minha frente.

Eu o acertei com um tapa com toda a minha força.

— Você me respeite!

Ele riu sem humor. Miguel estava transtornado, suas mãos tremiam assim como o seu lábio quando ele olhou para a parede.

— Respeito? Você respeitou o meu espaço quando agiu como se a casa fosse sua?

Eu abri os braços.

— Quer saber, se faz tanta questão eu tiro tudo e sua casa volta a parecer um hospital frio. Eu pensei no Gabriel, de como ele seria mais feliz se a casa dele não parecesse uma ala esperando aparecer mais um morto.

— Você....

— Mama.

Eu e Miguel nos viramos para Gabriel que estava andando na minha direção e falando...

— Mama. — Repetiu com a voz tímida, se aproximando.

Eu me abaixei e ele me abraçou. Quando me levantei, ele continuou a falar.

— Mama.

Lágrimas de emoção saíram dos meus olhos, assim como um sorriso. Ele me chamou de mãe. Beijei suas bochechas e ele também me beijava. Olhei para Miguel que estava parado, totalmente sem reação. Ele me olhou uma última vez antes de correr para fora de casa.

Eu sabia que essa palavra de Gabriel mudaria tudo.

MIGUEL

Correr, eu só podia correr. Como as coisas chegaram a isso? Quando meu filho adotou Mila como mãe? Eu só precisava ficar longe. Ver meu filho chamar outra mulher de mãe acabou comigo.

E se Ester ainda estivesse viva, ela o amaria como Mila o faz? Ela cuidaria dele como Mila o faz?

O olhar emocionado de Mila não sai da minha cabeça. Ela veio como uma raiz e se afundou na nossa vida sem pedir permissão. Conquistou a todos.

Eu precisava me afastar. Peguei meu celular e disquei para a última pessoa que eu pensava.

— Carl? Eu estou pronto para buscar a sua arma.

SEGUNDA PARTE

Detesto coisas mais ou menos, não sei amar mais ou menos, não me entrego de forma mais ou menos. — Clarice Lispector

CAPÍTULO 16

MIGUEL

Sorvo minha bebida lentamente, olhando em volta do cassino. Finjo apreciar as strippers dançando num palco, movo meus olhos para mais atrás, vendo o meu alvo. Hans Hilton, a escada para chegar até meu alvo. Demorei uma semana para achar uma ligação e conseguir chegar até Scarlett sem ser considerado suspeito, só tinha que ter calma para não estragar tudo.

Uma das strippers vem dançar para mim, balançando as tetas nuas e eu só consigo comparar as dela as de Mila. Mesmo se Mila tivesse peitos nos joelhos, eu ainda preferiria os dela.

O jeito que saí de lá ainda me assombra. Eu sou um homem adulto, mas quando se trata de sentimentos pareço uma criança assustada. Ver a casa decorada realmente como um lar, as antigas lembranças de tempos felizes quando eram só eu e as meninas voltaram e a última pedra para acabar comigo foi meu filho chamando Mila de mãe. Juro

que senti que iria desmaiar a qualquer momento ou explodiria se continuasse ali. Precisava me afastar de tudo e descobrir o que eu realmente queria.

Não posso viver na sombra do que poderia ter sido. Foi só viajar por várias horas para Alemanha que eu descobri o quão mais ferrado eu estava. Precisava organizar meus sentimentos. Eu gostava de Mila, mas não tinha certeza se a amava, se queria um compromisso sério e duradouro com ela. Eu não quero mais ser um menino carente em busca de atenção ou um menino sempre feliz. Mas, sem essas coisas, quem era realmente eu?

Passo a mão pela minha barba, fingindo estar degustando do show da stripper e coloco alguns euros na sua calcinha, batendo na sua bunda quando ela se vira e sai. Estou irreconhecível nesse disfarce, meus cabelos estão platinados em cima e raspados nos lados, num corte moderno. Visto um terno de seda cinza com sapatos de grife. Se fosse em outros tempos, daria minha cara mesmo como Miguel, mas agora eu tinha Gabriel e nunca o colocaria em risco.

Pego o meu copo e caminho até uma das mesas de jogos.

— Aceitando novos jogadores, senhores? — Uso o meu melhor sotaque britânico, estendendo a mesa algumas fichas como sinal de interesse.

— Sim. — Responde. — Sou Hans Hilton.

— Bom conhecer o nome do homem que vai perder para mim. — Brinco, arrancando a sua risada. — Sou Malick Waylan.

Hans era um cara charmoso que estava com seus trinta e nove anos, cabelos castanhos grisalhos dos lados e um sorriso de predador. No final da noite, já encantei Hans com o meu charme e ele me convidou a ir para uma boate junto com os seus amigos depois que terminamos o jogo. Deixei ele ganhar, xingando com o meu sotaque britânico se sobressaindo mais, para dar a ideia que eu realmente fiquei mal por estar perdendo de lavada para ele.

— Juro que achei que era bom nisso. Com meus amigos não parecia tão difícil. — Disse quando subimos para a área vip da boate.

Hans riu.

— Não é pra todos, mas você jogou bem, criança.

— Você está sendo bom, eu fui terrível.

Ele riu e nos sentamos, eu sabia que era só uma questão de tempo até *ela* chegar. Conversamos e eu fiz questão de dizer o quanto gostei das strippers de lá.

— Se você as achou bonitas, precisa ver a minha Steyce.

Eu escondi o meu sorriso satisfeito. Uma coisa sobre o disfarce é que na maioria usávamos nomes e sobrenomes com as nossas iniciais, que era mais fácil de lembrar, trazia segurança e era um modo de confundir o detector de mentira.

— É? Duvido ser tão bonita quanto aquelas meninas, com todo respeito, é claro.

— Ela é. Você verá, ela ficou de me encontrar aqui.

— Vocês estão há muito tempo juntos? — Perguntei tomando um gole do meu uísque trazido por uma garçonete, piscando sedutor para ela.

— Sim, estamos há um ano juntos.

Há quanto tempo Scarlett estava nessa missão? Será que ela estava corrompida? Qualquer pensamento desse tipo deixou minha cabeça

quando eu a vi caminhando diretamente para gente. Tinha cabelos castanhos lisos até o quadril e usava um vestido preto apertado que marcava todo o seu corpo. Ostentava um sorriso sedutor, mas seu olhar parou por um segundo antes de voltar para Hans.

— Hey baby. — Ela disse com a voz melosa, o beijando eroticamente antes de afastá-lo. — Olhe que lindo que comprei hoje. — Ela mostrou o pulso com uma pulseira que só de olhar eu fiquei cego com a quantidade de brilhantes.

— Ficou perfeito, baby. Comprou mais vestidos?

Ela abriu um largo sorriso.

— Claro que sim, teremos que sair várias vezes essa semana. Quero usar todos! Você precisa ver o vestido escolhido para Natal e Ano Novo.

Hans dá um beijo nela.

— Que bom que gostou, baby. — Ele me olha, meio que querendo confirmar que eu estivesse completamente fascinado pela beleza de Scarlett.

Ela finalmente olhou para mim surpresa, me "notando". Eu sabia bem que ela verificou cada pessoa numa varredura antes de chegar a Hans.

— Quem é seu novo amigo, baby?

— Esse é um colega de jogo, muito divertido.

— Sou Malick Waylan. — Estendi a mão e quando ela tocou a sua com a minha eu fiz os pontos de pressão que mostraram que eu também fazia parte do esquadrão.

Seu sorriso nunca vacilou, nem seu olhar.

— Prazer em conhecê-lo, senhor Waylan.

O Natal passa e eu o passei com os Roffmann. Eric amou a minha visita. Me senti péssimo de passar longe de Gabriel. Eu era realmente um bom pai? Porque as minhas escolhas erradas afetavam a ele. Perdi tantos momentos e sei que quando voltar não irei perder mais nenhum.

Não foi perigoso me juntar aos Roffmann, afinal, eu estava disfarçado como um jogador solitário. Ivan havia jogado comigo algumas partidas, fingindo assim ter me conhecido. Numa noite, em um jogo eu disse que passaria o Natal sozinho já que “não tinha família” e Ivan me

convidou para passar com ele, como era o previsto por nós. Assim ele tinha testemunhas caso algo desse errado e não sobrasse para ele.

Não consegui falar novamente com Scarlett e tentar qualquer contato era arriscado. Hans tinha homens de todos os lados seguindo cada passo dela. A sua missão, segundo o conteúdo que recebi, já havia encerrado um mês antes depois que ela recolheu tudo que podia sobre Hans, mas ela ainda não havia arranjado um jeito de sair.

Hans era um contador importante para a Mão Negra, outra máfia, uma das maiores depois da Cosa Nostra. Pelo o que eu sei, a Mão Negra é americana e, assim como a dos Raffaelo, também é bem espalhada com o seu sistema de distribuição. Havia perguntado a Dominic se havia algum problema com essa máfia e ele disse que no momento as coisas entre as duas máfias estava em paz. Eu não queria mesmo de qualquer jeito colocar os Raffaelo no meio disso, pois eles eram protegidos pela Cosa Nostra e seria um derramamento de sangue em geral, o que deixaria os Raffaelo mais fracos e assim outra máfia poderia assumir seus negócios e tomar seus territórios.

Meu celular ficou em casa para não ter nem como, num momento de carência, eu ligasse para alguém importante para mim. Queria poder passar pelo menos o Ano Novo com a minha família, mas pelo jeito que as coisas andavam não seria fácil assim.

Entrei numa loja de grife para comprar um novo terno e para ter algo que fazer. Sabia que provavelmente estaria sendo espionado por algum capanga e precisava agir com maior normalidade. Havia jogado mais uns jogos com Hans, mas não passou disso. Estava escolhendo algumas camisas Oxford quando escutei um gritinho.

— Senhor Waylan, como vai?

Ela me abraçou.

— Olá, Steyce.

— Caça gavião. — Sussurrou no meu ouvido rapidamente. Caça significava que ela me encontraria de um jeito seguro para nos encontrarmos. Gavião queria dizer que tinha gente a nossa volta espionando.

—- Precisa de ajuda para arranjar uma roupa perfeita? Eu sou muito boa nisso. — Ela

continuou no personagem de menina metida e fútil.

— Hans não vai se importar?

Ela colocou a mão na bochecha e em seguida pegou o seu celular e quando ele atendeu, ela começou a falar.

— Baby, eu vim comprar uma roupa para você e encontrei aquele seu amigo, o Waylan. Posso ajudá-lo com a sua roupa também ou você vai se importar? — Perguntou mexendo nos cabelos em círculos. Se eu não tivesse sido treinado pelo mesmo jeito que Scarlett, eu nunca suspeitaria que isso era um disfarce. — Okay. — Ela desligou e se virou para mim. — Sorry, meu homem é muito ciumento.

Ela se virou para se afastar, então virou novamente com os cabelos batendo, olhou para as camisas que eu segurava e colocou a mão na bochecha como quem pensava.

— O azul fica bem em você. — Disse e se virou indo para o outro lado da loja, escolhendo uma roupa qualquer para ter a desculpa que veio até aqui por ele e não para me encontrar.

Eu havia achado o rastreador que ela

colocou dentro do meu paletó quando apertamos as mãos em despedida daquele dia da boate. Se eu não tivesse procurando por ele nunca teria achado.

O Natal chegou e eu liguei para as meninas para desejar uma boa festa para elas. Carina estava inconsolável que não passaríamos todos juntos e Isis enfurecida por eu ainda estar na missão. Para ela eu tinha só que dizer para Scarlett que ela fora convocada e acabou. Não perguntei de Mila e as meninas não tocaram no seu nome também. Diziam que Gabriel estava começando a falar outras palavras e prometeram que gravariam algumas vezes para me mostrar quando eu voltasse para casa.

Ao fundo consegui ouvir a voz de Mila, era doce e sensual como eu me lembrava, mas parecia distante.

— É Miguel? — Consegui a ouvir sussurrar e em seguida dizer — Vou verificar as crianças.

— Ela está puta contigo. — Isis falou e suspirou.

— Nos primeiros dias ela chorou e agora está na fase da raiva. Suas fases são rápidas e antes do que você imagine ela já terá te esquecido. — Carina comentou.

— Você vai realmente perder uma mulher como ela por medo?

— Eu preciso ir.

Desliguei e me virei para ver Eric me olhando.

— Valentina está triste que você foi embora.

— Eu vou voltar logo. — Disse. Eric tinha olhos frios, como se estivesse caçando problemas. Era um adolescente agora e estava em crise, segundo Ivan.

— É melhor mesmo.

— Claro, campeão. Vamos descer?

Ele negou com a cabeça.

— Não, vou ligar para a Valentina.

— Ela deve estar dormindo agora. São quatro da manhã lá.

Ele negou com a cabeça.

— Está esperando a minha ligação. Da licença.

Ele saiu e eu o observei. Eric era um bom menino e eu tinha certeza que Valentina seria muito feliz com ele, apesar da sua doença. Será que Dominic e Isis sabiam que Valentina recebia ligações de madrugada de Eric?

— Não é sempre isso. — Ivan disse se aproximando. Ele tinha dois copos de uísque em mãos e me estendeu um. — Ele só liga para a Valentina fora do horário quando está prestes a explodir. Sua voz o acalma.

Eu não tinha ideia que era tão ruim assim para ele e que afetava toda a família. Saber que Valentina de alguma forma o ajudava a não quebrar me consolava.

— Ele está melhorando?

Ivan sorriu tristemente.

— Os psicólogos e psiquiatras já tentaram mil coisas, mas ele se recusa a tomar remédios que o deixam muito cansado. Nós estamos em busca de um remédio que não cause tantos efeitos colaterais para ele, mas até agora o que o acalma é Valentina.

— Uma pessoa não pode ser o remédio dele.

Ele acenou.

— Sim, mas não é só a pessoa. É o sentimento por ela que sobressai a qualquer outro.

Volto para meu quarto no hotel e vejo um bilhete com uma série de número. Instruções. Scarlett me encontraria nesse endereço amanhã a meia noite. Arrumo minhas coisas e preparo tudo para amanhã. Era tudo ou nada agora.

Scarlett estava vestida toda de preto quando a encontrei atrás de um barzinho de pinguço.

— Onde é a nova missão? — Pergunta baixo assim que me aproximo. Seus olhos eram sem emoções e ela já tinha deixado o personagem para trás.

— Nova Inglaterra.

Ela hesita.

— Boston? Eu não quero voltar pra lá.

Eu dou de ombros.

— Quando estivermos seguros eu te conto o que sei. — Falo e ela acena.

— Quando podermos ir?

— Não precisa resolver mais alguma coisa aqui?

Ela nega.

— Minha missão já acabou há alguns meses antes de você voltar. — Ela conta a verdade. — Eu já estava me preparando para ir embora.

E o que ela ainda estava fazendo aqui? Não pergunto, não é da minha conta. Nós arrumamos os detalhes da nossa saída e vamos embora, cada um para o seu lado. Eu já havia colocado dicas nas noites de jogo que eu estava querendo ir pra África. Tudo estava pronto para ir embora quando Hans veio até o meu quarto de hotel. De primeira achei que ele tinha descoberto tudo, mas me mantive normal.

— E aí, cara? — O cumprimentei e abri mais a porta para ele entrar. — Qual a boa?

Ele foi até o pequeno bar que meu quarto tinha e serviu dois copos com uísque. Eu me mantive olhando cada detalhe para ter certeza que

ele não colocaria nada dentro.

— Está afim de um dinheiro extra?

Dei de ombros.

— Dinheiro é sempre bom, mas eu tô de boas com a minha herança. Não gosto de trabalhar mesmo. — Dei de ombros.

Ele sorriu abertamente.

— Eu realmente gosto de você, é sincero e engraçado.

Eu abri meu melhor sorriso.

— Eu tento. Mas, qual o lance? Se não for muito complicado, eu tô dentro. No entanto, tenho que viajar amanhã à tarde, às cinco horas. Vou primeiro para Grécia e de lá ir viajarei de país em país. Quero aproveitar o mundo e comer mulher de todos os países.

Batemos as mãos em cumprimento.

— Você é um cara solto, né Malick?

— Sou porra louca mesmo. — Nós voltamos a rir. — E qual era o lance?

— Um jogo. Uns caras que trabalham comigo conseguiram me vencer e eu acabei

apostando um objeto valioso, mas agora preciso recuperar. — Seus olhos se tornaram duro.

— Que objeto? — Perguntei hesitante.

— Steyce.

Porra!

CAPÍTULO 17

MILA

Desde que Miguel foi embora, eu parei para pensar sobre o nosso *não-relacionamento* e cheguei a conclusão que não posso passar por cima do meu amor próprio por ele. Amor nenhum vale isso. Não quero ser uma mãe para ele, quero ser amiga, mulher, mas não dá para eu estar sempre lhe dizendo o que é certo e errado. Não vou dizer que é fácil dizer que acabou e pronto, estou sofrendo, relembrando dos nossos momentos e das coisas boas, mas também preciso recordar de quantas vezes ele disse coisas que me machucaram só para não machucar a si mesmo. Isso dói.

Passei o Natal com Matt e Gabe na casa de Emy, junto com seus pais. Foi uma verdadeira festa e todos nos divertimos muito. Dancei com Gabe no colo mesmo e até arrisquei tentar falar espanhol com os parentes dela, apesar de me sair muito mal, o que rendeu várias risadas. Dei uma passada na casa de Isis, onde estavam todos reunidos para o jantar. Senti meu coração pesar por Miguel não

estar lá para estar com os amigos e, mais importante, com seu filho no primeiro Natal. As meninas não me falaram para onde ele foi, só disseram que ele precisava fazer isso para entender as coisas na sua cabeça.

— Me desculpem, mas acho que ele já deve tempo suficiente para isso. Para mim já deu, não quero mais saber dele. Só não vou me afastar por completo porque amo Gabe como um filho e vocês se tornaram amigas queridas.

As meninas se mantém quietas, sabendo que não dá pra defender o amigo. Por fim, eu suspiro.

— Se ele mudar que bom, eu espero de coração que ele passe a viver o presente e não só o passado, mas não quero que ele tente fazer isso por mim. Eu cheguei a um ponto que era ou amá-lo ou eu parar de amar a mim mesma e, cara, isso não é algo que vai acontecer. Eu quero um homem e não uma criança.

Mais tarde, quando cheguei em casa e coloquei Gabe para dormir comigo, me permiti chorar. Chorar por Miguel não enxergar as coisas na sua frente, não enxergar que está perdendo momentos preciosos com seu filho por medo do

presente e futuro. Não vou mentir, eu estou completamente apaixonada por ele, mas não é um relacionamento assim que eu quero para mim.

Minha vida está de cabeça para baixo e está na hora de colocá-la nos eixos, coisa que eu mesma nunca fiz. Eu assumo que me acomodei, tinha medo de como seria a repercussão das minhas pinturas, se algo que eu trabalhei com tanto esmero valia realmente algo. Me acomodei com bicos ao invés de procurar um emprego ou investir na minha arte, me acomodei em um relacionamento fracassado só por comodidade e medo de ficar sozinha. Não sou uma super humana, sou uma mulher cheia de falhas como qualquer outra, mas, ao contrário de Miguel, eu tentarei ajeitar minha vida sem ficar me escondendo ou me apoiando em pessoas. Não acho algo feio se apoiar em pessoas, desde que você trilhe o seu caminho e não os outros por você.

Durante a noite, eu começo a escolher as pinturas e todas as minhas coisas e também a pesquisar pequenos apartamentos. Decido que é hora da Mila verdadeira aparecer, não essa covarde que se esconde e que finge que esta tudo bem

sempre. Eu não sou assim.

— Deixa eu ver se entendi. Você vai fazer a sua exposição? — Emy pergunta de boca aberta enquanto andamos pelas ruas frias de Boston a procura de uma roupa para o Ano Novo.

— Sim, se você puder agendar eu ficaria muito feliz. Já escolhi as pinturas e depois do Ano Novo eu lhe mostro.

— Depois do Ano Novo minha ova. Pode me mandando por *whatsapp* ainda hoje. Vou precisar de tempo para reunir a agenda de todas as pessoas importantes desse meio. Vou usar minha lista de contatos, *chica*, e eles vão ficar babando por suas obras. — Ela bate palmas chamando a atenção das pessoas na rua.

Boston é um lugar frio não só pela temperatura, a maioria das pessoas mal se falam na rua e se você falar um bom dia, por exemplo, o máximo que farão é balançar a cabeça, na melhor das hipóteses. Eu já estava acostumada com essa frieza, já que vim de Londres, porém, lá eu era rodeada de amigos então não fazia muita diferença

se as pessoas no elevador de casa ou na porta do prédio não falavam comigo. Acredito que essa foi a principal razão de eu ter ficado com Paul por tanto tempo.

Meu celular toca e eu suspiro desligando. Preciso descobrir quem é que está me atormentando. As ligações tem aumentado e eu estou começando a ficar assustada. Não quero falar com as outras pessoas para não deixá-las preocupadas ou falar com Miguel que, com certeza, pensaria que o que quero é chamar a sua atenção.

— Quem é? — Emy pergunta.

— Engano. — Dou de ombros e vejo que ela me olha com curiosidade. Eu desvio a sua atenção para uma vitrine e abro um largo sorriso. — Olhe esse vestido, precisamos experimentar agora!

Repito o processo do Natal, mas ao contrário dessa vez, dou uma passada na casa de Emy antes de terminar a noite na casa de Isis. Era tão bom se sentir querida pelos outros e saber que, apesar de não estar mais junto com Miguel, eles ainda tinham o mesmo carinho por mim e fizeram

questão da minha presença no Ano Novo, já que não passei o resto do Natal com eles.

Finjo estar feliz e acho que me saio bem, até que vou a cozinha buscar um novo vinho quando Dominic me para.

— Você não está bem. — Ele anuncia.

Eu dou de ombros.

— Ninguém está bem o tempo todo, Dominic.

Ele acena.

— Você sente falta de Miguel. Ele logo estará de volta e aí vocês podem resolver tudo que ficou em conflito. Acredito que esse tempo será bom para ele.

Lembro de Isis me contando que no começo do relacionamento deles Dominic sumia por dias.

— Para mim isso não vai funcionar. Como já disse para as meninas, não vou mais correr atrás dele e nem quero que ele corra atrás de mim. Na vida a gente tem um limite e eu cansei de Miguel me fazer de ioiô.

Ele acena.

— Você está certa, merece alguém melhor, mas, e se Miguel for essa pessoa? Não deixe que o passado comande suas escolhas.

Ele se vira para ir embora e sinto suas palavras me tocarem. E se eu começar a fazer a mesma coisa que Miguel faz, pensar sempre no passado?

— Dominic? — O chamo e ele se vira, me olhando com aquele olhar escuro, sombrio. — Obrigada. Não trocamos muitas palavras, mas eu gosto de você.

— Eu também, Mila.

— Isso não quer dizer que vou atrás dele. — Digo e ele me dá um pequeno sorriso.

— Não esperava por isso.

Meu celular toca e eu gelo. Rapidamente eu desligo. Preciso fazer algo sobre isso. Agora eu só atendo números já registrados. Na noite do Natal recebi outra ligação e pensei ser Miguel, já que ele estava fora. Atendi e ouvi a respiração da pessoa, me preparei para desligar e, antes que eu fizesse, ouvi um gemido seguido do meu nome. Não foi preciso ser um gênio para saber o que a pessoa

fazia do outro lado da linha. Só tive tempo de correr até o vaso e vomitar. Por que isso estava acontecendo comigo?

— Tudo bem? — Dominic pergunta e eu aceno. Tinha esquecido que ele ainda estava aqui.

— Sim.

Pego o vinho e vou para a sala, tentando ocultar as minhas mãos trêmulas. A próxima vez que essa pessoa me ligasse eu iria à polícia.

Bato em uma pessoa e ela me segura. Levanto o olhar e ofego ao ver um belo homem loiro, ele devia ter quase um e noventa. Tinha cabelos loiros e olhos azuis, uma mandíbula marcada e uns leves traços que me lembrava de Isis.

— Desculpe. — Eu consigo murmurar.

— Está tudo bem? — Ele pergunta olhando para trás de mim, onde Dominic passa me lançando um olhar sério, na certa pensando no que eu estou escondendo. Tomara que ele associe isso a outro homem que eu estou saindo, pois não quero que ninguém saiba ou algo assim.

— Está sim. — Consigo me ajeitar e ele se

afasta um pouco. — Sou Mila.

Ele sorri um pouco.

— Sou Theo Collins, o primo de Isis.

Minha boca se abre levemente antes de um sorriso me tomar.

— Bem que eu te achei um pouco parecido com ela.

— Sim, os cabelos claros são do meu lado da família e a heterocromia da família da mãe.

— Isso é muito legal.

Ele abre a boca para falar algo quando sinto um par de mãozinhas pegando a minha perna.

— *Mama*.

Theo se prontifica para tirar a garrafa da minha mão enquanto me abaixo para pegar Gabe.

— Oi meu amor, já estava com saudades.

Gabriel pega meu rosto e me dá um beijo babado na bochecha antes de começar a brincar com o meu cabelo.

— Ele é lindo. — Theo elogia. — Vi ele brincando com as outras crianças e achei que fosse outro filho de Carina.

Eu ri.

— Ela que não escute isso, já que está doida para pegá-lo de mim.

— *Cuco*. — Gabe diz pedindo suco e eu aceno para ele. Depois que ele falou mamãe, agora disparou e já consegue falar suco, *mida*, para comida e *aa* para água.

— Pode deixar que eu busco para esse amigão. — Theo faz um pouco de cosquinhas nele antes de me olhar. — Porque não se senta um pouco, eu já acho vocês.

— Está bem. Coloca só dois dedinhos de suco no copo, ele ainda não consegue sugar o canudo direito.

Ele acena e se afasta, e eu me encontrando sorrindo. Acho um lugar mais afastado da sala e as pessoas nem me reparam, presos numa conversa animada nos sofás. Theo sai da cozinha e com um olhar já me encontra. Eu rio quando ele se aproxima.

— Com meu cabelo é difícil me esconder, né? — Brinco e ele sorrir se sentando ao meu lado com duas taças de vinho em suas e um copo com o

suco de Gabriel.

— Você não tem como passar despercebida, Mila. — Suas palavras saem quase indecentes.

Eu sorrio corada.

— Deixe eu te ajudar antes que acabe derrubando tudo. — Brinco pegando o copo de suco de Gabriel, enquanto ele segura as nossas taças.

Tomo cuidado ao servir Gabriel, que agarra o copo com as duas mãozinhas, menino guloso. Depois que termina ele se mexe no meu colo até que consegue sair e vai caminhando meio bambo até as crianças que estão no chão da sala brincando.

— Você é muito atenciosa com seu filho. — Ele diz, me fazendo olhá-lo. Ele estende a minha taça e eu aceno.

— Eu sou muito babona mesmo. Amo demais esse garoto.

Ele sorri.

— Dá pra ver o amor.

Eu mordo o lábio sabendo que tenho que retirar o que ele falou errado, mesmo que me doa.

— Gabriel não é meu filho, não de sangue, mas de coração. — Conto e ele acena interessado. — Eu sou a babá dele, mas Gabriel me adotou como mãe. — Sorrio emocionada e tomo um gole do vinho.

— O que torna o laço de vocês ainda mais lindo.

— Obrigada.

Ele toma um gole do seu vinho e pergunta:

— Há quanto tempo é babá dele?

Eu rio.

— Há três meses, mas parece que estive com ele toda a vida. Foi um emprego que apareceu do nada e hoje eu já não me imagino acordando sem ir ver o Gabe.

— E antes, fazia o quê?

— Eu era bartender lá no Ponto Abaixo de Zero, acredita?

Ele olha para meus lábios então para meus braços tatuados.

— Acredito que você pode fazer qualquer coisa que se sairá bem.

Minhas bochechas coram com o seu comentário ousado. Se fosse anos antes eu iria atacar e provavelmente estaríamos fodendo em qualquer canto da casa. Química era o fato principal para eu me sentir atraída por outra pessoa, assim como o papo, o jeito de falar, o sorriso e a aparência. Theo cumpria todos os fatos com louvor. *Mas não era Miguel*, meu subconsciente fez questão de me lembrar.

— E você, o que faz? — Pergunto curiosa e querendo colocar mais assunto por cima da sua cantada. Não sei se estou pronta para ter um novo relacionamento agora, mesmo que seja de uma noite só.

— Sou o novo agente especial do FBI daqui de Boston.

— Que legal. — Falo, mas a minha cara devia ser de estranhamento, já que o fez sorrir. Um agente do FBI dentro de uma casa repleta de mafiosos?

— O casamento da minha prima não tem nada a ver comigo. Não me interessa, nesse momento, as atividades extracurriculares do seu marido.

Eu sorri sem graça.

— E sem falar que ela merece ser feliz depois de tudo que passou. — Completa.

Eu aceno sem saber bem o que ela passou. Gabriel vem até mim para me mostrar o seu carrinho e entregar um para mim. Eu brinco um pouco com ele antes que volte para as crianças.

— Ele é filho de quem? Se me permite a pergunta. — Ele olha em volta vendo as opções, mas aqui só tem Isis, Dominic, Carina, Jace e Vô Raffaelo de adultos, além de nós dois.

— De Miguel, amigo das meninas.

Ele acena em entendimento.

— Ah, sim. Conheci Miguel, é um bom garoto, apesar de tudo que passou. É um guerreiro de se manter sempre feliz e vendo o lado positivo. Ele está aqui? Nem me lembro do seu rosto, deve ser um homem já.

Eu sorrio sem graça.

— Sim, já é um homem.

Ele me olha e nós dois rimos.

— Nossa, eu falei como se fosse muito mais

velho do que ele agora. Nem todas as pessoas que passam pelo o que ele e as meninas passaram conseguem ser felizes assim, por isso que estou aqui. Quero acabar de vez com os responsáveis pelo Esquadrão da Morte.

— Esquadrão da Morte? — Pergunto, sentindo o meu sangue gelar. Que porra é essa?

Theo arregala um pouco os olhos.

— Achei que você soubesse. Mil desculpas.

Eu aceno.

— Mas o que é esse esquadrão? Como eles entraram lá?

— Acho que você devia perguntar a eles, não quero invadir a privacidade deles. — Ele pede desculpas com o olhar e eu aceno.

— Tudo bem, quando eles quiserem falar eu estarei aqui.

As palavras de Theo voltam a rondar minha cabeça. Os três foram criados juntos e estavam nesse tal *Esquadrão da Morte* desde quando? Lembro quando Miguel desabafou comigo dizendo que fugia com as meninas para se divertirem, que quando as coisas apertavam eles saiam. Isso explica

por que Miguel quer sempre pensar que esta tudo bem, ele queria proteger as meninas do que eles viviam. O que o meu pobre Miguel e as meninas passaram? Existiam mais pessoas passando por isso?

— Ei, não fique remoendo. Converse com eles.

Eu nego rapidamente.

— Deixe eles se sentirem livres para contar. Não gosto de apressar as coisas. — Dou de ombros.

Ele de repende estala o dedo.

— Sabia que já tinha te visto antes. Você esteve aqui no Natal, né? — Pergunta.

— Sim, eu dei uma passadinha aqui.

— Eu te vi entrando no carro, foi quando estava chegando. Quando te vi hoje não consegui tirar os olhos de você. Mila, eu sei que é apressado, — nós dois rimos novamente — mas queria saber se você aceita sair comigo para um café?

— Eu aceito, mas vou ser bem sincera, acabei de sair de um *não-relacionamento* e não estou pronta para qualquer coisa agora.

Ele sorri.

— Até nisso nos entendemos. Acabei de sair de um noivado, eu amava a minha mulher, mas ela nem tanto.

— Eu sinto muito. — Pego sua mão e aperto. — É, até nisso nos entendemos. Acho que é o começo de uma grande amizade.

— Gente, vai começar a contagem regressiva! — Isis diz animada, se aproximando, e franze a testa quando olha para as nossas mãos juntas.

Eu me levanto e ele coloca as mãos nas minhas costas, me guiando até onde as pessoas já estão em pé. Carina também olha para nós dois, mas nada diz. Sua cara é divertida, como se tivesse imaginando o que Miguel falaria sobre isso. Ele e sua indecisão que se fodam!

CAPÍTULO 18

MIGUEL

O que Scarlett estava fazendo? Nós tínhamos um plano e tudo que ela tinha que fazer era estar no lugar esperado. Quando Hans chegou aqui e disse que havia perdido *Steyce* no jogo, eu só pude pensar no que ela estava armando. Não havia modo nenhum dela ter se deixado ser vendida, certo? Eu não sabia nada dela, mas acho que pelo menos esperava que ela fosse esperta e escolhesse o jeito mais fácil de sair daqui.

Essa hora já era para eu estar em casa, me preparando para o Ano Novo e quem sabe acertando as coisas com Mila. Agora estou na véspera do Ano Novo caçando novas pistas que cheguem a seu paradeiro.

Hans e eu frequentamos jogos e tentamos descobrir onde os caras que ganharam ela a enfiaram, mas ninguém sabia. As câmeras desse dia haviam sido apagadas e ninguém lembrava do rosto dos caras.

— Agora me diz novamente, como você colocou Steyce para ser usada como prêmio?

Ele passa a mão pelos cabelos.

— Nós estávamos nos divertindo, jogando. Os caras começaram a elogiá-la e você sabe como ela gosta de ser elogiada. — Eu aceno e ele continua. — Eles começaram a dizer que eu devia apostar ela e Steyce ficou ofendida, dizendo que eu era o melhor jogador dali e eles estavam com inveja, que não precisava me apostar para provar isso. Eles ficaram debochando, eu acabei estourando e a apostei. — Seus olhos demonstram o seu arrependimento. Ele realmente gostava dela. — Nunca quis que Steyce tivesse envolvida nisso. Eu a amo!

Porra. Eu realmente espero que isso seja um plano dela, porque se não estamos fodidos.

— Está bem. Vamos recuperá-la. Vou me enturmar e ver o que eu descubro. Fica tranquilo.

Enquanto ando pelo salão, consigo ouvir umas coisas aqui e outras ali. As pessoas sempre querem conversar comigo, se vangloriarem para me interessar. No fim da noite me aproximo de Hans.

— Conhece algum Ruth?

Ele acena.

— É um entregador da Mão Negra, que consegue passar em qualquer aeroporto sem ser parado. Muito valorizado pelo seu trabalho. Por quê? Foi ele?

— Parece que foi um de seus seguranças que entregaram para ele essa noite. Vamos.

Como Hans o conhecia, foram até o hotel que eles estavam hospedados. Hans estava quase espumando pela boca, até que uma coisa veio na minha cabeça.

— Ei, por que você não pediu ajuda para o seu chefe?

Ele parou e me olhou, mas nada disse. Ele sabia. Ele não sabia do disfarce de Scarlett, mas não duvido que ele estivesse desconfiado e deixou tudo fluir. Se envolvesse seu chefe as coisas poderiam sair do controle, com o risco de até mesmo ele pegar Scarlett e Hans não poder falar nada.

Deixei quieto e chegamos até o quarto. Hans bateu na porta com força, totalmente

descontrolado e com medo do que poderia ter acontecido. A porta se abriu e o tal Ruth apareceu na porta, não parecendo surpreso com a nossa chegada. Agora me diga, que tipo de mafioso tem o nome de Ruth? Seria cômico se não fosse trágico.

— Já esperava você. — Disse para Hans. — Meus homens são idiotas, mas a sua mulher está descontrolada. Foi impossível liberá-la sozinha.

Hans não esperou ele terminar e invadiu o quarto atrás dela.

— E você é?

— Malick, acho que o backup de Hans. — Dei de ombros. — Vim porque não tinha nada para fazer. Agora me diz, que porra de nome é Ruth?

Seus lábios se contraem, mas ele não ri.

— Entre.

Como esperava, lá dentro estava cheio de homens armados até os dentes. Demonstrei um pouco de medo para parecer verídico e, apesar de estar acostumado a situações assim, é a primeira vez que eu hesito seguir qualquer plano ou me manter cem por cento no personagem. Sigo Hans até o quarto e Ruth vem caminhando calmamente

com a chave na mão. Ele faz sinal para seus homens ficarem calmos e abre a porta.

— Eu iria com calma, mas ela está apavorada.

Hans entra no quarto primeiro e depois nós dois. Scarlett seriamente deveria investir na carreira de atriz. A mulher está encolhida no canto com olhos arregalados e vermelhos de chorar, com os braços arranhados como se ela tivesse crises nervosas e se machucado.

— Ei, baby...

Ela grita.

— A culpa é sua!

O olhar de Hans vai para Ruth.

— Seus homens fizeram algo com ela? — Sua voz é dura e assassina.

Ruth negou.

— Foi o susto mesmo. Meus homens disseram que primeiro perguntaram se ela tinha interesse de ficar com eles por dinheiro, ela negou descontrolada e desmaiou. Eles a trouxeram para mim sem saber o que fazer com ela. Eles não são estupradores. Me pediram para devolvê-la, porém,

era só chegar perto dela que gritava descontrolada e desmaiava. Não íamos sair jogando ela em qualquer lugar e nem sair com ela acordada desse jeito. Os federais estão na minha cola.

A explicação era bem plausível e um ótimo álibi. Scarlett tinha amarrado todas as pontas.

— Amor, eu estou aqui. Ninguém vai te machucar.

— Cale a boca! — Ela gritou com a voz esganiçada, sem sair do personagem de menina fútil. — Você me vendeu! — Seus lábios tremeram e lágrimas caíram. — Você me vendeu como se eu fosse um nada.

— Amor, eu errei e vamos conversar sobre isso em casa e...

— Nunca mais quero te ver. — Ela chorou mais. — Eu quero ir embora e nunca mais te ver. Eu quero isso. — Ela soluçou.

— Hey, meus homens te colocaram nessa. Você quer ir embora e pode, ninguém vai atrás de você. Eu vou ter certeza disso. — Ruth disse sério. — Você quer realmente embora?

Ela acenou rapidamente, ainda com os olhos

arregalados.

— Eu não quero ficar com um homem que foi capaz de me vender.

Hans dá um passo a frente e ela um para trás.

— Você não pode me deixar, vamos resolver isso. Eu te amo, Steyce!

Ela chora mais.

— Você me vendeu. Eu não posso te perdoar. Me deixe ir embora e nunca me procure se me amou de verdade.

Ele abaixa a cabeça derrotado.

— Tem a minha palavra que você pode ir embora em segurança e ninguém nunca te procurará novamente. — Ruth fala e ela acena trêmula.

— Obrigada.

— Meus homens vão te acompanhar até sua casa para você retirar suas coisas e agendar um voo, caso você queira ir embora.

Eu acompanho Hans totalmente derrotado até a porta, olho para trás vendo a troca de olhar

entre Scarlett e Ruth. Ela realmente era o protótipo Zero do esquadrão. Uma agente completa e que faz o seu trabalho a todo custo.

Entramos no carro e ele coloca a cabeça entre as mãos.

— O que foi que eu fiz? — Diz para si mesmo e me olha. — Malick, eu estraguei a minha vida. Steyce era a mulher da minha vida e eu a deixei escapar entre as minhas mãos.

Eu bato no seu ombro.

— O lema da minha vida é: merdas acontecem. Você vai superar uma hora. — Eu duvidava muito, mas não iria dizer isso.

Ele acena e seca umas lágrimas caindo. Pior coisa no mundo é olhar gente chorar. Lembro que Mila esteve comigo enquanto eu chorava... Não, eu não posso pensar nela. Não nesse momento.

Sabe quando você já está na boca do gol e só precisa fazer o chute para ganhar um campeonato? Então, era eu nesse momento. Só tinha que despachar Hans e ir embora para consertar a droga na minha vida, mas nada é como esperamos. Avisto um carro nos seguindo e consigo

dizer a Hans.

— Não olhe para trás, mas tem um carro nos seguindo.

Hans grunhe e pega o celular dele.

— Droga, cara, eu te ajudei com sua mulher, mas não quero encrenca pro meu lado. Tem umas pessoas que eu aprontei e não quero mais problema e... — Finjo estar realmente nervoso e com medo.

E pela primeira vez não é completo fingimento. Começo a pensar em Gabriel, o que aconteceria se eu morresse porque fugi de uma área segura para entrar numa missão que eu poderia correr risco por simplesmente querer fugir. O que seria de Mila? Casaria com outra pessoa e assumiria o meu filho como dela? O que seria de mim, morto sem identificação, provavelmente enterrado como indigente na melhor das hipóteses?

Hans liga para seus seguranças e passa o nome da rua que estamos. O carro desliza uma vez por causa do gelo quando eu tento aumentar a velocidade.

— Droga! — Passo a mão pelo rosto antes

de olhar pelo retrovisor.

— Calma, cara, meus homens estão chegando.

— Hans, estou falando sério. Se eu morrer terão viúvas por todo mundo que virão atrás de você.

Ele ri de nervoso, sabendo que estou fazendo piada para me distrair um pouco do medo, até na porra da pressão eu mantenho o personagem.

Escuto barulho de tiros e resmungo acelerando mais o carro, que o faz deslizar novamente pela pista.

— Mantenha a velocidade ou vamos acabar saindo da pista. Meus homens estão quase aqui.

Novamente uma chuva de tiros vem e eu sou acertado no ombro de raspão. Solto um grito de dor para enfatizar que tomei um tiro. Essa porra queima, mas pelo menos eu vi que a bala atrasou e não foi fundo o suficiente.

Um pânico de verdade começa a me tomar e eu começo a ver as coisas meio embaçadas. Memórias de Gabriel vem e algumas lágrimas caem dos meus olhos. Quantas memórias e momentos eu

perdi com ele por medo? Prometo a mim mesmo que se sair bem daqui vou dar valor a esses momentos. Penso nas meninas e nos caras, em vó Maria e em todos que eu amo. Penso em Mila. Porra, é nesse momento que eu descubro que eu amo aquela ruiva tatuada com todas as forças.

— Ainda bem. — Hans solta um suspiro de alívio. — Meus homens chegaram e os homens fugiram entrando em outra rua. Você vai ficar bem Malick.

Eu só tenho tempo para ir desacelerando o carro antes que a escuridão me tome. Porra, eu estou muito frouxo.

Quando acordo, eu estou no meu quarto do hotel com meu braço enfaixado e Hans me olhando.

— Finalmente você acordou, estava ficando preocupado.

Eu me sento e gemo com a dor.

— O que aconteceu? Lembro de termos buscado a sua mulher e então tudo ficou preto.

— Uma guerra de gangues. Nós passamos de carro por lá e você tomou uma bala perdida. —

Ele mente facilmente. — Como foi de raspão, te trouxemos para cá e chamamos o médico para te ver. Não foi nada sério, vai sobreviver.

Eu olho dramaticamente para o tiro.

— Será que vai ficar cicatriz?

Ele dá de ombros e sorrir para mim.

— As mulheres curtem.

Eu então bato na minha testa.

— A minha viagem para Grécia!

Hans olha para o seu relógio.

— Você tem duas horas até seu voo, eu te levo até o aeroporto. Sua mala já está pronta, você só precisa tirar o sangue.

Eu me levanto reclamando e pego a roupa que tinha deixado separada para mim. Depois do banho ele me leva até o aeroporto e eu compro um café enquanto espero meu voo.

— Valeu cara, por me trazer. E Steyce? Ela te perdoou?

Ele nega tristemente.

— Ruth cumpriu com sua palavra e arrumou passagens para ela no nome de outra

pessoa. Ela foi embora para sempre. — Diz tristemente. Amém!

— Mas você não conseguiu descobrir, talvez procurando mais um pouco você ache.

Ele nega.

— Se ela me ama de verdade vai voltar, ela não levou nem as jóias que lhe dei. Elas tinham rastreador. Eu realmente a perdi.

Eu toquei o seu ombro.

— Ela vai voltar, tenho certeza. Você é um cara maneiro, apesar de tê-la vendido. — *Cuzão*.

Ele sorri tristemente.

— Tomara, ela era maravilhosa.

Meu voo é anunciado e eu me despeço dele, prometendo voltar algum dia para a partida e ele diz que se eu precisar de qualquer coisa só preciso lhe chamar. Disse que tinha uma dívida comigo. Que essa dívida dure para sempre.

Assim que somos autorizados a tirar o cinto, eu vou até o banheiro e troco de roupas totalmente, que os agentes infiltrados no voo me entregam. Minha mala com certeza será queimada para caso contenha algum rastreador. Sou verificado por eles

dos pés a cabeça e eles passam um raio-X para ver se não colocaram um rastreador dentro do meu machucado para me localizar. Depois verificam se foi bem feito o curativo e só assim sou liberado.

A primeira classe está fazia, com certeza com vários passageiros fantasmas. Olho para a cabine do piloto e espero abrir, Scarlett sai logo depois de jeans apertados e camisa branca. Seus cabelos estão presos num rabo de cavalo.

— Oi, Miguel. Desculpe pelo tiro, precisava ser convincente. — Sua voz saiu mais grossa, o normal dela, ainda suave, mas sem o toque agudo.

Eu abro um pouco a boca. Eles me deram um tiro? Ela se senta ao meu lado e explica todo o plano para sair de lá sem qualquer suspeita sobre mim ou ela. Conta que Ruth é um amigo antigo dela e que topou ajudá-la, ele a conhece como Stefanny de outra missão. Conta cada detalhe de tudo que fez, de como ela conseguiu juntar todas as pontas.

— Esse voo vai para a Grécia e de lá pegaremos um jato particular direto para Boston, parando só para abastecer.

Eu acenei.

— Como foi ficar num personagem por tanto tempo e agora já ir para outro?

Ela me olhou.

— Me diga você que está num personagem a mais de dez anos.

Eu fico em silêncio.

— Se tornou natural. — Consigo dizer. — Sou eu mesmo, só que mais descontraído e alegre, não muda muita coisa.

— A nuance muda. — Ela diz. — Steyce era mais princesa, sem preocupações e gostava de atenção. Foi fácil separar o personagem de mim, torna mais fácil de desincorporar, mas é difícil quando o personagem e você são quase a mesma, só mudando o tom de voz.

Ela pega sua pasta e lê sobre a sua nova missão.

— Letícia, *Lett*, Ryan. Não gosta de atenção, *nerd*, desastrada, fala palavrão, doce demais e boa demais. Acredita facilmente nas pessoas. Essa sim vai me dar trabalho, apesar de ter algumas coisas em comum comigo. — Ela diz e olha para o seu cabelo. — Isso vai ter que sair.

— Qual a cor que você vai usar?

— Loiro. — Ela diz sem hesitação. — Depois dessa missão eu estou aposentada, vou para alguma parte administrativa sem muita ação. Quero mandar e não ser mandada.

— Nós vamos nos ver bastante, também moro em Boston.

Ela acena.

— Sim, ainda bem que você e as meninas sabem de mim, mas vai ser uma missão complicada por estar de volta a cidade. Pessoas podem me reconhecer.

— Já faz muitos anos que você não está lá, sem falar que tudo sobre você foi apagado.

Um agente se aproxima com um kit em mãos. Scarlett aceita e pega uma pequena pinça e depois de passar os produtos químicos começa a puxar as digitais falsas. Eu faço o mesmo processo e no final meus dedos estão sensíveis e vermelhos, assim como os de Scarlett.

— Como foi ficar trocando isso durante um ano?

Ela ri sem dar muita importância.

— Um saco. Enquanto ia me depilar eles ajeitavam para mim.

Eu então lembro de algo.

— Sabia que Serena está viva?

Scarlett ri.

— Claro que sim. Diana não poderia esconder isso de mim nem se quisesse. Conheço minha irmã como a palma da minha mão. Ela não teria se recuperado tão cedo se Serena tivesse realmente morrido. Eu passei uns nomes para ela.

Preferi não comentar que ela estava com motoqueiros, com certeza ela já devia saber disso e eu passaria como fofoqueiro.

— E Diana, onde está?

Scarlett franze a testa.

— A última vez que falei com ela foi há meses e ela estava dando aula para crianças, virou professora infantil. Ela está feliz, mas com saudade de Serena e de mim.

Nós ficamos em silêncio. Dormimos durante o voo e quando pegamos o jato para casa, eu a olhei.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está pronta para voltar para casa e terminar de acabar com o esquadrão?

Ela me olha.

— Com toda certeza. Eles não saberão o que os atingiu.

CAPÍTULO 19

MILA

— Então, como foi a primeira semana no trabalho? — Pergunto para Theo, em seguida tomo um gole do meu chá. Ele começou a trabalhar dia vinte e oito de dezembro, ficou até dia trinta e voltou ontem, sexta-feira, dia primeiro.

— Os primeiros dias nunca são bons, todos ficam de olho, esperando eu falar algo errado ou se perguntando como eu, sendo jovem, consegui o cargo que alguns estão há anos esperando.

Eu aceno em entendimento.

— Deve ser muito ruim mesmo, mas tenho certeza que logo você pega o jeito.

— Sim, hoje as pessoas já estavam mais calmas e até brincaram comigo. E a procura por apartamento, como anda?

Eu suspiro.

— Vi ontem um, mas não curti tanto. Sem falar que estou ficando louca, pois as meninas

querem viajar para Itália e pretendem levar Gabe. A viagem estava marcada para hoje, mas acho que elas estão esperando Miguel aparecer para poderem ir. — Suspiro. — Não quero ficar longe de Gabe.

Ele franze a testa, sabendo o quanto eu sou apegada a ele.

— E por que não vai junto?

— Não tem nem clima pra isso, né, Theo. — Contei para ele por alto o meu *não-relacionamento* com Miguel.

Nós dois nos demos bem de cara, era como se já fôssemos amigos há séculos. Conversamos pelo celular ontem e hoje aceitei tomar um café com ele enquanto as meninas ficavam com Gabe. Antes que eu percebesse, nós dois já estávamos falando do nosso passado e trocando experiências em relacionamento. Fazíamos perguntas um para o outro como: "Quem já mandou *textão* por mensagem e o cônjuge respondeu em menos de uma linha?", ou então "Quem já se declarou e recebeu somente um *eu gosto muito de você*". Se cada pergunta valesse uma bebida, nós dois estaríamos fodidos.

— Eu acho que você deve ir, afinal, não

acho que você vai aguentar ficar dez dias sem Gabriel.

Eu suspirei.

— Verdade. Eu morreria.

Nós conversamos mais um pouco e eu me despedi dele. Ficar hoje com Theo foi ótimo, ele, apesar desse jeitão todo sério, era muito legal. Logo que nos conhecemos e passamos a conversar um pouco, percebemos que a nossa afeição pelo outro não era nenhum pouco romântica e estavámos bem com isso.

Cheguei à casa de Isis depois de ser anunciada no interfone. Os seguranças já me conheciam, mas mesmo assim eu ainda fazia questão deles perguntarem aos Raffaelo se eles podiam me receber. Gabe soltou um gritinho e veio até mim me abraçando.

— Oi, meu amor. Eu também estava com saudades. — O enchi de beijos doces.

Isis estava um pouco nervosa.

— O que foi?

— Conseguiu resolver as coisas da exposição?

Eu sorri.

— Sim, ajeitei o dia e horário e escolhemos as músicas. O *Buffet* é com ela, assim como a entrega dos convites que estão na gráfica. A data vai ser dia quatorze de fevereiro, no meu aniversário.

Isis bateu palmas, animada.

— Estará tudo perfeito. Amo seu trabalho e estou muito orgulhosa de você.

É incrível o que um coração partido faz com a gente. Desde que Miguel foi embora eu fiz outros quatro quadros, que deram o último toque para que a coleção ficasse perfeita. Estava com quadros a mais do que era previsto e eu estava arriscando fazer a minha primeira exposição com o além do previsto, mas queria arriscar.

— E a viagem? — Perguntei.

E ela sorriu um pouco tensa.

— Ainda não decidimos se vamos hoje ou não.

Depois de pegar Gabriel, nós voltamos para o apartamento. Cumprimento o porteiro e os seguranças. No Natal eu fiz bolo e distribui para

todos eles, assim como outros lanches que fiz só pra passar o tempo quando estava sozinha no apartamento. Eles parecem querer falar algo comigo, mas Gabriel está todo cagado e a fralda não aguentou o tranco. Tinha que trocar o menino antes que um desastre acontecesse.

Destranco a porta e entro, já retirando o seu casaco.

— Vamos logo tomar um banho quentinho para você ficar limpinho e depois te dou mama. — Falo e ele ri sapeca.

— *mamã, mamã, mama...* — Eu me derreto.

Estanco meus passos quando vejo Miguel em pé ao lado do sofá. Seus olhos demonstram tantos sentimentos. Ele está diferente. Seus cabelos estão loiros platinados, tem olheiras e parece mais magro, mas não é só isso. Há algo de novo nele.

— Ah, oi. Você voltou. — Consigo dizer sem minha voz sair esganiçada.

Treinei desde o momento que ele saiu o que eu diria, mas agora me deu um branco total.

— Oi. — Ele diz. — Cheguei quase agora, fiquei mais de dezesseis horas de voo. — Conta e

olha para Gabe.

— Eu vou dar um banhozinho nele e já te trago, ele acabou se sujando todo de cocô.

Miguel acena e me segue por todo caminho. Eu finjo não o ver enquanto retiro a roupa de Gabe e o coloco na água quentinha do chuveiro. Se Miguel não estivesse aqui eu estaria brincando e cantando para Gabe, mas não consigo fazer nada e apenas me mantenho no automático. Depois de limpo e trocado, eu me aproximo e entrego Gabe a ele. Miguel o pega nos braços e o abraça apertado. Eu vou para a cozinha para ter algo que fazer.

— Ei, podemos conversar? — Miguel pergunta depois de meia hora. Eu estou tomando um gole do meu chá.

Me viro para ele, ficando surpresa de ver seus olhos vermelhos. Ele chorou enquanto estava com Gabriel?

— Claro. — Ele abre a boca, mas eu começo. — Eu sei que as coisas não acabaram bem desde nossa última briga e entendo que passei dos limites em querer decorar sua casa. Eu sinto muito por isso.

— Não, o que eu quero dizer é...

Eu o corto.

— E acho melhor as coisas voltarem a ser como antes, nós ficamos melhor só como amigos. Eu realmente amo Gabriel e não me imagino mais sem ele e, por isso, gostaria de continuar no emprego.

— Mila, eu nunca afastaria você dele. — Ele diz. — Você é a mãe que ele ganhou.

Eu seco uma lágrima que cai.

— Obrigada.

Ele sorri tristemente.

— Quanto a gente, eu estava pensando que...

Eu volto a cortá-lo, pois se eu não disser tudo agora, não vou conseguir nem dormir.

— Sabe, Miguel, percebi que o nosso “não-relacionamento” estava ficando toxico para ambos, sabe? Eu perdi parte do meu amor próprio por engolir suas inseguranças e, quando parei para pensar nisso, me senti tão mal. Uma pessoa não pode salvar a outra, nós podemos ajudar, mas isso depende de você, não de mim. — O olhar de

Miguel era dolorido, mas eu não parei. — Você tem a síndrome do "medo-de-ser-feliz", síndrome nomeada por mim também conhecida como falta de pau, ou boceta no caso. Mas, mais do que isso, você vive no passado e eu não sou museu para viver nele.

Miguel fica olhando para o nada, sem palavras.

— Não quero mais magoar meu coração. Eu não vou ficar com alguém pela metade. — Novas lágrimas vêm e eu o olho, mostrando o quanto estou magoada. — Você sabe que eu amo as citações da Clarice, né?

Ele acena, ainda sem fala.

— *Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão. Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma para sempre*. Eu simplesmente não sei. — Eu tomo uma respiração. — Você me machucou tanto, eu não quero ser seu tudo, só quero ser alguém com quem eu possa contar e que eu não fique pisando em ovos, com medo de como você vai reagir a tudo.

— Eu sinto muito por ter te magoado tanto.

— Miguel diz com a voz fraca. — Eu estava perdido.

— E você se encontrou? — Pergunto, sorrindo tristemente. Coloco meu copo na pia, me aproximo dele e acarício seu rosto. — Você sempre terá um lugarzinho no meu coração, você me deu o bem mais importante que eu podia receber. — Olho para Gabriel, brincando no chão. — Eu sou eternamente grata por isso.

Sem conseguir falar mais, me abaixo beijando a cabeça de Gabe, antes de pegar minha bolsa e correr para fora do apartamento o mais rápido que consigo. Quando entro no elevador um soluço me escapa, seguido de um choro dolorido. Dói acabar com qualquer coisa que tivemos, mas eu preciso preservar o que restou no meu coração.

Pego um táxi e dou o endereço da casa de Emy. Mando uma mensagem perguntando se ela está em casa e ela responde que sim. Olho pela janela sem reparar nada, só repensando em tudo que disse. Meu celular começa a tocar com o número desconhecido e eu atendo.

— Minha! — A voz diz baixo, rouca assim que eu atendo.

— Droga! Para de me ligar, porra! Eu não aguento mais! — Grito e desligo trêmula e assustada.

O taxista não diz nada e eu o olho assim que me recupero um pouco.

— Mil desculpas. Tenho recebido trote durante meses.

— Tudo bem, moça. Você devia ir à polícia. Tem tanto maluco por aí. Se estão ligando há meses é porque ainda não desistiram e podem até tentar fazer algo com a senhora. Que Deus te livre.

Um arrepio toma meu corpo. Ele está certo. A pessoa tem me ligado praticamente desde que comecei a trabalhar com Miguel. Será que tem alguma ligação com a máfia ou algo assim? Decido que a próxima vez que me ligarem irei a delegacia. Sei que já falei isso antes, mas agora é sério. Eu estou com medo.

MIGUEL

Ouvir tudo que Mila sentia acabou comigo, assim como ver suas lágrimas. Tinha noção que os meus medos a chateavam, mas ela se mostrava destruída. Nunca me senti tão mal antes. Eu precisava reconquistá-la.

Meus amigos viajariam amanhã, domingo, para Sicilia, para visitar Elena para seu aniversário. Eu não tinha certeza se Mila ia querer ir e decidi chamá-la com calma, depois do nosso jantar. Eu podia ir para Sicilia até dia oito, já que dia dez era o aniversário de Elena, mas queria ir antes para mostrar tudo para Mila, queria realizar o sonho dela de conhecer o mundo.

Deixei Gabe com Carina essa noite e comecei a preparar nossa comida. Coloquei *Garota de Ipanema* para tocar em som ambiente. Mila havia chegado as seis e mal me olhou, murmurando sobre onde estava Gabriel. Eu disse onde ele estava e ela entrou no quarto, e já havia se passado duas horas desde então.

Ajeitei a mesa, para criar um ar mais romântico, coloquei um buquê de flores e chocolate, sabendo que isso não iria comprá-la, mas eu esperava que fosse o suficiente para ela jantar

comigo. Pedi um bolo inteiro para Henriqueta, já imaginando Mila e eu sentados no sofá, só de roupas íntimas vendo séries e devorando o delicioso bolo, quem sabe fazendo outras coisas com ele.

Eu estava mais que cansado. Precisamos pousar o voo que vinha da Grécia para Boston para abastecer e eu não consegui pregar os olhos de ansiedade. Enquanto isso tinha o interrogatório que Scarlett e eu passamos para só então sermos liberados. Ela, assim como, eu estava acabada. Seu trabalho começaria em breve e ela estava se preparando.

Depois de tudo pronto, eu comecei a ir até a sua porta, respirando fundo antes de bater. Por que eu estava tão nervoso? Era só Mila. Bati na porta e ela abriu com os olhos saltados.

— Oi. — Sorri do melhor jeito que consegui para ela.

— Oi. — Ela respondeu, me olhando sem graça. Ela estava arrumada, com um vestido preto, botas e jaqueta.

— Nossa, você está linda. — Então um pensamento me tomou. — Vai sair?

Suas bochechas coraram e ela estava claramente desconfortável. O que Mila estava aprontando?

— Eu... eu vou. — Ela disse e passou pela porta, saindo do quarto. — Na verdade, estou atrasada.

Ela anda pela sala e eu a sigo, vejo como ela estanca ao ver a mesa que preparei para nós. Ela se vira para mim e seu olhar é dolorido.

— Oh, Miguel. Você fez isso? — Ela está totalmente mortificada e eu não devo estar bem melhor.

Eu limpo a garganta, mas não consigo falar. Aceno.

— Eu achei que tínhamos nos entendido, que seríamos apenas amigos. — Ela diz com a voz fina, quase chorando.

— Eu não quero ser só seu amigo, Mila. — Falo com sinceridade e ela dá um passo pra trás. Seu telefone apita por causa de uma mensagem e ela suspira o olhando. Eu não consigo ler o que está escrito.

— Eu preciso ir.

Ela praticamente foge de mim. Assim que ela entra no elevador eu corro para pegar meu notebook e abrir a câmera do hall de entrada. Lá eu a vejo saindo do elevador, mudo de câmera e meu sangue ferve ao vê-la com um cara alto e loiro. Não consigo ver bem seu rosto, mas rosno quando Mila o abraça e os dois entram no carro. Ela saca o seu celular e digita algo, falando com ele, antes que saiam.

Minha mão começa a tremer e minha garganta a resecar. Eu sei o que é isso. É meu corpo querendo trocar a dor por bebidas. Vou até o armário e fico olhando a minha coleção de bebidas. Bebidas essa que estiveram comigo desde que meu relacionamento com Ester começou a desandar. Eu suspiro alcançando uma. Abro a tampa e aproximo o nariz, sentindo o cheiro forte que queima minhas veias respiratórias. Aproximo da pia e pego um copo e começo a enchê-lo, então penso: Será que eu realmente quero mudar? Ser um novo Miguel?

Penso em Mila, em Gabriel, como me escondo de qualquer emoção forte que possa deixar meu coração fraco. Suspirando, eu viro o copo na pia assim como a garrafa, vendo o líquido

transparente cair pelo ralo.

Minha porta da frente se abre e eu vejo Dominic e Jace com um engradado de cerveja em mãos.

— O que estão fazendo aqui?

— Belo cabelo. — Jace caçoa. Eu estava tão cansado que não tive tempo para pintá-los novamente de castanho.

— Nós viemos ficar um pouco contigo, uma noite de caras.

Eu franzo a testa.

— Já é. Tem comida pronta e sobremesa.

Eles não comentaram sobre a garrafa que eu estava esvaziando, deixaram assim e se serviram. Depois nós três fomos para a sala e, enquanto comíamos, contei sobre a missão com detalhes. Sabia que depois teria que repetir tudo novamente para as meninas, mas seria depois, pois estava cansado demais. Bebi uma cerveja e me senti mais relaxado do que se tivesse matado uma garrafa de vodca sozinho.

Os caras, percebendo o quanto estava cansado, decidiram ir embora. Entreguei a eles

todas as bebidas que tinham aqui em casa para não voltar a entrar em tentação. Mas uma coisa eu precisava saber para não ficar me remoendo. Sabia que assim que deitasse na cama apagaria, mas não podia fazê-lo sem saber antes uma coisa.

— Hey, a Mila está saindo com alguém? Hoje ela saiu com um cara loiro.

Os dois trocam um olhar e eu já me levanto apreensivo.

— Podem ir falando.

— Era Theo, primo da Isis. Os dois se conheceram no Ano Novo. — Jace fala.

Eu caio sentado. Enquanto eu estava na porra de um avião, doido para chegar em casa, Mila estava conhecendo alguém melhor que eu?

— Não é nada sério. — Dominic diz.

Eu aceno sem muito interesse. Me despeço deles de modo automático e vou para a cama. Mila merece alguém melhor que eu, mas por que dói tanto vê-la seguindo em frente tão rápido?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

MILA

Eu não ia sair com Theo à noite, não tínhamos marcado nada, mas eu entrei em desespero com a volta de Miguel e, depois de voltar da casa de Emy e ficar trancada no quarto, recebi uma mensagem dele. Acabei lhe contando que Miguel havia voltado e que eu estava confusa.

Meu coração partiu ao ver o que Miguel tinha preparado para a gente, mas eu precisava ser forte. Até buquê de flores ele comprou! Assim que entrei no carro de Theo, estava com o coração pequeno e com medo que Miguel fizesse alguma loucura. Rapidamente mandei uma mensagem para Dominic.

Eu: Você pode ir lá no Miguel junto com Jace?

Dominic: Por quê?

Em seguida:

Dominic: Vou te ligar.

— Está tudo bem? — Theo perguntou, se sentando ao meu lado no carro.

— Sim, só tenho que atender uma ligação agora.

Ele começou a dirigir e, pouco mais de um metro à frente, meu celular tocou.

— Oi. — Respondi tímida.

— O que aconteceu?

Eu suspirei.

— Eu simplesmente não podia ficar lá e decidi sair, mas Miguel tinha feito um jantar romântico pra gente. Não quero que ele fique sozinho.

Ouvi Dominic suspirar.

— Você tem certeza que não quer estar com ele, Mila?

Eu olhei pela janela, vendo a fria cidade que eu adotei como lar, tão fria como eu me sentia por me manter afastada de Miguel.

— Nesse momento eu não sei de nada.

— Vou buscar Jace e já chegamos lá.

— Obrigada.

Ele suspirou.

— Tudo bem, só pense no que você quer. Miguel já sofreu demais para investir em alguém que não o deseja, ele já passou por isso uma vez.

Ele desligou e eu soltei um longo suspiro antes de olhar para Theo.

— Jantar romântico? — Perguntou.

Eu apenas balancei a cabeça dizendo sim.

— Nossa, acho que nem eu resistiria a um jantar romântico. — Ele disse sério, pensativo.

Mesmo sabendo que ele falava sério, não pude evitar não rir.

— Então você é um cara romântico?

Ele me olhou de lado, voltando a ficar sério.

— Claro que não, só curti a intenção.

— Sei... — Brinquei e liguei o rádio. — Então, o que faremos?

Ele deu de ombros.

— Comer alguma coisa e ver um filme?

Eu suspirei.

— Que tal comermos, conversarmos um

pouco e depois eu voltar para casa para você ter o seu resto de domingo livre?

Ele acenou na hora.

— É bom, tenho vários papéis para olhar.

Eu me senti super mal por atrapalhá-lo.

— Sério? Ai meu Deus. Não queria te atrapalhar, Theo. Me desculpe.

Ele pegou minha mão.

— Tudo bem, precisava me distrair um pouco mesmo e comer algo. Você é uma boa companhia, Mila.

Nos sentamos no restaurante e, enquanto esperávamos nosso pedidos, conversamos sobre amenidades, mas a minha cabeça estava lá no apartamento, mais precisamente em Miguel. Esperei dar onze e pouca e Theo me trouxe para casa. Em nenhum momento ele insinuou que queria algo a mais comigo e fiquei feliz por isso. Já dentro do elevador, eu retirei meus saltos para não fazer barulho e fiquei um pouco decepcionada ao ver a casa vazia. Gabriel estava com as meninas.

Corrir para meu quarto, mas parei na porta. Precisava ver Miguel. Caminhei até seu quarto com

o dente raspando no lábio inferior, arrancando pelinhas. Sabia que não era uma boa ideia, mas não podia evitar. Abri a porta lentamente, vendo Miguel deitado, mais precisamente apagado. A viagem tinha acabado com ele, devia estar estado exausto, doido para dormir desde que chegou, mas, mesmo assim, adiou o seu sono para fazer um jantar romântico para mim.

Eu queria poder deixar todas ás vezes em que ele aprontou comigo no passado e continuar onde paramos, mas que eu tinha garantia de que ele realmente mudou?

Suspirando, eu me abaixo ao seu lado e acarício seus cabelos platinados. Miguel é a única pessoa do mundo que fica bonito de todo jeito e esse cabelo, apesar de estar ressecado, também estava bonito. Beijo sua testa e volto para meu quarto.

Assim que começo a adormecer, meu celular toca, mas eu o ignoro sem nem querer saber quem é. Embora cansada demais, viro a tela para mim para ver se não é alguma das meninas, algo sobre Gabriel, mas quando vejo o número desconhecido, eu tiro o som e adormeço.

Acordo na manhã seguinte e fico meia hora deitada na cama, sem saber como agir. Nunca fui uma pessoa tímida, mas hoje realmente não tenho a cara dura como sempre faço. Porém, ao pensar em Gabriel, eu rapidamente me levanto e, depois de me aprontar, vou para a sala. Miguel está sentado à mesa com uma caneca fumegante de café e com Gabriel no seu colo devorando um biscoito.

— Oi, meu amor, estava com saudades. — Falo me aproximando, vendo como Gabriel começa a ficar agitado no colo de Miguel, doido para eu pegá-lo.

O abraço e o cheiro, sorrindo quando ele me dá um beijo babado. Respiro fundo e finalmente olho para Miguel.

— Bom dia!

— Bom dia! — Ele sorri de volta e, enquanto me sento, ele se levanta. — Café ou chá?

— Café. — Respondo de imediato. Ele levanta a sobrancelha surpreso, já que na maioria das vezes eu sempre peço chá e hesito em pedir café. — Com os projetos para minha exposição, eu

tive que acordar mais cedo e dormir tarde, então acabei me tornando uma viciada em café. — Admito.

Ele sorri.

— Estou querendo comprar uma máquina daquelas modernas que até café de chocolate faz. O que acha?

Eu aceno.

— É uma boa.

Ele volta a se sentar e só então eu reparo que ele está arrumado. Ele percebe o meu olhar.

— Você tem algo de importante para fazer essa manhã? Se for assim, eu posso pedir para as meninas ficarem com ele até eu voltar.

Rapidamente eu nego.

— Não, não tenho nada e estava morrendo de saudades desse pequeno. — Beijo a cabeça de Gabriel.

Ele acena e termina o seu café.

— Bem, tem bolo na geladeira. A comida do jantar também é só esquentar.

Ele se aproxima e beija a cabeça de Gabriel

e, quando levanta o olhar para mim, beija minha testa. Eu fecho os olhos com o seu gesto de carinho.

— Até mais. — Ele diz antes de sair.

Para onde Miguel estava indo? Trabalhar não era mesmo, era domingo.

A manhã passa e eu esquento a comida. Miguel não volta a aparecer, porém, me deixa uma mensagem dizendo que foi direto para o trabalho e pergunta se estava tudo bem. Conversei um pouco com Emy, que estava super animada para o lançamento e depois com Matt, que cobrou da gente sair juntos para boates, já que eu estive tão focada na minha exposição que nem saí.

Isis e Carina me mandam uma mensagem avisando que vão embarcar para Itália daqui uma hora e perguntam se eu vou. Na verdade, elas me ameaçam se eu não for. Eu não sei bem o que dizer, então respondo que depende de Miguel. Não acho que eu conseguiria ficar dez dias sem Gabriel e, meio que sem perceber, começo a pensar em que roupas devo levar. Pesquisei sobre Elena e a menina é uma estilista de moda que está sempre com roupas incríveis. Carina sempre abusa da

criatividade, combinando cores e coisas diferentes. Isis parece uma deusa grega de tão bonita, e mesmo que não use muitas cores ou estampas, está sempre linda e sensual.

No Rio de Janeiro, eu consegui me virar já que passava a maior parte do tempo de biquíni, shorts e vestidinhos. Mas era algo mais causal e não uma festa de famosos na Itália. Onde eu fui amarrar meu burro?

Eu estava doida para abril chegar logo, o clima em janeiro estava horrível. Hoje o termômetro marcou menos quatro graus e temia que Gabriel acabasse gripado, ou pior. Miguel havia levado um casaco a mais, mas será que havia levado um cachecol?

Passei o resto do dia preocupada com ele e decidi arrumar a casa enquanto Gabriel dormia. Qual foi a minha surpresa ao descobrir que não havia mais nenhuma garrafa de bebida alcoólica nos armários. Até ontem tinham várias. Será que Miguel bebeu todas? Ele não estaria em pé e bem hoje se houvesse feito. Onde foram parar essas bebidas? Abri a geladeira para ver se ainda tinham algumas latinhas e elas também haviam sumido. O

que estava lá era o bolo e, pelo cheiro e o conhecendo, sabia que era um bolo de D. Henriqueta. Eu precisava seriamente me desculpar com Miguel pelo modo que o tratei.

Dei um pouco de mamá para Gabriel assim que ele acordou. Era tão estranho e ao mesmo tempo maravilhoso ver ele me olhando com seus belos olhinhos azuis enquanto mamava. Era como se eu fosse o centro do seu universo e eu nunca enjoaria dessa sensação. Percebi que ele estava um pouco quente e enjoado, mas nada grave e a temperatura não estava alarmante, por isso me preocupei em só aumentar o aquecedor e o agasalhar mais. Deus tenha piedade de todos os mendigos da rua.

Quando volto à sala, eu paro e quase deixo Gabriel adormecido cair dos meus braços. Não queria que ele ficasse sozinho no quarto, estava com medo que a sua alteração se transformasse em febre, por isso decidi levá-lo comigo para a sala para vermos séries. No entanto, nada me preparou para essa visão. Miguel estava sentado, todo esparramado no sofá e só com uma cueca do super-

homem, comendo bolo de chocolate de maneira quase indecente, com o seu tanquinho bem marcado, provando que ele foi para a academia antes de voltar para casa.

— Ah, oi. Pensei que você estava deitada. — Ele diz sem se mexer. — Ia colocar um filme para ver agora. Topa?

Eu concordo e coloco Gabriel deitado no sofá, antes de me sentar ao seu lado. Não consigo disfarçar e Miguel me flagra olhando para seu abdômen, que fica mais comprimido.

— Desculpe, estou te incomodando? Cheguei com o sangue quente da academia e o apartamento está o maior calor, nem parece que está com menos dois graus lá fora.

— Não. — Limpo a garganta. — Pode ficar a vontade. Bela cueca.

Ele sorri jocoso, daquele jeito charmoso, que sabe que seu sorriso é bonito.

— Senta aí. Vamos ver *The Hundred*?

Me joguei no sofá de qualquer jeito. Com Miguel eu sempre me sinto a vontade, mesmo com esse clima estranho que estamos. Metade do

episódio passa e eu sinto fome, meu estômago ronca alto e Miguel ri.

— Tem bolo de ontem, quer?

— Quero.

Ele se levanta e caminha calmamente até a cozinha, coçando a bunda no caminho. Eu rio baixo, balançando a cabeça. Novamente imagino como seria a vida com Miguel, eu provavelmente nunca estaria triste e, mesmo quando brigássemos, ele me faria rir por algum motivo.

— Aqui! — Ele me entrega um prato com uma grande fatia e com dois garfos enfiados. Amava que ele sempre colocava as sobremesas num único prato para comermos juntos. — Você nem pausou. — Resmunga, mas continua a olhar a TV.

— Está uma delícia! — Falo assim que engulo a primeira garfada.

— Está mesmo, levei uma fatia para o trabalho e não deu tempo nem de tomar minha coca, num segundo eu acabei com tudo.

Eu rio.

— Vou te dar um buquê de chocolates.

Ele se vira para mim com um sorriso largo.

— Seria meu sonho!

Nós voltamos a ver o episódio e quando acaba eu o olho.

— O que houve com o seu braço? — Pergunto, finalmente reparando o pequeno curativo em seu ombro.

Ele dá de ombros.

— Tomei um tiro de raspão, nada sério.

— Nada sério? — Me desespero e, antes que eu perceba o que estou fazendo, subo em seu colo para olhar o ferimento mais de perto. — Quem está fazendo a limpeza?

— Carina e Isis, mas agora que elas viajaram eu vou pedir a alguém disponível lá no Ponto Abaixo de Zero.

— Claro que não. Deixa que eu faço.

Ele sorri de lado.

— De algum jeito, eu sabia que você ia oferecer, por isso...

Ele se inclina para pegar algo ao lado do sofá, o que faz seu peito nu raspar nos meus seios e

eu mal consigo conter um suspiro de apreciação.

— Aqui. — Ele balança uma caixa de primeiros socorros como se fosse um prêmio. — Pode trocar agora? Eu tomei banho, mas nem mexi nele.

Eu aceno ainda um pouco trêmula pela nossa posição, mas ele parece normal, até olha a TV. Retiro o curativo vendo que o machucado está avermelhado e irritado, mas nada muito grave, *eu acho*. Quero perguntar o que houve, mas não quero tomar um fora.

Quando termino, levanto a cabeça só para vê-lo me olhando de um modo tão intenso que eu ofego.

— Acabou?

Eu aceno sem conseguir dizer nada. Ele me pega pela cintura e me coloca ao seu lado, me surpreendo. Num segundo penso que nessa viagem Miguel possa ter encontrado alguém mais de boas com os seus medos e que só enxergasse o que ele queria mostrar. Perco esse raciocínio quando, sem pudor nenhum, ele ajeita o visível pau duro antes de continuar a ver a série. Vai ser assim agora? *Foi você que decidiu isso, agora aguenta*, meu

subconsciente diz.

Durante os próximos vinte minutos, eu fico quieta ao lado de Miguel, só curtindo a sua companhia até que me lembro de algo que Theo disse no Ano Novo.

— Miguel? — Me viro para ele, que olha para a TV e para mim, já que estava no meio de uma cena de ação.

— Oi? Não pode esperar um pouquinho?

Eu pego o controle e pauso a TV.

— O que é o Esquadrão da Morte?

Ele engole seco e me olha com os olhos arregalados.

— Onde você ouviu isso? — Ele parece quase frenético.

— Miguel, me conta o que é. É por isso que você usa essa máscara e finge que está tudo sempre bem?

Ele se levanta num pulo e eu faço o mesmo, já esperando ele explodir como faz tantas vezes fez,

mas, em vez disso, ele passa a mão pelo rosto e cabelo.

— Já falei tanto disso hoje, Mila, que não quero falar mais. Não hoje.

— Já falou? Com quem?

Ele finalmente me olha.

— Com uma psicóloga. Quando disse que ia mudar, não estava mentindo. Não vou mudar por você ou por Gabe, mas por mim. Eu não quero mais ser assim. — Sua voz falha e eu o abraço apertado.

Quando minhas pernas começam a cansar, eu o puxo para o chão e continuo abraçada a ele. Será que as coisas finalmente irão mudar?

CAPÍTULO 21

MIGUEL

No meio da noite, acordo com o choro de Gabe e percebo que ainda estou no chão, com Mila enrolada em meus braços. Estou todo quebrado, tanto da viagem e piorou agora, mas eu não trocaria esse momento por nada. Coloco Mila na cama e meias nela antes de cobri-la e correr para o quarto de Gabe.

— Oi, carinha. Papai estava com saudade. Que tal dormir comigo?

O pego em meus braços e o carrego até minha cama e coloco travesseiros no chão antes de me deitar ao seu lado, com meu braço sobre a sua barriga, para evitar que ele rolasse.

— Eu te amo, Gabriel. Me desculpe por não ser o pai perfeito, mas eu juro que vou melhorar. Eu te prometo isso.

Depois de ajeitá-lo direitinho na cama, eu contemplo o silêncio e penso no dia de hoje, mais cedo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei cedo hoje e, mesmo sendo domingo, decidi dar uma olhada no trabalho já que estive fora tanto tempo e essa responsabilidade deve ter ido para os caras. Entretanto, não conseguia me concentrar pensando em tudo que perdi por medo do desconhecido, medo do novo.

Scarlett me ligou parecendo pressentir como eu estava me sentindo, me chamou para um café e lá eu desabafei com ela. Era estranho falar como eu me sentia para uma pessoa estranha, mas ela passou pelo mesmo que eu e não estava ligada a mim como as meninas.

— Você precisa de uma ajuda profissional para rever tudo, eu poderia falar, mas não sou paga para isso. — Eu balanço a cabeça com as suas palavras, que me arrancaram um riso. — Mas eu posso te apresentar a minha psicóloga, ela é show. Está até famosa.

Nós nos levantamos e, enquanto caminhávamos pelas ruas frias, Scarlett me cutucou com o seu cotovelo.

— Você vai fica bem, não é o pior dos casos. Basta começar a criar pontas e virar um quadrado, em vez de uma bola de piscina.

PERIGOSAS ACHERON

Eu ri e a empurrei de volta.

— Estou feliz que você está aqui, Scarlett. Você parece mais *você* desde que nos vimos.

— Ainda estou descobrindo isso, mas logo eu chego lá.

Depois de nos apresentar, ela se senta confortável no sofá e pega um tablet.

— Vai me esperar? — Pergunto surpreso.

Ela rola os olhos.

— Sim, depois podemos sair para almoçar. O que acha?

Eu tinha marcado de almoçar com Mila, mas Scarlett está me ajudando e eu gosto da sua companhia. Ela com certeza não aceitaria almoçar lá em casa, não agora.

— Acho ótimo.

A sala era arejada e aconchegante. A recepcionista saiu assim que a psicóloga assinou o meu contrato de sigilo. Olhei para todos os lados antes de focar na psicóloga. Natasha era um espetáculo de mulher, com longos cabelos

castanhos e olhos marcados por longos cílios, os lábios cheios e avermelhados, mas de aparência natural. Esse era um consultório renomado de Gracie Hyston, a psicóloga dos famosos. Ela já era uma senhora de setenta e poucos anos, mas ainda via matérias dela. Eu fiquei surpreso por não ser atendido por ela e sim por uma mulher que não aparentava ser mais velha do que eu.

— Olá, eu sou Doutora Foster, mas você pode me chamar de Doutora Nat. — Ela apontou para o longo sofá a frente da sua poltrona e eu me sentei o mais confortável que podia, mesmo estando tenso.

Já estive em diversos psicólogos no Esquadrão, porém nós não falávamos muito de sentimentos, já que os dados eram passados para os superiores que queriam saber o que pensávamos para nos controlar.

— Ah, oi, eu sou Miguel. Eu só não esperava que você fosse tão jovem e bonita.

Ela sorriu e eu agradeci mentalmente por ela não ter ficado ofendida. Nunca, jamais eu desrespeitaria alguém sobre o seu trabalho, baseado na aparência ou gênero.

— Eu escuto muito isso. Me formei em julho do ano passado em Harvard. — Ela aponta para trás onde eu vejo diversos diplomas, inclusive de doutorado. — Sempre pareci mais nova do que realmente sou. — Dá de ombros. — Mas, vamos falar de você. Scarlett é sua amiga, né?

Começamos a conversar sobre amenidades e antes que eu notasse, já tinha falado de Gabriel, Ester, Mila, as meninas e seus homens, sem entrar em detalhes sobre a máfia.

— Realmente eu concordo com você sobre ter se sentido sozinho, por ter feito tantos planos e ter perdido tudo tão cedo junto com Ester. Você queria o que via a sua volta e não tinha. — Ela observa. — O que você acha que foi a gota d'água, que te impulsionou a essa decisão tão extrema e achar que está apaixonado num só olhar e querer construir uma vida inteira sem nem conhecer direito a pessoa, só pelo medo de ficar sozinho?

Eu parei. Cara essa foi uma pergunta forte e eu tive que respirar e nem foi preciso pensar muito.

— Quando Carina se acidentou e voltou para casa de Jace, eu sabia que era só questão de tempo até que eles ficassem juntos. Então Ester

apareceu, ela era tudo que eu queria numa menina, era doce, gentil e determinada. — Minha voz embarga ao falar dela.

— Só que ela tinha outras prioridades, não é mesmo?

Eu assenti.

— Quando você enxergou que ela não estava tão feliz com você e era só um relacionamento que, para ambos, era algo mais por conveniência e medo da solidão?

— Quando Ester me contou que estava grávida. As coisas que ela me disse... — Eu engulo seco e Natasha prontamente me entrega um lenço onde eu seco as lágrimas quase caindo dos meus olhos. — Eu nunca vou me esquecer.

— Mas, você aprendeu a conviver com as palavras sem que elas ditem quem você é?

Eu começo a acenar, mas então paro. Depois de tudo o que Ester disse, relembrei de toda a minha infância, de todas as vezes que fui colocado como um nada dentro de casa, criado por babá atrás de babá. Sempre que eu começava a gostar de uma, era substituída. Era assim que meus

pais faziam, acho que nunca foram felizes por ter tido um filho tão novos, que conquistou o amor dos avós.

Nós conversamos sobre isso então chegamos a minha infância:

— Conte-me um pouco dela, Miguel?

Eu contei por alto sobre o esquadrão, pois havia assinado um contrato na recepção, que ela o assinou assim que entrei na sala, antes mesmo de comerçamos, então eu podia falar abertamente. Ela não se mostrou surpresa, uma vez que Scarlett, como sua paciente, devia ter falado. Conforme eu ia falando, percebi que não conseguiria falar por alto, não com ela. Natasha tinha algo nela que me fazia me abrir. Ela tentou esconder, mas vi lágrimas nos seus olhos enquanto eu narrava a minha vida fodida. Não contei das missões, algumas eram demais até para mim e ela não precisava desse fardo em sua vida, embora fosse esse seu trabalho, me ouvir.

— Miguel, você passou por tanta coisa. Você é um herói. O que você fez para dar uma vida mais feliz as suas amigas, não são muitos que o fariam. — Ela sorriu para mim. — O que você acha

de descobrirmos o verdadeiro, Miguel?

— Seria ótimo.

Antes de ir embora, ela fala que em poucos dias quer outra sessão comigo, para nos aprofundarmos mais alguns assuntos e eu aceno. Gostei de vir, mas do que achei ser possível.

Agora, acordo na manhã seguinte vendo uma mensagem de Elena, dizendo que virá me buscar se eu não for para Sicilia junto com Gabe e Mila. Em seguida, vejo uma mensagem de Scarlett perguntando se eu tinha algo para fazer hoje. Respondi as duas que ia ver e que depois dava a resposta. Acordei mais animado e decidi fazer panquecas. Hoje falaria com Mila a respeito da nossa viagem, porém, faria isso com calma.

Meu celular tocou e eu vi que era vô Raffaelo me ligando. Ele não tinha viajado com o resto do pessoal, ficando para dar suporte e comandar as empresas, dar mais tempo para Dominic e Jace.

— Fala aí, coroa.

Ele riu suavemente no outro lado da linha.

— Que tal se você trouxer Gabe para mim mais tarde, dar um tempinho nas obrigações e ter um tempo com sua garota?

Eu me inclinei no balcão.

— Quem me dera fosse fácil assim. Ela não quer nada comigo.

Vô Raffaelo riu.

— Eu vi o jeito que ela te olha, esse olhar não desaparece rápido assim.

— Ela está de caso com o primo mala da Isis.

— É, eu vi os dois juntos no Ano Novo. Conversaram a noite toda. O que você vai fazer sobre isso?

Me enervou saber que ela passou o Ano Novo com ele enquanto eu estava sendo perseguido, e em seguida tomei um tiro. Mas, foram as minhas escolhas.

— Ok. Eu te mando o moleque mais tarde.

— Não vá fazer merda, Miguel. Não tenho mais idade pra ficar ajudando marmanjo.

Antes que eu respondesse, ele desligou. Não

negava que era avô de Dominic, essa família toda tinha algum problema sério de personalidade. Termino de fazer as panquecas assobiando e é quando Mila aparece com os cabelos para o alto e uma baba seca na boca. Nos braços ela tem Gabriel, que está se contorcendo para ir pro chão.

— Bom dia. — Ela murmura o colando no chão. — Passa o olho nele pra mim enquanto eu me ajeito?

Eu aceno e ela sai, ainda meio adormecida.

— É carinha, isso que dá você acordar várias vezes durante a noite. — Finjo brigar com ele.

Ele me olhou sério por um momento antes de abrir um sorriso cheio de dentes. Seu sorriso me lembrou o de Ester e, pela primeira vez, ao pensar nela eu não senti meu coração despedaçado ou vontade de beber até que aquele sentimento passasse.

Mila voltou pouco depois parecendo gente. Ela estava com um casaco grosso de frio, pois hoje estava um pouco melhor que ontem, mas ainda assim frio. Segundo os meteorologistas, a temperatura subiria até de noite, podendo chegar

até doze graus. Amém. Ela se sentou prendendo seus cabelos em um coque alto. Eu amava o cabelo rebelde dela.

— Bom dia. Café ou chá?

Ela sorriu.

— Queria um chocolate quente, senhor. — Brincou, forçando um sotaque mais forte.

— É pra já, minha cara. — Forcei um também, arrancando riso dela.

Comecei a pegar as coisas para fazer o chocolate quente e Mila me olhou surpresa.

— Você vai fazer mesmo?

— Claro.

Ela olhou todos os meus passos enquanto eu preparava. No final, eu procurei *marshmellos*, mas não achei nenhum.

— Bem, minha cara, nós não temos *marshmellos*. Mas, você aceita chantili?

— Grata.

Fiz uma montanha de chantili nos nossos copos e me sentei, admirando ela tomando. Mila tinha um sorriso enorme e uma fina barba de

chantili.

— Nossa, isso está incrível. Quem fazia muito chocolate quente para mim é Matt, principalmente quando eu estava triste ou de TPM.

— Ficando comigo você vai ter muito chocolate e Miguel. — Brinquei e aproveitei a expressão parada de Mila para passar o dedo pelo seu bigode de chantili e lamber lentamente. Mila parou o copo a caminho da boca para me admirar.

Ela, para disfarçar, se virou para Gabe, cortou um pedaço da panqueca e lhe deu. Em seguida, deu a ele um pouquinho do chantili. Nós terminamos de comer e depois de deixar tudo limpo, fui para meu quarto fazer a minha mala. Depois do almoço, ficamos brincando com Gabe até o final da tarde.

Decidi conversar com Mila sobre a viagem, mas parei assim que a ouvi ao telefone.

— Eu gostei muito de ontem a noite, Theo. Espero que possamos repetir com mais calma. Gosto muito de conversar com você... Eu sei...

Ela parou quando me viu.

— Eu preciso desligar, até mais.

— Vai sair com ele? De novo? — Perguntei, incapaz de controlar o ciúme da minha voz.

Mila franziu as sobrancelhas.

— O quê? E se for, o que você tem haver com isso? Nós não somos nada!

— Você chama a gente de nada? E eu achando que tínhamos algo. — Minha voz pingava ironia e a raiva que eu estava sentindo nesse momento. E mais do que isso, eu me sentia traído.

Mila suspirou cansada.

— Nós tínhamos até você estragar tudo.

— Eu estou tentando melhorar. Não quero mais ter medo, mas não é algo que vai mudar da noite para o dia, Mila. Se você não me aceita assim e não quer me esperar até eu estar bem, então quem perde é você.

Me abaixo para pegar Gabriel nos braços e, depois de vestir outro casaco nele e colocar suas botas, eu caminho até a porta.

— Para onde você vai com ele? — Ela pergunta com a voz fraca.

— Vô Raffaelo quer ficar com ele hoje.

Aproveite o dia, Mila. Saia com Theo e o use como estepe, é o que você faz melhor.

Nunca vou me acostumar com o tamanho da casa de vô Raffaelo. Além de ser gigante, ainda tinha um ar de riqueza que só de entrar você tinha duas reações: ou se sentir muito rico e fino por estar naquele lugar, ou se sentir pobre e falido depois de ver toda a riqueza a sua volta.

Vô Raffaelo estava na sua sala com a televisão desligada, olhando para uma foto de sua falecida esposa com tristeza.

— E aí, coroa?

Ele olhou para mim e sorriu de leve.

— Antes que você perceba, será você o *coroa*.

Coloco Gabe no chão, retiro o seu casaco de sair e ele corre para os brinquedos que vô Raffaelo havia separado para ele no chão. Me sento ao lado dele no sofá.

— Ela era uma gata. — Ele sorri nostálgico.

— Claro que sim. Era meu anjo. Quando eu achei que minha vida estava destinada a escuridão, ela me mostrou a luz. Sou eternamente grato por ter passado os melhores momentos da minha vida ao seu lado.

— Mas você não se sente triste por ela não ter vivido mais?

Ele me olha.

— Você escolheria conhecer um amor que vai durar eternamente e vivê-lo intensamente, mesmo que dure pouco carnalmente, ou nunca conhecê-lo e viver muito?

Eu não soube o que responder.

— Passei trinta e seis anos ao lado do amor da minha vida e minhas memórias vão durar até eu dar o meu último suspiro. Não sei se vou para o céu, mas espero encontrá-la depois dessa vida.

Eu sequei meus olhos, emocionado com suas palavras. Quem olha a casca do que vô Raffaelo quer mostrar, não verá o homem sensível que ele é por baixo de tudo.

Ele bate nas minhas costas.

— Não deixe o tempo passar, Miguel. Ele

passa depressa demais e não volta. O que sobra são apenas lembranças. Corra atrás do que você quer antes que seja tarde demais.

Volto para casa quando já é noite e Mila está sentada no sofá.

— Miguel, precisamos conversar. — Ela se levanta assim que me vê entrando em casa.

— Agora não, Mila. Estou de cabeça quente e vou acabar me arrependendo se conversamos agora. Preciso sair e distrair a cabeça, só por hoje.

Subo as escadas e tomo um banho rápido, vestindo uma nova roupa e me perfumando. Mando mensagem para Scarlett perguntando se ela topa ir pro Abaixo de Zero comigo e ela responde que me encontrará lá. Ela devia estar tão desesperada para sair quanto eu estava. Desço as escadas com as chaves em mão.

Mila suspira quando me vê.

— Miguel, as coisas não podem simplesmente ficar assim nesse clima estranho.

— Mais tarde conversamos, só preciso esfriar a cabeça um pouco.

Ela acena, tristemente.

— Saia também, vai ser bom pra você. — Eu digo e só espero que ela não vá se encontrar com Theo.

Chego ao Abaixo de Zero e, como de costume, ele está cheio, apesar de ser segunda feira. A maioria das pessoas são jovens que ainda estão em férias aproveitando. Prefiro ficar no bar, fora da área vip, pelo menos por agora. Quero relembrar os velhos tempos que eu me jogava na farra sem medo ou anseio. Começo a dançar, pisco para uma morena, mas não sinto nenhum tesão por ela. Mila definitivamente tatuou o meu cérebro com a sua imagem. Depois de ficar mais meia hora na pista, eu percebo que não era tão divertido como costumava ser e acho que é porque são as pessoas que fazem o momento e não ao contrário.

Começo a me afastar quando avisto Scarlett, ela caminha em minha direção com uma bebida na mão. Ela ainda está com os cabelos castanhos e longos, seus olhos estão com sombra bem escura, usa couro e batom vermelho. Ela estava matadora.

— Uau, sabia que você estava caidinha por mim. — Brinco e ela rola os olhos.

— Na verdade, é mais um disfarce para quando eu mudar as pessoas não me reconhecerem.

Eu a puxo para uma mesa e me sento.

— Quando sua missão começa?

— Daqui a uma semana, amanhã já estou indo pintar os cabelos e tirar o *megahair*.

Eu ofego fingidamente.

— Sabia que todo esse cabelo não era seu.

Ela ri e bate no meu ombro.

— É pra dar mais volume e ficar mais longo, parece que homens gostam mais de meninas de cabelos longos e cheios. — Ela rola os olhos, em seguida toma um gole de sua bebida, com uma leve sensualidade.

No esquadrão, apesar de todas as coisas ruins, ensinou as mulheres a serem mais duras, acreditarem em si mesmas e serem autossuficientes. Elas sabiam que por fora as pessoas viam só a sensualidade e usavam isso como arma, seja para obter informações, como para ser uma forma de surpresa quando elas mostrassem a força bruta.

— Hey, você mantém contato com os outros?

Ela acena, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Sim, com a maioria. Eu sempre que posso peço um relatório geral de como vão todos, mas do meu ano eu sei que todos estão firmes em suas áreas. E você?

— Também mantenho o olho, principalmente nos mais jovens. Alguns estão tão perdidos depois de tudo. Não é fácil aguentar a barra.

Os olhos de Scarlett ficam sem vida por um momento, relembrando do passado, antes dela esconder sua reação tomando um gole da sua bebida. Sei que, com certeza, ela tem suas feridas, assim como todos nós. Mas, será que elas eram tão fundas e por isso as escondia?

— Adoro essa música. Vamos dançar!

Eu termino de beber a minha água e deixo Scarlett me puxar para a pista de dança. Um remix de Sia, The Greatest, está tocando e eu só consigo pensar em Mila.

Scarlett está na minha frente rindo e dançando, eu começo a me soltar quando vejo um

flash de cabelos vermelhos. Mila? Começo a procurar e não tardo a achar olhos castanhos olhando para mim zangadamente. Meus olhos vão para a sua volta, para ver com quem ela está e eu paro ao ver que é Theo. Ela seriamente, depois de termos conversado, resolveu sair com ele?

A mão de Scarlett vai para o meu peito, alheia ao que está acontecendo. Ela está dançando com os olhos fechados e se apoia em mim para não cair, acredito eu, depois de ela ter bebido tanto. Mila cerra os olhos e antes que eu pudesse sequer chegar até ela, infantilmente puxa Theo para um beijo.

Uma raiva fora do comum me cerca. Eu quero matar o cara, mas em vez disso eu decido retribuir da mesma moeda. Pego Scarlett e a puxo para mim, para um beijo bem exibicionista para Mila se sentir como eu me sinto. Scarlett demora uns segundos para reagir, então aceita o meu beijo. A puxo para mim e abro os olhos, vendo Mila me olhar como os olhos cheios de lágrimas, antes de sair acompanhada de Theo, que me olha sem entender, claramente tão confuso quanto eu estava por ela o beijar.

— Uau. Não é que o menino Miguel tem uma pegada. — Scarlett brinca, mordendo o lábio. — Agora é sério, por que do beijo? Você nem está bêbado e está apaixonado pela sua babá.

— Ela estava aqui, com outro, o beijando.

Scarlett abre a boca e olha em volta.

— Essa safada merece umas porradas. Você sofrendo e ela catando caras em boate?

Prefiro não dizer que o cara era o seu futuro chefe, isso a deixaria nervosa e ela não tem o que se preocupar, já que está bem diferente, além de estar escuro e ele ter a visto de longe.

— Eu ia te oferecer uma bebida, mas vamos deixá-lo sóbrio.

Eu sorrio e a puxo para um abraço.

— Obrigada por estar aqui.

Nesse momento, eu não senti falta de Isis e Carina como costumava sentir quando acontecia algo comigo. Eu tinha que parar de querer colocá-las sempre em todas as minhas coisas como se elas fossem às salvadoras de todos os meus problemas, quando na verdade eu deveria assumir as minhas responsabilidades.

Fico mais um pouco na boate antes de levar Scarlett em casa. Entro com ela em seu apartamento e faço um café enquanto ela toma um banho.

— Você é um bom amigo, Miguel. Eu gosto deste Miguel.

Eu bufo desfazendo do seu elogio, mas acabo sorrindo.

Quando paro para abrir a porta do meu apartamento, pergunto a Romeo, um dos meus homens, se Mila já chegou.

— Sim, e ela estava chorando. — Ele diz e aceno. Abro a porta, mas paro quando o ouço falar:

— Pegue leve com a menina, ela estava arrasada.

Eu o olho e, por fim, entro e fecho a porta. Ao entrar, me deparo com Mila sentada no sofá, sua maquiagem está escorrida e seus cabelos presos de qualquer jeito.

— Miguel, precisamos conversar...

— Agora, Mila? Você estava na porra da boate beijando outro cara. Como você quer que eu me sinta? — Esbravejo, sem conseguir me

controlar.

— Você acha que eu quero isso? Você acha que eu quero te querer? Quero estar apaixonada por você? Seria tão mais fácil se eu gostasse do Theo...

Eu só a olho. Sei que se eu falar algo agora acaberemos discutindo, sem falar que ela está bêbada, e eu não sou forte para lidar com isso sem ter uma recaída.

— Amanhã, depois do café estou indo para Sicilia e a escolha é sua se vai ou não. Pelo menos isso você pode escolher, não é?

Subo as escadas com pressa e me jogo na cama, olhando o teto. Ela disse que está apaixonada por mim, mas não quer. Grande sorte para escolher mulheres. Será que Mila seria como Ester? Será que eu valho a pena ser amado?

CAPÍTULO 22

MILA

Acordar depois de uma noite de bebedeira é um trabalho duro, mas acordar depois de uma bebedeira seguido de choradeira é pior ainda. Meu nariz está entupido, meus olhos ardem e uma dor de cabeça intensa me assombra. Porém, nada disso é pior do que se lembrar de ver Miguel beijando outra mulher.

Levanto a muito custo, me olho no espelho e me arrependo assim que o faço. É, eu estou pior do que pensava. Sem ter muito que fazer, eu lavo meus cabelos que fedem fortemente a fumaça. Quando termino meu banho, faço a minha mala, colocando algumas das minhas melhores roupas, mas com certeza Elena me olharia dos pés a cabeça e saberia exatamente quanto que gastei. Espero que ela seja tão boa como as outras meninas, pois eu não engulo sapo de ninguém. Não sou obrigada.

Arrasto minha mala para sala, colocando-a ao lado da de Miguel. Escuto o risinho

característico de Gabriel e sorrio, caminhando até a cozinha. Quando me vê, o menino grita animado. Miguel mal me olha, só coloca Gabe no chão e toma seu café. Gabe corre até mim e eu beijo suas bochechas gordinhas.

— Vamos sair em uma hora. — Ele diz seco e eu aceno. — Separe tudo que você precisa numa bolsa, o voo é longo, mais de doze horas.

Eu aceno mais uma vez e vou para o meu quarto pegar uma coberta fina, uma roupa a mais para usar caso precise e faço uma nota mental de pararmos no mercado para comprarmos algo. Ligo para Matt e Emy, que já esperavam por isso e eles me pedem fotos e lembrancinhas.

— Não se casem até eu voltar. — Brinco antes de desligar, ouvindo-os resmungarem em resposta.

Vou arrumar as malas de Gabriel, quando vejo que Miguel já o fez.

— Miguel, você colocou casacos de frio?

— Sim, é inverno lá também, mas as meninas me disseram que o tempo está bom e que até conseguiram ficar na piscina. Comparado ao

tempo daqui, lá é verão.

Eu aceno, mas mesmo assim vou conferir a mala de Gabe. Sei que Miguel tem dinheiro para comprar qualquer coisa que falte, mas, por que gastar se já tem? Completo a mala dele e coloco um vestido na minha.

Solto um espirro e percebo que meu cabelo ainda está molhado, e quando abro a boca para perguntar se tem tempo para eu secar, Miguel avisa secamente que estamos saindo. Coloco outro casaco em Gabe e vou para a porta do prédio, esperando Miguel e os seus seguranças colocarem nossas malas no porta-malas. Assim que saio do prédio para entrar no carro, um espirro me vem e, estou com tanto frio, que meu queixo começa a bater. Rapidamente entro no carro e fecho a porta, sentindo o aquecedor do carro regulando um pouco a minha temperatura.

— Que irresponsável que você é Mila! Como sai assim, com o cabelo molhado nesse tempo?

Eu fico quieta, deixando ele falar e reclamar. Suspiro e tiro uma selfie com Gabe que ri para a câmera e Miguel sai atrás ainda falando.

Mando a foto para o meu grupo com Matt e Emy com várias carinhas revirando os olhos e, em seguida, posto no Instaram porque gostei da carinha que Gabe fez. E então coloco Gabe na sua cadeirinha e ajeito meu sinto de segurança.

— Você está me escutando? — Miguel pergunta quando o carro começa a andar.

Eu o olho e suspiro.

— Sim, Miguel. Sinto muito que deixei *meus* cabelos molhados.

— Você está sendo irônica? — Ele pergunta descrente.

— Sim, e peça para pararmos no mercado porque a viagem é longa e precisamos de lanches.

Ele cruza os braços e olha para a janela.

— Lá servirá as refeições e *lanches*.

Eu cruzo os meus também.

— Eu quero comprar umas coisas. Posso?

— Não aguento mulher de TPM. — Murmura, mas eu posso ouvir.

O motorista para em um mercado e eu me apresso em comprar aquilo que preciso. Espirrando

por todo caminho, quase posso ouvir Miguel reclamando. Compro alguns doces, um remédio para gripe e quatro copos de café fumegantes. Vou tomando o meu enquanto eu faço as compras.

O outro segurança, o carona, sai do carro e abre a porta pra mim.

— Aqui, um pra você e pro Romeo. Não sei seu nome ainda. — Falo e ele me olha um pouco surpreso.

— Obrigado. Sou Brendon, senhora.

— Só Mila. — Eu sorrio de volta e ele pega dois copos antes de fechar a porta para mim quando entro.

— Cuidado, caras. Antes que vocês percebam, ela já estará beijando outro. — Miguel diz ácido e pega o seu copo de café.

— Já te falaram que só seu corpo cresceu, mas a sua mente ainda é de criança? — Rebato, magoada com suas palavras.

— Sim, principalmente quando estou sozinho. Meu corpo cresce ainda mais quando estou acompanhado, porém isso você já viu.

Eu solto uma respiração profunda e puxo o

copo de café das mãos dele.

— Você não merece esse café. — Digo e jogo o café no lixo.

Ficamos em silêncio até chegarmos à pista. Novamente eu espirro e Miguel passa a mão pelos cabelos.

— Porra, Mila. Você precisa ter mais juízo.

Ele me puxa até que estamos dentro do seu jatinho.

— Nem consegui me despedir de Romeo e Brendon, Miguel!

— Depois você recompensa eles com um beijo.

Eu mordo a minha bochecha e escolho um lugar distante dele. Gabe está comigo e assim ficará, duvido Miguel ser besta e tirá-lo de mim. Estou com tanta raiva que sou capaz de cometer uma loucura. Fecho os olhos quando o avião começa a decolar e suspiro aliviada quando ele sobe. Pego um livro na minha bolsa e leio, pois o que tenho aqui é tempo para passar. Miguel levanta de sua cadeira e começa a fazer caminho para Gabe, mas, quando vê a minha cara, desvia direto

para o banheiro.

— Babaca. — Murmuro.

Olho ao redor e só então reparo que há dois seguranças no voo. Até aqui eles precisam estar? Miguel não se sente seguro nem dentro de um avião?

Como Miguel havia dito, o voo era longo e cansativo. Quando finalmente chegamos à casa que ficaríamos, já passava da meia noite, cerca de sete horas da manhã pelo horário de Boston. Precisei dar de *mamá* para Gabriel enquanto ainda estávamos no carro o que deixou Miguel agitado, quase arrancando os olhos do motorista, que nem se atreveu a olhar para trás.

— Não podia ter esperado até estarmos no quarto?

Eu o olhei enquanto o motorista colocava a senha no portão que dava para a imensa propriedade. Vô Raffaelo continuou em silêncio, mas eu podia imaginar que ele estava dando aquele sorrisinho que só os Raffaelo eram capazes de dar, pequeno, mas cheio de humor.

— Não ia deixar meu menino com fome!

Miguel não respondeu e se limitou a apenas suspirar resignado. Eu o ignorei, acariciando os cabelos de Gabe, que dormia pacificamente.

— Pare de drama, Miguel. Não é como se ela tivesse se mostrando. — Vô Raffaelo finalmente falou, sua voz demonstrando o cansaço da viagem, mas ainda assim firme.

Miguel cruzou os braços e olhou para a janela. Quando finalmente o carro parou em frente a casa e pudemos sair, eu respirei fundo sentindo o ar puro e diferente. Minhas costas doíam e eu estava doida para ir ao banheiro fazer xixi e dormir um pouco mais. Pelo menos algumas horas numa cama de verdade.

A porta da frente foi aberta e eu não pude evitar ofegar ao ver um grande cara. Ele era um Raffaelo, isso eu tinha certeza absoluta. Tinha altura, ombros largos e músculos marcados, sem falar do formato do rosto parecido e os incríveis cabelos negros. A única coisa que eu achei diferente eram seus olhos verdes esmeralda. Ele era Damien, irmão de Dominic e esposo de Elena. Eu havia visto algumas fotos dele junto de Elena no Instagram e, cara, ele parecia ainda mais bonito

pessoalmente.

— Fico feliz que chegaram. — Ele disse com a sua voz firme, num inglês perfeito. — Como foi o voo?

— Meu filho, vou te dizer uma coisa, nunca é normal com esses dois. — Vô Raffaelo disse, abraçando seu neto antes de entrar. — Mas preciso descansar um pouco, toda a tensão deles me deixou acabado.

Minhas bochechas coraram fortemente enquanto o velho senhor desaparecia dentro da casa. Damien primeiro olhou para Miguel, franzindo a testa, seu olhar foi para os cabelos brancos dele e Damien franziu ainda mais antes de ficar sem expressão.

— Bonito cabelo. — Sua voz não passava nada, mas eu pude perceber que estava sendo irônico. Apesar de ter gostado do cabelo de Miguel, eu soltei uma risadinha. Nunca era cedo demais para zoar os amigos.

O olhar de Damien veio para mim, ele me olhou sem demonstrar nada, antes de olhar para Gabe dormindo nos meus braços e sorrir de leve.

— Ele cresceu mais. — Se aproximando, ele pegou o bebê de mim. — Você deve estar cansada. Minha bambina também fica ao segurar nossa menina por muito tempo. É um prazer ter você conosco.

— Eu estou feliz por ter vindo. — Consegui dizer as palavras sem gaguejar ou me perder dentro dos seus olhos verdes intensos.

— Se já terminaram com o flerte, quero esticar as canelas antes que o café da manhã chegue. Estão todos dormindo? — Miguel perguntou, pegando a minha mala e a dele do chão.

Eu rapidamente me aproximei para ajudar, mas um segurança pegou-as primeiro do que eu.

— Não precisa pegar, senhora.

— Ah, obrigada.

— Vamos entrar, ainda temos pouco mais de duas horas até o café da manhã. — Damien disse, nos guiando para dentro da belíssima mansão.

Se eu já achava a casa grande por fora, por dentro parecia ainda maior. Dava para ver que era uma construção antiga, sólida, com uma arquitetura

meio gótica, mas com um toque de atualidade e riqueza que era palpável no ar. Se eu já achava a casa de Dominic gigantesca, essa era ainda maior.

Damien nos guiou pelas escadas e corredores até o quarto em que ficaríamos. Eu estava perdida se Miguel e eu ficaríamos no mesmo quarto ou não. Damien parou na porta de um quarto e abriu a porta, ainda com meu menino nos braços.

— Me dê ele aqui, vou colocá-lo na cama. — Disse baixo, com medo que ele acordasse.

Assim que Damien o me deu, eu beijei a testinha dele e o cheirei antes de entrar no quarto. Damien só acenou com a cabeça antes de sair do quarto. O segurança que tinha trazido nossas malas as colocou junto às outras e saiu em silêncio. Olhei para Miguel que estava tão perdido quanto eu.

— Sinto muito, mais tarde vou falar com Elena para separar um quarto pra mim. Com tudo acontecendo, não falei com ela que não estávamos mais juntos e as meninas também não devem ter comentado.

Eu assenti, achando o máximo que o quarto tivesse um berço só para Gabriel. Isso mostrava o quanto ele era querido. A roupa de cama dele tinha

seu nome bordado em cima de um bonequinho moreno, parecido com ele.

— Elena cuidou dele por um tempo. — Miguel disse quando eu coloquei Gabe no berço e acariciei seus cabelos. Eu o olhei e ele continuou, sem deixar de olhar o bebê. — Eu estava me sentindo perdido, as crianças estavam doentes e Elena na hora se ofereceu para ficar com ele. Acho que todas as meninas em algum momento foram mãe para ele.

— Miguel...

— Mais do que isso, os caras, Dominic, Jace, Damien, e até Vô Raffaelo foram à figura paterna do meu filho. — Sua voz quase não saía. Miguel estava me rasgando por dentro. — Eu fui praticamente órfão a vida toda, jurei a mim mesmo que quando tivesse um filho seria diferente, mas eu o entreguei para outras pessoas cuidarem enquanto me afogava em bebidas e diversão, tentando preencher um vazio que sempre esteve aqui. — Ele bateu em cima do seu coração.

Eu não tinha nenhuma palavra no momento para lhe dizer, então fiz o que gostaria que ele fizesse comigo se tivesse nessa situação. Eu o

abracei. Tão forte quanto podia, deixando-o ver que não estava sozinho. Nada que eu dissesse nesse momento iria melhorar o que ele sentia, provavelmente ele pensaria que eu estou arranjando desculpas para as suas atitudes. Ele precisava sentir para só assim se libertar.

— Eu estou com você.

Depois que o abraço acabou, eu fui para o banheiro fazer xixi e lavar o rosto. Quando voltei pronta para tirar um cochilo, Miguel já não estava mais no quarto. Sem ter muito que fazer e cheia de sono, eu me permitir dormir um pouco, precisava pensar em mim também e Miguel não parecia precisar de mim nesse momento. Ele precisava pensar em tudo para finalmente começar a reagir.

CAPÍTULO 23

MIGUEL

Fiquei deitado na varanda, de frente para a piscina, vendo o sol surgir e o tempo começar a esquentar mais um pouco. Estávamos em pleno inverno aqui na Itália também, mas não tinha nem comparação a Boston. Não sei quanto tempo fiquei pensando na vida. Ver como Damien segurou Gabriel, me fez abrir os olhos para tudo. Eu havia abandonado meu filho.

A cama ao meu lado afundou e eu não precisei olhar para saber que era ela, Elena.

— Olá. — Ela se deitou ao meu lado, se virando para mim.

— Oi, pirralha. — Disse e me virei para ela. Elena estava tão diferente da menina que conheci, estava mais madura, mais mulher.

— Como você está? E nem vem com essa de "tudo de boas". — Ela me imitou.

— Tô na merda. — Fui bem sincero. — Desde que Mila chegou, eu comecei a rever algumas escolhas que fiz e minha cabeça está em parafuso. Estou tão perdido, Elena.

— Ah, Miguel. — Ela disse tristemente, esticou a mão e acariciou meu rosto.

—Tive uma consulta com uma psicóloga antes de vim pra cá e foi bom. Acho que uma hora eu chego lá.

— Sinto muito que você tenha passado por tudo isso. Uma coisa que eu aprendi é que o passado que molda o presente, mas são nossas escolhas e atitudes do presente que moldam o futuro. Pense que tudo que você passou moldará o Miguel de hoje, que será uma nova pessoa e assim moldará o de amanhã. Eu acredito que essa versão sua só tem a melhorar e evoluir.

— Como um Pokémon.

Elena riu.

— Como um Pokémon. — Concordou.

Eu sorri de leve para a minha amiga.

— Agora me conte de Mila. Damien falou que ela é muito bonita pessoalmente. — Ela disse e

eu levantei as minhas sobrancelhas surpreso. — É, eu também fiquei assim. Não é do feitio dele ficar falando de outras mulheres. Sabe o que ele disse?

Eu neguei com a cabeça.

— Que Mila parecia bonita a primeira vista, mas mais ainda quando viu o carinho que ela tinha por Gabriel. Pela primeira vez desde que Gabe nasceu, Damien me disse que estava tranquilo com o menino.

Os olhos de Elena se encheram d'água, mostrando que ela também se sentia assim. Eles não confiavam que eu faria bem ao meu filho. Porra, isso dói, mas o pior de tudo é que é verdade.

— Mila é uma pessoa incrível. — Eu consegui dizer.

— E como ela é com você? — Elena perguntou e em seguida completou. — Porque se ela for uma vadia com você, ela vai se ver comigo.

Eu ri de leve.

— Mila é uma explosão de cores, Elena. Com ela é tudo intenso, ela é sexy, mas também super divertida e amiga. Ela nunca cobra e sempre quer ajudar. Eu brincava que ela era uma versão

feminina e mais gostosa de mim, mas ela é muito mais que isso.

— Uau. Se você não casar com ela, eu tenho uma lista de homens que vão querer. Ela parece ser ótima.

— Sim, mas não estamos juntos.

— Por quê?

— Porque ela não aceita as minhas merdas. Eu fui um canalha com ela.

Elena franziu a testa.

— Bem, se ela não sabe perdoar então não é boa o bastante para você. Em pouco mais de meia hora contigo, eu posso sentir uma diferença incrível em você e se ela não pode, quem perde é ela.

E a mamãe galinha ataca.

— Elena, não é bem assim...

— Nem Elena, nem banana.

— Isso nem rima.

Ela rolou os olhos e bateu palma.

— Vamos para o banheiro, você precisa realmente tirar esse cabelo ressecado e descolorido daí pra ontem.

Eu rio enquanto Elena me arrasta até seu quarto. Damien não está ali, deve estar em seu escritório. Enquanto Elena raspa meus cabelos *ressecados*, eu conto a ela da minha missão o que a deixa puta da vida, me fazendo temer pelas minhas orelhas, e ela me conta de sua vida. Quem diria que estaríamos aqui conversando sobre filhos, quando anos atrás discutíamos por programas de TV e jogos de tabuleiro?

Quando termina, ela me deixa olhar no espelho. Uau. O cabelo raspado rente à raiz, só com o castanho dos fios aparecendo, me deixou quase que irreconhecível, parecendo mais velho.

— Com todo respeito, Miguel, mas se eu não fosse casada e Damien não existisse, eu daria muito em cima de você. — Ela disse com naturalidade, antes de pegar uma navalha. — Vamos ajeitar essa barba?

Eu acenei.

— Onde você aprendeu a cortar o cabelo e fazer barba?

— Damien me deixou treinar nele. Só arranquei um pouco de sangue antes de pegar o jeito. — Ela dá de ombros e eu gelo.

— Você não vai cortar mesmo perto da minha garganta. Vim para me divertir e não pra morrer.

Ela rola os olhos.

— Eu já peguei o jeito, me dê um pouco de confiança. Seu cabelo ficou ótimo, só falta eu dar o detalhe final com a navalha neles.

Por incrível que pareça, ela conseguiu fazer a minha barba sem me matar. Tirou um pouquinho de sangue, mas não foi nada demais. Ela, sem dizer nada, pegou o celular e bateu uma foto minha.

— Olha pra isso e diz que se você não está um gato, que pode conquistar novamente a sua babá.

Eu olhei a foto sem muito interesse.

— Não acho que só um corte de cabelo irá funcionar.

Ela deu de ombros.

— Vocês homens não sabem de nada.

Entre risos, nós descemos as escadas, eu com Francesca nos braços. Ela está tão linda, com os belos olhos verdes do pai, assim como os cabelos escuros que são a marca da família.

Encontro todos na sala rindo e brincando.

— Uau! — Isis exclamou. — Não é que a água do mediterrâneo te deixou mais bonito!

Carina entrou na brincadeira.

— Sim, já tô sentindo uma lágrima cair e não disse por onde.

Jace dá um tapa na bunda dela enquanto todos nós rimos. Olho para Mila que está sentada no sofá com Gabe nos braços e vejo que ela não consegue esconder o quanto gostou do meu novo corte de cabelo.

— E aí, gostou? — Pergunto para ela.

Mila começa a acenar com a cabeça quando Elena diz:

— Se não gostou, tem quem goste.

Sinto minhas bochechas ficarem vermelhas enquanto me viro para ela, que está fuzilando Mila com o olhar. Elena está na sua pose fatal, a olhando dos pés a cabeça. Olho para Mila para me desculpar pelo jeito da minha amiga, mas Mila não se intimida com Elena e também está olhando séria para ela.

— Nossa, estou sentindo *lasers* aqui

passando por toda a sala. — Carina comenta. — Elena pare de ser uma vaca, a Mila é legal.

— Elena é a mamãe galinha protegendo seu pintinho. — Isis murmura divertida. Na mosca.

Olho para os caras em busca de ajuda, mas eles só observam. Dominic parece estar até entediado. Cadê Damien quando se precisa dele?

— Vamos tomar café? Estou cheio de fome.

Entramos na sala de jantar e vô Raffaelo já está lá conversando com Adé, a governanta da casa.

— Vô Raffaelo, cheio de papinho. Primeiro com a minha avó e agora com a Adé. — Isis diz rindo. Vô Raffaelo olha para ela sério, antes de desistir e balançar a cabeça, divertido.

— Para de encará-la. — Murmuro para Elena enquanto caminhamos até nossos lugares.

Elena nem me dá bola. Suspirando, eu me sento ao lado de Mila, que começa a brincar com Francesca que dá vários sorrisos para ela.

— Sua amiga é uma vaca. — Ela murmura para mim. — Eu não fiz nada para ela me tratar assim.

— Elena é muito protetora, Mila.

Ela bufa.

— Você que só faz merda atrás de merda comigo e ela é sua protetora? Graças a Deus eu não preciso de *protetores*.

— Eu...

Não tenho o que dizer, então prefiro ficar quieto. Damien entra no cômodo e se senta ao lado de Elena, franzindo de leve o cenho quando percebe a cara que Elena faz para Mila, que faz questão de ignorá-la.

— Um minuto. — Damien diz de repente, se levantando e levando Elena junto com ele.

O cômodo ficou em silêncio absoluto.

— Bem, pelo menos a comida é gostosa. — Mila anunciou, terminando o seu *brioche* e pegando um biscoito, para logo em seguida tomar um gole do seu *cappuccino*.

— Sabia que aqui na Itália você jamais verá um italiano comendo algo salgado durante o café da manhã? — Vô Raffaelo disse, tentando melhorar o clima estranho.

— Sério?

— Pior que é verdade. Se você for a um bar

e pedir um sanduíche ou *tramezzino* no café da manhã, vão achar insólito. E se você pedir um café ou cappuccino para acompanhar, pior ainda. Corre o risco de te olharem torto. — Carina disse. — Eu já cometi esse erro e me senti um ET.

Mila gargalhou.

— Bom saber para eu não passar vexame.

Elena entrou na sala seguida de Damien, que parecia mais calmo. Elena não voltou a encarar Mila, o que deixou todos mais calmos.

— Então, o que vamos fazer hoje?

— Estava pensando em sair com as meninas, comprar roupas e conversar. — Elena disse. Mila tomou outro gole do seu *cappuccino*. — Ei, Mila, venha conosco. Você precisa conhecer melhor a Sicilia. — Elena ofereceu, parecendo sincera.

Mila não parecia cem por cento segura da real intenção de Elena, mas acenou.

— Claro.

Quando terminamos o café, as meninas foram terminar de se arrumar e eu olhei para Damien.

— O que disse para Elena?

— Que ela não deve se meter tanto nos seus assuntos, que pode acabar atrapalhando em vez de ajudar.

Quando as meninas saíram, Mila só murmurou um tchau para mim, enquanto as outras meninas enchiam seus homens de beijos.

— Ok, eu sei que as coisas entre vocês não estava uma das melhores, mas eu achava que ainda eram amigos. Mila mal olha pra você. — Jace disse e completa. — Pelo o que vô Raffaelo disse, durante todo o voo ficou um clima tenso entre vocês.

— O que houve? — Dominic pergunta, também interessado.

Olho para Damien.

— Não vai ser fofoqueiro como eles e ficar perguntando também não?

Damien dá de ombros.

— Você vai falar do mesmo jeito, não tenho por que gastar saliva.

Eu rolo os olhos, em seguida suspiro.

— Eu e Mila brigamos e decidi ir ao Abaixo de Zero com Scarlett, só que encontrei Mila lá, com Theo. — Olho para meus amigos que parecem um pouco surpresos. — Scarlett se apoiou em mim, colocando as mãos no meu peito e Mila infantilmente beijou Theo.

— Uou! — Jace grita. — E o que você fez?

— Não matou o primo da Isis não, né? Não quero os federais na minha porta, muito menos Isis no meu ouvido. — Dominic já foi dizendo.

— Eu beijei Scarlett.

Olho para Damien, que está com as sobrancelhas erguidas, surpreso.

— Você tem sorte de estar vivo, meu amigo. — Ele diz. — Se uma mulher beija outro por ciúme, você não vai e beija outra. Você vai atrás dela, dá uma surra no cara e mostra o quanto você gosta dela.

Eu penso e ele está certo, apesar de ser um pensamento machista e retrógrado. Mas o que posso dizer, homens nunca foram a raça mais inteligente mesmo.

— É, eu fodi tudo. Só dou erro atrás de erro.

Os caras batem no meu ombro.

— Eu te ofereceria uma bebida, mas é melhor oferecer uma piada. — Jace diz, divertido.

— Manda.

— Quem tem cara bonita, mas é idiota e só faz merda?

Eu o olho com desdém, enquanto os caras riem da piadinha sem graça. Gabe vem até mim, pedindo suco.

— Ao contrário de vocês, eu vou cuidar do meu filho. — Deixo a sala e, depois de dar suco a meu filho, vou trocar sua fralda. Mila está certa, o cocô que ele faz não é normal.

Falando em Mila, o que será que ela está fazendo?

MILA

Andar pelas ruas da Sicília é uma experiência maravilhosa, apesar do mau cheiro de alguns pontos. A cidade é bela, porém suja e meio fedida. As meninas precisaram arrastar Isis, que

quer parar para admirar cada obra de arquitetura que encontra.

— Ai, fiquem quietas. Essa é tão linda que dá até vontade de chorar. — Isis diz, batendo fotos.

Nós vemos a maioria dos hotéis fechados e Elena explica que lá não há férias em julho, as férias aqui são em janeiro por causa do inverno e que a maioria dos hotéis ficam fechados nesse período. Nós entramos numa loja de roupas que só de olhar eu já senti tendo uma parada cardíaca, ainda mais quando nos serviram champanhe ao entrarmos. Eu ia morrer ali mesmo quando não vi etiquetas de valores nas roupas, pois isso é sempre um mau sinal.

Enquanto Isis e Carina vão ao provador, eu me sento tomando minha segunda taça de champanhe calmamente. A primeira eu virei de uma vez só quando me dei conta que não conseguiria comprar um alfinete aqui, então minha mente processou o champanhe... Será que eles cobravam por ele? Antes que eu pudesse negar em ser servida, uma mulher surgiu do nada e encheu a minha taça novamente.

Elena só olha os vestidos lenta e

calmamente. Eu bato uma selfie minha e mando para Matt e Emy, que novamente insistem em me lembrar de não esquecer suas lembrancinhas. Se todas forem caras assim, eu não vou levar é nada. Compro pela internet e finjo que veio daqui.

— Não tivemos tempo para conversar, né?

Eu levanto o olhar para Elena, ao mesmo tempo em que a mulher vem me servir de novo.

— Não, obrigada. — Eu tento falar, mas parece que ela não fala Inglês e me ignora completamente, continuando a me servir. Elena solta uma risadinha.

Ela se senta ao meu lado, cruzando as pernas.

— É, não tivemos. Não te conhecia ainda. — Falo, tentando não ser grossa como ela foi comigo mais cedo.

— O negócio é que eu não gostei do jeito que você e Miguel estão. Ele é um bom menino e não merece sofrer mais...

— Pare aí. Eu entendo que você queira o melhor para seu amigo. Acredite em mim, eu também quero, mas isso não é razão de eu perdoar

por cada merda em cima de merda que ele faz. Me desculpe, mas o que eu e ele temos, ou tivemos, não diz respeito a ninguém.

Espero Elena dar um show de menina mimada, como eu cansei de ver acontecer com várias meninas como ela, mas em vez disso, ela acena.

— Entendi, mas não quer dizer que eu concordo. Só tenho a dizer que, se você deixar ele passar, terá perdido um homem maravilhoso.

As meninas saem do provador, ambas de sutiã e experimentando calças.

— O que acharam? — Carina pergunta, dando uma virada completa.

— Nem parece que você é mãe de gêmeos. Seu corpo está incrível! — Elena elogia.

— Eu amei, deixou sua bunda parecendo maior. — Falo e Carina sorriu animada.

— Trouxe uma bota vermelha que combina perfeitamente com ela, vai deixar Jace louco quando sairmos hoje para beber.

Eu olho para Isis.

— A calça modelou completamente o seu

corpo. — Suspiro para o corpo de Isis. Ela está usando uma calça de couro preta, que ficou absurdamente bonita nela.

— Não vai experimentar nada? — Elena pergunta, quando as meninas vão se trocar.

— Não. Cá entre nós, essa loja tem roupas bonitas, mas de jeito nenhum eu vou pagar uma roupa no preço de uma entrada em um apartamento.

Elena ri.

— Os preços são altos mesmo. Mas, Miguel me disse que você podia comprar o que quisesse, que era para colocar na conta dele.

Eu franzo o meu nariz.

— Agora mesmo que eu não quero.

Elena não responde e eu espero não ter ofendido ela, mas de jeito nenhum eu aceitaria fazer compras a custas de outra pessoa, mesmo que fosse de boa vontade. Não me sentiria bem gastando, muito menos num valor desses. Depois que as meninas pagam, nós caminhamos um pouco pelas ruas, tiramos mais fotos e, em seguida, um carro para ao nosso lado, provando que estavamos sendo vigiadas, e nos leva até um Spa.

Faço minhas unhas junto com as meninas e não é difícil me sentir a vontade com elas. Apesar de ricas e lindas, elas não são metidas ou gostam de se mostrar. Aceito fazer uma hidratação, seguido de escova, prancha e babyliss, que deixam meus cabelos lindos.

No final, quando estamos prontas, eu me aproximo para pagar, mas a atendente nega.

— Já está pago, senhorita.

Eu olho para as meninas.

— Como assim já está pago?

Carina toca meu ombro.

— Foi presente do Miguel pra gente, mas ele pediu pra não fala nada porque sabia que você ia negar.

— É claro que eu vou negar! Já pagou a viagem até aqui e...

— Às vezes é melhor só agradecer, eles não desistem. — Elena diz, sem tirar o olhar da sua unha.

— Ou você pode discutir com ele quando chegarmos e, se não der certo, você arrasa na pista de dança, já que está solteira. — Isis sugere e o

sorriso de Elena morre.

— Você devia estar do lado de Miguel!

— A gente não sabe de tudo que ele aprontou com a Mila, porque ela não o entrega, mas, só com o que sabemos, já queremos bater nele. Não dá para defender as criancices dele. — Carina diz, antes de entrarmos no carro que nos esperava.

Saber que elas estavam comigo, apesar de serem amigas de Miguel há anos, me deixou feliz. Elas não passavam a mão na cabeça dele.

Termino a minha *make* com um batom vermelho e me viro para as meninas.

— Eu disse que ela é tão bonita que dá vontade de bater. — Carina diz para Elena, que me olha dos pés a cabeça.

— É, ela é. — Elena cruza os braços.

Hoje eu decidi vestir um vestido preto de alças finas, que marcava todo o meu corpo. Minhas tatuagens e cabelos vermelhos deram todo o charme nele, ainda mais com os saltos vermelhos que combinavam com minhas unhas e batom.

Sinto o peito pesado e olho o relógio da parede que marcava nove da noite.

— Será que dá tempo de alimentar Gabe?

As meninas acenam e descemos as escadas. Vejo Miguel com ele no colo enquanto conversa aos risos com os outros caras. Vô Raffaelo e Adé iam ficar de babá hoje das crianças, junto com o filho dele, Victor, e sua esposa Regina, que estavam acalmando as outras crianças. Juro que essa família toma alguma água especial porque só tem gente bonita.

— Olhem essas beldades! — Jace nos elogia assim que nos vê. Carina, como é atrevida, dá um sorriso malicioso para seu marido.

— Devia ver o que tem por baixo.

Eu rio me aproximando deles.

— Acho que vou dar de mamá antes de ir, meus seios estão doloridos. — Anuncio com normalidade. Depois que se dá de mamá todo dia, já se tornou algo normal para mim fala sobre peitos doloridos ou leite vazando. Eu realmente não quero estar dançando e meu peito vazar como um barril de *chopp*.

— O quê? — Elena diz confusa e eu olho para onde ela está, nos braços de Damien, que também parece surpreso.

— Eu acho que não falei a vocês que Mila teve estimulação emocional, e o seu corpo aceitou Gabriel como seu. — Miguel conta.

Os olhos de Elena enchem d'água e eu não sei o porquê. Volto meu olhar para Miguel e pego Gabe dos seus braços.

— Não demoro, gente. Meia hora no máximo e já entrego ele dormindo para vocês. — Anuncio antes de correr para o quarto.

Quando volto à sala meia hora depois, todos estão conversando animados e chegaram mais dois casais, irmãos de Damien, acompanhados de suas namoradas. Sou apresentada a todos e vamos finalmente até a boate.

Assim que chegamos, somos encaminhados para a área Vip. Não consigo tirar os olhos dos italianos que dançam animados, a energia é contagiante. Quando nos sentamos, logo somos recebidos por uma garçonete ao lado do gerente que nos atende.

Depois de mais algumas bebidas, eu me levanto e vou para a pista. As meninas me seguem e dançamos balançando nosso corpo. Está tocando, principalmente, eletrônica que eu totalmente adoro. Requebro e jogo os cabelos, sabendo que não posso beber demais ou vou acabar parando na cama com Miguel. Então penso, por que não?

Nós já vivemos tantas desventuras, que esse negócio de ir e voltar está enchendo o saco. Ambos somos adultos e agimos feito crianças assustadas.

Eu percebo que parei de dançar quando me viro e dou de cara com Miguel.

— Está tudo bem? — Ele grita perto do meu ouvido, para ser ouvido por causa da música alta.

— Nós ainda estamos de mal? — Grito de volta e ele me olha, estranhando a pergunta.

— Quanto você bebeu?

— Miguel, você gosta de mim? — Questino de volta, ignorando sua pergunta inicial.

Ele abre e fecha a boca. Seus olhos estão arregalados e parece que vai desmaiar a qualquer momento.

— Desculpe por ter beijado Theo.

Antes que ele responda, o puxo para mim, colando seus lábios aos meus. Escuto os gritos animados das meninas, me fazendo sorrir entre o beijo. Miguel não demora a reagir, me puxando pela bunda para grudar mais o seu corpo no meu. Seus lábios descem para meu pescoço, que está suado da dança, antes de sua boca voltar a minha, me fazendo sentir o gosto salgado da minha pele.

— Pessoal, tanto quanto eu não quero fazer isso, preciso dizer que vocês estão praticamente fodendo na pista de dança e as pessoas estão olhando. — Isis diz ao nosso lado.

Afasto meus lábios de Miguel e rio, sem nenhum pingo de vergonha quando percebo que realmente as pessoas estão nos olhando.

— Quer ir para casa, acertar todos os pingos dos *is*? — Miguel pergunta e eu aceno sem hesitação.

— Com certeza. Não estamos ficando mais jovens.

Ele pega a minha mão e me arrasta para fora. Dou tchau para as meninas e me surpreendo

com o sorriso aberto e feliz que Elena ostenta nos olhando. Que menina louca!

Durante o caminho dentro do carro, Miguel me puxa para seu colo e continua a me beijar. Os seguranças sobem a divisória do carro e não falam nada até chegarmos em casa. Eu me olho pelo espelhinho que tenho na minha bolsa e rio quando vejo que estou com a boca borrada, apesar de o batom vermelho ser *matte* e jurar não borrar.

— Nem tente limpar. Essa hora todos estão dormindo mesmo.

Eu o olho e suspiro, tentando tirar o excesso com um lenço demaquilante que eu tenho.

— Eu não vou chegar lá parecendo uma palhaça.

Enquanto me limpo, Miguel beija meu pescoço, parecendo não conseguir tirar as mãos de mim.

— Senti tanta saudade sua. Nós realmente temos que nos reconciliar, ia falar contigo, mas estava esperando você se acalmar.

Eu me viro para ele.

— Então a louca sou eu? Depois de tudo

que falamos, você estava na boate com uma mulher e eu que sou a louca?

— Foi você quem beijou Theo. Foi infantilidade de ambos, Mila!

Eu fico quieta porque sei que é verdade.

— Mas doeu ver você com outra. Por que não podemos ser normais e conversar para resolver nossas diferenças?

Miguel sorri, mas sem humor.

— Quando eu voltei de viagem, eu ia pedir uma nova chance, mas você basicamente falou que nosso relacionamento estava sendo tóxico...

— Nosso *não-relacionamento*, Miguel. Você nunca me pediu sequer em namoro ou disse algo como isso para ser um relacionamento. — Não deixo de alfinetar.

— Me desculpe se te fiz sofrer, não era minha intenção. Não queria magoar seu coração.

Eu não posso evitar rir.

— Parece letra de música.

Miguel empurra o meu ombro de leve.

— Estamos bem? — Pergunta esperançoso.

— Acabou com essa coisa de fugir dos sentimentos?

Ele acena sem hesitação.

— Sim, acabou. Não quero fugir mais. Quero viver o presente, com você ao meu lado.

Durante o resto do caminho nós ficamos nos olhando, sua mão procurando a minha e entrelaçando seus dedos com os meus. Assim que entramos na propriedade, Miguel me puxa para outro beijo e eu me derreto toda para ele.

— Senti tanto sua falta, Mila. Eu sei que você não acredita em uma pessoa completar a outra e sim somar, mas eu acho que você soma, multiplica e eleva minha vida ao cubo.

Eu rio contra seus lábios, o abraçando. Entramos na sala nesse clima e eu solto um gritinho ao ouvir a risada de vô Raffaelo.

— Sabia que com um pouco de bebida ou vocês iam se matar, ou fazer juras de amor eterno. — Ele diz se levantando. — Talvez se estivéssemos visitando Bella, em Las Vegas, até casados vocês estariam.

Ele nos deixa e eu não posso evitar rir.

— Talvez ele esteja certo. Eu estou tão louco por você que se pudesse a gente casava agora. — Miguel diz no impulso e eu gelo.

— Nem brinca com isso. Nós precisamos ver se isso realmente vai dar certo antes de qualquer coisa. Nem em namoro você me pediu ainda.

Miguel me dá aquele sorriso que eu tanto gosto.

— Mila?

— Sim? — Eu rolo os olhos, divertida. Já sabendo o que ele vai perguntar.

— Você quer namorar comigo?

Eu finjo pensar e ele grunhe, me pegando no colo e nos levando até o quarto. Durante o caminho, ele pega da mesa a babá eletrônica e eu seguro suas costas com força enquanto subimos as escadas.

— Miguel, eu vou acabar caindo!

— Não vai não.

Ele bate a porta do quarto e vemos que Gabe está dormindo num berço. E antes que eu pudesse pedir para ele me descer, Miguel tropeça

no tapete do chão e nós dois caímos na cama. Eu não consigo controlar o riso que me vem ao ver que o rosto de Miguel vermelho e não sei se de vergonha ou por causa do meu peso.

— Bela entrada romântica, certo?

— Com certeza. — Eu respondo entre o riso.

Miguel se levanta, arrancando a camisa e chutando os sapatos do pé.

— Vamos selar esse acordo com uma foda?

Eu rio, batendo em seu peito quando ele fica de joelhos na minha frente, já começando a puxar o meu vestido pela cabeça.

— Cadê o romantismo?

— Mila, eu poderia encarecidamente enfiar meu pênis em um dos seus orifícios pré-aprovados?

Eu caio para trás, não conseguindo falar de tanto rir. Miguel aproveita esse momento para retirar meu vestido e sapatos, me deixando só de calcinha. Meu riso aos poucos morre e eu sorrio, quando vejo que Miguel não estava só olhando para o meu corpo e sim para o meu rosto. Sua expressão era de paz e felicidade.

— Mila?

— Oi, Miguel?

Ele acarícia meu rosto e se deita em cima de mim, mantendo um de seus braços ao lado para não me esmagar.

— Eu te amo. Desculpe ter demorado tanto tempo para te dizer.

Meus olhos se enchem d'água.

— Eu também te amo, Miguel.

Nós nos beijamos e durante toda noite mostramos um ao outro quanto nos amamos. Quando estou quase dormindo, eu sorrio pensando que finalmente encontrei o meu "Felizes para Sempre".

CAPÍTULO 24

MIGUEL

Sinto o sol no meu rosto e, por um segundo, eu acho que a noite de ontem foi um sonho, mas então vejo Mila e sinto seu corpo colado ao meu. Me sinto o filho da puta mais feliz do mundo. Ela me ama!

Beijo sua testa e ela não acorda, então me levanto e, depois de fazer as minhas coisas no banheiro, saio do quarto pronto para trazer um café da manhã na cama para ela, mas paro quase batendo em Elena. Ela tem nas mãos uma bandeja com todo o café da manhã.

— Aqui, leve para Mila. — Ela diz em voz baixa. Eu aceito a bandeja ainda sem saber direito o que está acontecendo.

— Mas você nem gosta dela!

Elena revira os olhos.

— Isso eu vou me acertar com ela. Eu estava realmente sendo uma cadela com ela, acho que fiquei um pouco protetora com você.

— Um pouco?

Ela bufa e vai embora.

Coloco a bandeja em cima de uma mesa, mas acho que falta algo. Penso em ir busca uma flor no jardim de Elena, mas me bate a preguiça e, até eu voltar, Mila provavelmente já estará acordada. O último café da manhã que fiz para Mila, eu lhe dei um cisne de papel e ela gostou, então penso, por que não? Depois de fazer um com o papel toalha, eu vou até a nossa cama. Gabe ainda está dormindo e eu agradeço.

Na noite passada, ele só acordou uma vez e eu me levantei rápido antes que Mila acordasse. Sentei com meu filho na cadeira e fiquei olhando para ele, sentindo meu peito doer por tudo que fiz com ele.

— Me desculpe por ter abandonado você, se fiz você não se sentir querido. Você é o amor da minha vida e isso nunca vai se repetir. Eu prometo.

Gabe havia segurado o meu dedo com tanta força que eu imaginei que fosse sua resposta, que ele me entendia.

Deito ao lado de Mila e tiro os cabelos do

seu rosto. Ela parece tão serena e tão linda, seus lábios estão inchados de tantos beijos ontem. Beijo sua testa e ela acorda um pouco desorientada, até me ver e sorrir de leve.

— Ei, bom dia!

Eu me aproximo para beijá-la, mas ela se afasta.

— Hálito matinal seguido de bebida com certeza não dá um bom resultado logo de manhã. — Ela murmura, se levantando antes que eu possa dizer algo e vai ao banheiro completamente nua, cheia de tatuagens.

Quando volta, ela ainda está meio adormecida e volta a se deitar na cama.

— Vai dormir mais?

Ela acena de olhos fechados.

— Ficamos acordados quase a noite toda. — Ela resmunga, mas em seguida sorrir.

Eu aproveito esse sorriso para beijar seus lábios.

— Bom dia! — Falo baixo e ela sorri mais.

— Bom dia! — Ela envolve os braços no

meu ombro e me puxa para um beijo.

Automaticamente minha mão vai para seu seio e ela geme contra meus lábios.

— Nós temos que acordar, vamos acabar perdendo o café da manhã.

Eu me levanto num pulo e pego a bandeja com nosso café.

— Não contava com a minha astúcia!

Mila ri.

— Sim, eu não contava.

Coloco a bandeja no seu colo e ela suspira quando vê o cisne de papel, o pegando com delicadeza.

— Obrigada, Miguel!

— Você gosta mesmo de cisne, né? — Observo. — Algum fetiche ou algo assim que eu deva saber? — Brinco.

Mila me bate.

— Não, Miguel. Não é o cisne em si, é que você fez para mim, entende?

Eu aceno sem entender muito bem, até que percebo.

— Tipo quando você arrumou toda a casa no Natal para parecer um lar. Era para mim que você fez, não é?

Suas bochechas coram, apesar dela não desviar o olhar.

— Sim, mas não deu muito certo. — Ela serve o seu chá.

— Deu sim, eu amei tudo. Mas, estava tão perdido que não teria nada da Ester lá para me lembrar dela, que não podia dar meu coração a mais ninguém. Não queria sofrer novamente. — Minha voz embarga. — Eu precisava *tê-la* lá para me lembrar de que o amor não é bom pra mim.

Mila acarícia meu rosto.

— Agora eu entendo isso. Porém, nem todo amor é ruim, Miguel. Não pode deixar uma experiência ruim te ferrar.

Eu aceno amuado.

— Não vivi em um lar de amor e, assim que puderam, meus pais se livraram de mim.

— Eles te mandaram para o Esquadrão da morte?

Eu levanto os olhos para ela,

completamente assustado.

— O quê? Como você sabe? Quem te contou?

Ela segura meu rosto com as mãos.

— Theo deixou escapar no Ano Novo, mas não disse nada. Você não tem que me contar nada, mas saiba que eu estou aqui pra te ouvir e apoiar. Sempre.

Eu respiro fundo. Não quero que haja segredos entre nós.

— Eu tinha dez anos quando fui mandado para lá. Meu pai tinha muitos amigos militares e foi dito que eles estavam recrutando crianças inteligentes e ágeis, com sede de conhecimento. Eu não era nada disso, só gostava de brincar com os meus brinquedos e no parque enquanto era ignorado por eles. Meus pais nunca estavam em casa.

Mila segura minha mão e eu respiro fundo antes de continuar:

— Meus pais compraram a minha entrada para lá. Creio que não sabiam o que acontecia lá. Teve uma vez que eles estavam na cidade e foram

me ver, eles viram os machucados e hematomas em meu corpo, mas não fizeram nada. Minha própria mãe me olhou como se eu fosse um estranho. Então aconteceu. Eles vieram para mim um dia dizendo que meus avôs morreram e precisavam que eu assinasse uma petição que dava tudo para eles, já que eles tinham me emancipado pouco tempo antes.

— Você não aceitou, não é? — Mila diz.

— Não, eu já era inteligente e li o contrato. Basicamente eu passava toda a herança que meus avôs me deram para eles. Acho que meus avôs sempre souberam que eu nunca fui bem tratado. Eles eram velhos, não podiam me criar e meus pais não me deixava visitá-los. Meus pais ficaram sem nada.

— Você já os encontrou agora que está adulto?

Eu nego.

— Eles tentaram contato comigo algumas vezes, por dinheiro, mas o que eu quero é distância.

Ela puxa minha mão para a sua boca e a beija.

— Você não é e nunca vai ser como eles, Miguel. Eles perderam a chance de conhecer um ser maravilhoso que é você.

Eu abaixo a cabeça, envergonhado.

— Nem vem com isso, você é maravilhoso. É humano ter falhas, mas elas não ditam quem você é. Agora, me conte sobre o esquadrão. — Ela pede.

Eu respiro fundo.

— Não quero te contar com detalhes. Não me peça por isso. Basta saber que nenhuma criança devia ser criada para ser uma máquina, para aprender matérias de adultos, que nem todos conseguem aguentar. Perdi minha infância e inocência naquele lugar. Não desejo isso nem ao meu pior inimigo.

Ela não me pressiona e beija meus lábios.

— Obrigada por me contar.

Nós terminamos nosso café bem a tempo de Gabriel acordar enjoadinho, querendo o colo de Mila.

— Você quer mamar, filho? — Escuto ela perguntar e volta a se sentar ao meu lado. Eu coloco travesseiros atrás dela, para ela poder se

encostar mais a vontade e dar o peito para o meu filho.

— É pecado ter inveja dele nesse momento? — Eu pergunto e Mila tentar conter uma risada, antes de gemer com dor.

— Calma, querido, não precisa morder.

Nós ficamos em silêncio, olhando Gabe mamar e quando ela está terminando, batem na porta. Quando eu abro, vejo que é Carina.

— Venham para a piscina e coloquem um biquini.

— Clorofila, estamos em pleno inverno. — Eu falo o óbvio e Carina rola os olhos.

— Querido, isso aqui é uma mansão de rico. Elena parece sereia que não pode viver sem água. Eles têm uma piscina interna, com água quentinha e vista para o penhasco. Quer mais o que, amor?

— Uau! Já descemos.

Fecho a porta antes que ela diga alguma piadinha.

— Ao que parece, hoje teve um surto de *sereísmo* e as meninas nos chamaram para piscina interna. Devem fazer churrasco. Isis se faz de fina,

mas adora um churrasquinho na laje.

Mila ri, entendendo a gíria brasileira. No tempo que estivemos no Brasil, ela conheceu um pouco da cultura de lá e algumas manhas. Ela está entrando nos conformes com a turma.

Enquanto fico com Gabriel, Mila vai colocar um biquini. Ela sai do banheiro com um roupão grosso e quentinho.

— Eu fico com ele enquanto você se troca.

Depois de vestido do mesmo jeito que ela, eu a encontro me esperando. Gabe está de sunga, mas com um roupão por cima também.

— Acho que ele pode ficar um pouco na água dependendo da temperatura, mas acho melhor ele ficar fora só brincando. — Eu anuncio, preocupado que ele pegue uma gripe. Recolho vários brinquedos e coloco numa bolsa.

— Certo. Então *siga-me os bons*. — Mila brinca.

— Sabia que tinha escolhido a mulher certa pra mim, até Chaves você sabe as referências.

Como esperado, todos estavam animados,

conversando em volta da piscina. A temperatura estava mais quente e aqui dentro parecia inverno, apesar de, através do vidro, vermos a neve caindo lentamente. As meninas estão na piscina, que chega a sair fumaça de tão quente. As crianças estão do outro lado do salão brincando animadas. Gabe se contorce no colo de Mila que o coloca no chão antes dele correr para os amigos.

— Oi, gente. Pode chegar. — Carina acena dramaticamente para a gente, me fazendo revirar os olhos. Em sua mão há um drink colorido e eu tento engolir um riso. Era de manhã e eles já estavam enchendo a cara.

Mila começa a se afastar, indo para as amigas, mas eu a pego pelo braço, colando seus lábios nos meus antes de deixá-la ir. Me aproximo dos caras, os cumprimentando de leve, antes de olhá-la novamente. Mila prende os cabelos num coque alto, não querendo molhar os cabelos e tira o roupão. Os caras olham para ela e não falo nada, pois sei como é difícil não olhar. Além de ter um corpo que chama a atenção, Mila ainda é toda tatuada e vibrante. Ela ri de algo que as meninas falam e depois entra na piscina, se aproximando

delas.

— Como é, Miguel, ter uma menina que tem mais coragem que você? Olha o corpo dela, cheio de tattoos, e você com medo de agulha.

Eu rolo os olhos para o comentário de Jace.

— Rá rá rá. Como é que Carina te aguenta, com você sendo um pau no cu? — Rebato e Dominic ri.

— Então vocês voltaram. É pra valer?

Eu aceno.

— Sim, eu não posso deixá-la passar pelo meu medo. Ela me ajudou a entender muitas coisas e a minha nova psicóloga só as deixou mais forte. Vocês deviam tentar.

Dominic bufa, mas eu sei que pelo seu olhar ele está pensando na ideia. Olho para Jace, que acena.

— Talvez seja uma boa. Às vezes ainda é difícil para eu aguentar as coisas. A pequena e as crianças me ajudam, mas talvez seja uma boa... — Ele dá de ombros.

— Ela tem consulta secreta. Scarlett falou que ela está ficando cada vez mais famosa. — Falo.

— Como é isso? — Damien pergunta.

— É tipo, nós sabemos quem ela é, mas ela não saberá quem você é. É secreto. O contato é feito através de um assistente, ou outra pessoa, e os dados ficam sigilosos, só podendo ser abertos em caso de emergência se colocar a vida do paciente ou de outras pessoas em risco.

Dominic e Jace trocam um olhar, provavelmente pensando que aí sim seriam capazes de falar sobre o assunto. Tomara que eles façam isso, pode ajudar a matar alguns demônios em suas vidas.

— Ei, bonitos. Se já acabaram aí venham aqui ficar com suas mulheres. — Carina grita bêbada, animada e balança os peitos me fazendo gargalhar. Eu amo essa menina.

Os dias se passam e antes que percebamos, o aniversário de Elena chega. A menina não consegue parar quieta em casa, querendo resolver tudo, apesar de ter contratado uma organizadora para isso. Mais gente chegou em casa e eu precisava de um tempo a sós com Mila.

Vô Raffaelo, percebendo isso, nos levou até a sua árvore que havia plantado com sua esposa Christina.

— Juro que não era uma muda. Já era maior, quase do meu tamanho e grossura. — Ele disse rindo, relembrando de algo. — Quase não consegui colocar no buraco sem a ajuda de Christina.

— Coroa, você sabe que está parecendo que não está falando sobre uma árvore né? — Eu falo ao mesmo tempo que Mila me acerta um soco. Seu rosto branco estava vermelho de vergonha.

Vô Raffaelo explode em gargalhadas.

— Você conhece o caminho, Miguel. Aproveitem que o tempo não está tão ruim. — Ele nos deixa no ponto de carro e pisco para ele quando saímos e andamos o resto do caminho.

O tempo está frio, mas para quem está acostumado com o frio de Boston no inverno isso aqui tá mais para um tempo bom. Pouco tempo depois, nós chegamos até a árvore e, depois de forrarmos o chão com uma lona e em cima um grosso cobertor, nos sentamos enrolados numa outra coberta.

Abro a garrafa térmica e nos sirvo com café quentinho. São só dez horas da manhã e poderíamos ficar até umas três ou quatro antes que a temperatura caísse mais. A árvore nos protegerá um pouco caso comece a chover, mas, por via das dúvidas, trouxe um guarda chuva para nós. Eu pensei em tudo.

Agora encostado na árvore, com Mila em meus braços, não há melhor lugar para estar.

— Esse lugar parece mágico. — Ela fala se virando para mim.

— Sim, eu nunca tinha sentido isso até agora. — Confesso.

Nós tomamos nosso café calmamente, curtindo a companhia um do outro. Gabriel ficou em casa por causa do tempo, ele não estava se sentindo muito bem então preferimos deixá-lo lá. Depois disso, começamos as nos beijar, degustando um do outro, nos sentindo. O olhar de Mila vai para a árvore e ela me abandona, se levantando e olhando as iniciais de vários casais.

— Uau, isso é tão lindo!

— A última vez que estive aqui vi meus

amigos todos colocando seus nomes aí e prometendo amor eterno. — Começo a falar, sentindo minha voz mais rouca, mas não de tristeza. — Ester estava aqui comigo. — Percebo que Mila começa a procurar minhas iniciais com ela. — Eu estava vendo meus amigos aqui, felizes, e percebi que não era como eu me sentia com ela. Eu não queria nosso nome por estar, queria que tivéssemos em sintonia, apaixonados, mas eu percebo que não estávamos. Era carência. Nunca me imaginei escrevendo meu nome aqui com ela, neste lugar cheio de histórias de amor.

Mila se vira para mim, mas não vejo ciúme em seu olhar.

— Com você eu vejo tudo, Mila.

Pego um canivete dentro da mochila que eu trouxe com as coisas e Mila me olha com os olhos cheios d'água.

— Espero que esse canivete não seja pra me matar. — Ela brinca, rindo entre as lágrimas.

— Não me tente. — Pisco para ela.

Deixo Mila escolher um local. Ela olha as iniciais de um e para.

— Quem são esses e por que todos os outros estão afastados?

— São os pais de Damien e Dominic. Francesca e Victor. A história deles não teve um final feliz. Francesca foi estuprada pelo irmão de Victor, Daniel, o pai de Elena, e ela precisou mentir, pois temia que ele fizesse mal a Damien, que era ainda uma criança. Francesca morreu anos depois, presa dentro de casa, após ver Victor, seu amor, construir uma nova família. Ela não queria que Victor sofresse por matar o próprio irmão e guardou o segredo. A verdade morreu junto com ela, até que Elena passou por algo semelhante e achou o diário onde continha a verdade, inclusive que Dominic não era meio irmão dela, já que o pai dele era na verdade Victor. Elena é apaixonada por Francesca apesar de nunca tê-la conhecido, parecia ser uma mulher maravilhosa.

Mila seca as lágrimas.

— Vamos por aqui mesmo.

— Mas...

— Uma mulher que teve a coragem de guardar um segredo tão sério para não magoar seu amor, isso sim é forte. O amor dela é forte, Miguel.

Eu aceno e beijo seu pescoço enquanto coloco as nossas iniciais. Quando acabo, Mila me puxa para um beijo.

— Eu te amo, Miguel.

— Eu também te amo.

Quando voltamos para casa às três horas, quando começou a chover, fomos direto para o chuveiro, tomar um banho juntos. Assim que chegamos, todos estavam reunidos na sala conversando e riram da gente, pois estávamos encharcados. Ainda bem que já havia um carro nos esperando.

— Que delícia. — Mila geme com a água quente.

Eu estou morrendo de frio esperando a minha vez. Se alguém disser que duas pessoas dentro do chuveiro conseguem ficar molhadas, estão enganadas. Apesar de o chuveiro ser grande, Mila ocupa todo espaço, curtindo a água enquanto eu fico só olhando. Não que eu esteja reclamando, afinal, ver todo seu corpo molhado não é nenhum sacrifício.

— Ok, agora está na hora de dividir. — Eu peço quando começo a realmente me tremer de frio. Mila abre os olhos e sorrir para mim.

— Vem me abraçar.

Eu a abraço e nós dois ficamos embaixo do jato quente de água, nos esquentando. Minha mão está na barriga de Mila, acariciando de leve suas curvas. Elas sobem para seus seios e ela se inclina em mim, esfregando sua bunda na minha ereção. Aperto seu seio de leve, acariciando o mamilo com a ponta do polegar, sentindo-o ficar duro. Minha outra mão desce para sua vagina, meus dedos encontram seu clitóris e eu brinco com ele, enquanto ela mexe a bunda na minha direção. Sua pele se arrepia e sua respiração fica mais acelerada. Minha boca enche d'água para prová-la.

— Sente-se ali. — Peço a guiando para o banco de pedra que o banheiro tem. Mila me olha irritada por eu ter parado, mas faz como eu pedi. Ela morde o lábio, olhando para a longa ereção que eu ostento. — É isso que você faz comigo. Sempre.

Ela sorri e eu me derreto. Me ajoelho entre suas pernas e as abro, sem tirar meus olhos de dela. Ela morde o lábio e levanta uma perna para o

banco, e a outra coloca sobre meu ombro, se mantendo toda aberta. Porra. Sua boceta está inchada, avermelhada e molhada, praticamente implorando para eu colocá-la na boca. Aproximo meu rosto e Mila geme quando eu toco seu clitóris inchado com a ponta da língua. Começo a degustar, provando tudo, indo de uma ponta para outra. Quando enfio minha língua dentro dela, ela geme alto e segura meus cabelos com a mão enquanto seus quadris se mexem, fodendo o meu rosto.

Sua outra mão vai para seu seio, que ela acarícia. Seus olhos estão colados nos meus e ela geme quando eu coloco seu clitóris dentro da minha boca e chupo. Seus olhos se reviram e ela começa a tremer, mas eu me afasto, beijando sua perna. Quero tentar algo.

A água quente bate nas minhas costas, me aquecendo e eu olho para Mila para saber se ela está com frio, mas parece que ela está suando. Pego o chuveirinho e o ligo, fazendo os olhos de Mila se alargarem um pouco.

— Você já fez isso? — Pergunto, minha voz saindo rouca. Miro o chuveirinho na velocidade máxima em cima do seu clitóris e ela

geme alto, tentando escapar e ao mesmo tempo buscando por mais.

Desligo o chuveirinho ao mesmo tempo em que volto a cair de boca e enfiar um dedo dentro dela, caçando o seu ponto G. Mila não para de gemer e suspirar, sua mão agarrando meu pouco cabelo com força, como se eu fosse fugir. Quando encontro o seu ponto G, ela dá um solavanco, mas isso não me para. Eu o movimento com destreza e rapidez.

— Miguel. — Mila implora, com os olhos bem fechados. Ela está tão bonita.

Afasto o meu rosto da sua vagina e observo seu corpo se contorcer enquanto seu orgasmo chega. Olho para sua boceta pingando e gemo satisfeito quando jatos começam a sair dela. Mila grita gemendo alto, completamente fora de si, chorando, com o corpo tremendo e parecendo tão malditamente perfeita que eu tenho que me controlar para não gozar só de olhá-la. Três jatos vêm molhando meu braço e peito. Porra, sabia que ela era perfeita.

— Ai Miguel. — Ela sussurra rouca e completamente esgotada quando eu me levanto.

Desligo a água e começo a pegá-la no colo.

Ela ainda esta mole quando eu a enxugo, mas não tira os olhos de mim. Seus lábios estão inchados e vermelhos de tanto que ela mordeu.

— Se todos os banhos forem assim, pode me chamar sempre. — Ela diz quando a coloco deitada na cama. Ela me puxa para ela. — Eu nunca gozei assim. Foi maravilhoso, estou palpitando até agora. Obrigada.

Ela, dengosa, beija meus lábios e sua mão desce para a minha ereção.

— Entra em mim, Miguel. Estou tão molhada. Preciso de você dentro de mim. — Ela diz contra meus lábios e eu deixo minha testa cair sobre a dela.

— Porra, você vai me fazer gozar só com as suas palavras. Já foi difícil me concentrar com sua ejaculação.

Ela consegue arrancar a minha toalha e abre a dela, envolve as pernas na minha cintura e me puxa para ela e, guiando a mão entre nós, ela me encaixa nela.

— Me fode gostoso.

Sem precisar repetir, eu entro nela, sentindo o quão molhada e quente ela está. Me afundo nela e meto com vontade, dando estocadas fortes e fundas que a fazem abrir a boca em busca de ar. Seus seios balançam e isso me deixa ainda mais duro. Seguro uma de suas pernas, puxando-a mais para cima, tentando achar novamente o seu ponto G. Quero ver Mila perdendo a noção. Seu corpo está no engate perfeito para outro, já está molhada e cheia de desejo.

— Miguel. — Mila geme, me olhando com olhos arregalados. — Estou sentindo aquilo de novo.

Eu sorrio.

— Não se prenda, baby. Deixe ir.

Aumento a velocidade e ela chora quando vem de novo. Sinto a quentura entre nós e ela se contorce. Sem aguentar mais, eu venho junto com ela, despencando em cima dela em seguida.

— Uau.

— Sim, uau. — Eu repito e rio, colocando os meus braços do lado para tirar um pouco do meu peso de cima dela. — Essa cena vai ficar pra

sempre na minha cabeça. Nunca mais eu vou ficar mole.

Mila ri de leve.

— Eu estou seca, minha garganta dói de sede. — Ela suspira. Eu saio de dentro dela, vendo minha porra sair dela. A cama está toda molhada de sua ejaculação, a sorte é que a toalha, que estava debaixo dela, pegou a maior parte do líquido.

— Vamos nos arrumar e descer? — Pergunto quando lhe entrego um copo d'água que peguei para ela.

— Não sei posso andar. Miguel, isso foi tão intenso.

Meu ego se incha mais ainda. Não sabia se conseguiria fazê-la ter esse tipo de orgasmo, não são todas as meninas que conseguem, mas saber que eu trouxe esse tipo de prazer para ela é melhor do que qualquer outra coisa.

— Que bom que você gostou. — Beijo seus lábios.

Ela se levanta e começa a se vestir. Quando está pronta, ela me olha, sorrindo de lado. Ela está aprontando algo, conheço bem essa expressão.

Abro a porta e ela vem ao meu lado.

— Miguel?

— Sim?

Ela fica calada por um momento e, quando estou no primeiro degrau para descer a escada, quase saio rolando com o que ela diz.

— Quando voltarmos para casa, eu poderia deixar você comer minha bunda.

Eu tropeço e ela ri, e isso chama a atenção de todos que nos olha com a cara que sabem o que estávamos fazendo. Mila não parece envergonhada quando se junta às meninas, muito pelo contrário. Ela está satisfeita e feliz, como deve ser.

— O que você fez? — Dominic pergunta quando me aproximo deles. — A casa inteira ouviu os gemidos de Mila.

— Carina já falou que, seja o que for, ela quer também. — Jace me olha com os olhos abertos. — Não fez nada nojento, né?

Eu rio.

— Vai Miguel, abre o jogo. — Damien fala também curioso.

Seus irmãos, Lorenzo e Lucca acenam em concordância.

— Seja o que for, eu quero também saber. — Lucca fala animado.

Eu me sinto o cara, todos querem a receita de fazer uma mulher ficar louca na cama.

— Vocês querem saber mesmo? — Todos acenam. — Sejam Miguel e está tudo feito.

— Ah. — Eles gemem. — Fale a verdade. — Jace pede.

Eu me aproximo um pouco e todos fazem o mesmo. Isso me diverte, mas não vou brincar agora.

— Ponto G. Mila ejaculou duas vezes seguida comigo assim.

Eles me olham com reverência.

— Nunca consegui isso. — Jace disse e Dominic concorda.

— Consegui uma vez, mas foi falso. A menina mijou em mim. — Lucca geme enojado com a lembrança. — Só descobri depois que a ouvi falando com as amigas.

Olho para Damien que acena.

— Já consegui isso algumas vezes, mas não com Elena.

— É, não são todas que conseguem, mas minha menina sim. Várias vezes seguidas. — Exagero e deixo os invejosos ali.

MILA

— Vai, pode contando tudo. — Elena exige assim que me aproximo delas.

Eu e Elena nos entendemos pra valer mesmo na piscina, ela me chamou num canto enquanto as meninas foram almoçar.

— Você pode ficar aqui um pouco? — Perguntou. As meninas olharam para a gente como se fôssemos nos matar, mas eu acenei.

— Claro.

Depois que elas saíram, Elena começou a falar, tentando uma aproximação.

— Eu sei que não fui a melhor pessoa com você, mas é que eu sou muito protetora quando se trata de Miguel. Nós somos como irmãos e ele esteve lá quando eu precisei dele. Eu vi como ele sofreu com Ester e estava cego. — Ela suspira. — Eu não pude evitar que meu melhor amigo tivesse seu coração quebrado por várias e várias vezes com ela, mas eu podia tentar com você.

Ela olha em volta, dando um minuto de silêncio.

— Quando ele falou de você pela primeira vez, eu fiquei muito animada. Vi fotos suas, as meninas falaram muito bem de você e eu tive esperança que trouxesse o antigo Miguel de volta. Mas então ele desabafou comigo quando chegou aqui e eu te odiei por você fazê-lo contestar tudo, por fazê-lo sofrer.

— Elena... — Eu começo a falar, sabendo que se ela continuasse a falar essas coisas não chegaria a lugar nenhum, mas ela me para.

— Conversei com Damien e percebi que é preciso sentir dor para se libertar. Você o libertou Mila. Nunca vi meu amigo tão feliz. Nunca. Não conheço tão bem esse novo Miguel, mas estou feliz

que ele existe. Obrigada. Será que podemos passar um pano em como te tratei quando chegou aqui?

— Claro, já está esquecido.

Ela, me surpreendendo, me abraçou.

— Obrigada.

Volto ao presente, vendo as meninas olhando para mim curiosamente. Não tenho vergonha de falar de sexo, mas não sei se Miguel estaria à vontade por eu contar nossa vida íntima para suas amigas, mas decido fazê-lo quando o vejo fazendo exatamente o mesmo com os seus amigos.

— Nem conto pra vocês.

Todas se aproximam mais para saber, inclusive Mandy que é toda tímida.

— Anda logo. Já falei para Jace se virar, que eu quero o que Miguel fez contigo, quero gritar assim e acordar todo mundo. — Carina anuncia e todas nós rimos.

— Eu também. — Elena diz corada, finalmente demonstrando vergonha.

Um couro de *eu também* se segue e solto uma risada.

— Miguel me fez ter duas ejaculações. Uma no banheiro enquanto ele tinha a boca em mim e outra quando ele me comeu na cama. Juro que não sabia mais quem eu era ou onde estava. Foi mais que intenso.

Elena e as outras meninas tem a boca aberta antes de soltarem um gritinho. Nós conversamos mais um pouco sobre isso antes de Elena perguntar a nós.

— Vocês já fizeram anal?

— O papo aqui está quente. — Laila, a namorada de Lucca, diz. — Eu e Lucca fizemos algumas vezes, eu gosto.

— Eu e Damien nunca fizemos. — Elena diz corada. — Ele gosta de olhar e tocar, mas diz que nunca vai me comer, porque eu sou muito pequena e ele é muito grande, que, em vez do prazer, eu sentirei dor.

Eu aceno em concordância. Realmente, a altura de Damien comparada com Elena tem uma grande diferença. Ela é pequena e ele não tem cara

de ser pequeno lá em baixo.

— Eu e Dominic já fizemos. É bom. — Isis fala e sorri. — Mas só faço em dias especiais ou quando quero algo, não sou boba de dar cu à toa.

Todas nós rimos e Carina permanece pensativa.

— Aprendi altos conselhos hoje. Vou pedir pra Jace me fazer ejacular e, quando quiser algo, vou dar o *furico*. Ótima conversa, meninas.

Eu rio.

— Vamos comer que estou faminta.

— Acredito! — Todas as meninas falam ao mesmo tempo.

O aniversário de Elena chega e, como o esperado, é uma senhora festa. O salão é em um hotel com arquitetura gótica que deixa Isis doida. Tem até tapete vermelho, com fotos de muitos paparazzis. Eu agradeci mentalmente por Elena ter me convencido a usar um vestido de sua coleção, assim como as meninas. O vestido que eu estava usando era preto, tinha um decote V fundo tanto na frente quanto nas costas, com uma abertura na

lateral com renda preto. As minhas tatuagens coloridas, junto com meus cabelos, deram o toque final na roupa.

Elena, inclusive, falou que amanhã precisaria falar comigo, assim que me viu vestida. Ela estava pensativa e eu cheguei a acreditar que ela não queria que eu usasse a sua roupa, até que Miguel me jurou que não era isso depois de conversar com ela. Quando saio do carro, segurando a mão de Miguel, os flashes por um segundo me cegam. Miguel sorri charmoso para as câmeras e eu faço o mesmo, tentando fingir costume.

— Você é uma modelo de RL? — Um dos paparazzis pergunta.

— Não, é minha namorada. Mila Brant. — Miguel me apresenta, cheio de orgulho.

Depois de mais algumas fotos, tanto em casal como individual. Sim, eles me pediram para tirar foto sozinha, tanto de frente quanto de costas.

— É, parece que eu perdi minha namorada. — Miguel murmura depois que volto para ele. Eu rio, batendo no seu ombro. — Podemos entrar agora antes que tentem roubá-la de mim?

— Vamos logo, seu chato.

— Não foi disso que me chamou mais cedo.

Eu empurro seu ombro com o meu.

Sou apresentada a várias pessoas que vêm falar conosco ao verem Elena e os Raffaelo perto. Miguel diz conhecer algumas pessoas, mas as outras ele não faz ideia de quem sejam. Danço abraçada com Miguel, sorrindo corada ao ver seu olhar tão intenso em mim.

— O que foi?

— Eu estava aqui imaginando nós dois, no dia do nosso casamento, dançando assim, juntinhos um do outro, desse mesmo jeito.

Meus olhos se arregalam e eu me esqueço de como se respira. Miguel, vendo a minha reação, ri.

— Não é um pedido de casamento... Ainda.

Elena me salva de responder quando me puxa pelo braço.

— Vem, têm pessoas que eu quero que você conheça.

Pela próxima hora, ela me apresenta a

alguns donos de grandes galerias, colecionadores de arte, magnatas e todo tipo de gente rica. Fico pasma quando ela os convida para a minha exposição.

— Eu vi algumas peças dela através de fotos e já imagino algumas delas na minha empresa e em casa. São únicas! — Elena exclama.

O homem com quem ela fala é um colecionador excêntrico. Nós conversamos um pouco sobre arte até sua esposa lhe pedir uma dança. Elena vai conversar com alguma modelo que, com certeza já vi na TV, e eu vou para a mesa de doces. Preciso desesperadamente deles.

— A melhor parte de toda a festa. — Um homem diz ao meu lado e eu sorrio.

— Com certeza.

Me viro para ele e tenho a impressão que já nos vimos em algum lugar, mas não consigo lembrar onde.

— Apesar de tudo, eu prefiro um bolo de chocolate.

Eu sorrio.

— Eu também, é meu preferido.

Ele pisca.

— Nos vemos em breve, Mila.

Ele sai antes que eu possa perguntar como ele sabe meu nome. Mas então percebo que Elena me apresentou para muita gente e não é difícil que descubram o meu nome. Me aproximo da mesa e vejo Isis, belíssima, acariciando sua barriga quase inexistente.

— Você tem certeza que tem um bebê aí? — Brinco ao me sentar.

— Sim, mal posso acreditar que já estou com cinco meses. Eu fiquei enorme com Dante.

Eu rolo os olhos.

— Também não é para tanto. Eu vi as fotos, estava com uma barriga normal de grávida, só que você é magra e não estava acostumada com o peso a mais.

Isis pensa um pouco e acena.

— Minha barriga está pequena dessa vez porque eu malhei bastante depois que Dimitri nasceu para recuperar meu corpo. Foram duas gravidez seguidas.

— Você está ótima.

— Eu que não quero engravidar de novo. Mal aguento com os dois e demorei horrores para meu corpo voltar ao normal. Até cabelo branco eu ganhei. — Carina entra na conversa, se sentando junto com a gente. Ela antes estava dançando com Jace.

Eu tento ser discreta, mas não consigo conter a gargalhada. Carina rola os olhos.

— Espere até você ter um bebê, seus cabelos de ruivo irão ficar platinados. — Ela avisa. — Mas, pelo menos o bebê será lindo e, provavelmente vai nascer com o tanquinho de oito, dos tempos de vaca gorda de Miguel.

Eu rio de leve. Nunca pensei em ter filhos com Miguel, mas estando sérios como estamos e com ele até falando em casamento, então tem uma chance grande disso acontecer no futuro. Penso em Gabriel e sorrio. Apesar de não ser meu filho de sangue, ele é meu.

— Parece que não vai demorar muito, já que vocês estão na fase flores, onde tudo é romance e sexo. — Isis fala, dando de ombros.

— Tenho as mãos cheias com Gabe agora. — Eu respondo me sentindo um pouco tonta. Outro

bebê agora? Eu mal aguento com Gabe.

Falando no meu bebê, Gabe ficou enjoadinho hoje e decidimos deixá-lo em casa com Adé e as outras babás contratadas para ficar com as crianças. Vô Raffaelo foi embora mais cedo para ficar com eles. Ele adora totalmente aquela penca de crianças.

Uma música animada começa a tocar e Miguel vem me buscar para a pista. Ele me roda e me joga em seus braços. Ele sabe dançar muito bem. Eu acompanho seus movimentos e algumas pessoas a nossa voltar começam a bater palma para continuarmos. Quando a música acaba, eu estou sem ar, mas feliz.

— Onde você aprendeu a dançar assim? — Pergunto quando chegamos a varanda do salão para tomar um ar.

— No esquadrão. Era preciso saber se enturmar em festas e essas merdas. Eles pegaram mais firme com as mulheres nas aulas de dança e de sedução, mas os homens também tinham algumas.

— Isso explica a pose de Isis, ela sempre parece perfeita e esbanja sensualidade.

Miguel toca meu rosto.

— Você também, mesmo sem perceber. O jeito como você prende o cabelo ou ri sozinha se lembrando de algo. Quando morde o lábio, quando está pensativa e jeito que você me olha sem esconder o desejo. Você é perfeita, Mila.

Eu rolo os olhos, mas estou feliz que ele ache tudo isso de mim.

— Nós vamos embora amanhã? — Pergunto, o abraçando para aquecer meus braços debaixo do seu paletó.

— Sim, mas só à noite. Elena tem planos para você.

— Que planos? Estou realmente curiosa.

— Vai saber amanhã. — Ele beija minha testa. — Quer ficar mais um pouco ou ir para casa?

— Quero ir pra casa, estou com saudade de Gabe.

— Então vamos.

A manhã chega e, antes que eu perceba,

alguém bate na porta repetidas vezes. Miguel está roncando, pois ficamos acordados até tarde. Como Isis disse, estávamos numa fase romântica onde qualquer coisa era motivo para sexo. Não estou reclamando, longe de mim. Visto um roupão e abro a porta dando de cara com uma Elena completamente arrumada. Juro que essa menina acorda pronta, não é possível. Ela acorda sem olheiras ou qualquer imperfeição na pele.

— Oi. — Eu falo com a voz cansada. — Sua festa estava ótima.

— Obrigada. Vou te dar o tempo para tomar um banho, e comemos na rua.

— O quê?

Elena sorri para mim, mas já começa a se afastar.

— Não passe maquiagem ou mexa no cabelo, por favor.

Sem entender direito o que ela falou, eu vou tomar um banho como ela pediu. Quando estou pronta, acordo Miguel que me puxa para ele, me abraçando como se eu fosse seu urso de pelúcia.

— Bom dia. — Ele murmura contra o meu

pescoço, dando um leve beijo lá. — Por que está vestida?

— Porque Elena bateu na porta e pediu pra eu ir a algum lugar com ela. Tem ideia do que seja?

Miguel levanta a cabeça e me olha.

— Eu sei, mas ela que quer falar.

— Certo. Preciso ir, mas antes vou amamentar Gabe. — Beijo seus lábios. — Volte a dormir.

Não preciso repetir, porque Miguel logo está roncando lentamente. Como eu tenho inveja de pessoas que podem dormir profundamente logo depois de fechar os olhos. Amamento Gabe, troco a sua fralda e o encho de beijos antes de deixar o quarto.

Como é cedo, não vejo ninguém pela casa além de Elena, que está na sala me esperando.

— Oi, você vai comigo até a RL? — Ela pergunta, mas já segura minha mão me arrastando até o carro que nos espera.

Quando me aproximo, vejo que quem está no volante é Damien.

— Bom dia!

— Buongiorno! — Ele responde, sorrindo de leve para mim quando eu entro no carro.

— Você perguntou para se ela quer ir, bambina? —Ele pergunta a Elena, sentada ao seu lado.

Elena bufa fingidamente.

— É quase uma tradição, ela não irá quebrar.

Eu fico quieta, sabendo que eles falam de mim. Damien pega a cabeça de Elena e a beija eroticamente quando para o carro em frente ao prédio RL.

— Até mais tarde. — Ele nos diz.

Depois de passarmos pelo hall de entrada e subirmos o elevador, Elena me olha.

— Dá para acreditar que, há menos de três anos, eu só tinha um andar e um sonho? Hoje eu já tenho seis andares, minha própria fábrica e diversos produtos de moda. Tudo isso com o meu esforço diário e me orgulho muito de estar crescendo sozinha. Claro que o nome da minha família ajuda, mas sou eu que estou batalhando para me manter, sabe?

— Aposto que todos estão orgulhosos de você, Elena.

Ela sorri corada.

Nós paramos na cobertura do prédio e eu me surpreendo. Com certeza esse andar vale milhões. As paredes são brancas, com um enorme letreiro de entrada, com o RL entrelaçados, a logo da empresa. Alguns arranjos de flores tornam o lugar mais aconchegante, mas ao mesmo tempo moderno e feminino.

— Bom dia, senhora Loschiavo. Senhorita Brant. — A recepcionista fala, se levantando quando chegamos.

— Bom dia. — Nós duas respondemos em uníssono.

— Vamos a minha sala. — Elena pede.

Eu a sigo, somos cumprimentadas pela sua assistente antes de entramos em sua sala. Me surpreendendo com a beleza de sua sala e o bom gosto. Ao contrário do restante do andar, o escritório de Elena é cheio de cores vibrantes, apesar de ter um toque sofisticado. Sua mesa é vermelha e atrás dela a janela é do chão ao teto,

mostrando uma paisagem linda. Há livros de moda numa estante amarela e alguns quadros na parede com fotos de seus desfiles e de famosas usando suas roupas.

— Uau, seu escritório é lindo!

— Ele também era simples, mas decidi dar uma cor. Fran ama as cores e agora ela gosta de ficar aqui enquanto trabalho. — Ela aponta para uma porta escondida. — É um quarto, onde ela pode dormir e ficar comigo.

— Isso é muito legal.

— Sim, não gosto de ficar longe da minha princesinha.

Eu olho mais um pouco sua sala antes de voltar minha atenção para ela.

— Por que me trouxe aqui?

— Bem, não sei se você sabe, mas todas as meninas sempre desfilam e participam com fotos para a RL. No momento eu não tenho nenhum desfile, porém, estou lançando uma nova coleção de langerie e gostaria que você fosse uma das minhas modelos.

— Eu? Modelo? — Questiono incrédula e

Elena rola os olhos.

— Você é linda, Mila.

— Mas eu não estou nos padrões para ser modelo. Amo meu corpo, mas não estou.

— Não sei se você viu o meu último desfile, mas havia meninas de todas as formas e tamanhos. A minha marca tem como foco principal que as pessoas de todas as formas se sintam bonitas.

— Eu amei isso. É tão difícil ver uma roupa que fique boa em todos os tipos de corpos. Eu aceito ser sua modelo, mas estou indo embora mais tarde, a não ser que a sessão seja lá em Boston...

O sorriso de Elena me para.

— Você já organizou tudo né?

Ela se levanta batendo palmas.

— Vamos ao andar debaixo, lá você pode se preparar para as fotos.

Eu me olho e suspiro, assentindo. Enquanto meus cabelos e maquiagem são feitas, Elena conta que está pensando em lançar uma linha de jeans em parceria com uma marca muito famosa, mas essa marca é para um público específico, mulheres magras.

— Por que você não lança sozinha? Sua marca já é autossuficiente para isso e muito mais. As langeries são suas e não precisou assinar com ninguém para bombar.

— Vou pensar sobre isso, ver com minha equipe, fazer um planejamento e todas essas coisas. Jeans são difíceis e precisarão de muitos testes até estar perfeitos.

Me olho no espelho ofegando com a minha beleza. Meus cabelos estavam com belos cachos, dando aparência bem natural. A minha pele, em vez de ser coberta com base para tampar as minhas sardas, elas foram deixadas e eu estava natural, nem parecia que eu tinha passado algo. Pontos iluminados deixaram meu rosto mais leve e minhas tatuagens não foram cobertas também.

— Elas vão dar um ar retrô e ousado para as langeries. — Elena disse lendo o meu pensamento. — A nossa proposta para essa coleção é a beleza natural e a diversidade.

O fotógrafo e toda equipe me orientam a ficar no centro do fundo branco. E uma música preenche o ambiente, Sia, cantando The Greatest, deixando tudo mais descontraído.

Toda a equipe é divertida e alto astral. Elena, de vez em quando, se aproxima e conta umas piadas, que me fazem jogar a cabeça para trás e rir. Também faço umas poses "loucas" para dar um ar diferente às fotos, como mãos torcidas para cima, virada de lado e curvada para frente, ou até mesmo dando um ar sensual ao virar jogando o cabelo e sorrindo para a câmera.

A sessão acaba cedo e Elena me faz vestir alguns dos seus vestidos para colocar no catálogo. No final, já passa do meio dia quando estamos voltando para a sua casa. Fizemos um lanche na rua no intervalo da sessão de fotos, e eu quase apanhei quando esqueci o que fui avisada por todos e pedi um sanduíche natural de frango com um *cappuccino*.

Quando estamos entrando na propriedade de Elena, ela me cutuca.

— Qual a sua conta?

Eu a olho surpresa por sua pergunta.

— Por quê?

— Porque você trabalhou para mim e eu quero te pagar. Prefere cheque? Não acho que você

vá querer tanto dinheiro vivo junto.

— Elena, o ensaio que fiz hoje foi para te ajudar. Não quero nada. Sério mesmo.

Elena suspira.

— Se eu te pedisse para fazer um quadro, você me cobraria. Certo? Porque é um trabalho.

Eu paro para pensar.

— Poderia ser um presente de aniversário.

— Meu aniversário e de Damien já passou. Não tem desculpas.

Eu cruzo os braços.

— Poderia fazer um desconto.

Elena cruza os dela também.

— Isso que você fez para mim hoje foi um trabalho, Mila. Vou ficar realmente chateada se não aceitar o pagamento, pois eu sempre pago minhas modelos. Não estou fazendo isso para te ajudar, é que eu achei você brilhante para a campanha de langerie.

Eu suspiro resignada.

— O valor com um grande desconto. — Anuncio e Elena ri.

O carro para e nós saímos.

— Sabe, eu vou sentir sua falta.

— Eu também. — Digo e a abraço.

Passamos o dia brincando com todos e prometendo voltar nas férias de julho. Nós voltamos todos juntos num jatinho particular. Eu precisava me acostumar com a vida dos ricos.

Miguel estava se mostrando uma pessoa totalmente melhor e mais segura, sem precisar fazer graça o tempo todo para se sentir parte de todos, mas ele também não perdeu as brincadeiras, elas eram parte dele.

Ele estava forte com a sua psicóloga e também conversava comigo. A minha melhor parte do dia é quando ele chega do trabalho e ficamos juntos no sofá. Hoje, duas semanas depois que voltamos para Boston, Carina veio me buscar para visitarmos nossos homens. Quando chegamos à entrada, ela para.

— O que foi?

— Eu só lembrei de uma vez que estive aqui, quando descobrir que Jace me traiu. Não que

ele realmente tenha me traído. Qualquer dia eu te conto.

Eu aceno em concordância, sem querer pressioná-la. Ao entrarmos, eu ouço a risada característica de Miguel e o encontro na área Vip tomando uísque e conversando animado com uma loira. Ela soca seu ombro e ele ri mais.

— Droga. — Carina murmura ao meu lado. Nós trocamos um olhar e ela espera eu fazer algo.

Sempre fui do tipo que age logo de cara, mas agora eu estava colada ao chão. Quando a loira se levanta e beija a bochecha de Miguel, eu simplesmente saio dali antes que eu faça uma loucura. Nunca fui essas mulheres loucas que fazem escândalo. Para mim, aprontou comigo, eu simplesmente excluo da minha vida. Eu não vi nada demais entre eles, mas não pude controlar o meu ciúme.

Pego um táxi e, depois de buscar Gabe na casa de Isis, que logo me pergunta o que houve e conto para ela o que vi.

— Eu sei que estou sendo imatura, mas fiquei com ciúme.

— Você agiu bem em sair, melhor do que fazer barraco e dar gostinho para essa mulher, caso ela queira algo realmente com ele. Eu provavelmente desfilaria até eles e ficaria lá, e perguntaria: estou atrapalhando a conversa?

Eu rio.

— Nem todas somos super-mulheres como você, Isis.

Isis rola os olhos, enquanto acarícia a barriga.

— Não sou uma super-mulher ou algo assim, só mantenho a mente fria para tudo que acontece. Claro que eu também tenho meus momentos de louca. Já contei que atirei no ombro de Dominic?

Arregalo meus olhos.

— Me lembre de não estar perto de você quando tiver uma arma na mão. — Falo e ela ri.

— Pode deixar.

Eu beijo sua bochecha e vou para casa. Estamos em pleno inverno, mas eu não me abato e aumento o aquecedor do apartamento. Miguel tem dinheiro suficiente para eu me dar ao luxo de me

imaginar no Brasil, no clima tropical. Tiro a maquiagem que fiz para ele e coloco um blusão branco para trabalhar um pouco enquanto Gabe dorme. Visto também um short, pois estou brava com Miguel e não quero que ele tente me seduzir usando a minha nudez contra mim.

Vou para meu estúdio e troco algumas mensagens com Theo, não nos falamos muito e eu estou com saudades dele. Tento pintar, mas não consigo me controlar, imaginando quem é aquela loira e o que ela estava fazendo lá com Miguel, quando ele deixou bem claro que iria trabalhar. Desisto de ficar na sala, pois o cheiro de tinta começa a me enjoar. Vou para a sala e fico andando de um lado para o outro, com mil coisas passando pela minha cabeça, mas não quero dar um de louca.

Sento no sofá e pego uma revista. Mal tenho tempo de tentar me concentrar, quando a porta se abre e Miguel entra. Ele nada diz, só fica em pé olhando para mim. Eu finjo não vê-lo. É infantil? É, mas pouco me importa. Ele parece cansar de ficar em pé e vai até o som, colocando TKO para tocar antes de se sentar.

Eu aproveito esse momento que estou me

corroendo, quase não aguentando mais, e me levanto. Ele observa meus passos, sem se mover, com olhos me devorando e eu gosto disso. Coloco as mãos nos meus cabelos enquanto caminho lentamente até o outro sofá onde ele está.

— Espero que você esteja de calcinha pelo menos. — Ele diz com a voz rouca.

Eu consigo evitar um sorriso completo, mas um pequeno me escapa. Deixo meus cabelos para lá e paro na sua frente. Ele toca a minha perna, arrastando sua mão lentamente, quase alcançando minha vagina. Rapidamente eu lhe acerto um tapa que o deixa surpreso. Sento em seu colo e ele não protesta, mas me olha apreensivo como se eu fosse doida, mas posso sentir seu pau duro. Ele tá gostando de me ver zangada.

Ele levanta a mão e passa por meu rosto carinhosamente, mas eu não deixo isso amolecer meu coração, em vez disso a raiva sobe e eu pego seus cabelos, sentindo minhas unhas em seu coro cabeludo. Os cabelos de Miguel já cresceram um pouco desde que Elena os cortou, mas ainda é difícil segurá-los.

Puxo sua cabeça para trás e aproximo a

minha, até nossas bocas estarem quase se tocando.

— Se eu descobrir que você está me traindo, eu te castro, Miguel. Eu juro que faço.

Espero ele ter alguma reação, qualquer uma, até mesmo fugir, mas, em vez disso, ele me agarra e cola sua boca na minha, me fazendo perder o ar.

— Você fica tão gostosa com ciúme, que fico louco por saber que você me quer só para si.

Eu bufo e tento me levantar, mas ele me segura pela bunda.

— *Nananinanão*. Você vem aqui cheia de marra, senta no meu colo, me deixa doido e acha que vai fugir da cobra? Negativo.

Eu rio de leve e a sua expressão amolece.

— É, acho que não posso deixar sua cobra assim. — Rolo os olhos e ele volta a me beijar.

— Com certeza não pode. Agora confesse, você está piscando igual pisca-pisca, né?

— Me respeita.

Eu acerto um tapa nele, que o faz rir mais e me abraçar, colando os lábios na minha testa.

— Agora, falando sério. Nunca pense que

eu te trairia, eu te amo e prefiro arrancar meu pau antes disso. — Eu rio e o beijo. — Mas é claro que eu posso, *sem querer*, acabar vacilando, tipo olhando um peito ou uma bunda de uma mulher por aí, mas é só coisa de homem. A gente, na verdade, nem percebe.

Levanto uma sobrancelha.

— Ah, é? Eu também posso, *sem querer*, ficar olhando aqueles caras gostosos, mas se eu olhar é só coisa de mulher, mas nem percebemos quando estamos os admirando...

Miguel me joga no sofá e começa a fazer cosquinhas em mim.

— Nada de ficar admirando outras pessoas, e isso conta para nós dois. — Miguel fala, levantando um dedinho para mim e eu engancho com o meu.

— Ok. Mas isso conta para famosos também?

Miguel pensa e nega ao mesmo tempo do que eu. É, nós nos entendemos bem.

Fevereiro chega e com ele o meu

aniversário. Estou mais que ansiosa para saber como vai ser a minha exposição, ainda mais agora que sei que terá ainda mais gente, já que Elena convidou muitos famosos e admiradores de arte. Emy que sempre é calma, na semana da exposição ela não parava quieta um minuto e Matt veio reclamar comigo que ele ficou sem tempo nenhum com ela.

— Quer tempo? Assume ela e aí com certeza terão tempo. — Foi a minha resposta.

Matt empurrou meu ombro enquanto caminhávamos pelas ruas de Boston, saindo de um café perto da galeria.

— Você acha? — Ele pergunta depois de um tempo e eu tenho que raciocinar para saber do que ele está falando. Quando percebo, abro um largo sorriso.

— Sim. Emy realmente gosta de você, só que ela teme que você ainda esteja no passado.

Ele suspira.

— Eu rompi totalmente com Drica, não nos falamos mais. Ela está bem com isso, mas disse que se sente sozinha.

Eu rolo meus olhos e ele vê.

— Ela foi minha amiga durante anos, Mila. Tenha mais empatia.

— Tá, eu sei que ela está morando em outro lugar...

— Canadá. — Ele responde.

— Tanto faz, mas você me falou que ela casou com um milionário e ela não parece estar tão sozinha como você acredita. Acho que ela só está te usando para ter uma ligação com o passado.

Ele dá de ombros, mas eu posso ver a dor no seu rosto quando ele percebe que eu estou certa.

— Eu a amo. — Ele grita de repente e eu tropeço na rua, quase derrubando o meu café. Eu estava usando luvas por causa do frio e elas diminuíam a aderência para segurar o café.

— O quê? — Eu guincho com a voz fina.

Matt cai na gargalhada.

— Por Emy, eu estou apaixonado por ela. Eu a amo.

Eu escuto um som de suspiro alto e vejo Emy metros à frente da gente totalmente chocada e

pasma. Rapidamente eu o empurro para ela e saco meu celular, colocando para gravar o desenrolar da novela mexicana deles, quase tão cheia de história como a minha e de Miguel.

— O que você disse? — Emy pergunta. — *Ay Dios mío*, vou desmaiar.

— Eu te amo, Emy. Amo como acorda mal-humorada ou quando do nada decide dançar, amo sua espontaneidade e o jeito que sempre vê coisas positivas em tudo. — Ele toma uma pequena pausa para respirar. — Mas, acima de tudo, eu amo você do jeitinho que é porque você me faz o homem mais feliz do mundo, só por estar ao seu lado.

Eu choro quando os dois se beijam apaixonadamente. Quando não aguento mais ficar separada dessa linda cena de amor, eu me jogo em cima deles e começo a gritar.

— Tão apaixonados, tão apaixonados! — Batendo palmas e totalmente feliz. — Eu amo vocês e quero que sejam felizes eternamente.

Depois de abraçá-los, eu me afasto um pouco e mando uma mensagem para Miguel.

Eu: Finalmente Emy e Matt estão juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se declarou!

Miguel: Uou, isso é maravilhoso! Você não vai querer outra declaração de amor, né? Eu sei como as meninas são e adoram ficar fazendo comparações de quem é mais romântico.

Eu coloco um monte de emojis rolando os olhos.

Eu: Não, eu não quero declaração.

A sua resposta me faz rir alto.

Miguel: Eu tô fodido agora, li um livro que fala que quando a mulher fala que não quer algo é porque ela quer, mas também diz que pode ser que não. E agora como eu fico.

Eu volto a rir, mas paro quando percebo que tem um sedan parado ao meu lado, olho para ele e o vidro está todo escuro, mas juro que sinto como se o motorista estivesse me observando. Rapidamente eu me junto a Matt e Amy e vamos para dentro da galeria.

Eu estou com mania de perseguição, só pode. Até agora o estranho não voltou a ligar, mas por que eu acho que isso não acabou ainda?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

MATT

Essa mulher é doida! Foi a segunda coisa que pensei quando conheci Emy, a primeira foi como ela é gostosa. Mas então ela abriu a boca e eu voltei a pensar que ela era doida.

Estávamos em sua galeria - que na época eu não sabia - e tentei cantá-la, sendo um cavalheiro, perguntando se ela não queria fazer arte com nossos corpos e, quando ela riu achando que era brincadeira, eu pisquei para Mila dizendo que estava no papo, que a morena ia ser minha. Qual é? Foi uma cantada boa e ela riu, era um bom sinal. Só que ela viu a minha troca com Mila e começou a falar em espanhol. Eu não entendia nada, só sabia que ela estava me xingando e me amaldiçoando, então eu descobri que ela era a dona da galeria onde minha irmã conseguiu expor algumas peças. Eu ainda a queria, apesar disso.

Durante anos, saímos juntos e às vezes eu a servia no Abaixo de Zero. E como era uma das

únicas amigas de minha irmã, eu me mantive afastado porque, quando Emy bebia, ela me olhava como se eu fosse seu próximo jantar. Mas quando estava sóbria, me olhava como se eu fosse a merda do elefante. Mila nem sonha que sua amiga me queria quando não estava sóbria, e eu achei melhor deixar assim, na verdade. Em vez de responder aos avanços de Emy, eu comecei a brincar e logo ela seguiu meu exemplo, e ficamos nos atormentando, mas o desejo sempre esteve lá.

Mila, desde que veio morar comigo, assumiu o papel de tirar de vez o fantasma de Drica da minha vida. Drica foi minha amiga há anos e ela errou feio com o que fez com Miguel. Eu entendi que ela não percebeu que ele estava muito longe quando o montou, e isso era algo que eu tinha certeza, que ficaria com ela para sempre.

Os Raffaelo foram piedosos de deixá-la viver, já que na máfia estupro tem pena de morte dolorosa. Atualmente ela estava morando no Canadá e casada com um milionário que lhe deu auxílio para ir embora e sumir. Mas, ainda me ligava pelo menos duas vezes ao mês. Eu ainda gostava dela, mas eu tinha ciência que nada entre

nós iria acontecer. Nunca e, para falar a verdade, eu não ligava para isso, não mais.

Eu odiava quando Emy estava com outro homem, apesar dela nunca namorar sério, mas achava que era só implicância de irmão, a mesma que eu tinha com Mila.

Eu estava errado.

Quando Mila deu um ataque na boate, então tudo mudou. Depois que Emy e Mila voltaram para casa comigo, eu estava morrendo de preocupação. Mila nunca foi uma pessoa medrosa e vê-la daquele jeito acabou comigo, ainda mais por não saber.

Não consigo dormir e decido ficar jogando vídeo game no silencioso pelo resto da noite, mas meus planos mudam ao ver Emy entrar na cozinha vestindo uma camisola curta da minha irmã. Como Emy tinha mais corpo e era mais alta, a camisola ficou curta e apertada, marcando todas as suas curvas. Daqui eu podia ver até o bico dos seus seios que começaram a ficar animados. Levantei o olhar para ela e lá estava seu olhar de desejo direcionado para mim.

— Perdeu o sono? — Pergunto me levantando e indo até a nossa cozinha americana. Meu apartamento era pequeno, bem no estilo solteiro, mas eu gostava dele.

Ela tira o olhar do meu peito malhado e musculoso e olha para mim, com as sobrancelhas juntas antes de desviar o olhar.

— Sim, eu fiquei preocupado com Mila.

— Eu também, ela não é assim.

Emy parece saber algo e sabe que eu vi isso em seu olhar, porque rapidamente ela abre a geladeira pegando uma garrafa de leite.

— Quer?

Eu a encurralo entre a geladeira e pego a caixa da sua mão, colocando em cima da geladeira.

— O que você está me escondendo?

— *Niño*, você vai ter que comer muito feijão com arroz para querer me intimidar para contar os segredos da minha amiga.

Eu me aproximo, como meu rosto parado em frente ao seu.

— E quem disse que eu quero te encurralar?

Ela morde os lábios fartos e eu me distraio. Toco seu braço com a ponta dos dedos, causando arrepios nela. Sua pele é macia assim como eu sempre imaginei, Emy tem um cheiro incrível.

— O que está fazendo?

Eu conecto meus olhos nos dela.

— Você sabia que isso cedo ou tarde iria acontecer, nós sempre tivemos química, *chica.*

Ela olha para os meus lábios.

— Uma noite?

— Sim, uma noite.

Levo ela direto para meu quarto, pois não queria ser atrapalhado por Mila. Assim que entramos no meu quarto, eu mato a vontade que tive desde que a vi e beijo seus doces lábios. Seguro seus cabelos longos e cacheados para mim para aprofundar o beijo. Ela geme contra os meus lábios, sorrindo.

— Eu sempre quis fazer isso.

— Sabia que você não resistiria a mim.

Horas depois, estamos deitados na minha

cama, nossas mãos entrelaçadas e seu corpo em cima do meu. Nossas peles tem um contraste, sua cor de bombom com a minha pálida cheia de tatuagens coloridas, e eu gosto disso. Ela toca os pelinhos no meu peito.

— Parece que o tapete combina com as cortinas. — Ela brinca e eu lhe acerto um tapa na bunda, de leve.

— Engraçadinha. Já imaginava que você era uma gritadora na cama. — Jogo de volta, querendo irritá-la. Ela ofega se sentando, seus seios grandes quase na minha cara.

Eu aproveito e a puxo para mim de novo.

— Vou usar tampões no ouvido na próxima vez.

Ela me bate.

— Não precisa, não vai ter uma próxima vez.

Eu a ajeito no meu colo e ela sente minha ereção, me olha e morde o lábio.

— Talvez só uma de despedida?

— Não conte com isso, ainda não terminei contigo tão cedo. — *E nem vou*, adiciono

mentalmente.

Durante meses nós ficamos juntos escondidos, escondidos entre aspas, porque Mila já sabia e nos deu espaço. Eu pensava que Emy se afastaria completamente de mim, já que Mila não morava mais comigo, mas perdi as contas de quantas vezes ela chegava em minha casa para sairmos ou comermos juntos no sofá e eu fazia o mesmo com ela. Ela gostava tanto da minha companhia como eu da dela, porém, eu sempre a sentia com o pé atrás.

Meses se passaram, e eu já não imaginava minha vida sem Emy, mesmo ela sendo totalmente maluca. Isso ela era e sempre seria.

— Você me ama mesmo? — Ela pergunta pela terceira vez enquanto entramos na sua galeria. Olho para Mila em busca de ajuda, mas ela está olhando para a porta enquanto entra apressada.

— Ei, tudo bem?

Ela se assusta quando eu falo, então sorri sem jeito.

— Ah, sim. Eu acho que tinha uma abelha atrás de mim. — Ela rola os olhos.

Eu rio e abraço Emy.

— Que tal irmos para seu escritório um pouco? — Murmuro contra seu ouvido.

— Eu tenho que trabalhar, amanhã já é a amostra de Mila e tudo precisa ser perfeito.

Olho em volta, vendo que o espaço estava mais arrumado, com tapete vermelho, luzes, mesas e tudo arrumado.

— Então vamos deixar tudo perfeito para minha maninha querida.

Mila rola os olhos e todos nos juntamos para arrumar.

— Está animada para amanhã?

— Muito. Mal posso esperar. — Ela sorri sonhadora.

CAPÍTULO 26

MILA

Meu rosto dói de tanto que eu sorrio. A minha exposição está indo maravilhosamente bem, sou parada aonde vou para ser elogiada e Emy disse que a maioria das obras já foram compradas, inclusive que houve disputa por algumas, o que fez o preço subir ainda mais.

Assim como prometeu, Elena e Damien estavam aqui para me prestigiar, assim como os irmãos dele e suas mulheres. Bella, a irmã de Elena, que conheci na festa dos gêmeos, também está aqui com todo o grupo de Las Vegas.

Críticos famosos também estão presentes e deixam meu coração acelerado e repleto de ansiedade. Alguns, inclusive, pediram o meu contato, pois tinham interesse de expor algumas obras minhas em outros estados. Normalmente eu não gosto de fazer um grande evento quando é meu aniversário, mas hoje fiquei realmente feliz que juntei o trabalho a ele.

— Já falei como você está bonita? — Miguel fala, beijando meu ombro nu antes de me virar para ele.

Finalmente a exposição acabou, porém, continuamos todos aqui, no salão, para comemorar meu aniversário.

Eu envolvo meus braços em seu ombro.

— Sim, já falou. Mas eu gosto que repita. — Beijo seus lábios docemente.

Miguel, por incrível que pareça, não fez drama quando Theo apareceu junto com sua assistente chamada Lett para o evento. Ela era uma mulher bonita, com a pele de porcelana, loira suave, com óculos de aros pretos que a deixam com um ar sensual. Eu olhei para Theo levantando as sobrancelhas e ele negou com a cabeça, mas eu sabia que ele tinha algo por essa mulher.

Um garçom traz bebidas para nós e, enquanto Miguel apenas aceita uma água, eu pego uma marguerita com bordas de sal. Decido não reclamar com o gosto para não prejudicar o barman da noite.

Nos aproximamos do grupo que conversa

animado, em que estão Isis e Dominic, Carina e Jace, Elena e Damien, Emy e Matt, e Theo e Lett.

— Olha, todos reunidos. — Miguel brinca ao se aproximar. Isis está belíssima num longo vestido preto apertado, que marca sua barriga grávida.

— Está tudo tão bonito. Você tem muito talento, Mila. — Isis fala. — Já comprei o meu e estou doida para colocá-lo na minha sala.

Minha garganta se fecha de emoção, pois sei o quanto as pinturas em sua sala significam, já que eram de seu irmão.

— Ficarei honrada de tê-la lá. — Respondo e ela abre um largo sorriso. — Qual você escolheu? — Pergunto curiosa.

— A "Fogo e Gasolina", ela expressa bem o que Dominic e eu somos. — Dominic dá um beijo em sua bochecha depois de suas palavras.

— A minha e Jace é a do "Elástico". — Carina diz suspirando feliz. Essa pintura em especial é uma das mais belas que já fiz. Foi feita em cima de elásticos um ao lado do outro e quando puxa aparece a tela em vermelho com uma pintura

de coração e, dependendo do ângulo, você pode ver um coração claramente se formando entre o fundo e os elásticos pintados.

O garçom vem até a gente para ver se queremos algo, mas também me traz outra bebida, que novamente eu aceito.

— Pediu pra ele ir reabastecendo o seu copo quando acaba? — Miguel brinca perguntando e tento conter uma risada.

— Só pode, mas essa bebida tá me dando muita sede.

Miguel me estende o copo dele com água e eu aceito grata.

Meu telefone, em minha bolsa, começa a tocar e eu fico tensa. Pego ele e vejo novamente o número restrito.

— Ei, o que foi? — Miguel pergunta ao meu lado.

— Você está pálida, *niña*! — Emy exclama.

— Eu tenho recebido ligações há meses. Algum doente vive me ligando. — Eu finalmente solto, ainda olhando para o celular, que para de tocar e logo em seguida volta.

— Eu sabia que tinha algo de errado com você. Por que não falou antes? — Dominic pergunta sério.

— Me diz o que essa pessoa fala. — Lett pede com a voz mais séria que já ouvi em toda a noite.

— No começo nada dizia e eu até achava que era de empresa de *telemarketing*, mas então comecei a ouvir a respiração dele e depois... — Fico em silêncio.

— Ei, vamos conversar lá na minha sala. — Emy toma a frente, me arrastando para a sua sala com todos me seguindo.

O celular toca em todo o caminho até voltar a desligar. Me arrepio toda. Será que eu devia ter contado isso desde que começou? Quando já estou sentada na sala de Emy, eu conto a todos das ligações e de como eu achei que estava ficando louca, que tinha decidido que se me ligasse novamente eu iria à polícia.

— Você devia ter falado antes, Mila. Isso é muito sério. — Theo diz, passando a mão pelos cabelos escuros. — Vou fazer umas ligações para rastrear o número e...

— Na verdade, eu posso descobrir o paradeiro, só preciso do meu computador comigo. — Carina interrompe, sorrindo docemente.

Novamente, o telefone começa a tocar.

— Atende e coloca no viva voz. — Isis pede. — Ele dessa vez pode falar algo que nos dê alguma dica de quem seja.

Eu faço como me foi dito e eu escuto a respiração do outro lado da linha.

— Mila, precisamos conversar. — A voz diz, parecendo bêbada. — Eu te amo...

Miguel toma a frente e desliga.

— É a primeira vez que ele fala algo, mais de uma palavra. E a voz estava diferente. — Eu digo pensativa.

— Talvez seja porque esteja bêbado. — Elena sugere.

— Ok. Vamos fazer assim, por hoje vamos curtir o restante da noite e amanhã vamos descobrir quem é o desgraçado que está lhe assediando. Certo? — Miguel pergunta e eu aceno.

— Melhor resolver isso hoje. — Damien contrapõe.

— Não, não quero perder o resto do meu aniversário. O que é umas horas a mais? Por favor, gente. Amanhã resolvemos isso. — Peço.

Todos acenam em contragosto e voltamos para a festa. Miguel nem por um segundo sai de perto de mim. Nós dançamos coladinhos, como um só.

— Odeio que você tenha escondido isso de mim. — Ele sussurra contra o meu ouvido.

— Eu só estava com vergonha, não queria ser um problema para ninguém e, para falar a verdade, eu nem sabia o que eram aquelas ligações até pouco tempo atrás quando... — Eu fecho a boca.

— Quando ele, porra, estava se tocando enquanto falava com você? — Miguel rosna. — Estou com tanta raiva que você esteja passando por isso. Não tem que ter vergonha, você é a vitima. O doente é esse cara.

— Vamos esquecer isso por hoje? — Beijo seu lábio.

— Tá bom, só porque hoje é seu dia.

Nós dançamos mais uma música até que eu

me afasto para ir ao banheiro. No caminho, sou pega pelo braço e solto um grito antes da minha boca ser fechada por uma mão.

— Calma, eu só quero falar com você. — A voz bêbada de Paul me para.

Ele me leva até um corredor, tropeçando durante todo o caminho. Era ele me ligando todo esse tempo?

— Eu só quero falar. — Ele pede, com a mão ainda tampando minha boca. O seu hálito de vodca e uísque é tão forte que eu preciso prender a respiração. Ele está mais magro, acabado. — Minha vida acabou, Mila. Eu estou tão fodido.

Ele cola a sua testa com a minha e eu tenho que conter a vontade de vomitar pelo seu cheiro forte. Acho que em algum momento ele vomitou em si mesmo.

— Perdi a minha vaga na faculdade por causa das drogas. Meus pais não falam mais comigo, não tenho dinheiro, tenho problemas com a máfia e acordo no meio da noite com convulsões. Eu estive numa clínica de reabilitação e estava limpo, até lembrar que hoje era seu aniversário e eu não estava junto com você. Tudo que posso pensar

é em você, baby. Me dê outra chance.

Eu tento tirar a mão da minha boca e ele deixa, mas tampa o caminho para eu sair. Não sou a melhor em brigas, mas acho que posso dar um chute no saco dele e correr, até porque ele está tão tonto que não conseguiria me alcançar.

— Eu me arrependo tanto de ter atirado em você. Não sei onde estava com minha cabeça. Eu sinto tanto...

— Tudo bem. — Eu tento sorrir, falhando totalmente. Ele realmente atirou em mim? Saber disso tornou tudo ainda mais real. O homem que eu dormia e gostava, tentou me matar porque terminamos. — Eu preciso ir, tem gente me procurando e...

— Não, você não pode. — Ele grita e depois coloca um dedo em sua própria boca como se tivesse me mandando ficar quieta. — Vamos recomeçar? Eu sei que posso ser melhor. Você me deixa melhor.

Tudo que eu posso sentir nesse momento é pena. Pena que suas escolhas o fizeram o que é hoje.

— Vamos começar com calma, você precisa ficar sóbrio primeiro.

Ele acena sorrindo e soluça em seguida. Deprimente. Mas antes de chutar ele e correr, eu preciso saber de algo.

— Por que você me ligou durante meses em vez de tentar realmente falar comigo, procurar uma ajuda? Você esteve me atormentando por meses. Por quê?

Ele faz uma cara surpresa e abre a boca, mas a próxima coisa que eu vejo é o braço de Miguel ir para o pescoço dele, o deixando sem ar até que ele desmaia no chão.

— Você está bem?

Eu finalmente sinto minha perna ceder e Miguel rapidamente me pega em seus braços antes que eu caia. Seguranças de Dominic aparecem depois que Miguel telefona para ele e Jace vai junto com Miguel para interrogar Paul. Os homens me perguntam o que aconteceu e eu narro, ainda chocada com o que houve. Era ele esse tempo todo?

— Estava na minha cara e eu não vi. —

Resmungo quando acabo de falar para eles.

A mão de Elena vai para o meu ombro.

— A gente nunca espera algo de ruim de uma pessoa próxima, mesmo que essa pessoa já tenha feito algo de mal.

As meninas me servem água e eu fico com ainda mais vontade de fazer xixi. É quase dolorido controlar, mas estou com tanta sede que aceito.

Eu começo a suar e sei que vou passar mal a qualquer momento.

— Eu vou ao banheiro, não consegui ir antes. — Falo para elas que acenam.

— Quer que a gente vá com você? — Carina pergunta, tentando acessar o celular de Paul. Um dos seus seguranças trouxe o seu Notebook.

— Não precisa, ele já foi pego. A não ser que apareçam as meninas que briguei na sexta série, aí teremos um problema. — Brinco, tomando um gole da minha marguerita, franzindo o nariz com a quantidade de sal. Estou tentada a ir até o barman e ensinar a ele como é que se faz uma bebida. Largo o copo pela metade e me sirvo com a água que tem na mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

A festa está alheia ao que houve, todos conversando, rindo, tirando foto e curtindo o momento. Caminho até o banheiro, cumprimentando as pessoas no caminho. Depois que faço xixi, eu me olho no espelho e começo a ficar tonta. Tomo mais um gole da minha água na taça, molho minhas mãos e passo na nuca, mas nada alívia essa sensação horrível.

Saio do banheiro e só dou mais um passo antes de tropeçar num homem, que me segura.

— Peguei você. — A voz me causa arrepios e eu a reconheço. — Minha. Agora você vai ser minha.

Meus instintos me levam a lutar e antes mesmo que eu perceba, eu estouro a taça na cara dele, cortando minha mão no processo. Sinto o nosso sangue jorrar e eu tento gritar, me mexendo para fugir dele. Como ele se distraiu um pouco com a taça no seu rosto, eu tento correr, mas tropeço em meus próprios pés, vendo tudo aos pouco ficar mais lento e o mundo sem som. Eu tento gritar por ajuda, mas ele tampa a minha boca com um pano contra o meu nariz. Exalo um cheiro forte que termina de me fazer perder os sentidos.

PERIGOSAS ACHERON

Meu último pensamento é que eu nunca consegui me despedir de Gabe, ou mesmo pedir desculpa a Miguel por abandoná-lo como sua antiga esposa fez.

CAPÍTULO 27

MIGUEL

Me desculpe, ela se foi.

Essa foi a primeira coisa que ouvi quando Elena me ligou aos prantos chorando. Parece que, ou todos nós estávamos enganados a respeito de Mila, ou algo muito grave havia acontecido com ela. Mas, de uma coisa eu tinha certeza, que o cara a minha frente não era o stalker de Mila.

Eu sabia qual era a sensação te ter uma pessoa querida sequestrada. Carina passou por isso e eu senti na pele, mas agora que era com Mila, eu me sentia dez mil vezes pior. Minhas mãos tremiam tanto que eu me surpreendi de conseguir segurar o celular. Vendo a minha cara, Damien o tomou de mim e ficou igualmente branco antes de desligar dizendo que estaríamos a caminho.

— O que houve? — Jace pergunta. Suas mangas estão dobradas e seus punhos com sangue enquanto ele torturava Paul para descobrir o por quê dele fazer isso, mas o cara estava tão bêbado

que desmaiava e não falava coisa com coisa.

— Sequestraram Mila. Acharam sangue no corredor e pedaços da taça que ela segurava. Emy está pegando as filmagens.

— Puta que pariu. — Dominic ruge, passando a mão pelos cabelos. — Ele era um plano para nos distrair, tenho certeza. Mila disse que ele falou que estava numa clínica de reabilitação, que estava sóbrio até hoje. Ele foi a porra de uma distração e a gente caiu.

— Miguel! — Jace diz se aproximando, vendo eu me perder. — Não é hora para pirar, vamos recuperar sua menina. Não deixe sua mente ir para lá. Vá com eles investigar isso, eu vou arrancar o que puder de Paul.

Eu o olho.

— Você... Você não pode ficar aqui sozinho. — Jace tinha depressão por causa desse trabalho e chegou ao fundo do poço por causa dele. Não podia deixá-lo afundar novamente.

Ele tocou meu ombro.

— Vai recuperar sua garota. Eu sei que você faria o mesmo por mim.

Nós entramos no carro e eu escuto Damien e Dominic no telefone, mas eu estou parado. Perdido. Não podia perder Mila. Quando perdi Ester, fiquei perdido por um tempo, sem saber o que fazer, mas sem Mila eu não existiria. Isso me fez pensar no quanto eu a amava. Memórias nossas vem a minha mente, sua risada, seu jeito doce, suas palhaçadas, piadas, nossas brigas, minhas idiotices, nós dois juntos. O carro para na galeria e saio sem me importar com o jeito que eu estou. Ao entrar, percebo que está vazio. Corro para a sala de Emy e paro na porta ao ver as meninas me olhando preocupadas.

Elena, Isis e Carina vêm até mim e me abraçam.

— Vamos achá-la. — Isis promete.

— Temos as filmagens. Os outros homens saíram para procurar. — Carina diz, ficando tensa.

Eu me aproximo do computador e Emy se afasta, abraçando Matt que está tão louco como eu.

A filmagem começa com Mila indo até o banheiro, seu corpo não está firme e ela anda sem conseguir ficar em linha reta. Meu coração aperta. Ela fica alguns minutos no banheiro que não tem

câmera e, quando sai, eu vejo seu rosto já pálido, seus olhos abrem e fecham, mas o que tem meu olhar é o homem de costas para a câmera. Ele a pega e diz algo, então Mila começa a lutar enquanto ele a segura. Ela, por fim, estoura a sua taça no rosto dele e tenta correr, mas perde os sentidos e desmaia. O homem a pega nos braços e ainda fica a olhando por um momento antes de sair para os fundos. A câmera capta o rosto dele.

— Nós estamos tentando descobrir quem é ele. — Elena fala.

— Quero a gravação desde o começo do dia, na verdade desde a noite seguinte. — Eu anuncio e Emy coloca para mim.

Passo a câmera no acelerado, não vendo nada de estranho. Vejo a cena de Emy e Matt se beijando enquanto Mila pula sorrindo para eles, eu paro a cena, focando nela e sorrio vendo a minha menina tão feliz. A gravação continua e eu vejo Mila ficar tensa olhando o carro que para ao seu lado.

— Pegue a placa e descubra quem é o dono. Quero o endereço. — Peço a Carina, que rapidamente começa a trabalhar.

Sem conseguir ficar parado, eu me levanto e começo a andar de um lado para o outro. Como deixei isso acontecer? Eu devia protegê-la. Me afasto de todos e fungo, me recusando a chorar, não enquanto não tiver Mila em meus braços.

— Ela vai ficar bem. — Matt diz ao meu lado. — Minha irmã é a pessoa mais independente que eu conheço, ela vai conseguir uma saída.

— Eu espero que sim.

Lucca invade a sala.

— Levei o copo com a bebida que Mila estava bebendo a noite toda. Era gama-hidroxibutirato, Miguel.

— Droga do estupro. — Eu murmuro, sentindo meu mundo desabar.

Um médico entra e tira o sangue das meninas também para uma verificação se está tudo bem. Quando ele vem tirar o meu, eu não deixo.

— Carina, veja as filmagens do bar, veja se foi ele quem colocou a droga em sua bebida ou tem alguém trabalhando para ele. — Peço.

Poucos minutos Carina fala:

— Sobre o carro, pertence a Samuel

Rubber, trinta anos. — Ela vira a foto para mim e é o mesmo cara da câmera.

— Eu já vi esse cara em algum lugar.

Carina descobre o Instagram dele e passa algumas fotos. Eu a faço parar numa em que ele está vestido de Halloween.

— Porra! — Rujo. — Foi ele que Mila estava falando no bar no Halloween! Ele a estava seguindo desde lá.

Passo a mão pelo meu cabelo.

— Calma. Vou descobrir o seu endereço.

Enquanto ela tenta descobrir, eu uso o computador de Emy para as filmagens e vejo que ele ficou no bar durante toda a festa e conversava com o barman. Foi ele mesmo a colocar a droga dentro da bebida. Conto três vezes que ele colocou.

Meu Deus, como será que Mila estava?

MILA

A boca seca, sedenta por água e uma fraqueza enorme me toma assim que eu acordo.

Uma ânsia de vômito vem e eu consigo me empurrar para o lado antes de vomitar por todo o chão. Com custo, eu consigo abrir os olhos e foco num teto branco com salpicos de tinta por todo ele, exatamente como o teto da minha antiga casa em Londres.

Onde eu estou?

Olho para o criado mudo e vejo que tem uma jarra de água, mas hesito antes de tomar. Tenho medo que essa água possa ter algo, mas a sede é maior. Bebo toda a água e começo a me sentir um pouco melhor. Consigo me sentar e percebo que estou sem meus sapatos, porém, o meu vestido continua no lugar. Tento lembrar o que aconteceu, mas tudo está nebuloso. Uma dor me toma na mão e eu vejo que ela está enfaixada, então tudo me vem.

Eu fui sequestrada.

O stalker veio atrás de mim.

Um pequeno gemido de medo me escapa, mas eu tampo a minha boca. Levanto e consigo rastejar até o interruptor de luz, mas não consigo evitar o grito que sai de mim ao ver as paredes do quarto onde eu estou.

São fotos minhas de vários lugares onde estive, fotos do meu Instagram, fotos minhas com um super zoom e montagens do meu rosto. Minhas mãos estão trêmulas e eu não consigo respirar. Tem fotos minhas com Paul, Miguel, com as meninas, do Natal, Ano Novo, e até mesmo da minha antiga casa em Londres.

Passo a mão pelo cabelo, puxando ele com força. Eu preciso sair daqui antes que ele volte. Vou até a janela percebendo então que eu estou em um prédio e que a escada de emergência está ao lado da janela. Eu tento abrir ela, mas está fechada. Penso em jogar algo na janela para quebrá-la, mas do jeito que estou fraca, eu não conseguiria correr rápido e ainda me cortaria com os cacos.

Procuro pelo quarto algo para usar como arma, mas não tem nada. No quarto só tem a cama e o criado mudo. Olho para os lados, procurando algo quando vejo uma câmera. Ele está me observando. Eu sei disso. Ânsia de vômito me vem de novo e eu tenho que respirar fundo várias vezes para me controlar. Não tenho ideia do que fazer.

Pouco tempo depois a porta se abre eu me afasto tanto quando posso. Quando vejo o seu

rosto, eu me lembro.

— Você era meu cliente no Abaixo de Zero.

Ele sorri.

— Sim, Samuel. Estive com você na festa de Halloween, mas parece que você não me notou, na verdade, você nunca o fez.

— Por que você está fazendo isso? Era você quem me ligava, não era? Não Paul.

Samuel lambe os lábios me olhando.

— Sim. Você fica muito bonita assustada, tenho que confessar. Por que não se senta? Você parece tonta, os efeitos da droga ainda estão aí, mas eu não usei muito, só queria que você dormisse por um tempo.

Eu me sento, não querendo desafiá-lo. Ele olha todos os meus passos.

— Estive um longo tempo atrás de você, Mila, mas você não me deu chance e começou a namorar com Paul. — Ele cospe quando fala o nome de Paul. — Eu tentei fazê-lo te deixar, fiz amizade com ele, mas o idiota não queria. Eu fiz seus pais saberem das suas atividades com as drogas, mas nem isso foi o suficiente e, quando

você finalmente enxergou que ele não era o cara para você, ele tentou te matar.

Sua mandíbula fica tensa e ele respira.

— Eu sabia que era uma questão de tempo até você aceitá-lo de volta, então eu planejei a morte dele. Por que não usar o útil ao agradável? Vi como você olhou para Herondale um dia no bar, não podia dar espaço a outro homem em sua vida, então falei com Paul matar ele, só assim não teria dívida para pagar. — Ele ri de si mesmo. — Ele acreditou e eu lhe dei a arma. — Seu olhar fica vidrado. — Ele decidiu que iria te matar também. Eu nunca lhe daria uma arma se soubesse que ele queria fazer mal a você.

Eu olho pelo quarto.

— Por que você tem fotos da minha casa em Londres? — Perguntei hesitante.

Ele sorri sádico.

— Não dizem que a gente conhece a pessoa pelo quarto dela? Estive no seu de Londres, seu padrasto estava desmaiado de bêbado e sua mãe dormindo, cheia de remédios. Seu quarto era triste. — Ele recita. — Mas ainda assim era a sua cara.

Consegui fotos suas pequenas, quer ver?

Eu neguei com a cabeça.

— O que você quer comigo, afinal?

Ele deu de ombros.

— Nada além de me casar com você, como planejei desde que a conheci.

CAPÍTULO 28

MILA

— O quê? — Eu gritei. Esperava que ele dissesse que queria me estuprar ou até mesmo matar, mas casar?

O olho esquerdo dele tremeu, mostrando que ele estava ficando nervoso, e eu não teria a menor chance com um homem daquele tamanho durante uma luta.

— Quer dizer, casar? Já? Mal nos conhecemos, Samuel. — Tentei deixar a voz mais calma, como se estivesse cogitando a ideia. Seus ombros abaixaram.

— Mas eu te conheço, Mila, eu sei dos lugares que você gosta de ir, seus amigos, suas comidas favoritas, de suas tatuagens. Olhe. — Ele começa a tirar a blusa e eu gelo.

Seu peito tinha várias tatuagens que eu desenhei e vendi. Mas não é só isso que chama a minha atenção, e sim a pistola em sua calça. Preciso respirar fundo para me acalmar, mas sinto

todos os meus músculos tremerem de medo e mal consigo sorrir.

— Se você tivesse me mostrado isso antes, com certeza eu teria lhe chamado para sair. — Minto. Ele olha no meu rosto em procura de verdade, mas eu mantenho a expressão calma, como eu fazia com clientes mais chatos e insistentes.

— Mas agora isso não importa, vamos casar.

— Eu-eu não estou preparada para isso. Não tenho nem vestido.

Ele sorri e estende a mão para mim. Com custo eu aceito e a pego. Ele me leva até a sala e eu vejo com horror um vestido branco para mim. Ele é longo, com renda e que, se estivesse em outra situação, o acharia bonito. Isso só prova o quanto ele me investigou para saber exatamente o que eu gostaria.

— O vestido é lindo, mas não acho que nenhum padre aceitaria nos casar assim de um dia para o outro. — Ele aperta a minha mão com força e eu gemo com a dor. Ele rapidamente a solta.

— Por isso estamos indo para Vegas.

Eu gelo.

— Mas eu não tenho documentos...

— Tudo está resolvido. Tenho eles aqui comigo. As passagens já estão compradas.

Talvez essa seja a chance de conseguir fugir. Não tem como passar despercebido comigo gritando por ajuda em pleno aeroporto. Eu sorrio de leve, me perguntando como ele conseguiu meus documentos. Tudo bem que a minha identidade estava na bolsa, mas meu passaporte com certeza não estava lá.

— Peguei seu passaporte na volta de sua viajem para a Itália. — Ele conta, me fazendo arrepiar. — Entrei no voo, você nunca me notou. Mexi na sua bolsa e roubei o seu passaporte para caso precisarmos para viajar na nossa lua de mel para Paris. O que você acha?

Mordo a parte interior da minha boca com força. Ele esteve tão perto de mim e nunca o notei. Quanto perigo eu corrir estando com Gabe junto comigo quando saíamos. Eu podia ter colocado meu menininho em risco.

— Parece bom.

Ele me deixa ir ao banheiro e eu procuro por todo ele em busca de câmeras e, depois de não achar, eu faço minhas necessidades e encaro meu reflexo, me vendo cheia de olheiras e com a pele completamente pálida de medo. Sempre me considerei uma pessoa forte, mas agora eu mal consigo me manter calma o suficiente para não piorar essa situação.

— Já acabou aí? Precisamos ir. — Samuel bate com força na porta, me fazendo saltar.

— Já estou saindo.

Nós passamos pelos elevadores e eu não vejo ninguém. Samuel se mantém segurando o meu braço, me impedindo de correr. Nós entramos em seu carro e, depois de colocar uma mala dentro do carro, ele dirige por cerca de uma hora. A porta do carro está trancada e eu nem tento abrir para não irritá-lo.

Paramos no estacionamento do aeroporto e Samuel se vira para mim, seus olhos estão vidrados. Nós dois sabíamos que quando chegar lá dentro ele não terá arma de fogo e eu poderei gritar por ajuda. Tento sorrir, mas sai tenso.

— Você não vai fazer nada lá dentro, Mila. Você tenta e eu faço uma ligação e tenho Matt na mira de um atirador de elite que eu contratei. Não vou hesitar em fazer a ligação. Se na hora que pousarmos, eu não ligar novamente ele terá o sinal verde para atirar, afinal, já foi pago.

Eu aceno. Ele toca meu rosto e seca as lágrimas que caem dos meus olhos.

— Não chore, querida. Vamos ser felizes. Eu te prometo.

Entrar no aeroporto e não poder pedir ajuda as autoridades é uma das piores coisas que já fiz na minha vida. O vazio me aperta e minha garganta fica com um caroço difícil de engolir. Segurar as lágrimas é ainda pior, mas não podia deixar que ele matasse meu irmão. Quando finalmente entramos no avião e nos sentamos, eu suspiro um pouco aliviada. Minha mente tenta raciocinar algo para fazer, mas nada me vem.

Depois de horas e sermos avisados que em breve chegaríamos, eu tomo coragem.

— Preciso ir ao banheiro... querido.

Ele sorri, feliz da maneira que o chamei,

ignorando a minha cara de enjoo com a palavra.

— Vá, mas não tente nada. Não esqueça quem está no controle da situação.

Ele puxa meu rosto para me dar um beijo na boca, mas eu viro o rosto. Sinto seus olhos em mim enquanto caminho até o banheiro. Quando finalmente ele não pode me ver, eu pego uma caneta que estava num carrinho de comida para anotar os pedidos junto com um papel. Entro no banheiro, me trancando lá dentro.

Com as mãos trêmulas eu escrevo:

"Me chamo Camila Brant, moro em Boston e estou sendo sequestrada. Meu sequestrador se chama Samuel e ele é um perseguidor que vem me seguindo há muito tempo. Fui sequestrada na minha exposição de artes, na Galeria Tanner. Estou sem tempo, ele quer ir a Vegas para nos casarmos. Eu vou fugir assim que puder, mas preciso que meu irmão esteja em segurança. Ele o ameaçou. Disse que tem um atirador pronto para matá-lo". — Adiciono o endereço de Matt e seu telefone. — "O homem é instável e eu estou com medo. Espero que possa fugir, mas se não, quero que diga Miguel Herondale" — coloco seu endereço — "que Mila o

ama e que irá sentir saudades eternas dele e de Gabe".

Dobro o papel, escrevendo "abra" na parte da frente, lavo o rosto e saio do banheiro dando de cara com Samuel.

— Você demorou, querida. — Ele diz sorrindo, pois algumas pessoas nos observam.

Ele me arrasta de volta para o banco, e no meio do caminho eu jogo o bilhete no chão, esperando que alguém veja, mas percebo que o papel passa despercebido para todos.

Finalmente paramos e, depois de todos os tramites, nós começamos a sair do avião. Vejo que uma aeromoça pega o papel no chão e o olha, mas Samuel me puxa antes que eu possa dar um sinal que eu era à mulher que escreveu. Devia ter colocado algumas características minhas e de Samuel, mas a ideia não me veio na hora. Mordo a boca com força, esperando que isso iniba as lágrimas que querem cair.

Nós passamos direto pela bagagem.

— Não vamos pegar? — Pergunto, pois lá demoraria tempo o suficiente para eu ser

identificada pelas autoridades, certo?

— Não, meu motorista já está nisso. Só precisamos ir ao hotel e nos arrumarmos para o casamento.

— Mas, e o vestido? — Pergunto levantando a voz, mas ele não liga.

— Está na bagagem de mão. — Ele sacode a pequena mala que segura. — Assim como meu terno.

Então eu lembro de algo.

— O atirador, você precisa ligar para ele. — Falo rapidamente, me atrapalhando nas palavras. Como pude esquecer isso.

Samuel ri.

— Tudo por você.

Ele pega o celular e depois de umas palavras, eu escuto ele falar que estava tudo bem por agora. Ele escuta o que o atirador diz e fica tenso, diz que depois ligava para saber mais detalhes, antes de me olhar sorrindo e desligar.

— Tudo certo, por agora.

Quando saímos do aeroporto, eu sinto o

vento gelado na minha cara. A temperatura está tão fria que automaticamente eu espirro, cobrindo meu rosto. Tremo com o frio e engulo um grito quando Samuel me abraça, como se estivesse preocupado. As pessoas a nossa volta sorriem como se fôssemos um belo casal.

Nós entramos no hotel e eu percebo que não é a área onde Bela mora, na verdade é do outro lado da cidade. Tento lembrar o nome do bar que seu pai comanda, que ela havia dito, mas nada me vem.

Ao chegarmos ao quarto, eu temo que Samuel possa tentar algo, mas ele só estende o vestido na minha cama.

— Se vista, estamos apressados. Não trouxe maquiagem, mas você também não precisa. Eu vou estar na sala, ao telefone.

Ele sai do quarto, me deixando sozinha. Escuto ele atender ao telefone e aproximo o meu ouvido da porta.

— Como assim você não tem alvo nenhum? Onde o irmão dela está?

Não tem alvo?

— Todos estão na casa do Raffaelo? Não

tem como fazer algo para que eles saiam? Entre no apartamento de Matt e liga o gás. Ele será chamado para verificar.

Eu cubro a boca com a mão.

— Como assim estão me caçando? Que porra é essa? Eu fui cuidadoso todo esse tempo, como assim tinham câmeras que pegaram o meu rosto?

A galeria de Emy. Não faz muito tempo que ela colocou câmeras lá e só quem estivesse atento poderia vê-los, já que as câmeras eram discretas. Me afasto da porta e estendo o vestido na cama, vejo que há uma langerie branca junto com ele, mas ao invés de pegá-la eu a jogo debaixo da cama e vou me trocar no banheiro rapidamente, sem nem tomar banho. Quero ficar nua o menos tempo que puder perto dele. Depois de colocar o vestido eu prendo meus cabelos num coque, para que eu pudesse fugir. Penso em gritar assim que chegarmos ao saguão, mas não vi qualquer segurança lá além do porteiro, que já era um senhor de idade.

Espero que a aeromoça tenha conseguido denunciar e que Miguel use o submundo que ele faz

parte para me ajudar. Ao chegar a sala, eu escondo o fato que estou descalça e como o vestido é longo, não dará para ver, a menos que eu o levante. Não me importo de como as ruas são sujas, estar descalça é a minha melhor opção para correr.

Samuel me olha com tanto desejo que minha barriga se vira e eu engulo o vômito, tentando não demonstrar o quanto estou nervosa. Em sua mão ele tem uma pequena pasta.

— Você está esplêndida. Maravilhosa! — Ele diz, pegando minha mão e me rodando, eu tento forçar um sorriso.

— Obrigada. O que você tem aí?

— O contrato de casamento, tem uma cláusula que você não pode me deixar por dez anos e depois disso tem que pagar uma multa de dez milhões. Está dentro da lei e é irredutível. — Ele segura meu rosto com força. — Não vou te deixar fugir. Já temos uma casa em Nova Iorque, onde você terá tudo do bom e do melhor. Depois do casamento, iremos a um cartório onde eu paguei para eles estarem abertos e retificarem o contrato.

Eu forço o sorriso.

— Que bom.

— Você vai me amar, Mila. Eu tenho certeza disso, só começamos com o pé errado.

Ele então fica sério.

— Sou um homem rico, Mila. Vou conseguir novas identidades para nós e a máfia não poderá fazer nada. Eu também tenho meus contatos e vou conseguir auxílio com a máfia russa. Eles me devem. E Herondale em breve terá uma cova com o seu nome se continuar a te procurar, assim como todos que o fizerem. Posso ser muito bom, mas também posso ser muito mal.

Eu então puxo meu rosto de sua mão e explodo.

— Eu te odeio. Você é um doente!

Ele me acerta um tapa na cara com força, que me faz cair no chão. Ele se descontrola, demonstrando toda a fúria que tinha guardado.

— Você é uma puta! Ficou dando a boceta para Paul e depois para Herondale. Quando for minha mulher, você vai aprender a ter respeito. — Ele sobe em cima de mim e me acerta um soco na boca. — Você os amou tão facilmente, porque não

a mim? Entregou seu corpo para esses fracos. — Ele aperta meu seio com tanta força que eu solto um grito de dor.

Quando o sangue começa a escorrer da minha boca, ele pega um pano branco e passa, limpando antes de pressioná-lo contra meu lábio ferido, me fazendo tremer pela dor.

— Nem pense em sujar seu vestido. Não quero ver uma única gota de sangue.

Eu tento engolir o choro, mas um soluço sai de mim. Ele então passa a mão pelo rosto.

— Veja o que você me fez fazer. Eu espero que você se controle, pois minha paciência não é das melhores.

Ao entrarmos no elevador, eu penso em uma saída, mas logo meus pensamentos vão para o espaço quando, assim que a porta se abre, tem um homem esperando. Sua cara é brava e ele tem uma longa cicatriz que vai do olho até a garganta, é grotesca e, ao contrário de Jace que fica sexy com uma cicatriz, nesse homem ficava assustador.

Ele se aproxima assim que saímos do

elevador, fala algo no ouvido de Samuel que fica tenso ao meu lado e aperta mais o meu braço. Caminho ao lado deles quase correndo para acompanhá-los. Penso em gritar, mas quem poderia me ajudar. Tento identificar alguma polícia, mas não vejo ninguém.

Assim que entramos numa limusine, sozinhos, com o cara mal encarado no banco do carona, eu olho para a janela tentando planejar minha fuga. Mas então pensamentos negativos vêm. E se eu não conseguir? E se eu nunca mais vir às pessoas que eu amo? Lágrimas caem dos meus olhos e eu não consigo controlar o soluço que me escapa.

— Pare de chorar. — Ele pega meu rosto, me virando para ele. Samuel está transtornado. — Por que você tinha que se envolver com essa gentinha baixa? O submundo do crime todo está me procurando e a culpa é sua, sua vagabunda.

Ele acerta um tapa na minha cara e o corte da minha boca volta a sangrar, mas ele não fica satisfeito e puxa meu cabelo, me fazendo gritar.

— É melhor você ser a mulher perfeita. Eu estou arriscando tudo por você, Raquel.

Raquel? Quem é Raquel?

Como se nada tivesse acontecido, ele coloca o véu sobre meu rosto, tampando todo o estrago feito, mas no último segundo ele beija meus lábios, lambendo o sangue.

— Sempre deliciosa.

Eu engulo meu asco por ele e nada digo. Ele coloca sua mão sobre a minha perna e meu sangue gela, com medo que ele me estupre, mas ele só acarícia.

— Nós vamos nos casar hoje, Mila. Eu te prometo. A gentinha não vai conseguir entrar nesse território sem começar uma guerra.

Ele volta a pegar meu rosto e beija meus lábios através do véu, tentando me fazer abrir a boca. Mas eu a mantenho-a travada, usando toda a minha força para fazê-lo.

— Em breve você vai ceder, querida. Eu te estudei, sei exatamente o tipo de homem que você deseja.

A porta do eu dedo toca o decote do meu vestido, parando perigosamente próximo a meu mamilo.

— Você não vai resistir e, depois de hoje, será minha mulher para eu fazer o que bem entender. — Ele aproxima a boca da minha orelha. — E você vai gostar.

Miguel, por favor, me encontre.

CAPÍTULO 29

MIGUEL

Eu sou a pior pessoa do mundo. Enquanto entrarmos no avião depois de localizar o rosto de Mila no aeroporto, em direção a Las Vegas, e rapidamente seguirmos o caminho, eu parei para pensar todas as vezes que a fiz ficar triste ou a decepcionei com minhas atitudes. De que serviu tudo isso? Perdi um tempo precioso com essas situações, podendo ter gastado eles dizendo o quanto ela era especial para mim, fazendo novas memórias.

Seco uma lágrima que cai, não posso quebrar agora. Ver o olhar assustado dela terminou de acabar comigo. Quando pousamos, nossos celulares começam a tocar e eu descubro que uma aeromoça descobriu um bilhete de socorro de Mila.

— Vamos achá-la. A *Famiglia* está procurando eles. — Dominic afirma, tocando o meu ombro.

Viemos eu, Dominic, Jace e Damien junto

com outros homens armados. As meninas, a contra gosto ficaram em casa para preparar tudo para quando ela voltar. Carina está empenhada em descobrir onde ela está. Parecendo saber que meus pensamentos estavam com ela, eu recebo uma ligação.

— Descobri onde ele está hospedado. — Ela diz e, em seguida, passa o endereço. — Miguel?

— O quê? — Falo enquanto corro até o carro, já citando o endereço do hotel, que fica do outro lado da cidade. Damien toma a frente do volante e eu vou para banco de trás junto com Dominic, Jace fica na frente junto com Damien.

Há vários carros de segurança e motos nos seguindo, nos cercando para a segurança.

— O que as pessoas vão fazer em Vegas?

Meu sangue gela quando eu raciocino.

— Isso não vai acontecer!

Desligo o celular, depois de ela dizer que está terminando a lista de capelas, e conto para eles a minha suspeita.

— Vamos impedir, mas, Miguel, aquela

área é território de outra máfia. Temos que pedir permissão para ir lá. — Dominic diz.

— Foda-se a permissão.

— Nós temos problemas com essa máfia? — Damien pergunta.

— São uma *Famiglia* mais rígida, mais conservadora. Não temos problemas com eles, mas podemos vir a ter se invadirmos o território.

— E essa máfia é a...? — Jace pergunta.

— Mão Negra.

— Eles são uma máfia ítalo-americana como vocês, não? Qual o problema de entrarmos para buscar minha mulher? — Eu rosno, raivoso. Hans Hilton era o contador da Mão Negra, onde eu me infiltrei para pegar Scarlett, mas não tem como eles saberem disso. Puxo meus cabelos. Porra, se eles descobrirem eu estou completamente ferrado.

— Se acalme, vou tentar entrar em contato com o capo de lá.

Enquanto dirigíamos para o hotel, eu no fundo sabia que Mila não estaria mais lá. Era noite e, se minhas suspeitas estivessem certas, ela estaria prestes a se casar e não era comigo.

Eu preciso salvar Mila, como nunca precisei de algo assim antes.

— Porra, porra, porra! — Eu bati no vidro do carro assim que voltamos para dentro. Mila não estava mais naquele quarto de hotel.

Carina conseguiu as imagens de lá e dava para ver o horror que Mila estava vivendo com Samuel. Dentro do elevador, eu vi como ele a assustava. Esperava que ele não tivesse conseguido quebrar a minha menina.

Enquanto dirigíamos a caminho de capelas das redondezas, o meu desespero aumentou. Estávamos em Vegas, porra, há mais capelas do que qualquer outra coisa.

O telefone de Jace toca.

— É Josh King. Talvez ele tenha alguma notícia.

— Coloque no viva voz. — Peço, tentando manter a calma.

Assim que soubemos que Samuel havia trazido Mila para Vegas, os irmãos King colocaram todos os seus homens a procura deles, mas até

agora tiveram tanta sorte quanto a gente.

— Eles não estão vindo para esse lado. Temos homens de olho nas capelas daqui, nos aeroportos, pistas particulares e nas estradas. Não tem como eles deixarem a cidade. E eu estive pensando em algo: e se ele estiver tentando armar uma briga com as duas máfias? Vocês entraram no território da Mão Negra armados e isso pode ser considerado como uma invasão.

— Também pensamos nisso, Josh. Estou tentando entrar em contato com o capo de lá, mas não estou conseguindo. — Dominic fala, com a voz dura. Ele odeia estar impotente.

Josh suspira e continua:

— Eu tenho uma intuição, posso até estar errado, mas já até mandei alguns homens pra lá. Existe um Clube de Stripper, O Sensations, que é um Clube da Mão Negra e ao lado tem uma capela... Ele pode estar desesperado o suficiente para isso.

— Passe o endereço agora, Josh. Estamos indo para lá. — Damien tomou a frente, acelerando e buzinando para abrir espaço pela pista movimentada.

Porra, Mila. Por favor, que você consiga ajuda. Eu estou indo para você.

MILA

Quando a limusine para, o meu coração acelera ao máximo. Eu preciso fugir. Não vou casar com Samuel. Ele está completamente insano e é só uma questão de tempo até que ele me mate. Ao lado da capela escolhida tem uma fachada de um Clube de Stripper. Tento procurar outro lugar, mas é o único que eu consigo ver grandes seguranças na porta. Eles conseguiriam me proteger até que chamasse a polícia. Droga, eu nem podia ligar para a polícia. Pelo o que sei, depois de ver filmes de mafiosos, a polícia nunca deve ser envolvida. Será que essa porra de regra serve para a vida real?

— Vamos, é melhor você não tentar nada. — Samuel diz e eu sorrio para ele.

— Nunca. Sempre quis me casar e você está realizando esse sonho, Samuel. Sou muito grata. — Disse sem vacilar, controlando a minha respiração

e dando um sorriso.

O homem estava tão insano que sorriu de volta, esquecendo que ele me bateu, assustou e humilhou poucos minutos antes.

— Eu tenho esperado por esse momento por um longo tempo. — Ele disse, como se tivesse me contando um grande segredo. — Espero que você seja eterna. Não quero qualquer outra mulher novamente... — Murmura para si mesmo.

Eu não fui a primeira pessoa que ele fez isso? O que será que aconteceu com elas?

Sem poder esperar mais, eu olhei para a direita, onde o segurança dele estava conversando com os organizadores, mas olhando por cima do ombro para mim. Samuel parou para olhar a entrada da capela.

— Flores pretas, né querida?

Eu olhei para a fachada, fingindo estar encantada. Pelo menos algo ele errou sobre mim. Faz anos que não considero rosas negras as minhas favoritas, ao contrário, passei a amar rosas vermelhas.

— Isso está tão lindo. Tire uma foto minha.

— Peço, implorando para que ele não visse a segunda intenção no meu olhar.

Samuel abriu um largo sorriso, tirando o celular do bolso.

— É claro, querida. Temos que guardar esse momento para sempre

— Está bem. No três.

Ele abriu a boca e começou a contar.

Um.

Dois.

Três.

Corri com toda a rapidez que consegui. Ouvi eles gritando o meu nome, mas não parei. Em vez disso, comecei a gritar com toda força um pedido de socorro enquanto corria até a fachada do Clube de Stripper. Estava a poucos passos dos seguranças que me olhavam sem demonstrar nada, mas eu consegui ver que abriram mais a porta, como se esperassem que eu corresse para dentro, mas não se moveram para me ajudar.

Fiz como consegui e corri para dentro, batendo logo em seguida num peito duro, em um homem de terno.

— Socorro. Por favor, me ajudem. Ele me sequestrou. — Gritei descontrolada.

O homem me apertou em seus braços e pontos negros começaram a tomar a minha visão, mas eu me recusei a cair na escuridão.

— Meu nome é Camila Brant. Vivo em Boston com meu irmão Matt Brant... — Um soluço me escapou. — Alguém precisa me ajudar.

— Estou levando ela pra minha sala. Segure esses homens. — A voz forte do homem comandou os homens a sua volta.

Eu levantei a cabeça do seu peito, só para ver Samuel ser segurado, assim como seu ajudante.

O estranho me pegou nos braços e eu pressionei meu rosto contra o seu peito, totalmente exausta e desgastada.

— MILA! — Eu ouvia Samuel gritar meu nome e isso só me fazia tremer mais.

Quando fui levada para uma sala e colocada num sofá, eu finalmente levantei o rosto, vendo um homem de traços fortes, cabelos castanhos raspados rente a raiz e olhos tão negros quanto a noite. O que ele tinha de bonito e sofisticado, ele também tinha

de assustador.

— Chefe, é ela que os Raffaelo estão procurando. — Um dos homens disse em voz baixa e eu senti meu sangue gelar.

— Sim. — Ele respondeu, com a voz séria.

— E o que fazemos? — O seu homem perguntou com a voz sem emoção, mas eu podia ver o medo lá.

— Verei depois de falar diretamente com a moça.

Eu estava segura, certo?

CAPÍTULO 30

MILA

Eu tremia dos pés a cabeça e aceitei de bom grado o copo cheio de uísque que o homem me ofereceu. Em minhas costas estava uma manta e eu havia puxado o véu e jogado longe. Tomei um longo gole do uísque, sentindo-o queimar meu machucado, mas não ousei deixar de tomar. Precisava sentir essa dor para saber que estava viva e bem, mesmo com o futuro incerto.

O homem voltou para a sala depois de ter ficado alguns minutos fora. Ele puxou uma cadeira e se sentou a minha frente.

— Quero que você me conte exatamente o que aconteceu.

Eu fechei a minha boca, pois não sabia o que ele faria com essa informação. Será que tentaria prejudicar os Raffaelo de algum jeito?

Ele sorriu.

— Leal. Eu gosto disso. Diga-me, Mila, o

que aquele desgraçado fez com você?

Eu respirei fundo.

— E qual o seu nome?

Ele sorriu de lado.

— Enzo Bertolli, o Capo da Mão Negra.

Eu suspirei.

— Cara, os filmes deviam se atualizar. Neles os homens são velhos pançudos com charuto.

Enzo deu um pequeno sorriso.

— Eu tenho meu charuto. Você conhece muitos mafiosos?

Eu fechei os olhos com força. Eu com a minha boca grande havia me entregado.

— Olha, eu realmente não quero mais problemas. Fui sequestrada, estou sem ver as pessoas que eu amo... — Meus olhos se enchem d'água. — Eu só quero ir para casa.

Ele só me olhou, antes de assentir.

— Seu homem está vindo buscá-la.

Eu segurei o soluço que queria sair e fitei o copo em minha mão trêmula. Não me permitiria quebrar. Não agora.

— Obrigada por ter me ajudado. Sei que vocês não tinham nenhuma obrigação de fazê-lo.

Ele ficou um tempo em silêncio, me fazendo levantar a cabeça para fitá-lo.

— Aconteceu de eu estar lá na hora certa e você ser amiga de pessoas importantes, mas não pense que isso acabaria bem para todos.

Suas palavras são frias, mas eu não posso deixar de perguntar.

— Mas, e se eu não conhecesse ninguém e pedisse sua ajuda?

Ele sorriu, mas seu olhar era frio.

— Nesse mundo nada é de graça, Mila. Achei que você já tinha aprendido. Nenhum de nós é o mocinho das histórias. Não pense que seu homem é diferente.

Eu suspirei, preferindo não responder. Talvez fosse um plano para saber mais sobre a máfia de Dominic e eu não queria me meter nessa disputa de poder.

Ele continuou:

— Se fosse outra mulher, eu a colocaria como suspeita. Sabe quantas pessoas tentam

colocar mulheres como espiãs? Homens tem esse instinto protetor e poderia levar tempo para descobrir a armadilha.

— Mas não você. — Eu soltei irônica, sem poder me conter.

— Não eu.

Eu dei um pequeno sorriso.

— Você lembra Raffaelo. Ele também é muito atento às coisas. — Observei e ele ficou em silêncio. — Bem, eu sei que só quero ir pra casa e jogar fora esse vestido, provavelmente nunca mais irei querer usar vestido de noiva novamente. — Eu rio sem humor para mim mesma e olho para Enzo. — E, sabe o mais triste disso? Samuel sabia exatamente qual era o vestido dos meus sonhos e transformou em um pesadelo.

— Ter pesadelos é bom, Mila. Ajuda abrir os olhos e se manter atento.

Bateram na porta e ele se levantou, me olhando uma última vez. Trocou algumas palavras antes da porta ser aberta e Miguel entrar, me olhando assustado. Um soluço me escapou e eu corri o abraçando apertado, chorando por todo o

medo que senti.

— Estou tão orgulhoso de você. Você foi tão corajosa. — Ele diz contra meu ouvido. — Te amo tanto. Achei que fosse te perder.

Eu não conseguia dizer nada, só chorava. Quando, por fim, me acalmei Miguel pegou meu rosto em suas mãos, com delicadeza.

— Esse desgraçado fez algo? — Ele olhou por todo meu rosto, com sua mandíbula travando pelo o que viu. — Eu vou acabar com ele. Me conte, Mila, para eu fazer ele sentir mil vezes mais.

Eu sabia o que ele queria saber, Miguel não conseguia falar as palavras.

— Não, ele não me estuprou. — Consegui dizer com a voz trêmula.

Miguel voltou a me abraçar e, em seguida, fui abraçada por Dominic, Jace e Damien, o que me surpreendeu por todos estarem tão preocupados comigo. Eram homens fortes e seguros, e saber que eles também se importavam, aqueceu meu coração.

Vi Josh apertando a mão de Enzo e eles trocando palavras em voz baixa.

— Vamos sair daqui.

Dominic, Jace e Damien apertaram a mão de Enzo, que se manteve frio, mas composto, aceitando os cumprimentos. Miguel o olhou, estendendo a mão.

— Obrigado por tê-la protegido.

Enzo aceitou a mão, mas deixou bem claro:

— Não fiz por você.

Miguel começou a me puxar para sair, mas eu parei na frente de Enzo.

— Mas você fez. Você me ajudou e isso conta mais do que qualquer coisa. Obrigada, Enzo. Eu poderia não estar aqui se não fosse por você.

Sem que ele esperasse, eu o abracei.

Ele não precisava ter ficado comigo até Miguel chegar, mas ele o fez, me acalmou um pouco e me impediu de quebrar. Ele não precisava ter feito isso. Ele pode dizer que nunca ajudaria outra menina sem ver segundas intenções, mas o importante é que ele o fez mesmo assim. Mesmo duvidando, ele ajudou outra pessoa. Não vou dizer que os homens da máfia são santos. Como ele mesmo disse, eles não são, mas não acredito que sejam de todo mal, assim como toda pessoa boa

não é cem por cento boa. Ninguém é. Somos humanos, erramos e acertamos. Ninguém é só uma coisa ou outra.

Já dentro do carro, no colo de Miguel, eu finalmente me permito relaxar por completo, pois sei que ele irá me proteger e finalmente me entrego a escuridão.

Miguel me leva até um quarto de hotel e prepara uma banheira de água quente para mim. Ele coloca sais e tudo mais, mas a minha cabeça ainda está meio instável, sem acreditar em tudo que passei. Eu só quero fechar os olhos para descobrir que tudo foi um sonho louco.

— Vem, amor. — Miguel retira o vestido de noiva de mim e uma lágrima cai do meu olho.

— Eu queria ser mais forte. — Digo em voz baixa, depois de estar nua, me afundando na água quente.

Miguel se ajoelha ao lado.

— Você é a pessoa mais forte que eu conheço. Se manteve atenta e você própria foi sua heroína, Mila. Você achou sua saída.

Eu choro em silêncio, odiando que Miguel

me veja assim. Vejo em seus olhos que isso acaba com ele.

— Onde está Gabe? — Pergunto de repente, sentindo minha respiração ficar mais rasa.

— Ei, calma. Ele está bem, você está tendo um ataque de pânico. Respira fundo para mim, por favor. Isso, se acalma. Está tudo bem. Todos estão seguros e bem. Eu juro.

Aos poucos eu vou me acalmando, Miguel me dar banho, me coloca deitada na cama macia e me cobre, sem eu precisar dizer nada. Ele se deita ao meu lado e me abraça fortemente.

— Quer falar com Matt?

Eu nego com a cabeça. Sei que assim que ouvir a voz dele irei quebrar novamente e não quero que sofram mais. Eu estou bem, estou viva.

Então, por que eu me sinto quebrada, violada?

À noite, quando Miguel se mexe na cama, eu finjo continuar a dormir, mas posso ouvi-lo no telefone.

— Já podem mandar eles pra Boston. Pode dar uma surra, mas deixa a melhor parte para mim.

Quero esses desgraçados inteiros. Eles vão ter que aguentar semanas sendo torturados. Sim, eu sou bom nisso, mas também estou inspirado, Jace. Eles vão se arrepender de ter nascido, principalmente Samuel.

Eu tremo. Será que Enzo estava certo ao dizer que nesse mundo todos são ruins? Eu sou ruim por desejar que Samuel e seu comparsa sofram? Eu só quero que essa dor acabe.

Assim que os primeiros raios de luz aparecem na janela, Miguel e eu levantamos para nos preparar para embarcar de volta para Boston. Nenhum de nós dois pregou no sono, mas não precisamos dizer isso um ao outro.

— Você está bem? — Miguel pergunta enquanto eu me forço a terminar o café da manhã.

Meu estômago embrulha e eu tento acenar para ele que está tudo bem, mas quando a ânsia sobe eu corro para o vaso, vomitando o pouco que eu comi. Miguel segura meus cabelos enquanto a ânsia continua, apesar de já não ter nada no estômago.

— Está tudo bem, tudo vai ficar bem. — Ele disse quando me levantou do chão e me ajudou a escovar os dentes.

Olhei-me refletida no espelho, vendo o sangue escorrer do meu lábio ferido, mas não fiz nenhum movimento para limpá-lo. Miguel também não disse uma palavra, ficando ao meu lado enquanto o sangue escorria.

Ao chegar em casa, pouco antes do almoço, fui recebida com muito carinho. Matt me abraçou apertado e choramos juntos. Emy se juntou ao abraço e ficamos nós três até que o ouvi me chamar.

— Mama. — Gabriel disse correndo até mim.

Eu me ajoelhei e peguei meu pequeno homem, o abraçando, cheirando e beijando sua cabeça.

— Eu estou aqui agora, querido. — Sussurrei para ele, emocionada por ter meu menino comigo.

Com todos reunidos na sala, eu finalmente

contei tudo o que houve, tentando ser forte a cada palavra. Não queria que eles se preocupassem comigo. Quando foram todos embora, eu me encolhi no sofá. Mesmo a temperatura do ambiente estando boa, eu estava enrolada numa manta e o frio ainda estava comigo. Ficar perto de Gabe e Miguel ajudou um pouco, mas eu não podia deixar de imaginar o que teria acontecido se eu não tivesse conseguido fugir.

— Aqui, um chá pra você. Não comeu muito no almoço.

Eu aceito a caneca e sorrio quando vejo que tem uma foto minha com Miguel e Gabriel estampado.

— Carina mandou fazer.

— É linda!

— A minha é aquela foto sua com Gabriel vomitando em você.

Eu ri de leve pela primeira vez. Ele sorriu e acariciou o meu rosto.

— É bom ver esse sorriso de volta.

Então algo vem a minha cabeça.

— Miguel, quem é Raquel? — Vejo ele

ficar tenso, mas continuo. — Samuel me chamou de Raquel uma vez, será que ele fez algo com ela?

Ele suspira.

— Carina descobriu que há quatro anos ele foi casado com uma Raquel. — Ele me olha atentamente. — Ela também era ruiva, assim como você. Ele a sequestrou quando ela exigiu o divórcio e a matou.

Eu ofego.

— Como ele não foi preso?

— Ele conseguiu se safar, mas a máfia não ajudou, segundo Dominic, apesar de ele ser um comprador assíduo de drogas. Esse homem é completamente desequilibrado.

— Ele entrou na minha antiga casa, tirou fotos de todos os lugares que eu fui. — Minha voz fica embargada. — Ele estava na Itália, dentro do aniversário de Elena. — Eu já tinha contado tudo isso a todos, mas precisava falar de novo. — Ele sabia exatamente de tudo que eu gostava.

Nós ficamos em silêncio e eu olho o vapor subir da caneca.

— Você sabe que eu preciso ir, certo?

Acabar com isso. — Miguel diz e eu tremo com a sua voz fria. — Ele nunca irá voltar para te machucar.

Eu finalmente o olho.

— Faça o que precisa fazer, mas não entre na escuridão por minha causa. Não se perca.

Miguel beija minha testa.

— Com você sendo minha luz eu nunca me perderei novamente.

Miguel mal sai e Isis entra sozinha em casa, segurando sua barriga. Ela já está de oito meses e é só uma questão de tempo até que ela empurre *o presunto*, como Carina fala. Gabriel acabou dormindo então eu aproveitei o tempo sozinha para pensar na vida.

— Bem, você está melhor do que eu esperava.

— Obrigada?

Isis rola os olhos e olha o celular.

— Carina daqui a pouco está chegando. Ela

passou no mercado. — Ela não espera eu responder e abre a porta da frente para um dos seguranças, que vai direto subindo as escadas.

— Onde ele está indo?

Isis mexe a mão, com desdém.

— Vá colocar uma roupa mais confortável. — Ela aponta para os meus jeans e suéter que eu usava. Miguel que me trouxe quando eu acordei, tinha comprado em Las Vegas mesmo.

Não contesto, pois não tenho forças nesse momento para brigar. Depois de colocar uma camiseta azul marinho de Miguel e um short igualmente larguinho, eu volto a sala, vendo que tinha um saco de pancada pendurado no teto e, ali embaixo, forrado com um tapete de borracha.

— Pra quê isso?

Isis joga em mim duas luvas vermelhas e eu as pego no automático.

— Você precisa liberar energias, Mila. Acredite, eu já passei por isso, e entre chorar e ficar na cama ou lutar, eu sempre vou preferir lutar. Mas, essa escolha é sua. Você vai se afundar na dor ou mandar ela pra merda?

Eu me aproximo dela e com sua ajuda coloco as luvas. Nunca lutei desse jeito. Mal ia para academia durante todos esses anos, não era uma pessoa de muitos exercícios. *Miguel liberava a sua dor nos sacos de porrada também?* A pergunta veio a minha mente.

— Vai, agora soca. Fecha o punho e vira o braço assim. — Ela me explica e dá um soco no saco antes de olhar para mim. — Agora você. Libere toda a dor, toda frustração, todas as memórias duras.

Eu soco uma vez, mas não faz muita diferença. Tento mais umas três vezes e nada. A frustração que eu sentia só aumentou. Por que eles conseguiam passar a dor com alguns socos e eu ainda sentia esse buraco no peito, essa sensação que eu não conseguiria me defender? Se não houvesse o Clube de Stripp ao lado da capela, será que eu teria corrido, teria conseguido fugir?

— Como vocês conseguem passar a dor com isso? — Eu pergunto, já ficando sem ar.

Isis ri.

— Não é de primeira, a luta ajuda a liberar endorfinas, nos deixa mais leves, focados. A dor

sempre vai estar lá, mas você tem que superar. Não é de um dia para o outro, mas vai ter um dia que ela não tomará todos os seus pensamentos e será só uma lembrança ruim.

Eu volto a socar o saco até que eu despenco no chão com lágrimas nos olhos. Isis se ajoelha ao meu lado.

— Sabe o que eu descobri com isso? — Pergunto e, antes que ela responda, eu continuo: — Que apesar de eu sempre me considerar independente e dona do meu nariz, eu me vi numa situação que eu não tive nenhuma escolha e isso é muito assustador. Eu tive tanto medo.

Isis seca minhas lágrimas.

— Situações sempre saem do controle, a vida é assim. O importante é não desistir e acreditar. E, Mila, eu acredito em você, com todas as forças.

Nós nos levantamos e nos abraçamos.

— Mas, por via das dúvidas, você vai aprender defesa pessoal e eu vou colocar umas facas em alguns sapatos. Lembre-se de não usar eles quando for ao banco.

Eu então caio na gargalhada igual uma doida, chorando e rindo ao mesmo tempo. Carina entra no apartamento com bolsas e mais bolsas.

— Eu cheguei na hora boa, achei que ia chegar e você estaria se afogando em lágrimas. Bem, ainda bem que trouxe bolo, petisco e DVD de Magic Mike.

— Tudo que precisávamos! — Isis diz e eu sorrio.

— Mas as surpresas não param por aí. — Carina fala animadamente e a porta se abre, revelando Emy entrando.

Eu mais cedo não consegui falar muito com ela, na verdade, com ninguém. Estava no meu modo automático.

— Agora eu tenho tudo que precisava.

CAPÍTULO 31

MIGUEL

Deixo Mila sozinha com o coração na mão, apesar de saber que Isis e as meninas iriam fazer uma surpresa para animá-la, enquanto me dirijo até o galpão onde Samuel e seus dois ajudantes estão presos. Descobrimos que tinha um atirador mirando Matt e conseguimos o pegar.

Sinto meus músculos tensos, sabendo que eles só relaxariam quando Samuel tivesse sofrido o máximo. Tento me controlar para não chegar lá e acabar com ele logo de cara, mas só em pensar no terror psicológico que ele a fez passar... Danos físicos com o tempo passariam, mas os psicológicos só Deus sabe como será difícil para ela superar.

Assim que entro no galpão, me dirijo para a sala em que eles estão sendo mantidos. Olho para o homem que sequestrou Mila e a atormentou por meses, e automaticamente fecho minhas mãos em punhos quando vejo o seu peito repleto de

tatuagens que Mila vendeu a um estúdio. Ele transformou algo lindo em sujo ao colocar em seu corpo e é por aí que eu decido começar.

— Você deve ser Samuel. Não fomos apresentados formalmente, mas tenho certeza que você sabe quem eu sou.

O cara, completamente insano, começa a cuspir e ranger os dentes de raiva.

— Você roubou ela de mim!

Com isso atesto o que já sabia. Esse cara é louco.

— Bem, você não pode ter algo que nunca foi seu. — Eu respondo calmamente, caminho até a mesa e retiro de lá uma faca.

Encosto ela em seu peito, mas sem furar.

— Você fez tatuagens dela, mas elas também não lhe pertencem.

Passo a faca por seu peito, tirando sangue. Samuel fecha os olhos e respira fundo enquanto eu marco o seu rosto.

— Você pode fazer melhor do que isso. — Ele ruge e eu rio.

— Esse foi só o aquecimento.

Pego o sal grosso e passo em suas feridas, fazendo o sangue cessar um pouco e, por mais que tente esconder, sei como isso deve estar sendo doloroso.

— Você mexeu com a pessoa errada. Achou legal o que fez com Mila? Ela não te quer e nunca te quis, ela nem se importa com você. Para ela você é um nada!

Ele grunhe e tenta se mexer, sua boca salivando, mas as amarras não deixam. Volto à mesa e pego um alicate.

— E aí, Samuel, já arrancou dentes? Unhas? — Inquiro e ele arregala os olhos.

— Eu tenho ligação com a máfia Russa. Eles irão rebater o que vocês estão fazendo a mim.

Eu paro e olho.

— Engraçado, porque sua empresa tinha acordos com a máfia dos Raffaelo. Como é isso? Além de sequestrador e stalker, também é um rato?

Ele engole seco e pela primeira vez vejo que ele está percebendo a situação em que está.

— Você sabe a lei da *famiglia*.

Enquanto arranco as unhas dele e alguns dentes, ele grita e chora um pouco, mas pra mim não é suficiente para acabar com sua vida. Ele precisa sofrer mais.

— Como é saber que quando você se for ninguém vai sentir sua falta? — Eu tento entrar na cabeça dele e, quando vejo seu olhar, percebo que eu consegui. — Mila nem sequer vai se lembrar de você em breve. Ela irá ter uma vida longa e feliz. Comigo. Na minha cama.

Ele grita e eu pego um martelo, arrebentando em sua boca.

— Não grite, meus ouvidos agradecem. — Vejo o seu lábio estourado jorrando sangue e pedaços de dentes caindo. — Eu posso parecer calmo e feliz o tempo todo, mas, cara, eu tenho demônios dentro de mim e você os deixou sair pelo o que fez com a minha garota, então não posso prometer que isso vai acabar logo. — Dou três tapinhas em sua cara e volto para a mesa com os instrumentos de tortura.

Procuro algo, dando tempo para ele se recuperar e sofrer mais até a próxima dor. Não quero que ele desmaie ainda. Pego outra faca e vou

até os outros dois homens.

— Você assustou a minha menina. — Eu aponto para o cara com uma grande cicatriz. — No fim, o dinheiro que ele pagou vocês não serviu pra nada né?

O atirador olha para o chão, finalmente se dando conta de onde se meteu. Para achar um alvo é preciso investigar e não tinha como ele não saber que Matt e todos nós pertencíamos a máfia. Eles assinaram a sentença de morte assim que aceitaram o trabalho e sabiam disso. A máfia pode demorar a achar, mas nunca esquece uma dívida.

Depois de torturar o atirador até que ele não aguente mais, eu dou um tiro em sua cabeça sem dó. Olho para o cara com a cicatriz, mas, mesmo me vendo torturar duas pessoas e ele ser o próximo, ainda não o afetou. Preciso descobrir sua fraqueza.

— Valeu apena o dinheiro? — Brinco e a sua mandíbula fica tensa. Então valeu. — Tá bom.

Pego meu celular e finjo ligar para alguém.

— Quero o endereço do cara com a cicatriz. Entre em sua conta e descubra se o dinheiro está lá. — Fico na linha, fingindo ouvir e vejo sua

mandíbula ficar tensa. — Vazia? — Jogo o verde e ele pesca, gritando e tentando sair da cadeira. — Família. Eu quero a família dele, não importa se tiver crianças, quero todos.

Ele começa a gritar descontrolado e treme quando eu desligo o celular. Família é um ponto fraco, aprendi isso ainda criança. Demonstrar que você gosta de alguém pode ser a diferença entre estar vivo ou não, de ser forte ou fraco.

O torturo um pouco, apesar de saber que a violência psicológica que lhe proporcionei foi bem pior. Quando finjo que atendo telefone e digo que sua família foi encontrada, ele finalmente quebra e implora por misericórdia, mas eu o deixo dar seu último suspiro sabendo que eu matarei sua família.

Não gosto de deixar os outros desesperados, a beira da morte, mas ele merecia isso. O que seria de Mila se não tivesse fugido? Ele voltaria para casa e viveria sua vida normalmente enquanto minha menina sofreria, ou pior, poderia estar morta. Isso não é justo. A vida não é justa.

Finalmente volto para Samuel, que observou toda a cena. Seu olhar é vidrado e cheio de medo, e coberto por vômito e urina. Eu não

deixo de sorrir.

— Ah, Samuel. Pensei que você fosse mais forte do que isso.

Pego um maçarico e acendo.

— Não gostei das tatuagens em seu peito, você tornou tudo de belo que Mila fez em algo tão insignificante quanto você.

Passo o maçarico em seu peito, sentindo o cheiro da carne queimada que embrulha meu estômago e, se fosse primeira vez que eu faço isso, provavelmente nunca voltaria a comer carne. Mas, a primeira vez que fiz isso, eu tinha apenas quatorze anos e não foi a única vez.

Assobio enquanto ele grita, querendo acabar logo com isso para voltar para Mila. Quando ele desmaia, eu dou por encerrada a minha sessão. Tomo um banho e troco de roupa, por outra similar. Espero ele acordar e olhando em seus olhos, eu digo o quanto vou fazer Mila feliz antes de alvejar o seu corpo inteiro, de baixo para cima, com tiros.

Então eu volto para cuidar da minha menina.

Quando chego em casa, Mila está apagada no sofá. Franzo a testa ao ver um saco de pancada lá, mas não tão surpreso. Provavelmente não me surpreenderia se houvesse um stripper masculino ali, com essas meninas tudo era possível.

Olho para as meninas que estão sentadas no outro sofá, que se levantam assim que me veem.

— Nós a distraímos. — Emy fala. — Mila é forte, ela irá superar.

Eu dou um abraço de agradecimento em cada uma antes delas saírem. Pego Mila em meus braços e a coloco no meu quarto, indo em seguida até o de Gabe e o olhando dormir. Pego a babá eletrônica e saio do quarto. Tomo outro banho e me deito ao lado de Mila, acariciando seus cabelos, esperando que ela possa superar tudo isso e voltar a ser a antiga Mila.

CAPÍTULO 32

MILA

Miguel está me deixando louca. Ele realmente está. Depois que acordamos na manhã do dia seguinte, eu decidi tirar a cara da bunda e seguir minha vida. Samuel não voltaria a me incomodar e eu seria mais atenta com tudo. Mal terminei de dar o mingau para Gabe e Miguel desceu as escadas correndo feito louco, só pra parar no caminho quando nos viu.

— Você me assustou. — Ele colocou a mão no coração e respirou fundo para recuperar o ar. Saber que o que aconteceu comigo não só me afetou, como a ele também, me deixou ainda mais triste.

— Eu vim dar o café da manhã para Gabe. Ele parece estar mais magrinho.

Miguel acena e vai fazer nosso café da manhã. Assim que ele coloca o ovo e bacon na frigideira o cheiro sobe e uma ânsia de vômito me vem.

— Eu vou no tomar um banho e já volto. —

Aviso e corro para meu quarto, trancando a porta atrás de mim e indo vomitar.

Quando termino, tomo um banho e volto para a cozinha, suspirando pelo cheiro estar mais fraco.

— Esfriou a comida, vou fazer mais para você agora. — Miguel diz já se levantando.

— Não! — Ele para e me olha, estranhando o meu grito. — Vou comer o bolo que Carina trouxe.

Ele acena e busca para mim.

— Café? — Eu aceno e comemos em silêncio.

— Ei, tem um lugar que eu queria levar você, mas só se você quiser.

— Onde?

Ele limpa a garganta.

— Na minha psicóloga, ela é ótima. Acho que seria legal você conversar com alguém, mas só se você tiver cem por cento certa que quer isso. Não quero te forçar a nada, aliás, esquece que eu te...

Eu rio de leve.

— Quero ir sim, mas só se você começar a me ensinar uns golpes de defesa pessoal. — Digo e ele brinda com aquele sorriso que eu tanto amo.

— Fechado.

A minha consulta não é o que eu esperava, achava que seria chato e eu não me sentiria a vontade para falar da minha vida, mas Natasha era incrível. Não era a toa que ela era tão procurada. Quando terminei a minha sessão com ela, me senti mais leve e prometi voltar logo. E, enquanto Miguel fazia a consulta dele, eu lia uma revista, perdida em meus pensamentos.

— Vamos? — Miguel perguntou, me assustando com a sua chegada.

— Claro.

Nos dirigimos até o restaurante de Henriqueta que nos mimou com um o almoço completo, que alimentava pelo menos umas seis pessoas. No final, quando já estávamos no carro, o cheiro de comida me enjoou, mas eu não cheguei a vomitar. Estou enjoada há dias, deve ser algum problema no estômago. Quando eu era mais nova

também enjoava muito.

— Tudo bem? — Miguel perguntou quando chegamos em casa.

— Sim, claro.

Dias se passaram e fez uma semana desde o meu aniversário. Miguel era atencioso, mas durante todo esse tempo mal me tocava ou me beijava, e quando ele fazia, se afastava lentamente e colocava algum assunto no caminho. Eu treinava na academia com Isis e Carina, e até Emy se arriscou a treinar para nos fazer companhia. Matt e Emy dormiram aqui um dia para fazermos torneio de vídeo game e foi muito divertido. Eu me sentia mais completa do que nunca, dando valor a cada coisa, pois não sabíamos quando seria a última. Depois de tudo que aconteceu, Nat me ajudou a enxergar tudo com uma nova perspectiva e, de certa forma, eu me adaptei e renasci como uma fênix depois de tudo.

— Ah, Mila, você também não copera! — Elena grunhe do outro lado da linha. Quando ela me ligou essa tarde, eu acabei desabafando com ela que Miguel não me procurava mais na cama.

— O quê? Você quer que eu me jogue em cima dele só pra ser rejeitada? — Eu suspiro. — Acha que ele pode estar com nojo de mim por causa de Samuel?

Ela bufa.

— Claro que não, Mila. Miguel está sendo gentil, ele não quer te pressionar, não quer que você ache que a relação de vocês é baseada somente em sexo.

Eu me encosto à bancada da cozinha, pegando um pedaço de cenoura e mordendo.

— Você sabe que eu não sou uma pessoa tímida, muito pelo o contrário, mas não sei se consigo ser mais aquela mulher fatal que fala o que quer.

— Você passou por um estresse grande, é normal que não se sinta cem por cento ainda. — Elena fala a mesma coisa que Nat falou e eu suspiro. — Mas não pode deixar isso afetar sua vida. Vou falar igual Carina, você deve ter teias de aranha aí embaixo.

Eu rio.

— Ah, Deus. Tudo que eu queria agora era

um chocolate e um Miguel. — Penso alto. Eu estou tão chocólatra quanto ele. Comi praticamente sozinha o bolo que Carina me trouxe dias antes e ainda achei o esconderijo de Miguel com suas barras de chocolate.

Elena ri.

— Faça isso. Separe o chocolate para quando Miguel chegar. — Ela me dá a ideia e eu sorrio antes de murchar.

— Eu comi todo ele, Elena!

— Miguel?

Eu rio.

— Não, o chocolate.

Elena gargalha.

— Dá seu jeito. Inventa algo, sei lá, come Miguel e depois vão pra rua comer chocolate ou algo assim. Só não dá pra trás agora e...

A porta da frente se abre e Carina entra saltitando até mim.

— Elena, Carina está aqui, depois te ligo.

Depois que nos despedimos, eu olho para Carina.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

Carina enrola uma mecha de cabelo enquanto me observa.

— Mila, você pode ir comigo na farmácia?

Eu franzo a testa.

— Está doente?

Ela dá de ombros.

— Não, mas eu posso estar grávida.

Minha boca se abre e eu rapidamente pego minha bolsa e saímos. Miguel levou Gabe com ele hoje para o trabalho, então eu estava fazendo altos nadas dentro de casa. Quando entramos em uma farmácia bem distante da minha casa, eu ainda estou franzindo o cenho, já que passamos por duas que eram mais perto. A resposta de Carina foi que alguém podia reconhecer ela e contar a Jace.

Enquanto nós caminhávamos pelos corredores, eu estanquei ao ver o corredor de absorventes. Porra, eu não lembrava a última vez que menstruei. Tudo bem que o anticoncepcional fazia a menstruação vir pouca, mas mesmo assim. Carina bateu em minhas costas.

— Ai, vai acabar causando um acidente, Mila. — Ela brinca.

Então algo vem a minha cabeça.

— Ei, você não disse que colocou um implante de anticoncepcional no braço?

Carina arregala os olhos e em seguida bate na testa teatralmente.

— Ah, é. Eu esqueci. Nossa, essas crianças me deixam maluca. — Eu não duvidava disso nenhum pouco.

Eu lambo os lábios.

— Bem, que bom que viemos.

— Por quê? — ela franziu a testa.

— Porque quem pode estar grávida sou eu.

Sua boca se abre.

— Porra.

— Sim, uma porra bem grande.

CAPÍTULO 33

MIGUEL

— Porra, minhas mãos doem. — Jace reclama.

— Cala a boca e continua dobrando. — Eu repondo sem levantar os olhos.

— Cara, já tem uns cem aqui. — Matt diz coçando a nuca.

Estamos dois dias inteiros fazendo origamis de cisne para eu fazer o pedido para Mila.

— Nós podíamos ter encomendado. — Dominic resmunga, jogando um cisne azul dentro do saco.

— Não seria a mesma coisa, o que vale é a intenção. Mila me falou isso quando lhe dei o cisne.

Jace bufa.

— Um cara normal estaria decorando o apartamento com flores e velas.

Eu o olho com desdém.

— Não posso fazer nada se vocês são clichês e sem criatividade. E para a sua informação, o apartamento será decorado assim que Carina tirar Mila de casa. — Olho a hora no meu relógio, ainda faltam mais três horas até Carina ir lá.

Já temos dois sacos cheios até a boca de cisnes de papel de todas as cores. Eu pretendo espalhá-los pela casa, usando-os como se fossem pétalas. Eu sou muito criativo.

— Vocês acham que eu vou estragar o momento se eu pedir pra comer a bunda dela hoje? Afinal, o dia é dela, mas também quero uma lembrancinha...

Matt me acerta um tapa na bunda.

— É da minha irmã que você está falando, seu otário.

Eu bufo.

— Você acha que a gente faz o que na cama, Matt? Pula amarelinha?

Eu olho para cima como se pedisse paciência.

— Não sei por que ainda ando com vocês.

— Nem eu sei por que sou amigo deles. —

Dominic diz, sem levantar o olhar, o que me faz rir.

— Admite, Dominic, você não vive sem a gente.

Ele suspira, mas não responde. Então algo vem a minha cabeça.

— Cara, é normal ver um bando de mafiosos ajudando a fazer uma surpresa doida pra minha futura noiva?

Todos levantam a cabeça e concordam sem nem pensar.

— Sim, isso nunca aconteceu. — Respondem os três juntos e Dominic completa:

— Estamos matando.

— Litros e litros de sangue. — Jace fala.

— Sim, e muita bebida de homem. — Matt aponta para as xícaras de cá que tomávamos com Valentina.

Falando na menina, ela volta da cozinha com um prato com bolinhos.

— Aceita mais chá, papai?

Dominic sorri.

— Claro, querida, com um cubo de açúcar,

por favor.

Ela acena e serve ele.

— E vocês, meninos?

Eu caio na gargalhada.

— Com gritos de doer os tímpanos e fumando charuto. — Eu completo a fantasia que os caras criaram. Quando Valentina coloca um biscoito rosa no meu prato, eu dou uma mordida. — Talvez no meio de uma guerra.

Os caras concordam enquanto tomam o chá. Isso nunca fica chato.

Assim que Mila sai com Carina, eu já estou no prédio esperando. Corro para meu apê, seguido de dois seguranças que me ajudam a colocar os quadros enquanto a equipe do Buffet de Henriqueta faz a mesa. Vou para meu quarto e depois de organizar tudo, eles vão embora. Não consigo ficar parado, então começo a espalhar os cisnes por todo canto, inclusive em cima da minha cama. Verifico o anel pra ver se está perfeito, então espero, passando palavra por palavra do que eu quero fala.

A porta da frente se abre bem quando eu

estou declarando meu amor eterno para uma almofada.

— Eu te amo e quero ficar contigo pra sempre. — Digo para a almofada.

Mila limpa a garganta, ainda olhando tudo em volta antes de focar em mim.

— Devo deixar os dois sozinhos?

Eu rio de nervoso e faço a primeira coisa que vem a minha mente.

— Você não viu nada. — Movo os dedos, como se tivesse a hipnotizando, exatamente como ela fez comigo.

Mila ri, emocionada e eu ganho meu dia com o seu sorriso.

MILA

— Esse talento só funciona comigo, mas boa tentativa.

Ele pisca para mim, caminhando lentamente. Olho em volta pela sala, em que há quadros grandes feitos de tecido com fotos nossas

espalhadas pela sala. A luz está no mínimo e, ao fundo, num volume bom, está tocando músicas românticas. Eu realmente não esperava isso.

Quando para na minha frente, ele pega meu rosto em suas mãos.

— Eu te amo, Mila.

— Eu também te amo, Miguel.

Ele pega minha mão e me leva até a mesa na sala. O cheiro de chocolate vem ao meu nariz e eu suspiro ao ver uma cascata com chocolate e uma travessa com frutas.

— Bem, parece que alguém pegou o meu vício por chocolate e não posso deixar minha menina com vontade. Gabe está em boas mãos, então vamos curtir a noite toda.

Ele beija meu pescoço e puxa a cadeira para mim. Coloco minha bolsa no chão e não tem maneira nenhuma de eu ir ao banheiro fazer teste de gravidez. Nós conversamos um pouco enquanto comemos, mas eu quero mais que isso. Levando e vou admirar os quadros de tecido, até que algo chama a minha atenção no sofá.

— Cisne de papel? — Pego o pequeno cisne

em minha mão e sorrio para ele. Tem vários espalhados pelo sofá. Como eu não percebi isso?

— Sim, minhas mãos estão doendo — ele protesta, me virando para ele. — Mas tudo por um sorriso seu.

Adore You, de Miley Cyrus, começa a tocar e eu envolvo meus braços em seu ombro. Sua boca toca meu ouvido e ele canta baixo o primeiro trecho da música.

Amor, amor

Você está ouvindo?

Me pergunto por onde você andou toda minha vida

Eu acabei de começar a viver

Oh, amor

Você está ouvindo?

Eu me arrepio toda com a sua voz e as palavras ditas na música. Ele me guia pela sala e me roda, e me puxando de volta, ele me faz cair em cima dele e rir. Eu e ele cantamos o refrão da música olhando um para o outro.

Quando você diz que me ama

Saiba que eu te amo mais

E quando você diz que precisa de mim

Saiba que eu preciso de você mais

Garoto, eu adoro você, uh-uh-uh-uuh

Eu adoro você, uh-uh-uh-uuh

Miguel me dá aquele sorriso de menino travesso, mas eu vejo que ele está tão emocionado quanto eu. Aproximo seus lábios nos meus e o beijo, acariciando seu rosto. Quando outro trecho toca, Miguel se afasta um pouco e se ajoelha, deixando meus próprios joelhos trêmulos e com olhos arregalados. Ele realmente vai fazer isso?

Eu amo deitar ao seu lado

Eu poderia ficar lá eternamente

Você e eu fomos feitos pra ficar juntos

No sagrado matrimônio

Deus sabia exatamente o que estava fazendo

Quando me levou até você

A música parece sumir enquanto eu o olho. Minha respiração está acelerada e meu coração bate como louco.

— Mila, quando te vi a primeira vez, eu te desejei e foi como um soco em mim. Você era tão bonita. Então eu te conheci e foi ainda mais forte. Você é uma mulher forte, por dentro e por fora, segura, sedutora, feliz. Mila, você é tudo! Foi impossível não me apaixonar por você, e olha que eu realmente tentei não fazer.

Eu rio e pega a minha mão, dá um beijo e continua a falar.

— Você foi a calmaria da minha tempestade interior, foi o fogo no meio da minha escuridão. Eu te amo mais que tudo, Mila. Você entrou tão fundo no meu coração e fez sua moradia, que eu morreria se te perdesse. Eu te amo e quero ficar com você para sempre. Sei que é cedo, sei que tenho uma grande bagagem, mas dessa vez não é por medo de ficar sozinho, dessa vez não é por afeto. É amor, da forma mais pura e crua do mundo. Dessa vez eu sei o que é amor de verdade e quero ter esse sentimento para sempre. Você aceita se casar comigo? Já pode falando sim ou então vou ter um

AVC aqui e agora.

Eu rio entre as lágrimas e grito.

— Sim, sim, sim. Sempre sim!

Me jogo em seus braços, nos derrubando no chão. Ele nos rola, me fazendo ficar embaixo dele. Nós temos largos sorrisos no rosto.

— Tá, agora explica como você sabe a letra toda de uma música da Miley Cyrus.

Ele bufa uma risada e me pega em seus braços.

— Por você eu canto até Britney, baby.

Eu rio enquanto ele me carrega até seu quarto. Quando ele me joga na cama, uma dor nas costas me toma e eu solto um grito de susto.

— Que porra é essa, Miguel? — Eu pego debaixo de mim um punhado de cisne de papel. — Me machucou.

Olho para Miguel, que está tampando a boca, tentando não rir, mas o riso escapa mesmo assim.

— Ai meu Deus. Somos as pessoas menos românticas do mundo. — Ele anuncia rindo.

Ele pega a minha mão e me levanta, então joga a colcha no chão e se prepara para me empurrar novamente, mas antes disso eu preciso contar a ele.

— Miguel...

Ele puxa minha blusa sobre a cabeça e começa a desabotoar minha calça.

— Miguel? — Eu tento novamente, mas ele está tão concentrado que parece que não me escuta.

— Miguel! — Eu grito e ele finalmente levanta a cabeça para mim, franzindo o rosto como se eu fosse doida. — Minha menstruação está atrasada e eu estou desconfiada de um mini Miguel vindo aí.

Espero ele dar uma crise, ou até mesmo desmaiar, mas seu rosto se abre em um sorriso gigantesco.

— Vamos ter outro bebezinho?

— Não sei, mas se vir eu estou feliz. — Anuncio e olho para ele, esperando sua resposta.

— Também vou ficar muito feliz. Vamos montar um exército maior do que a Isis, não dou um mês depois que ela parir e já ter outro a

caminho.

Eu caio na gargalhada.

— Também não é pra tanto, Miguel!

Ele então me dá um sorriso de menino travesso.

— Talvez você não esteja grávida, então é melhor praticar.

Eu mordo meu lábio.

— Nisso eu concordo de olhos fechados.

Ele dessa vez, ele me coloca com delicadeza na cama. Seus beijos passam pelo meu pescoço e ele toma meus seios em sua boca com delicadeza, sem se importar que saia um pouco de leite deles. A sua boca desce e ele beija a minha barriga com reverência. Seus lábios descem mais embaixo, e em poucos minutos estou entregue ao prazer. Quando ele entra em mim, as sensações se multiplicam e eu vejo estrelas. Minhas unhas arranham suas costas e em seguida eu agarro em sua bunda, o puxando mais para mim, gemendo em seu ouvido. Quando nos entregamos ao prazer, caímos na cama com as respirações ofegantes.

— Como vamos saber se você está grávida

ou não? Quero dormir sabendo se vou ter mais um bebê com a gente.

Eu me viro para ele, acariciando seu rosto.

— Comprei uns testes de gravidez quando fui à farmácia com Carina. Ela achou que estava grávida, mas então eu a lembrei do implante que ela tem.

Miguel ri.

— É a cara dela fazer isso, mas dessa vez foi uma desculpa. Eu disse para ela inventar algo e te tirar de casa, porque não tinha certeza se você aceitaria sair com ela.

— Verdade, eu provavelmente pediria comida pra entregar.

Ele concorda e volta a me beijar, então o telefone toca. Ele suspira e atende.

— O quê? Sério? Que legal! Nós já iríamos aí mesmo. Então tá. Vejo vocês em breve.

Quando ele desliga, eu o olho preocupada.

— Isis está dando a luz a uma menina. Precisamos ir para o hospital fazer nossas apostas e aproveitamos para você fazer o teste de sangue.

Eu o olho incrédula.

— Vocês estão apostando como a filha vai ser? — Ele acena, parecendo um pouco envergonhado. — Nem me chamaram... Vamos logo.

Ele segura meu braço quando eu começo a me levantar.

— Vai demorar, confie em mim. Dá para mais uma rodada no chuveiro, o que você acha?

Eu sorrio e aperto sua bunda quando passo por ele. Paro na porta do banheiro e dou meu olhar sedutor para ele, vendo que seus olhos estavam em minha bunda.

— Vem garotão.

Chegamos ao hospital quase três horas depois. Eu ainda estou com o rosto vermelho, com dor em todos os bons lugares. Miguel, antes de sairmos, secou meu cabelo e ainda tentou fazer uma trança em mim, não ficou das piores, mas também não estava muito melhor. Ele disse que queria treinar caso tivéssemos uma menininha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encontramos todos numa sala esperando por notícias. Miguel mal parou ali, pegou Gabe dos braços de Jace.

— Vamos ali e já voltamos. — Ele anunciou, me fazendo suspirar.

— Vão a onde? — Carina perguntou, me olhando curiosa.

— Fazer teste de gravidez. — Miguel anunciou orgulhoso.

— Sabia que você estava meio gordo. — Jace brinca e Miguel ri.

— Bem, pra quem teve depressão pós-parto, não custa nada ter gravidez masculina. Já estou preparado. — Dá de ombros.

Eu não aguento e caio na gargalhada. Carina e os outros se juntam a mim. Quando finalmente estamos esperando a enfermeira tirar meu sangue, eu ainda estou rindo.

— Não ria tanto, pode ser verdade. Eu sempre soube que tinha uma alma feminina.

— Uma alma de puta, só se for.

Miguel sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

— Na minha outra vida eu devia ser uma garota, tenho certeza disso.

Ele me distrai com suas piadas enquanto a enfermeira tira o meu sangue, mas também pede para eu fazer xixi em um potinho. Depois de feito, ela coloca o palito e um minuto depois ela acena.

— Deu positivo aqui, então as chances do exame mostrar o mesmo são grandes. Parabéns.

Ela nos deixa sozinhos e Miguel me puxa para seus braços. Gabriel que gosta de uma algazarra, me abraça e me dá um beijo babado na bochecha enquanto Miguel beija meus lábios.

— Vocês são minha vida. Eu nunca estive tão feliz como sou agora. Obrigada por entrar na minha vida. Eu te amo!

— Eu também te amo!

EPÍLOGO

MILA

Mordo meu lábio inferior me olhando pela última vez no espelho. Quando aceitei me casar com Miguel eu não pensei que seria tão cedo. Dois meses dois, no final de abril, aqui estou eu em Maldivas, tendo um casamento dos sonhos. Nunca pensei em me casar na praia, mas olhando agora, com certeza não há algo mais bonito do que isso.

Meu vestido, ao contrário do que Samuel me fez vestir, era branco com partes em renda que dava um ar de sensualidade, com um corte sereia, mas não tão apertado. Era perfeito. Havia cristais em algumas partes do joelho para baixo e outras espalhadas pelo corpete. Carina disse que eu brilharia igual um lustre quando o sol refletisse. Minhas tatuagens estavam visíveis e, de algum jeito, completou o vestido perfeitamente. Na maquiagem, eu decidi colocar um batom vermelho para combinar com meu buque de rosas e unhas. Isis disse que também gostava muito do vermelho.

— Está pronta? — Matt pergunta entrando no quarto. Ele está tão bonito, com um terno branco, sem paletó e com colete de cetim cinza.

— Sim. — Eu me viro para ele e Matt, me surpreendendo, tenta conter o choro. — Oh, Matt.

Eu o abraço apertado.

— Eu sempre sonhei em te ver casando, mas eu tenho que confessar que não achei que seria agora. — Nós dois rimos. — Eu estou muito feliz por você. De verdade. Você merece toda a felicidade do mundo.

O casamento de Matt e Emy seria no verão, em julho e nós já estávamos muito animados para ele.

— Vamos? Seu noivo está louco andando de um lado para o outro.

Eu rio e aceito seu braço. Quando saímos da casa, já tem um caminho com flores até a capela de flores onde Miguel me espera. Uma banda instrumental toca All of Me, de John Legend. Os convidados estão todos em pé me olhando, vejo Serena, a amiga de Miguel ali, sorrindo para a gente junto de seu namorado Iron; os conheci num

churrasco de domingo num Clube de Motoqueiros; e vejo Ethan, irmão de Isis, e sua namorada. Ethan havia sido dado como morto quando ainda era uma criança, mas parece que foi tudo mentira e ele achou o caminho para casa. Nunca vou esquecer como Miguel e as meninas choraram emocionados quando o viram. Vejo também Nat, a nossa psicóloga, Theo e Lett e muitas outras pessoas queridas.

Então volto minha atenção para Miguel, e quando vejo o seu olhar, eu quero congelar esse momento para sempre. Seus cabelos estão bagunçados como se ele tivesse passado a mão sobre ele um milhão de vezes, sua calça branca e camisa com alguns botões abertos não poderia ser mais Miguel. Seus pés, assim como os meus, estão descalços, o que deu um toque a mais em tudo.

Quando paro na sua frente, Matt beija a minha testa e me entrega a Miguel. Os dois trocam algumas palavras, mas eu estou tão encantada com tudo que não entendo. Valentina se aproxima e segura o meu buquê. Eric está ao seu lado e com certeza depois verei as filmagens deles entrando juntos na Igreja.

Olho para minhas madrinhas, Isis, Carina, Elena e Emy. Todas usam vestidos em tons claros, cada uma de uma cor e combina perfeitamente com o arranjo colorido de flores escolhidos. O aroma de flores se mistura com o mar, criando algo mágico. Iris, a filha de Isis, está em seus braços.

Eu e Miguel ganhamos a aposta sobre se a menina nasceria com a heterocromia de Isis. Ela tem seus olhos e os cabelos escuros de Dominic, é linda demais. Todos ficaram tão encafifados pela genética forte de Isis, que trouxe três filhos com a sua condição que foi investigado e descobriram que na família de Christina Loschiavo, a avó de Dominic, havia alguns casos de heterocromia, ou seja, nas duas linhagens há essa anomalia genética. Porém, Isis ainda diz que é ela que é dominante.

Miguel aproxima os lábios dos meus e me beija de leve.

— Você está linda. Mais do que linda, perfeita! — Ele toca a minha barriga e eu sorrio. Descobrimos que eu estou grávida de quatro meses, apesar de mal vermos a minha barriga. A médica disse que é uma menina.

O padre começa então a falar:

— Estamos aqui hoje reunidos para celebrar a união de Miguel Herondale e Mila Brant, em sagrado matrimônio...

O padre continua a falar e Miguel sorrir para mim, sabendo que eu estou emocionada e a qualquer momento irei quebrar. Então Miguel dá a jogada final e fala seus votos.

— Você chegou com uma ventania, soprando tudo que era ruim para um canto e transformando em algo bom. Costumava dizer que você era uma versão masculina e mais bonita de mim mesmo, mas você é muito mais que isso, Mila. Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Valeu a pena passar por tudo que passei, pois isso me trouxe você. Eu quero brigar com você e depois fazer as pazes, eu quero acordar ao seu lado todos os dias e ver como eu sou sortudo. Você me ensinou que o quebrado não é ruim, que é através dessas rachaduras que as flores florescem. — Então eu choro. Miguel beija minha testa e continua. — Você me ensinou a acrescentar em vez de completar e, Mila, eu quero acrescentar você na minha vida para sempre.

Eu, quebrando o protocolo de casamentos,

me jogo em seus braços o abraçando apertado.

— Porra, Miguel. Você está acabando comigo. — Falo quando me controlo com sua ajuda, secando as lágrimas que caíram. — Devo estar igual uma palhaça agora.

— Talvez um pouco, mas é a palhaça mais bonita que eu já vi.

Todos riem quando eu lhe dou um soco de leve no estômago, então respiro fundo e começo meus votos.

— Você apareceu na minha vida de supetão, não só trazendo o amor por uma pessoa, mas por várias. — Olho para nossos amigos. — Você me fez conhecer a escuridão e lá eu descobri uma luz mais brilhante do que a luz mais brilhante tinha. Você me mostrou um amor incondicional, que eu nem imaginava sentir. — Olho para Gabriel no colo de vô Raffaelo. — Você, Miguel, me mostrou que o amor não é perfeito, mas isso não o torna menos bonito e sim real. Eu também quero brigar com você sobre o controle da TV ou sobre qual celebridade achamos mais bonitos, só para depois fazermos as pazes. Quero tudo contigo, Miguel.

— A troca de alianças. — O padre fala, e quando eu olho para o caminho que vim, eu volto a chorar. Eric e Valentina seguram cada um a mão de Gabe. Ele está lindo com a roupa igual a de seu pai e na mão de Valentina tem a almofadinha com as alianças.

— Mama, mama, mama. — Gabe grita animado, tentando acerar os passos até mim. Quando eles param na minha frente, eu o pego no colo, beijando suas bochechas gordinhas. Então ele joga os braços para seu pai o pegar. — Papa, papa, papa.

— Vem cá garotão. — Miguel o pega enchendo de beijos. Miguel está mais do que nunca presente na vida de Gabriel e sempre quando os vejo juntos fico emocionada. Ele agora já não tem mais medo de amar e ser amado. É tão bonito ver Miguel cem por cento aberto para esse sentimento.

Eu pego as alianças e beijo a cabeça de Valentina e Eric. Eles são tão lindos juntos. Pego a minha aliança e coloco na mão de Miguel, que sorrir agradecido.

— Podemos continuar. — Aviso ao padre.

Com Gabriel nos braços de Miguel, nós

juramos amor eterno, respeito, companheirismo até que a morte nos separe. Quando vamos nos beijar, Gabriel solta um grito e desce do colo de Miguel, nos fazendo rir. Meu riso dura pouco, quando Miguel me derruba em seus braços e me beija como num conto de fadas. Nada disso poderia ser mais perfeito.

Quando volto a ficar em pé, eu acho que vamos sair, mas Miguel me para e retira algo de seu bolso.

— O que é isso?

Abro o papel e um soluço me escapa. Miguel me colocou na certidão de Gabriel como sua mãe.

— Ele é legalmente seu, Mila. Você é a mãe adotiva dele. Sei que um pedaço de papel não vale nada. Na vida do nosso garotinho você sempre será a mãe dele, mas quero que ele seja nosso de todas as formas.

Eu me jogo em seus braços.

— Eu te amo. — Ele diz contra meus lábios.

— Eu também te amo. Hoje você me fez a

pessoa mais feliz da vida. Esse dia estará sempre na minha mente.

— Você estará sempre na minha mente.

MIGUEL

Seis anos depois...

Observo Gabriel e a pequena Alanna brincarem no chão da sala. Minha menininha nasceu dia sete de agosto tão pequena como uma ratinha, com um tufo de cabelos ruivos sobre a cabeça. Confesso que quando a vi saindo da boceta de sua mãe, quase desmaiei achando que sua cabeça estava com algum machucado, sangrando. Seus cabelos eram num tom de vermelho mais escuro, não alaranjado como o natural de Mila. Nossa menina era um foguinho vermelho e não teve outro apelido que se encaixasse melhor.

Ela, na maioria das vezes, era tímida, e com seus seis anos, vivia com as bochechas vermelhas e mão na boca quando ia falar com pessoas de fora.

Já Gabriel, era o completo oposto. Aos sete anos, era espevitado como Mila e não conseguia ficar quieto. Às vezes eu o olhava e ele parecia com Ester, no seu jeito de querer as coisas exatamente como ela queria e fazer planos para isso. Eu gostava disso nele.

Franzo as sobrancelhas ao ver a bagunça que eles fizeram em casa. Apesar de ainda ter TOC, realmente é impossível deixar tudo limpo quando se tem crianças em casa, nem um super-pai conseguiria esse feitio, ainda mais se juntar todas as crianças.

— Vamos, crianças, está na hora de arrumar as coisas — Falo bem alto para que Alanna escute bem.

Há alguns meses a levamos ao médico depois dela se queixar de muitas dores no ouvido esquerdo e o médico disse que sua audição estava se perdendo naquele ouvido. Então estamos começando o tratamento para que ela volte a ouvir perfeitamente. Ela devia estar com o aparelho auditivo, mas vejo que ela não está.

— Alanna, cadê o aparelho? — Pergunto enquanto faço a linguagem dos sinais. Todos nós

aprendemos isso assim que nos foi dado o diagnóstico.

Ela dá de ombros.

— Não quero usar. Gabe e eu estamos brincando de torta na cara, não preciso ouvir. — Ela responde sorrindo e isso aquece meu coração. Ela aceitou bem a sua nova condição e é feliz. Eu moveria o mundo se ela se sentisse diferente das outras crianças, mas, segundo sua professora, está tudo perfeito.

— Tá bom. Mas não se esqueça de colocar antes de sairmos, okay?

Ela faz o sinal com a mão para okay.

Subo as escadas até o Studio de Mila, o novo Studio. Assim que nos casamos, nos mudamos para uma mansão no mesmo condomínio de Isis e Dominic. A nossa casa não era tão grande, pois Mila não quis. Ela acha um desperdício termos algo tão grande e prefere que gastemos em viagens. Pintamos algumas paredes do seu Studio de cinza e Mila fez desenhos de flores vermelhas chamativas pela parede. Minha mulher era a porra de uma artista maravilhosa. Ela conseguiu o auge do sucesso com seus quadros, conquistou milhões em

leilões e atualmente era a artista queridinha da América.

Olho os retratos nossos em preto e branco pela sala e sorrio, descendo as escadas em seguida. Volto para a sala e olho para as paredes onde tem a marca de nossas mãos e das crianças, assim como os pezinhos delas espalhados pela sala, com quadros em cima só com o vidro e em baixo com a data e de quem era aquele membro. Há um quadro grande também com a marca de mãos dos caras em preto e a das meninas em cima da deles, em outra cor já que a mão delas é menor. Nossa casa é cheia de vida, com retratos de todos espalhados, com muita cor e alegria.

Escuto Mila descer as escadas e sorrio vendo ela de cabelos parao alto e seu camisão manchado de tinta.

— Oi, fui lá em cima e você não estava.

Ela beija meus lábios.

— Fui ao banheiro. — Ela aproxima os lábios dos meus. — Estava te esperando. — Ela fala baixinho. Nós gostamos de dar algumas fugidas durante o dia para fazermos amor, antes que as crianças percebam. Não conseguimos resistir

um do outro.

Eu a pego e a abraço, enquanto olhamos nossos filhos brincarem. Minha mão acarícia a sua nuca e a outra seus seios nus só com a camisa, a fazendo se arrepiar. Mesmo depois de tantos anos, é sempre maravilhoso estar com ela, nunca ficamos na monotonia. Nem podemos contar nos dedos quantas vezes às crianças quase nos pegaram no flagra. Pensando nisso, eu pego sua mão.

— O quê? — Ela pergunta baixo.

— Vamos pra cozinha. — Eu falo sem som e Mila ri de leve.

— As crianças estão na sala!

— A gente faz quietinho na ilha da cozinha. Não na bancada. Não vai dar pra ver.

Ela para pensar e logo acena me seguindo. Assim que entramos na cozinha, eu a pego em meus braços e beijo sua boca com fervor, a colocando em cima da ilha, que rapidamente abre o botão da minha calça jeans e começa a abaixar. Enquanto eu a beijo, minhas mãos vão pra entre as suas pernas e eu gemo contra seus lábios quando vejo que ela só está usando calcinha por debaixo

dessa roupa.

— Isso vai ser rápido. — Eu resmungo antes de abrir a sua camisa, revelando seus seios gostosos e cheiros. Eles estavam levemente caídos depois de alimentar dois bebês e sua barriga levemente arredondada e com algumas estrias brancas, mas ela nunca esteve tão bonita. Ela não ligava para essas coisas e nem eu.

Assim que a penetro, ela suspira e se agarra em mim, suas pernas empurrando minha bunda para frente e suas unhas enfiadas no meu ombro. Olhar seu rosto no ápice de prazer me deixava ainda mais duro. A forma como sua boca se abria e os suspiros eram a porra de um tesão.

— Ai, Miguel, sempre é tão gostoso. — Ela suspira no meu ouvido assim que terminamos.

— Vai ser ainda melhor mais tarde. — Eu beijo sua cabeça. — Feliz aniversário de casamento.

Ela abre um largo sorriso.

— Feliz dia de casamento. Feliz bodas de açúcar, porque eu quero beber seu doce essa noite.

Mila ri.

— Miguel, já transamos três vezes hoje e ainda não é nem meio dia. A noite eu vou estar esgotada! — Brinca e eu mordo sua orelha.

— Duvido disso. Você que tira meu couro e ainda quer sobremesa.

Ela me acerta um tapa antes de me puxar pelo pescoço para ela.

— Eu te amo, Miguel. Como nunca pensei que pudesse amar alguém. Você me acrescentou tanto e continua a fazer todos os dias da minha vida.

Minha garganta parece que tem um caroço. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu também te amo, Mila. Sempre e para sempre.

Ela beija meus lábios e quando se afasta, sorri entre lágrimas.

— Sai daí, sei que você pegou essa frase em The Originals. Ainda não superei que você fez maratona sem mim.

Eu coloco meus braços pra cima.

— Você estava viajando!

— Não importa. Não se faz maratona sozinho. Tem que ser comigo sempre.

Eu rolo os olhos, não querendo começar uma discussão por ela ter visto Stranger Things com as crianças e não ter me convidado. Nosso casamento é assim, uma hora estamos bem, românticos, ou até mesmo cultos, outras vezes estamos disputando pelo último pedaço de chocolate ou por televisão. Mas eu não mudaria nada na nossa vida.

A pego em meus braços e ela ainda está reclamando, então eu colo seus lábios e ela se derrete.

— Eu te amo, mesmo você sendo uma chata.

Ela dá de ombros.

— Só dá pra chamar uma pessoa de chata se você também for chata. — Ela pisca. — Também te amo, Miguel. Meu Quebrado Mafioso.

Eu colo nossas testas.

— Não sou mais quebrado, graças a você.

— Graças a sua força, Miguel. Esse mérito é seu.

PERIGOSAS ACHERON

Nós voltamos a nos beijar quando eu escuto as crianças chamarem.

— Ô mãe, Alanna me mandou enfiar meu ouvido bom no cú só porque eu falei que a televisão estava alta demais.

Eu caio na gargalhada.

— Tinha que ser sua filha. — Ela diz.

Mila me acerta um tapa enquanto desce da bancada e se ajeita.

— Não mexe com a minha ruivinha. Ela é quieta até que mexam no seu calo, assim como você.

Quando ela sai da cozinha, eu vou atrás dela.

— Ei, crianças. Quem quer ir atormentar a vida da tia Isis e tio Dominic?

Os dois pulam animados e eu os pego junto com suas bolsas já preparadas.

— Volto daqui a pouco, esteja nua e com a bunda pra cima. — Eu falo no ouvido de Mila, que se arrepia.

— Vai aproveitar a vaca que comprou? —

Ela brinca.

— Sim, mas eu podia beber o leite de graça que a vaca deixava. — Eu pisco e ela ri.

— Isso é verdade. Meu leite é gostoso, né? — Até hoje ela caçoa de mim por ter bebido seu leite.

É, a minha vida não podia ser melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

LIVROS DA AUTORA

Série Meu Mafioso:

Meu Eterno Mafioso

Meu Doce Mafioso

Meu Bruto Mafioso

Meu Quebrado Mafioso

Meu Estranho Mafioso (em breve)

Spin off da série meu mafioso

CONTOS:

Meu Anjo Mafioso (*conto do vô Raffaelo e Christina, avôs de Dominic*)

Uma surpresa Mafiosa (conto do dia dos namorados de Isis e Dominic)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Trilogia Os King:

Meu Querido Consigliere

Meu Amado Consigliere (em breve)

Meu Devasso Consigliere (em breve)

Livro único:

Amor In FIGHT

PERIGOSAS ACHERON

PRÓXIMO LIVRO:

MEU ESTRANHO MAFIOSO

Sinopse:

Um amor para a vida toda.

Desde que se entende por gente Valentina sempre pertenceu a Eric Hoffmann do mesmo jeito que ele pertence a ela. Eles vivem um amor de conto de fadas, Valentina o ama com todas as forças e fará de tudo para ter o homem da sua vida ao seu lado... tudo mesmo.

Eric sempre soube dos seus inúmeros problemas e se sente mais que sortudo de ter Valentina ao seu lado, apesar deles, mas o que acontece quando aparece um segundo homem na historia que pode roubar seu amor para sempre. Será que abrirá mão de Valentina para vê-la feliz, ou lutara com o outro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Valentina ama Eric com todas as forças e fará tudo para mantê-lo. E tudo que Valentina ama, ela mantém.

PERIGOSAS ACHERON

CONTATO

Entre em contato comigo em minhas redes sociais para saber as novidades do resto da série e sobre os personagens. Irei adorar saber sua opinião sobre o livro:

Facebook | Grupo no Facebook | Página da Série

Gostou do conto? Deixe uma avaliação. É muito importante para mim, saber a sua opinião!